

TEOLOGIA PENTECOSTAL

V O L U M E 1

A
UNICIDADE
DE DEUS

DAVID K. BERNARD

Teologia Pentecostal

**A
UNICIDADE DE
DEUS**

VOLUME 1

David K. Bernard

A Unicidade de Deus

Por David K. Bernard

Copyright 1983 por David K. Bernard

Impresso: 1983, 1984, 1985,
1986, 1987, 1989, 1990, 1991, 1992,
1993, 1994, 1995, 1997, 1998

Desenho da Capa por Paul Povolni

Ali rights reserved. No portion of this publication may be reproduced, stored in electronic system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopy, recording, or otherwise, without the prior permission of the author. Brief quotations may be used in literary reviews.

**Impresso nas oficinas da:
CASA PUBLICADORA PENTECOSTAL
Rua Fernando Riet, 161
Alvorada, RS - 94820-140**

**Primeira Edição - Agosto de 1999
Segunda Edição em Português – Fevereiro 2003**

Todos os direitos na língua portuguesa reservados pela:

**CASA PUBLICADORA PENTECOSTAL
Caixa Postal Nº 60
Alvorada, RS - 94801-970**

Impresso no Brasil

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão, por escrito, dos editores.

Todas as referências bíblicas foram extraídas da Bíblia "Edição Revista e Atualizada no Brasil", a não ser aquelas que são identificadas com "MT" (Melhores Textos em Hebraico e Grego) ou "Cor" (Edição Corrigida).

Para
Connie

APRESENTAÇÃO

Nestas páginas a compreensão é mirada. Jesus conheceu a linguagem Aramaica comum. Em determinadas ocasiões Ele falou Hebraico, a linguagem que somente os estudiosos usavam naquela época. Jesus podia conversar em Grego, a linguagem do homem educado. A quem quer que seja a pessoa com a qual Jesus falou, Seu alvo foi para ser compreendido. O maior professor de todas as épocas falou em termos que podiam ser compreendidos.

Profundidade e simplicidade ao mesmo tempo. Que paradoxo! O autor deste livro tem conseguido fazer o que parece ser impossível. Ele tem transmitido profundidade intelectual enquanto preserva a simplicidade. É um milagre teológico. Frequentemente o realmente profundo é mais simples, e o mais simples o mais verdadeiramente profundo. O tratamento da Unicidade de Deus neste livro é designado para ser simples: mas as verdades são profundas, estudiosas, sem preço, e essencial ao povo de Deus e o mundo perdido.

Um livro precisa alcançar pelo menos dois critérios principais para ser um livro muito vendido (best seller). Deve ser escrito interessantemente e deve preencher uma necessidade. O autor consegue ambos.

Para conhecer o autor e sua visão é para compreender mais acerca do livro. Espero que você pode se encontrar com ele e conhecê-lo como eu o conheço, David Bernard é o exemplo humano de princípios Cristãos. Que estas páginas sejam um clássico entre nós e um guia para o mundo que busca enquanto eles descobrem o único, verdadeiro, e Deus vivente. Agora recomendo o autor e o livro para você e toda a posteridade.

T.L. Craft
Jackson, Mississippi

ÍNDICE DE CONTEÚDO

APRESENTAÇÃO	4
PREFÁCIO DO AUTOR	8
1. MONOTEÍSMO CRISTÃO	9
Monoteísmo definido. O Antigo Testamento ensina que não há senão um Deus. O Novo Testamento ensina que não há senão um Deus. Conclusão.	
2. A NATUREZA DE DEUS	14
Deus é Espírito. Deus é invisível. Deus é Onipresente (presente em todos os lugares). Deus tem corpo? Deus é onisciente (conhece tudo). Deus é onipotente (Todo-Poderoso). Deus é eterno. Deus é imutável (não muda). Deus tem individualidade, personalidade e racionalidade. Os atributos morais de Deus. Teofanias. O Anjo do SENHOR. Melquisedeque. O quarto homem no fogo. Há teofanias no Novo Testamento? Conclusão.	
3. OS NOMES E OS TÍTULOS DE DEUS	23
O significado de um nome. Nomes ou títulos de Deus no Antigo Testamento. Nomes compostos de Jeová. A revelação progressiva do nome. O nome Jesus.	
4. JESUS É DEUS	30
O Antigo Testamento testifica que Jesus é Deus. O Novo Testamento proclama que Jesus é Deus. Deus se manifesta na carne como Jesus. O Verbo. Jesus era Deus desde o princípio de Sua vida humana. O mistério da piedade. Jesus é o Pai. Jesus é Jeová. Os Judeus entenderam que Jesus afirmava ser Deus. Jesus é o Único no trono. A revelação de Jesus Cristo. Jesus tem todos os atributos e prerrogativas de Deus. Conclusão.	
5. O FILHO DE DEUS	44
O significado de <i>Jesus e Cristo</i> . A dualidade da natureza de Cristo. Doutrinas históricas a respeito de Cristo. Jesus tinha uma natureza humana completa, mas sem pecado. Jesus podia pecar? O Filho na terminologia bíblica. Filho de Deus. Filho do homem. O Verbo. Filho Unigênito ou Filho eterno. O começo do Filho. O término da Filiação. Os propósitos do Filho. O Filho e a criação. O primogênito. Hebreus 1:8 e 9. Conclusão.	
6. PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO	61
O Pai. O Filho. O Espírito Santo. O Pai é o Espírito Santo. A Divindade de Jesus Cristo é o Pai. A Divindade de Jesus Cristo é o Espírito Santo. Pai, Filho, e Espírito Santo. Mateus 28:19. I João 5:7. Deus se limitou a três manifestações? Conclusão.	
7. EXPLICAÇÕES DO ANTIGO TESTAMENTO	70
Elohim. Gênesis 1:26. Outros pronomes no plural. O significado de um (hebraico, <i>echad</i>). Teofanias. O aparecimento a Abraão. O anjo do SENHOR. O Filho e outras referências ao Messias. O Verbo de Deus. A sabedoria de Deus. Santo, Santo, Santo. Repetições de <i>Deus</i> ou <i>SENHOR</i> . O Espírito do SENHOR. O SENHOR Deus e Seu Espírito. O Ancião de Dias e o Filho do homem. Companheiro de Jeová. Conclusão.	
8. EXPLICAÇÕES DO NOVO TESTAMENTO: OS EVANGELHOS	81

Quatro importantes auxílios ao entendimento. O batismo de Cristo. A voz do céu. As orações de Cristo. "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Comunicação de conhecimento entre as pessoas da Divindade? Preexistência de Jesus. O Filho enviado pelo Pai. Amor entre as pessoas na Divindade? Outras distinções entre Pai e Filho. As passagens que usam *com*. Dois testemunhos. O uso de plural. Conversas entre pessoas na Divindade? Um outro Consolador. Jesus e o Pai são um, apenas em propósito? Conclusão.

9. EXPLICAÇÕES DO NOVO TESTAMENTO: DE ATOS AO APOCALIPSE.....94

A mão direita de Deus. As saudações nas Epístolas. A "Bênção Apostólica". Outras tríplices referências nas Epístolas e no Apocalipse. A plenitude de Deus. Filipenses 2:6-8. Apocalipse 1:1. Os sete Espíritos de Deus. O Cordeiro em Apocalipse 5. Por que permite Deus que existam versículos das Escrituras sujeitos à "confusão"? Conclusão.

10. OS QUE ACREDITAM NA UNICIDADE E A HISTÓRIA DA IGREJA. 109

A era pós-apostólica. Unicidade, a crença dominante no segundo e no terceiro séculos. Monarquianismo Modalístico. Os crentes da Unicidade desde o quarto século até o presente. "Monarquianismo Modalístico: a Unicidade na História da Igreja Primitiva."

11. TRINITARIANISMO: DEFINIÇÃO E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO117

Definição da doutrina Trindade. Problemas com o triteísmo. Problemas com o subordinacionismo. Terminologia não bíblica. Desenvolvimento histórico do trinitarianismo. Origens pagãs. Desenvolvimento pós-apostólico: Tertuliano o pai do trinitarianismo cristão. Outros primitivos trinitarianistas. O Concílio de Nicéia. Após Nicéia. O Credo Atanasiano. O Credo Apostólico. Conclusão.

12. TRINITARIANISMO: UMA AVALIAÇÃO129

Terminologia não bíblica. Pessoa e pessoas. Três. Triteísmo. Mistério. A Divindade de Jesus Cristo. Contradições. A valiação do trinitarianismo. A doutrina da trindade em contraste com a Unicidade. No que acredita a média dos crentes da igreja? Conclusão.

13. CONCLUSÃO137

BIBLIOGRAFIA140

GLOSSÁRIO142

ÍNDICE DAS ESCRITURAS148

ÍNDICE DE ASSUNTO156

ÍNDICE

A Natureza Moral de Deus.	17
Nomes de Deus no Antigo Testamento	24
Nomes Compostos de Jeová	26
Jesus é Jeová (I)	37
Jesus é Jeová (I)	38
Jesus no Livro de Apocalipse	40
Jesus Tem a Natureza Moral de Deus	41
A Natureza Dupla de Jesus Cristo	45
O Uso de "Kai"	97
A Plenitude da Divindade de Jesus Afirmada em Colossenses	100
Trinitarianismo e Unicidade Comparados	132

PREFÁCIO DO AUTOR

Este livro é Volume Um de uma série em teologia Pentecostal. Há uma necessidade genuína para um completo, compreensivo estudo e explanação das verdades bíblicas fundamentais que cremos piamente, e esta série é designada para ajudar preencher aquela necessidade. O presente volume tenta trazer junto num só livro uma discussão completa da Divindade. Ele afirma a unicidade de Deus e a deidade absoluta de Jesus Cristo. Enquanto vos escrevo este, Volume Dois, intitulado *O Novo Nascimento* ainda está no estágio de planejamento e pesquisa. Volume Três, intitulado *Em Busca de Santidade*. Foi escrito juntamente com a minha mãe, Loretta A. Bernard, e foi publicado em 1981.

O alvo deste livro não é para ensinar meramente um dogma de uma dominação, mas para ensinar a Palavra de Deus. É esperança do autor que cada pessoa estudará a matéria com oração, comparando as vistas expressadas com a Bíblia. Muitas referências escriturais são dados no livro para ajudar o leitor na sua busca por verdade bíblica. Ao mesmo tempo, o autor reconhece que todos nós devemos pedir a Deus para ungir nossas mentes e iluminar Sua Palavra, se estamos para compreender propriamente Sua revelação para nós. A letra sozinha matará, mas o Espírito dá vida (II Coríntios 3:6). O Espírito de Deus nos ensinará e guiará em toda a verdade (João 14:26; 16:13). Finalmente Deus deve dar a revelação de quem Jesus Cristo realmente é (Mateus 16:15-17).

A *Unicidade de Deus* é baseada em diversos anos de estudos e pesquisas bem como a experiência no ensinar de teologia sistemática e história da igreja no Jackson College of Ministries em Jackson, Mississippi. Sou especialmente grato a minha mãe por ter lido o manuscrito e prover numerosas sugestões para o melhoramento, muito dos quais adotei. Sou grato também a minha esposa, Connie, por prover assistência em datilografia e a meu pai, Reverendo Elton D. Bernard, por ajudar inspirar, publicar, e promover esta série.

Capítulos I-VI apresentam a doutrina positiva de monoteísmo Cristão como ensinado na Bíblia, a doutrina comumente conhecida hoje como a Unicidade. Capítulos VII-IX discutem numerosos versículos específicos das Escrituras com a vista a responder as objeções e refutar interpretações contrária. Capítulo X recorda o resultado de muitas pesquisas da história da Unicidade na época pós-apostólica até o presente. Capítulos XI-XII explicam a doutrina do trinitarianismo, sua origem histórica e desenvolvimento, e as maneiras pelas quais divergerem na crença Unicista. Finalmente, Capítulo XIII oferece um sumário e conclusão breve.

Para poder documentar fontes não bíblicas de informações e ainda preservar uma leitura agradável, os rodapés tem sido colocado no fim de cada capítulo. A bibliografia registra todas as fontes usadas bem como um número significativo de outros livros relacionados com a Unicidade. Também, o glossário contém definições de termos teológicos importantes usado no livro.

A não ser de outra maneira indicado, as definições de palavras em Grego e Hebraico são de *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*. As abreviações a seguir de diversas versões da Bíblia são usados através do livro: *KJV for King James Version*, *RSV for Revised Standard Version*, *NIV for New International Version*, e *TAB for The Amplified Bible*. Todas as citações bíblicas são da *KJV* a não ser que sejam de outra maneira identificada.

O propósito deste livro é para ter alguma parte no estabelecimento das verdades da Palavra de Deus nesta geração. Seu alvo é para afirmar o monoteísmo Cristão - ensinamento Bíblico de um só Deus. Em fazer assim eu pretendo magnificar Jesus Cristo acima de tudo. Eu creio que Jesus é Deus manifesto em carne, que toda a plenitude da divindade habita nEle, e que somos completos nEle (Colossenses 2:9-10).

David Bernard

1

MONOTEÍSMO CRISTÃO

*"Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR" (Deuteronômio 6:4).
"Deus é um" (Gálatas 3:20).*

Há um Deus. Há apenas um Deus. Esta doutrina é o centro da mensagem bíblica, e tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento a ensinam de modo claro e enfático. Apesar da simplicidade da mensagem e da clareza com que a Bíblia a apresenta, muitos que crêem na existência de Deus ainda não li compreenderam. Mesmo dentro do Cristianismo, muitas pessoas, inclusive teólogos, não têm entendido essa mensagem bela e essencial. Nosso propósito é, apresentando a questão, afirmar e explicar a doutrina bíblica da unicidade de Deus.

Monoteísmo Definido

A crença em um único Deus é chamada de monoteísmo, palavra que deriva de duas palavras Gregas: *monos*, significando só, singular, um; e *theos*, significando Deus. Aqueles que não aceitam o monoteísmo podem ser classificados em uma das seguintes categorias: *ateísta* - que nega a existência de Deus; *agnóstico* - que afirma ser a existência de Deus desconhecida e provavelmente incognoscível; *panteísta* - que representa como equivalentes Deus e a natureza ou as forças do universo; ou *politeísta* - que acredita em mais de um Deus. *Diteísmo* - a crença em dois deuses, é uma forma de politeísmo, assim como o *triteísmo*, a crença em três deuses. Três, entre as maiores religiões do mundo são monoteístas: Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo.

Há, entretanto, dentro das fileiras dos que se denominam cristãos, pontos de vista divergentes em relação à natureza da Divindade. Uma dessas correntes, chamada trinitarista, afirma que há três pessoas distintas na Divindade - Deus Pai, Deus Filho, e, Deus Espírito Santo - mas ainda, um só Deus. (Veja o Capítulo XI.)

No trinitarianismo podemos distinguir duas tendências extremas. De um lado alguns trinitarianos dão ênfase à unidade de Deus sem ter desenvolvido uma compreensão cuidadosa do significado das três pessoas distintas da Divindade. Por outro lado, outros trinitarianos dão ênfase à

triplicidade da trindade, a ponto de acreditarem em três seres auto-conscientes, e, seu ponto de vista é essencialmente triteísta.

Além do trinitarianismo, há a doutrina do binitarianismo, que não classifica o Espírito Santo como pessoa separada, mas afirma crer na existência de duas pessoas na Divindade.

Muitos monoteístas têm destacado que tanto o trinitarianismo quanto o binitarianismo enfraquecem o monoteísmo estrito, ensinado na Bíblia. Eles insistem que a Divindade não pode ser dividida em pessoas e que Deus é absolutamente uno.

Os que acreditam no monoteísmo estrito se dividem em duas classes. Uma que afirma que há um só Deus e, assim fazendo, nega de um modo ou de outro, a perfeita divindade de Jesus Cristo. Esse ponto de vista foi defendido, na história da igreja primitiva, pelos dinâmicos monarquistas como Paulo de Samosata, e pelos Arianistas liderados por Ário. Esses grupos relegavam Jesus à posição de um deus criado, subordinado, um deus filho, ou semideus.

A segunda divisão dos verdadeiros monoteístas acredita em um Deus, mas além disso, acredita que a plenitude de Deus se manifesta em Jesus Cristo. Acreditam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são manifestações, modos funções e relacionamentos que o Deus único tem exibido ao homem. Os historiadores da Igreja têm usado os termos modalismo e monarquianismo modalístico para descrever esse ponto de vista sustentado na igreja primitiva por líderes como Noetus, Praxeas e Sabellius. (Veja o Capítulo X.) No século vinte aqueles que acreditam tanto na indivisível unicidade de Deus, quanto na perfeita divindade de Jesus Cristo, freqüentemente, usam o termo unicidade para descrever aquilo em que crêem. Usam, também, os termos "Um Deus" e "Nome de Jesus" como adjetivos para se auto-denominarem, enquanto aqueles que se opõem usam, às vezes expressões errôneas e desacreditadas como "Só Jesus", e "Nova Ordem." (A denominação "Só Jesus" é errônea porque aos trinitarianos ela traz a implicação da negação do Pai e do Espírito Santo. Entretanto os que acreditam na Unicidade não negam o Pai e o Espírito, mas, antes, vêem o Pai e o Espírito como diferentes papéis do Deus Único que é o Espírito de Jesus.)

Em resumo, o Cristianismo apresenta quatro pontos de vista básicos a respeito da Divindade: 1) trinitarianismo, 2) binitarianismo, 3) monoteísmo estrito, com negação da perfeita divindade de Jesus Cristo, e 4) monoteísmo estrito, com a afirmação da completa divindade de Jesus Cristo, ou Unicidade.

Tendo examinado, de modo geral, o conjunto das crenças humanas a respeito da Divindade, vamos olhar o que a Palavra de Deus - a Bíblia - tem a dizer sobre o assunto.

O Antigo Testamento Ensina Que Não Há senão Um Deus

A expressão clássica da doutrina de um só Deus, se encontra em Deuteronômio 6:4. "Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR." Esse versículo das Escrituras se tornou a mais característica e importante afirmação de fé dos Judeus. Eles a chamam de Shema, de acordo com a primeira palavra da frase em hebraico, e, muitas vezes, a citam da seguinte maneira: "Ouve, Israel, o SENHOR é nosso Deus, o SENHOR é único." Por tradição, um Judeu piedoso sempre tenta repetir essa confissão de fé, antes de morrer.

Em Deuteronômio 6:5, Deus continuou o anúncio do versículo precedente com uma ordem que exige crença total e amor por Ele, como um só e único Deus: "Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força." Devemos notar a importância que Deus atribui a Deuteronômio 6:4-5. Ele ordena que esses versículos sejam colocados no coração (versículo 6), ensinados às crianças durante todo o dia (versículo 7), atado à mão e à testa (versículo 8), e escritos nos umbrais e nas portas das casas (versículo 9).

Os Judeus ortodoxos obedecem literalmente essa ordem, ainda hoje, amarrando o *Tefillin* (phylacteries) em seu braço esquerdo e na testa, quando oram, e colocando o *mezuzah* em suas portas e portões. (*Tefillin* são pequenas caixas atadas ao corpo com tiras de couro e *mezuzah* são pequenos recipientes contendo pequenos rolos das Escrituras.) Dentro dos dois tipos de invólucros estão versículos das Escrituras escritos a mão, com tinta preta, por um homem piedoso que

observou certos rituais de purificação. Os versículos geralmente são Deuteronômio 6:4-9, 11:18-21, Êxodo 13:8-10, e 13:14-16.

Durante uma viagem a Jerusalém, onde colhemos as informações citadas acima¹, tentamos comprar o Tefillin. O mercador Judeu Ortodoxo, afirmou não vender Tefillin aos cristãos porque eles não acreditam nele nem têm a devida reverência a esses versículos das escrituras. Quando citamos Deuteronômio 6:4 e explicamos nossa total concordância com o mesmo, seus olhos se iluminaram, e prometeu vendê-lo a nós sob a condição de que tratássemos o Tefillin com cuidado e respeito. Sua preocupação mostra a extrema reverência e a fé profunda que os Judeus têm pelo conceito de um único Deus. Revela, também, que uma das maiores razões porque os Judeus têm rejeitado o Cristianismo, através da história, é a percepção distorcida da mensagem monoteística.

Muitos outros versículos das Escrituras afirmam enfaticamente o monoteísmo estrito. Os Dez Mandamentos começam com: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3; Deuteronômio 5:7). Deus deu ênfase a esse comando afirmando que Ele é um Deus zeloso (Êxodo 20:5). Em Deuteronômio 32:39 Deus disse que não há outro Deus além dele. Não há nenhum deus semelhante ao SENHOR e nenhum Deus além dele (II Samuel 7:22; I Crônicas 17:20). Só Ele é Deus (Salmos 86:10). Há enfáticas declarações de Deus em Isaías.

"Antes de mim deus nenhum se formou e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador" Isaías 43:10-11).

"Eu sou o primeiro, e eu sou o último, além de mim não há Deus" (Isaías 44:6).

"Há outro Deus além de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça" (Isaías 44:8).

"Eu sou o SENHOR que faço todas as cousas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra" (Isaías 44:24).

"Além de mim não há outro; eu sou o SENHOR e não há outro" (Isaías 45:6).

"Não há outro Deus senão eu, Deus justo e salvador não há além de mim. Olhai para mim, e sede salvos, vós todos os termos da terra porque eu sou Deus, e não há outro" (Isaías 45:21 e 22).

"Lembra-vos das cousas passadas da antiguidade; que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus e não há outro semelhante a mim" (Isaías 46:9).

"A minha glória não a dou a outrem" (Isaías 48:11; leia também Isaías 42:8).

"Ó SENHOR dos exércitos, Deus de Israel, que estás entronizado acima dos querubins, tu somente és o Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste os céus e a terra" (Isaías 37:16).

Há somente um Deus que é o Criador e o Pai da humanidade (Malaquias 2:10). Durante o reino do Milênio haverá um só SENHOR com um só nome (Zacarias 14:9).

Resumindo, o Antigo Testamento fala de Deus como sendo único. Muitas vezes a Bíblia chama Deus de o Santo de Israel (Salmo 71:22; 78:41; Isaías 1:4; 5:19; 5:24), mas nunca de "santo dois, santo três," ou "muitos santos."

Uma observação comum feita por alguns trinitarianos, a respeito da doutrina da unicidade de Deus, no Antigo Testamento, é que Deus teria apenas pretendido dar ênfase à Sua unicidade em oposição aos deuses pagãos, embora Ele ainda existisse como pluralidade. Entretanto, se isso fosse verdade, por que Deus não a deixou bem clara? Por que os Judeus não entenderam uma teologia de "pessoas", mas antes, têm insistido no monoteísmo absoluto? Vamos ver do ponto de vista de Deus. Suponha que Ele realmente quisesse excluir qualquer crença na pluralidade da Divindade. Como poderia fazê-lo usando terminologia então existente? Que palavras poderia usar, fortes bastante, para conseguir difundir Sua mensagem a Seu povo? Pensando sobre isso, concluímos que Ele usou a linguagem mais forte possível capaz de descrever a absoluta unicidade. Nos versículos antes citados, de Isaías, observamos o uso de palavras e frases como "nenhum, não há outro, nenhum semelhante, nenhum além de mim, sozinho" e "um só". Deus, com certeza, não poderia tornar mais claro que não existe qualquer tipo de pluralidade na Divindade. Em resumo, o Antigo Testamento afirma que Deus é absolutamente um, em número.

O Novo Testamento Ensina Que Não Há Senão Um Deus

Jesus ensinou, enfaticamente Deuteronômio 6:4, chamando-o de primeiro de todos os mandamentos (Marcos 12:29-30). O Novo Testamento pressupõe o ensino do Antigo Testamento de que há um só Deus e repete muitas vezes, e com muita clareza, essa mensagem.

"Visto que Deus é um só, o qual justificará" (Romanos 3:30).

"Não há senão um só Deus" (I Coríntios 8:4).

"Para nós há um só Deus, o Pai" (I Coríntios 8:6).

"Mas Deus é um" (Gálatas 3:20).

"Um só Deus e Pai de todos" (Efésios 4:6).

"Porquanto há um só Deus" (I Timóteo 2:5).

"Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem" (Tiago 2:19).

Ainda em I João 2:20, a Bíblia chama Deus de o Santo. Há um trono no céu e apenas alguém sentado nele (Apocalipse 4:2).

Nos capítulos a seguir vamos estudar, com mais profundidade, o monoteísmo do Novo Testamento, mas os versículos das Escrituras citados acima são suficientes para estabelecer que o Novo Testamento ensina que Deus é um.

Conclusão

Como vimos, a Bíblia ensina um monoteísmo estrito. O povo de Deus tem se identificado sempre com a mensagem de um único Deus. Deus escolheu Abraão por sua disposição de abandonar os deuses de sua nação e de seu pai e adorar o único Deus verdadeiro (Gênesis 12:1-8). Deus castigou Israel todas as vezes em que o povo começou a adorar outros deuses e o culto politeísta foi uma das principais razões para que Deus, finalmente, os enviasse para o cativeiro (Atos 7:43). O Salvador veio ao mundo através de uma nação (Israel) e através de uma religião (Judaísmo) cujo povo tinha, finalmente, se libertado do politeísmo. Eram totalmente monoteístas.

Hoje, Deus exige para Si um culto monoteísta. Na igreja somos herdeiros de Abraão pela fé, e essa posição de honra exige que tenhamos a mesma fé monoteísta no Deus de Abraão (Romanos 4:13-17). Como cristãos, no mundo, jamais podemos deixar de exaltar e proclamar a mensagem de que há apenas um único e verdadeiro Deus vivo.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO I

¹Novembro de 1980, Jerusalém, Israel. Veja também, sir Norman Anderson, ed., “As Religiões do Mundo”. 4ª edição (Grand Rapids: Eerdmans, 1975) págs. 73, 77

2

A NATUREZA DE DEUS

"Deus é Espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24).

Para continuarmos nosso estudo sobre a unicidade de Deus, é essencial que saibamos mais a respeito da própria natureza de Deus. Nossas mentes humanas são limitadas e não podem, naturalmente, descobrir ou compreender tudo que há para ser conhecido com relação a Deus, mas a Bíblia descreve, com clareza, muitas características e atributos importantes que Deus possui. Vamos estudar, neste capítulo, alguns dos atributos de Deus que o fazem Deus - a parte essencial e substancial de Sua natureza. Vamos estudar, também, algumas das maneiras pelas quais Deus tem revelado Sua natureza à humanidade, particularmente através de manifestações visíveis.

Deus é Espírito

Jesus proclamou essa verdade em João 4:24. A Bíblia a revela de maneira consistente, desde Gênesis 1:2 ("E o Espírito de Deus pairava por sobre as águas") até Apocalipse 22:17 ("O Espírito e a noiva dizem: Vem.") Hebreus 12:9 chama Deus de Pai dos espíritos.

O que é um espírito? O *Dicionário de Webster* dá a palavra, o seguinte significado: "Um ser sobrenatural, incorpóreo, racional, geralmente invisível aos seres humanos, mas que tem o poder de ser tornar visível, segundo sua vontade... um ser de natureza incorpórea e imaterial"¹ A palavra Hebraica que se traduz como espírito é *ruwach*, e pode significar vento, sopro, vida, zanga, sem substancialidade, região do céu, ou espírito de um ser racional. A palavra Grega traduzida por espírito, *pneuma* pode significar uma corrente de ar, sopro, vento, brisa, espírito, alma, princípio vital, disposição, anjo, demônio ou Deus.² Todas essas definições reforçam o fato de que um espírito não tem carne e ossos (Lucas 24:39). Do mesmo modo, Jesus indicou que o Espírito de Deus não tem carne e ossos (Mateus 16:17). Assim, quando a Bíblia afirma que Deus é Espírito, isso significa que Ele não pode ser visto nem tocado fisicamente por seres humanos. Como Espírito, Ele é um Ser inteligente e sobrenatural, que não tem um corpo físico.

Deus é Invisível

Sendo Deus Espírito. Ele é invisível a menos que escolha se manifestar de alguma forma visível ao homem. Deus disse a Moisés. "Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá" (Êxodo 33:20). "Ninguém jamais viu a Deus" (João 1:18; I João 4:12). Não apenas ninguém jamais viu a Deus, como nenhum homem é capaz de ver a Deus (I Timóteo 6:16). Muitas vezes a Bíblia descreve Deus como invisível (Colossenses 1:15; I Timóteo 1:17; Hebreus 11:27). Embora o homem possa ver Deus quando Ele aparece de formas variadas, nenhum homem pode ver diretamente o invisível Espírito de Deus.

Deus é Onipresente (Presente em Todos os Lugares)

Por ser Espírito Ele pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Ele é o único Espírito verdadeiramente onipresente; todos os outros espíritos, como os demônios, os anjos e o próprio Satanás, podem ser confinados a lugares específicos (Marcos 5:10; Judas 6; Apocalipse 20:1-3).

Embora Deus seja onipresente, não podemos igualá-lo à natureza, substância, ou forças do mundo (o que seria panteísmo), porque Ele tem individualidade, personalidade e inteligência reais.

Salomão reconheceu a onipresença de Deus quando orou, na dedicação do Templo. dizendo. "Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter" (I Reis 8:27; veja II Crônicas 2:6; 6:18). Deus declarou Sua onipresença. dizendo. "O céu é o meu trono, a terra o estrado dos meus pés" (Isaías 66:1; veja também Atos 7:49). Paulo pregou que o Senhor "não está longe de cada um de nós, pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (Atos 17:27-28). Talvez a mais bela descrição da onipresença de Deus encontramos no Salmo 139:7-13: "Para onde me ausentarei do teu Espírito? para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; Se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares: ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá. Se eu digo: As trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma causa. Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe."

Se Deus é onipresente, porque a Bíblia O descreve como estando no céu? Há várias razões. 1) Esse fato indica que Deus é transcendental. Em outras palavras, Ele está além da compreensão humana e não está limitado a essa terra. 2) Essa descrição se refere ao centro do raciocínio e atividade de Deus - Sua própria matriz, por assim dizer. 3) Ele se refere à presença imediata de Deus; quer dizer. à totalidade da glória e do poder de Deus, a qual nenhum mortal pode ver e ainda continuar vivo (Êxodo 33:20). 4) Pode se referir, também, à manifestação visível de Deus aos anjos, nos céus. Não significando isso, no entanto, que Deus não esteja onipresente, nem que esteja limitado a um lugar ou corpo.

Do mesmo modo, quando a Bíblia diz que Deus veio à terra, ou apareceu a um homem, ela não nega Sua onipresença. Ela simplesmente afirma que o foco de Sua atividade se deslocou para a terra pelo menos no que se refere a determinado indivíduo ou situação. Quando Deus vem à terra, o céu não se torna vazio. Ele continua no céu como sempre. Ele pode agir simultaneamente no céu e na terra, ou em vários lugares da terra. É muito importante que reconheçamos a magnitude da onipresença de Deus e não a limitemos à nossa experiência humana.

Deus Tem Corpo?

Sendo Deus um Espírito invisível e sendo onipresente, Ele, com certeza, não tem um corpo, do modo como entendemos que um corpo seja. Ele realmente assumiu várias formas e manifestações temporárias através de todo o Antigo Testamento para que o homem pudesse vê-lo (veja a parte das Teofanias, adiante, neste capítulo). Entretanto a Bíblia não registra nenhuma manifestação corpórea permanente de Deus até o nascimento de Jesus Cristo. Em Cristo, naturalmente, Deus tinha um corpo humano e agora tem um corpo humano glorificado e imortal.

Fora das manifestações temporárias de Deus e fora da revelação de Deus em Cristo, no Novo Testamento, acreditamos que as referências encontradas nas Escrituras aos olhos, mãos.

Braços, pés, coração e outras partes do corpo de Deus sejam exemplo de linguagem figurativa ou antropomorfismo (interpretação de algo não humano em termos humanos para que o homem possa compreender).

Em outras palavras, a Bíblia descreve o Deus infinito em termos humanos e finitos para que nós O possamos compreender melhor. Por exemplo, o coração de Deus denota Seu intelecto e Suas emoções, não um órgão bombeador do sangue (Gênesis 6:6; 8:21). Quando Deus disse que o céu era Seu trono e a terra estrado de Seus pés, descrevia Sua onipresença, não um par de pés literalmente apoiados sobre o globo (Isaías 66:1). Quando Deus disse que Sua destra estendeu os céus, descrevia Seu poder e não uma grande mão desdobrando os céus (Isaías 48:13). "Os olhos do SENHOR estão em todo lugar" não quer dizer que Deus tenha olhos físicos em todos os lugares, mas indica Sua onipresença e onisciência (Provérbios 15:3). Quando Jesus expulsou demônios pelo dedo de Deus Ele não usou um enorme dedo vindo dos céus, mas exerceu o poder de Deus (Lucas 11:20). O resfolar das narinas de Deus não eram, literalmente, partículas emitidas por gigantescas narinas celestes, mas o forte vento do leste enviado por Deus para separar o Mar Vermelho (Êxodo 15:8; 14:21). De fato a interpretação literal de todas as visões e descrições físicas de Deus nos levaria a acreditar que Deus tem rodas (Daniel 7:9). Resumindo, acreditamos que Deus, como Espírito não tem corpo a menos que queira se manifestar em forma corpórea, como Ele o fez na pessoa de Jesus Cristo (veja o IV Capítulo).

Alguns afirmam que no Antigo Testamento Deus tinha um corpo espiritual visível aos outros seres espirituais, como os anjos. Levantam essa hipótese porque os espíritos humanos parecem ter uma forma capaz de ser reconhecida pelos outros espíritos (Lucas 16:22-31) e porque algumas passagens indicam que o anjos e Satanás presenciaram uma manifestação visível de Deus no Antigo Testamento (I Reis 22:19-21; Jó 1:6). No entanto, Deus não precisava de um corpo espiritual para agir assim, porque Ele poderia ter Se manifestado, por várias vezes, a outros espíritos do mesmo modo como se manifestou ao homem. Um versículo chave das Escrituras traz implícito o conceito de que, comumente, Deus *não* é visível mesmo aos seres espirituais, a menos que Ele próprio escolha Se manifestar de tal modo: "Aquele que foi manifestado na carne ... contemplado por anjos" (I Timóteo 3:16). Finalmente, se Deus tivesse mesmo algum tipo de corpo espiritual, Ele, certamente, não estaria confinado a Ele, como outros seres espirituais estão confinados a seus corpos; pois se assim fosse Ele não seria, verdadeiramente, onipresente. A onipresença de Deus significa por exemplo, que Ele poderia ter aparecido simultaneamente aos homens, na terra, e aos anjos nos céus. Precisamos ter em mente, também que nos tempos do Novo Testamento Deus escolheu revelar a Si mesmo, em Sua plenitude, através de Jesus Cristo (Colossenses 2:9). Não há possibilidade de se separar Deus e Jesus, e não há outro Deus visível a não ser Jesus.

Deus é Onisciente (Conhece Tudo)

O Salmo 139:1-6 nos ensina que Deus sabe todas as coisas, inclusive nossos movimentos, pensamentos, procedimentos, caminhos e palavras. Jó confessou. "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado" (Jó 42:2). Deus tem o conhecimento completo de todas as coisas, inclusive o conhecimento antecipado do futuro (Atos 2:23). Como a onipresença, a onisciência é um atributo que pertence apenas a Deus. Ele, é o "Deus único" (I Timóteo 1:17). A Bíblia não identifica nenhum outro ser (incluindo Satanás) que possa ler todos os pensamentos do homem, prever o futuro com exatidão ou saber tudo que há para ser conhecido.

Deus é Onipotente (Todo-Poderoso)

Muitas vezes, através da Bíblia, Deus chama a Si mesmo de Todo-Poderoso (Gênesis 17:1; 35:11, etc.). Ele detém todo o poder que existe e nenhum ser pode exercer qualquer poder que não lhe tenha sido outorgado por Deus (Romanos 13:1). Apenas Deus é onipotente, pois apenas um ser pode deter todo o poder. I Timóteo 6:15 descreve Deus como "Bendito e único Soberano, o rei dos reis e Senhor dos senhores". Os santos de Deus, nos céus, proclamarão "Aleluia: pois reina o

Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso" (Apocalipse 19:6). Deus descreve maravilhosamente Sua grande onipotência, em Jó, capítulos 38 a 41.

As únicas limitações de Deus são aquelas que Ele, voluntariamente, colocou a Si mesmo, ou aquelas resultantes de Sua natureza moral. Sendo santo e sem pecado, Ele permanece dentro de Suas próprias limitações morais. É impossível, portanto, para Deus mentir ou contradizer Sua própria Palavra (Tito 1:2; Hebreus 6:18).

Deus É Eterno

Deus é eterno, imortal e viverá para sempre (Deuteronômio 33:27; Isaías 9:6; I Timóteo 1:17). Ele é o primeiro e o último (Isaías 44:6). Ele não tem começo nem terá fim; outros seres dotados de espírito, inclusive o homem, são imortais no que se refere ao futuro, mas apenas Deus é eterno no passado e no futuro.

Deus É Imutável (Não Muda)

O caráter e os atributos de Deus nunca mudam: "Porque eu, o SENHOR, não mudo" (Malaquias 3:6). É verdade que Deus, às vezes se arrepende (muda Seu curso de ação em relação ao homem), mas isso acontece apenas porque o homem muda suas ações. A natureza de Deus permanece a mesma; apenas Seu futuro curso de ação se modifica para corresponder às mudanças do homem. Por exemplo, o arrependimento de Nínive fez Deus mudar Seus planos de destruir aquela cidade (Jonas 3:10). A Bíblia também relata, às vezes, o arrependimento de Deus, no sentido de comover-se e entristecer-se, mais do que no sentido de mudança de Seu pensamento (Gênesis 6:6).

Deus Tem Individualidade, Personalidade e Racionalidade

Deus é um ser inteligente, com vontade (Romanos 9:19) e capacidade de raciocinar (Isaías 1:18). Ele tem uma mente inteligente (Romanos 11:33-34). O fato do homem ser capaz de ter emoções indica que Deus tem emoções, pois o homem foi criado por Deus à Sua própria imagem (Gênesis 1:27). A natureza emocional essencial de Deus é o amor, mas Ele tem muitas emoções tais como prazer, piedade ou compaixão, ódio ao pecado e zelo pela justiça (Salmos 18:19; 103:13; Provérbios 6:16; Êxodo 20:5). Ele demora a se zangar, mas pode ter Sua ira provocada (Salmo 103:8; Deuteronômio 4:25). Podemos entristecer a Deus (Gênesis 6:6) e podemos bendizê-lo (Salmo 103:1). Suas emoções, naturalmente, transcendem nossas emoções, mas podemos descrevê-lo apenas usando os termos que descrevem as emoções humanas. (Para mais provas de que Deus é um ser individual com personalidade e racionalidade, procure os estudos, neste capítulo, a respeito da onisciência de Deus e Seus atributos morais.)

Os Atributos Morais de Deus

"Deus é amor" (I João 4:8, 16). O amor é a essência de Deus; ele é Sua verdadeira natureza. Deus tem muitos outros atributos e qualidades, muitos dos quais prolongamentos de Seu amor.

A Natureza Moral de Deus

- | | | |
|----|--------------|----------------|
| 1. | amor | (I João 4:8) |
| 2. | luz | (I João 1:5) |
| 3. | santidade | (I Pedro 1:16) |
| 4. | misericórdia | (Salmo 103:8) |
| 5. | clemência | (Salmo 18:35) |
| 6. | justiça | (Salmo 129:4) |

- | | | |
|-----|-------------|---------------------|
| 7. | bondade | (Romanos 2:4) |
| 8. | perfeição | (Mateus 5:48) |
| 9. | retidão | (Isaías 45:21) |
| 10. | fidelidade | (I Coríntios 10:13) |
| 11. | verdade | (João 17:17) |
| 12. | benignidade | (Salmo 103:8) |

Esses atributos morais de Deus não são contraditórios, antes operam em harmonia. Por exemplo, a santidade de Deus exigiu uma separação imediata entre Deus e o homem, quando o homem pecou. A justiça e a retidão de Deus exigiam a morte como penalidade do pecado, mas o amor e a misericórdia de Deus procuraram o perdão. Deus satisfaz tanto a justiça quanto a misericórdia através da morte de Cristo no Calvário e do plano de salvação que daí resultou.

Gozamos os benefícios da misericórdia de Deus quando aceitamos a obra expiatória de Cristo e a aplicamos à nossa vida, pela fé. Quando aceitamos, pela fé, o plano de salvação de Deus e o obedecemos, Deus nos atribui a justiça de Cristo (Romanos 3:21 - 5:21). Assim, Deus pode com justiça, nos perdoar do pecado (I João 1:9) e restaurar nossa comunhão com Ele, sem violar Sua santidade.

A morte de Cristo inocente e sem pecado e a atribuição da justiça de Cristo em nós, satisfizeram à justiça e à santidade de Deus. Se, entretanto, rejeitarmos a expiação de Cristo, seremos deixados sós, face a face com o juízo de Deus. Nesse caso, Sua santidade exige separação do homem pecador e Sua justiça exige a morte para aquele que pecou. Desse modo a justiça e a misericórdia são aspectos complementares, não contraditórios, da natureza de Deus, assim como o são a santidade e o amor. Se aceitamos o amor e a misericórdia de Deus Ele nos ajuda a satisfazer Sua justiça e santidade. Se rejeitarmos o amor e a misericórdia de Deus temos que enfrentar, sozinhos. Sua justiça e santidade (Romanos 11:22).

A lista anterior não contém, naturalmente, de modo exaustivo, as qualidades de Deus. Deus é transcendental e nenhum ser humano pode compreendê-lo completamente. "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Isaías 55:8-9). "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro?" (Romanos 11:33-34).

Teofanias

Um meio pelo qual Deus Se revelava ao nível dos homens e tratava com eles, no Antigo Testamento era através das Teofanias. Uma teofania é uma manifestação visível de Deus e, usualmente, pensamos nelas como sendo natureza temporária. Como temos visto, Ele se manifestou em uma forma física. Embora não possamos ver o Espírito de Deus, podemos ver uma representação de Deus. Aqui se seguem alguns dos modos pelos quais Deus escolheu Se manifestar, no Antigo Testamento.

Para Abraão Deus apareceu como visão, como um fogareiro fumegante, como uma tocha de fogo e como homem (Gênesis 15:1; 15:17; 18:1-33). Nesse último exemplo, Deus e dois anjos apareceram em forma de três homens (18:2) e comeram a comida providenciada por Abraão. Os dois anjos partiram para Sodoma e Deus permaneceu para conversar com Abraão (Gênesis 18:22; 19:1).

Deus apareceu, a Jacó, como um homem, e em sonho (Gênesis 28:12-16; 32:24-32). Por ocasião do sonho, Jacó lutou com o homem e proclamou, "Vi a Deus face a face". A Bíblia descreve, também, essa aparição como "o anjo" (Oséias 12:4).

Deus apareceu a Moisés numa nuvem de glória e como fogo, no Monte Sinai, falou com ele face a face no Tabernáculo e revelou-lhe Suas costas (glória parcial), mas não Sua face (toda Sua

glória) (Êxodo 24:12-18; 33:9-11; 33:18-23). Essas referências à face de Deus e à glória de Deus provavelmente são metáforas da presença de Deus e podem se aplicar a muitos diferentes tipos de manifestações.

Deus se manifestou à nação de Israel, através de trovões, raios, nuvem, voz de trombeta, fumaça, fogo e terremotos (Êxodos 19:11-19; Deuteronômio 5:4-5, 22-27). Também mostrou Sua glória e enviou fogo de Sua presença diante de todo Israel (Levítico 9:23-24; 10:1-2).

Jó viu Deus num redemoinho (Jó 38:1; 42:5).

Vários profetas tiveram visão de Deus (Isaías 6; Ezequiel 1:26-28; 8:1-4; Daniel 7:2, 9; Amós 9:1). Para Ezequiel Ele apareceu na forma de um homem envolto em fogo. Para Daniel Ele apareceu numa visão noturna, como o Ancião de Dias. Muitos outros versículos das Escrituras nos revelam que Deus apareceu a alguém, mas não nos falam de que modo Ele o fez. Por exemplo, Deus apareceu a Abraão, Isaque, Jacó e Samuel (Gênesis 12:7; 17:1; 26:2, 24; 35:9-15; I Samuel 3:21). Do mesmo modo, Deus desceu sobre o Monte Sinai e permaneceu com Moisés; revelou-se a setenta e quatro líderes de Israel; desceu em coluna de nuvem e permaneceu diante de Moisés, Arão e Miriã; encontrou-se com Balaão, à noite e em mais duas outras ocasiões (Êxodo 34:5; 24:9-11; Números 12:4-9; 23:3-10, 16-24).

Além dessas aparições acima mencionadas, a Bíblia registra outras manifestações que muitos acreditam ser o próprio Deus. Em Josué 5:13-15, um homem, que trazia uma espada na mão, apareceu a Josué e se identificou como "príncipe do exército do SENHOR". Esse título, e o fato de que ele não repreendeu Josué por adorá-lo (diferente de Apocalipse 19:9-10; 22:8-10), sugerem que esta foi realmente uma manifestação de Deus. Por outro lado, a maneira como se relata essa passagem deixa margem à afirmativa de que Josué não tenha adorado o príncipe, mas a Deus por causa da aparência do príncipe.

O Anjo do SENHOR

Alguns dos numerosos aparecimentos do "Anjo do SENHOR" parecem ser Teofanias. O Anjo do SENHOR apareceu a Hagar, falou como se fosse Deus, e ela o chamou de Deus (Gênesis 16:7-13). A Bíblia diz que o Anjo do SENHOR apareceu a Moisés na sarça ardente, mas a seguir afirma que Deus falou a Moisés, naquela ocasião (Êxodo 3; Atos 7:30-38). Êxodo 13:21 diz que o SENHOR ia adiante de Israel como uma coluna de nuvem, enquanto Êxodo 14:19 diz que o Anjo de Deus era coluna de nuvem. O Anjo do SENHOR apareceu a Israel, em Juízes 2:1-5 e falou como Deus. Juízes 6:11-24 descreve o aparecimento do Anjo do SENHOR a Gideão e a seguir diz que o SENHOR olhou para Gideão. Em outra ocasião o Anjo do SENHOR apareceu a Manoá e à sua mulher, e eles acreditaram ter visto a Deus (Juízes 13:2-23).

Em outras visitas do Anjo do SENHOR não encontramos indícios de que fossem manifestações do próprio Deus, mas, frequentemente, as pessoas entendem que sim. Exemplos disso são os aparecimentos a Abraão, no Monte Sinai e a Balaão (Gênesis 22:11-18; Números 22:22-35). As vezes, o Anjo do SENHOR é, claramente, *não* uma manifestação de Deus, mas um anjo identificado como um outro ser separado do SENHOR Deus. Exemplos disso são os aparecimentos a Davi e a Zacarias (II Samuel 24:16; I Crônicas 21:15-30; Zacarias 1:8-19). (Veja o VII Capítulo.) O anjo do SENHOR, no Novo Testamento, aparentemente não é senão um anjo, e, com certeza, não se trata de Jesus Cristo (Mateus 1:20; 2:13; 28:2; Atos 8:26).

Ao analisar todos esses versículos das Escrituras, alguns afirmam que o Anjo do SENHOR é sempre uma manifestação direta de Deus. No entanto, alguns dos exemplos já mencionados não sustentam esse ponto de vista e dois deles, na verdade, o contradizem. Outros dizem que o Anjo do SENHOR é uma manifestação de Deus em alguns exemplos, mas não em outros. Esse segundo ponto de vista parece estar mais de acordo com as Escrituras.

Um terceiro ponto de vista, entretanto, afirma que o Anjo do SENHOR nunca é o SENHOR, mas sempre, literalmente, um anjo. Sustentam-essa argumentação dando ênfase ao fato de que anjos são porta-vozes, mensageiro e agentes de Deus. Em outras palavras, esse modo de pensar sustenta ser apropriado dizer "o SENHOR disse" ou "o SENHOR fez", mesmo que Ele tenha dito ou feito

pela intervenção de um anjo. De acordo com esse ponto de vista, a descrição de um ato de Deus relatado como um aparecimento angelical é um modo resumido de dizer que Deus agiu através do anjo. Uma vez que os escritores bíblicos deixaram claro, desde o princípio dos relatos, que um anjo foi o agente direto, não há porque existir ambigüidades ou discrepâncias. Sob esse raciocínio, as pessoas que tomaram conhecimento da visita de Deus, ou estavam enganadas em sua crença de que tinham visto o próprio Deus, ou, mais plausivelmente reconheceram que Deus estava usando um anjo para falar com elas e, portanto, se dirigiram a Deus, através do anjo. Não há outra maneira de se reconciliar esse terceiro ponto de vista com os versículos das Escrituras que identificam o Anjo do SENHOR com o SENHOR mesmo; quer dizer, o anjo apareceu visivelmente, mas o SENHOR também estava presente de maneira invisível. Assim sendo, as referências ao SENHOR agindo ou falando podem significar, literalmente, o SENHOR e não o anjo.

Resumindo, é evidente que o Anjo do SENHOR, no Antigo Testamento, não era sempre Deus mesmo. Uma pessoa pode argumentar plausivelmente, que o Anjo do SENHOR não era nunca uma real teofania, mas não pode seriamente sustentar que o Anjo do SENHOR era sempre uma teofania. A explicação mais simples é que a expressão "Anjo do SENHOR", às vezes se refere a uma teofania de Deus, mas, outras vezes, indica nada mais que um simples anjo.

Um estudioso trinitariano resume assim o ponto de vista predominante:

"No Antigo Testamento, o Anjo do SENHOR podia ser apenas um mensageiro de Deus (a própria palavra em Hebraico significa mensageiro) distinto do próprio Deus (II Samuel 24:16), ou podia ser identificado com o próprio SENHOR falando na primeira pessoa ... É característico das Teofanias do Antigo Testamento o fato de Deus não poder ter sua forma delineada ... Deus é livre para tornar sua presença conhecida, mesmo quando os seres humanos precisam ser protegidos de sua presença imediata."³

Melquisedeque

Muitos entendem Melquisedeque como uma teofania (Gênesis 14:18). Hebreus 7:3 diz que ele era sem pai, sem mãe e sem genealogia. Isso pode significar que ele era Deus em forma humana, ou pode simplesmente significar que sua origem genealógica não tinha registro. Hebreus 7:4 o chama de homem. Indiferentemente ao fato de ser considerado homem comum ou uma teofania de Deus em forma de homem, ele foi um tipo ou símbolo de Cristo (Hebreus 7:1-17).

O Quarto Homem No Fogo

Uma suposta teofania é o quarto homem que apareceu no fogo quando Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram lançados na fornalha (Daniel 3:24-25). O rei pagão, Nabucodonosor, disse. "Eu, porém, vejo quatro homens soltos e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses" (Daniel 3:25). Algumas versões dizem "ao Filho de Deus". No entanto, na linguagem original (aramaico) não existe o artigo definido antes da palavra Filho; isto é, não há o artigo o antes de *Filho* nessa passagem. O rei estava usando terminologia pagã e não tinha conhecimento da futura vinda do Filho Unigênito de Deus. Muito provavelmente o rei viu um anjo, porque ele descreveu a aparição como um anjo (Daniel 3:28). Parece que a expressão "um filho dos deuses" pode se referir a seres angelicais (Jó 38:7). Quando muito, o que Nabucodonosor viu pode ter sido apenas uma temporária teofania de Deus. Essa não era, com certeza, uma visão do Filho de Deus descrito no Novo Testamento, porque o Filho ainda não tinha nascido e a Filiação ainda não tinha começado (Veja o V Capítulo).

Há Teofanias No Novo Testamento?

O Novo Testamento não registra nenhuma teofania de Deus em forma humana a não ser Jesus Cristo. Cristo, naturalmente, era mais que uma teofania; Ele era não apenas Deus aparecendo

na forma de um homem, mas Ele era Deus vestido com verdadeiro corpo e natureza humanos. O anjo do Senhor em Mateus 1:20; 2:13; 28:2 e Atos 8:26 parece ser apenas um anjo, nada mais; não há evidência em contrário. Está claro nessas passagens, que o anjo não é Jesus Cristo. Isso está de acordo com a conclusão de que o Anjo do SENHOR no Antigo Testamento não era sempre o próprio SENHOR. A única possível teofania do Novo Testamento é a pomba, no batismo de Cristo. (Veja no VIII Capítulo estudo a respeito da pomba e a razão especial para seu aparecimento.)

Por que essa falta de Teofanias no Novo Testamento? A razão é que não há necessidade delas. Deus se revela completamente em Jesus Cristo. Jesus descreve e revela completamente o Pai (João 1:18). Jesus é a imagem expressa do Deus invisível, o brilho de Sua glória, e a imagem expressa de Sua pessoa (Colossenses 1:15; Hebreus 1:3).

Conclusão

No Antigo Testamento, Deus resolveu revelar aspectos de Sua natureza ao homem, através de várias Teofanias. Na era do Novo Testamento, a revelação progressiva de Deus, através das Teofanias, culminou e encontrou cumprimento perfeito em Jesus Cristo. Isso nos leva aos Capítulos III e IV e à grande verdade de que Jesus é o único Deus do Antigo Testamento.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO II

¹ *Webster's Third New International Dictionary of the English Language*, unabridged, p. 2198.

² *James Strong, Exhaustive Concordance of the Bible* (Nashville: Abingdon, 1890).

³ *Willian Dyrness, Themes in Old Testament Theology* (Downers Grove, III: Inter Varsity Press. 1979). pp 41-

3

OS NOMES E OS TÍTULOS DE DEUS

“E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12).

Embora o homem não possa compreender completamente a Deus. Deus tem usado diversas maneiras para Se revelar à humanidade. Uma delas é o uso de diferentes nomes ou títulos para identificar a Si mesmo.

O Significado de Um Nome

A escolha de um nome, nos tempos da Bíblia, especialmente nos tempos do Antigo Testamento, era muito mais significativa do que costuma ser hoje em dia. As pessoas, muitas vezes, usavam nomes que revelavam algo a respeito das suas características, história ou natureza, e Deus também agiu assim. Deus mudou o nome de Abrão (significando pai exaltado), para Abraão (pai de uma multidão, e o nome de Jacó (suplantador) para Israel (o que luta com Deus). Mesmo no Novo Testamento, Jesus mudou o nome de Simão (audição) para Pedro (rocha). A *Bíblia Amplificada*, em nota de rodapé sobre I Reis 8:43 faz uma citação do *Dicionário Bíblico de Davis, do Comentário de Ellicott sobre a Bíblia, e do Novo Dicionário Bíblico* para destacar o significado do nome de Deus. “Conhecer o *nome* de Deus é testemunhar a manifestação de certos atributos e apreender o caráter que o nome indica ... o *nome* de Deus, que é Sua própria revelação ... O nome significa a presença real da pessoa na perfeição do caráter revelado.” Os professores Flanders e Cresson, da Universidade de Baylor, afirmam: “Para os antigos, o nome é parte da pessoa é uma extensão da personalidade do indivíduo.”¹

Deus usou alguns nomes como meio para, aos poucos, se auto-revelar. Por exemplo, em Êxodo 6:3, Deus disse, “Apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, o SENHOR, não lhes fui conhecido”. Os versículos 4 e 8 tornam claro que o significado do nome Senhor ou Jeová, para Israel, estava associado à redenção e salvação. Sabemos que Abraão realmente usou o nome SENHOR (Gênesis 22:14); entretanto, Deus não tornou conhecido para ele o significado completo desse nome, em seu aspecto redentor. Em Êxodo 6:3,

Deus prometeu revelar a Si próprio a Seu povo de uma nova maneira. Isto é, Ele começou a associar Seu nome com uma nova compreensão de Seu caráter e presença.

Além de usar nomes para manifestar Seu caráter, Deus usou Seu nome para manifestar Sua presença. Por ocasião da dedicação do Templo Salomão reconheceu que Deus era onipresente e que templo algum O poderia conter (I Reis 8:27). Como Deus preenche o universo, Salomão perguntou como o Templo uma estrutura erguida pelo homem, poderia conter Deus. Então, respondeu à sua própria questão lembrando Deus de Sua promessa: "O meu nome estará ali" (I Reis 8:29). Embora a onipresença de Deus não pudesse ser confinada ao Templo, ainda assim, a plenitude de Seu caráter representado por Seu nome, poderia habitar ali.

Salomão continuou orando "a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome" (I Reis 8:43). Mais uma vez, a oração liga o nome de Deus com a revelação de Seu caráter. O próprio Deus usou o conceito de Seu nome para representar a revelação de Sua natureza e de Seu poder. Ele disse ao Faraó, "Mas deveras para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra" (Êxodo 9:16).

O nome de Deus representa Sua autoridade bem como Seu poder. Por exemplo, Ele revestiu com a autoridade de Seu nome o anjo que liderou os Israelitas (Êxodo 23:21). Esse anjo era, provavelmente, uma teofania de Deus, uma vez que a passagem expressa a idéia de que o anjo agia com toda a autoridade do próprio Deus.

O nome de Deus representa o seguinte: 1) a presença de Deus; 2) a revelação de Seu caráter 3) Seu poder; e, 4) Sua autoridade.

Aqui estão outros pontos que demonstram a importância dada por Deus ao Seu próprio nome:

1. Deus exige temor (reverência, respeito) a Seu nome (Deuteronômio 28:58-59). Ele ordena que o homem não tome Seu nome em vão (Êxodo 20:7).

2. Deus adverte Seu povo a não Sê esquecer do Seu nome (Salmo 44:20-21; Jeremias 23:25-27).

3. Deus promete uma bênção a todo aquele que conhecer o Seu nome (Salmo 91:14-16). Há uma bênção, também, para aqueles que se lembram do Seu nome (Malaquias 3:16).

Tendo em mente o seu significado, vamos examinar alguns dos nomes usados para Deus, no Antigo Testamento.

Nomes ou Títulos de Deus No Antigo Testamento

Abaixo, temos uma lista das palavras primeiro usadas para designar Deus, no Antigo Testamento.²

Português	Hebraico	Exemplos nas Escrituras
1. Deus	Elohim	Gênesis 1:1
2. Deus	El	Gênesis 14:18
3. Deus	Eloah	Neemias 9:17
4. Deus	Elah (forma aramaica)	Daniel 2:18
5. DEUS	YHWH (Yahweh)	Gênesis 15:2
6. SENHOR	YHWH ou YH	Gênesis 2:4
7. SENHOR (JEOVÁ)	YHWH	Êxodo 6:3
8. JÁ (MT)	YH (Yah)	Salmo 68:4
9 SENHOR	Adon	Josué 3:11
10. SENHOR	Adonai	Gênesis 15:2
11. Eu Sou o que Sou	Eheyeh asher Eheyeh	Êxodo 3:14
12 Eu Sou	Eheyeh	Êxodo 3:14
13. Deus Altíssimo	El-Elyon	Gênesis 14:18
14. Deus que vê	El-Roiy	Gênesis 16:13

15. Deus Todo-Poderoso
16. Deus eterno

El-Shaddai
El-Olam

Gênesis 17:1
Gênesis 21:33

El, significa força, poder, todo o poder, ou, por extensão, divindade. Eloah é, provavelmente, um derivado de el, e se refere sempre à Divindade. Elah é a forma aramaica (Caldéia) de Eloah. Elohim é a forma plural de Eloah, e o Antigo Testamento usa essa palavra mais do que qualquer outra, para significar Deus. O plural, no hebraico, nesse caso, é uma maneira de denotar a grandeza, majestade e os múltiplos atributos de Deus (veja o VII Capítulo). A Bíblia usa, também, a palavra *elohim* para se referir a falsos deuses (Juizes 8:33), seres espirituais (I Samuel 28:13), e a governadores e juizes (Salmo 82). Quando assim acontecer, neste livro, traduziremos por *deus* ou *deuses*. Adon significa governador, dono, ou senhor, tanto humano, como angelical ou divino. Adonai é a forma enfática de Adon, e se refere especificamente ao Senhor (Deus).

Yahweh (Jeová) é o nome redentor de Deus no Antigo Testamento (Êxodo 6:3-8), e o único nome pelo qual o único Deus verdadeiro Se distinguiu, no Antigo Testamento, de todos os outros deuses (Isaías 42:8). Significa "Aquele que é por si mesmo" ou "O Eterno". E se conceito aparece, também, nas expressões "E SOU O QUE SOU" e "EU SOU", usadas por Deus a Seu próprio respeito. Flanders e Cresson explicam que Yahweh é a forma da terceira pessoa do verbo "ser", em Hebraico.³ Yahweh significa "Ele é." Quando usada por Deus, a forma verbal está na primeira pessoa, ou "Eu Sou". Em outras palavras, Yahweh e "Eu Sou" são formas diferentes do mesmo verbo. Além disso, ambas indicam uma existência ativa (possivelmente causadora ou criativa), muito mais que apenas uma existência passiva.

Em Inglês, Jah aparece uma vez na versão King James, como abreviação de Jeová (Salmos 68:4). Jeová aparece apenas quatro vezes na versão King James (Êxodo 6:3; Salmo 83:18; Isaías 12:2; Isaías 26:4) e apenas três vezes como parte de um nome composto (Gênesis 22:14; Êxodo 17:15; Juizes 6:24). Em todos os outros lugares, os tradutores da versão King James, usam DEUS ou SENHOR (com maiúsculas) para representar YHWH ou sua abreviatura YH. Na maior parte das vezes, eles usam SENHOR (exemplo Gênesis 2:4), usando DEUS apenas quando Adonai (Senhor) também aparece na mesma frase (exemplo Gênesis 15:2).

Ao usar SENHOR para substituir YHWH, estão apenas seguindo um antigo costume da tradição judaica de substituir Adonai por YHWH, ao copiar ou ler as Escrituras. Esse costume surgiu porque os judeus queriam se salvaguardar de usar o nome de Deus em vão, o que desobedece o Terceiro Mandamento (Êxodo 20:7). Eles pensavam que pela repetição constante do sagrado nome de Deus, poderiam começar a tratá-lo casualmente demais ou mesmo levemente. O nome de Deus era tão santo e sagrado que achavam que não deveriam usá-lo.

Jesus e os apóstolos também seguiram esse costume. O Novo Testamento usa a palavra Grega Kurios, significando Senhor, quando cita passagens do Antigo Testamento que usam YHWH (Mateus 3:3; 4:7; etc.).

Como os antigos Hebreus não costumavam escrever e porque os Judeus deixavam de pronunciar o nome sagrado, não sabemos hoje, qual era a pronúncia original de YHWH. Tudo que temos são as quatro letras Hebraicas (chamadas tetragrama) que são, geralmente traduzidas literalmente por YHWH ou JHVH e pronunciadas com Yhweh (Hebraico) ou Jeová (português). Vamos usar Jeová pelo resto do livro, como é tradicionalmente usado em português e na versão King James.

Nomes Compostos de Jeová

Além das designações já citadas, para Deus, o Antigo Testamento usa um número de nomes compostos de Jeová para descrever Deus e mais completamente revelá-lo. Eles estão listados no quadro abaixo.⁴ Os números 1,2 e 5 aparecem na maior parte das versões para o inglês, os outros aparecem em Hebraico, mas são traduzidos para o inglês. O Novo Testamento usa, ainda, por duas vezes, a expressão "o Senhor dos Exércitos" (Romanos 9:29; Tiago 5:4).

Nomes Compostos de Jeová

Nome	Passagem	Significado
1. Jeová-jireh	Gênesis 22: 14	O SENHOR proverá
2. Jeová-rapha	Êxodo 15:26	O SENHOR que sara
3. Jeová-nissi	Êxodo 17:15	O SENHOR nossa bandeira (vitória)
4. Jeová-m 'kaddesh	Êxodo 31:13	O SENHOR que santifica
5. Jeová-shalom	Juízes 6:24	O SENHOR é paz
6. Jeová-saboath	I Samuel 1:3	O SENHOR dos Exércitos (Todo-Poderoso)
7. Jeová-elyon	Salmo 7:17	O SENHOR Altíssimo
8. Jeová-raah	Salmo 23:1	O SENHOR meu pastor
9. Jeová-hoseenu	Salmo 95:6	O SENHOR que nos criou
10. Jeová-tsidekenu	Jeremias 23:6	O SENHOR justiça Nossa
11. Jeová-shammah	Ezequiel 48:35	O SENHOR está ali.

A Revelação Progressiva Do Nome

Ficamos sabendo que, no Antigo Testamento, Deus revelou mais a respeito de Si mesmo, à medida em que as necessidades surgiam na vida do homem, e Ele usou nomes para essa auto-revelação. Quando Abraão precisou de um cordeiro para o sacrifício, Deus se revelou como Jeová-jireh, o SENHOR que provê. Quando Israel precisou de libertação, Deus revelou que Seu nome Jeová tinha um significado anteriormente desconhecido, em relação à libertação e salvação (Êxodo 6:3-8). Quando Israel precisou de proteção para as doenças, Deus Se revelou como Jeová-rapha, o SENHOR que cura. Quando Israel precisou vencer seus inimigos, Deus revelou-se como Jeová-nissi, o SENHOR é nossa bandeira, isto é, nossa vitória. Assim, os nomes e os títulos descritos acima, revelam, todos, importantes aspectos da natureza de Deus.

Entretanto, nenhum deles é uma revelação completa da natureza de Deus. Muitos, no Antigo Testamento, compreenderam isso e desejaram saber mais a respeito de Deus e expressaram seu desejo pedindo para conhecer Seu nome. Quando Jacó lutou com o homem, em Peniel (uma manifestação de Deus), ele pediu: "Dize-me, rogo-te, como te chamas?" Deus não lhe revelou Seu nome, mas o abençoou (Gênesis 32:29). Manoá, pai de Sansão, perguntou ao Anjo do SENHOR qual era seu nome e recebeu a seguinte resposta: "Por que perguntas assim pelo meu nome, que é maravilhoso?" (Juízes 13:18). O profeta Agur perguntou a respeito de Deus: "Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho? Se é que sabes?" (Provérbios 30:4). Ele estava olhando para o futuro, tentando saber com que nome Deus se revelaria quando aparecesse como o Filho. Zacarias profetizou que a hora virá quando o SENHOR será o rei sobre toda a terra e que "naquele dia um só será o SENHOR, e um só será o seu nome" (Zacarias 14:9).

O Nome de Jesus

Quando vier a plenitude dos tempos, Deus satisfará os anseios de Seu povo, e revelará a Si próprio em todo Seu poder e glória, pelo nome de Jesus. Jesus é o equivalente Grego para o nome Hebraico Jehoshua (Números 13:16), Jeshua (Esdras 2:2), ou Josué (Êxodo 17:9). Tanto Atos 7:45, como Hebreus 4:8 mostram que Jesus é o mesmo nome que Joshua (Veja NIV.)

Jesus significa Jeová-Salvador, Jeová nossa Salvação, ou, Jeová é Salvação.⁵ Por isso o anjo disse: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mateus 1:21). A identificação do nome Jesus com salvação fica particularmente evidente porque a palavra Grega para Jeshua é praticamente idêntica à Hebraica para salvação, especialmente porque o Hebraico antigo não usava vogais escritas, De fato, a Concordância

Exaustiva, de Strong, traduz Jeshua como Yeshuwa e a palavra Hebraica para salvação, como Yeshuwah. Embora outro tenham recebido o nome de Jehosbua, Joshua, ou Jesus, o Senhor Jesus Cristo o Único que realmente viveu de acordo com esse nome. Ele é Único que é realmente o que o nome descreve.

Jesus é a culminância de todos os nomes de Deus, no Antigo Testamento. Ele é o nome mais alto, o mais exaltado jamais revelado à humanidade (Veja o IV Capítulo para a prova de que Jesus preenche todos os onze nomes compostos de Jeová, antes citados). O nome de Jesus é o nome de Deus que Ele prometeu revelar, quando disse, "Por isso o meu povo saberá o meu nome" (Isaías 52:6). É o único nome de Zacarias 14:9 que encerra e inclui, em seu significado, todo os outros nomes de Deus.

A igreja do Novo Testamento é identificada pelo nome de Jesus. De fato Jesus afirmou que seríamos odiados por todos por causa de Seu nome (Mateus 10:22). A Igreja Primitiva foi perseguida por causa do nome de Jesus (Atos 5:28; 9:21; 15:26), e eles consideravam um privilégio o fato de serem achados dignos de sofrer por causa do Seu nome (Atos 5:41). Pedro afirmou que o coxo junto à porta do templo, chamada Formosa, fora curado "em nome de Jesus Cristo, o Nazareno" (Atos 4:10). Então ele explicou a supremacia e a necessidade desse nome para que recebamos a salvação: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre o homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (Atos 4:12). O apóstolo Paulo escreveu, "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra debaixo da terra" (Filipenses 2:9-10).

Por causa da posição destacada desse nome, somos exortados a confiar no nome de Jesus em tudo o que fazemos ou dizemos: "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus" (Colossenses 3:17). Ensinamos e pregamos em nome de Jesus (Atos 4:17-18; 5:28). Expulsamos demônios, falamos em línguas, recebemos proteção e poder sobrenaturais, e oramos pelos enfermos tudo em nome de Jesus (Marcos 16:17-18; Tiago 5:14). Sinais e maravilhas são operados em nome de Jesus (Atos 4:30). Oramos fazemos pedidos a Deus em nome de Jesus (João 14:13-14; 16:23). Nós nos reunimos em nome de Jesus (Mateus 18:20). Batizamos em nome de Jesus (Atos 2:38).

Isso significa que o nome de Jesus uma espécie de fórmula mágica? Não. Para que o nome de Jesus seja eficiente precisamos ter fé em Seu nome (Atos 3:16). Precisamos ter fé e conhecer aquele que é o Único representado por esse nome (Atos 19:13-17). O nome de Jesus é único porque, como nenhum outro, ele representa a presença de Seu possuidor. Ele representa a presença, o poder e a obra de Deus. Quando falamos em nome de Jesus, com fé, Jesus mesmo se torna realmente presente começa a agir. O poder não vem do modo como o nome soa, mas vem porque a missão do nome, com fé, demonstra obediência à Palavra de Deus e fé na obra de Jesus. Quando chamamos Seu nome, com fé, Jesus manifesta Sua presença, opera Sua obra e vem ao encontro de nossa necessidade.

Pelo nome de Jesus, portanto, Deus revela a Si mesmo, completamente. Vemos, conhecemos, honramos, cremos e recebemos Jesus, na mesma medida em que vemos, conhecemos, honramos, cremos e recebemos Deus o Pai (João 5:23; 8:19; 12:44-45; 13:20; 14:7-9). Se negamos Jesus, negamos o Pai (I João 2:23), mas se usamos o nome de Jesus, glorificamos o Pai (Colossenses 3:17).

A Bíblia profetizou que o Messias iria declarar o nome do SENHOR (Salmos 21:22; Hebreus 2:12). Jesus afirmou que Ele tinha manifestado e declarado o nome do Pai (João 17:6, 26). De fato, Ele herdou Seu nome do Pai (Hebreus 1:4). Como Jesus manifestou e declarou o nome do Pai? Ele o fez revelando o sentido do nome através das obras que realizou, as quais eram obras de Jeová (João 14:10-11). Como Deus, no Antigo Testamento, progressivamente revelou mais a respeito de Sua natureza e de Seu nome, respondendo às necessidades de Seu povo, assim Jesus, no Novo Testamento, revelou completamente o nome e a natureza de Deus através de milagres, curas, expulsando demônios, e perdendo pecados, Jesus declarou o nome do Pai através de Suas obras; por elas provou que Ele era, na verdade, o Pai, o Jeová do Antigo Testamento. (Veja Isaías 35:4-6:

Lucas 7:19-22). Demonstrando o poder de Deus de acordo com as profecias. Ele provou que Jesus era o nome do Pai.

Por que o nome de Jesus é a revelação completa de Deus? Simplesmente porque Jesus é o Jeová, e, em Jesus habita corporalmente toda a plenitude da Divindade, inclusive o papel do Pai (Colossenses 2:9). Ainda estudaremos essa grande verdade no Capítulo IV.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO III

¹ Henry Flanders Jr. E Bruce Cresson, *Introduction to the Bible* (New York: John Wiley & Sons, 1973). pag 61

² Definição e ortografia extraídas de *Strong's Exhaustive Concordance*.

³ Flanders e Cresson, pag. 79.

⁴ Veja, Francis Derk, *The Names of Christ*, 2ª ed. (Mineapolis: Bethany Fellowship, 1969), págs. 152 e 153; *Strong, Exhaustive Concordance*.

⁵ Marvin Vincent, *Word Studies in the New Testament* (1887; rpt, Grand Rapids: Eerdmans, 1975). I, 16: W. E. Wine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell. 1940). Pág. 274.

4

JESUS É DEUS

"Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2:9).

O fato de que Jesus é Deus está tão firmemente estabelecido nas Escrituras quanto o fato de que Deus é único. A Bíblia ensina que Jesus é totalmente Deus e totalmente homem. Neste capítulo estudaremos a primeira afirmativa e a seguinte, estudaremos no V Capítulo.

Nas primeiras divisões, vamos apresentar e discutir as provas que encontramos nas Escrituras, numerando-as para a conveniência do leitor.

O Antigo Testamento Testifica Que Jesus É Deus

1. Isaías 9:6 é uma das mais fortes provas de que Jesus é Deus: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz." Os termos *menino* e *filho* se referem à Encarnação ou manifestação do "Deus Todo-Poderoso" e do "Deus Eterno."

2. Isaías profetizou que o Messias seria chamado de Emanuel, que quer dizer Deus conosco (Isaías 7:14; Mateus 1:22-23).

3. Isaías descreveu o Messias como rebento do trono de Jessé (o pai de Davi) e como renovo das raízes de Jessé (Isaías 11:1, 10; veja também Apocalipse 22:16). No que se refere à carne, Ele era um descendente (rebento do tronco) de Jessé e Davi, mas no que se refere a Seu Espírito Ele era Seu Criador e fonte de vida (raiz). Jesus usou esse conceito para confundir os fariseus, quando citou o Salmo 110:1 e perguntou: "Se Davi, pois lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" (Mateus 22:41-46).

4. Isaías 35:4-6 mostra que Jesus é Deus: "Eis o vosso Deus ... ele vem e vos salvará." Nessa passagem encontramos que quando Deus vier, os olhos dos cegos se abrirão, os ouvidos dos surdos serão desimpedidos, os coxos saltarão e as línguas dos mudos falarão. Jesus aplicou essa passagem das Escrituras a Si próprio (Lucas 7:22) e, naturalmente, em Seu ministério todas essas coisas aconteceram.

5. Isaías 40:3 declara que alguém clamaria no deserto, "Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus." João Batista cumpriu essa profecia quando preparou o caminho para Jesus (Mateus 3:3). Jesus, portanto, é o SENHOR (Jeová) e nosso Deus.

6. Miquéias 5:2 prova que o Messias é Deus, "E tu, Belém Efrata ... de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."

Assim, o Antigo Testamento afirma, claramente, que o Messias e Salvador que estava para vir seria o próprio Deus.

O Novo Testamento Proclama Que Jesus é Deus

1. Tomé confessou que Jesus era Senhor e Deus (João 20:28).
2. De acordo com Atos 20:28, a igreja foi comprada com o próprio sangue de Deus, a saber, o sangue de Jesus.
3. Paulo descreveu Jesus como "nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2:13; a NIV diz, "nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo").
4. Pedro O descreveu como "nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (II Pedro 1:1; as versões NIV e TAB registram, ambas, "nosso Deus e Salvador Jesus Cristo").
5. Nossos corpos são templos de Deus (I Coríntios 3:16-17), e sabemos, ainda, que Jesus habita em nossos corações (Efésios 3:17).
6. A Carta aos Colossenses, enfatiza a divindade de Cristo, "Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2:9; veja também 1:19). De acordo com esses versículos das Escrituras, Jesus não é apenas uma parte de Deus, mas a totalidade de Deus reside nele. Se houvesse várias pessoas na Divindade, de acordo com Colossenses 2:9, todas elas habitariam a forma corpórea de Jesus. Nós nos aperfeiçoamos nele (Colossenses 2:10). O que quer que seja que precisemos de Deus, podemos achar em Jesus Cristo, sozinho. (Para um estudo mais completo de Colossenses 2:9 e outras provas da divindade de Cristo, em Colossenses, veja o IX Capítulo.)

Concluimos que o Novo Testamento testifica a completa divindade de Jesus Cristo.

Deus Se Manifestou Na Carne Como Jesus

A afirmação de que Jesus é Deus, implica, necessariamente, em que Deus assumiu a carne humana. Isso é, na verdade, o que a Bíblia diz.

1. "Aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória" (I Timóteo 3:16; veja o versículo 15 para confirmação de que Deus é o assunto do versículo 16). Deus foi manifestado (feito visível) na carne; Deus foi justificado (manifestado justo) no espírito; Deus foi visto por anjos, Deus foi crido no mundo; e Deus foi recebido na glória. Como e quando tudo isso aconteceu? Em Jesus Cristo.

2. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus ... E o Verbo se fez carne ..." (João 1:1, 14). Literalmente, o Verbo (Deus) foi abrigado, ou habitou como em tenda, na carne. Quando Deus se abrigou ou se vestiu de carne? Em Jesus Cristo. Os dois versículos das Escrituras provam que Jesus é Deus - que Ele é Deus manifestado (revelado, feito conhecido, tornado evidente, exposto, mostrado) em carne.

Deus é Espírito - sem carne e sangue, e invisível ao homem. Para se tornar visível ao homem e para derramar sangue inocente, pelos nossos pecados Ele tinha que se tornar carne. (Para saber mais sobre os propósitos do Filho, veja o V Capítulo.) Jesus não é um outro Deus ou uma parte de Deus, mas Ele é o Deus do Antigo Testamento, encarnado. Ele é o Pai. Ele é Jeová que veio em carne para servir de ponte ao abismo existente entre o homem e Deus, e criado pelo pecado do homem. Ele vestiu a carne como um homem veste um manto.

Muitos versículos das Escrituras declaram que Jesus Cristo é o Deus do Antigo Testamento revestido de carne com o propósito de auto-revelação e reconciliação.

3. "A saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19).

4. "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (João 1:18).
5. "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho ... resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser..." (Hebreus 1:1-3).
6. Jesus é "a imagem do Deus invisível" (Colossenses 1:15; II Coríntios 4:4).
7. Ele é Deus velado em carne (Hebreus 10:20). Como Abraão profetizou, provavelmente sem entender o significado completo de suas próprias palavras: "Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto" (Gênesis 22:8). Deus, realmente, providenciou um corpo para Si mesmo: "Sacrifício e oferta não quiseste, antes corpo me formaste" (Hebreus 10:5).
8. Jesus foi o construtor da casa (Deus o Pai e Criador) e também um filho com maior honra que a casa que estabeleceu (Hebreus 3:3-6).
9. Ele veio para Sua própria criação e para Seu próprio povo escolhido, mas eles não O reconheceram nem O receberam (João 1:10-11).

O Verbo

João 1 ensina, de modo maravilhoso, o conceito de Deus manifestado em carne. No princípio era o Verbo (em Grego, *Logos*). O Verbo não era uma pessoa separada ou um deus à parte, assim como a palavra de um homem não é uma pessoa separada dele. O Verbo era, antes, um pensamento ou um plano, na mente de Deus. Estava com Deus, no começo, e era parte de Deus (João 1:1). A Encarnação existia na mente de Deus, antes do mundo existir. Na verdade, na mente de Deus, o Cordeiro foi sacrificado antes da fundação do mundo (I Pedro 1:19-20; Apocalipse 13:8).

No Grego, *logos* pode significar a expressão ou plano tal como existe na mente do proclamador - como uma peça na cabeça de um autor - ou pode significar o pensamento como enunciado ou talvez fisicamente expresso como uma peça encenada em um palco. João 1 diz que o Verbo existia na mente de Deus desde o começo dos tempos. Quando chegou a hora, Deus pôs Seu plano em ação. Ele pôs carne naquele plano, na forma do homem Jesus Cristo. O Logos é Deus expresso. Como diz John Miller, o Logos é "Deus enunciado a Si mesmo"¹ De fato, a versão TAB traduz a última frase de João 1:1, como, "O Verbo era o próprio Deus". Flanders e Cresson, afirmam, "O Verbo era a intenção de Deus de Se auto-revelar".² Esse pensamento é destacado posteriormente pelo versículo 14, que diz que o Verbo encarnado tinha a glória como do unigênito do Pai, e pelo versículo 18, que afirma que o Filho revelou o Pai.

Na filosofia Grega, o Logos passou a significar razão ou sabedoria, como o princípio controlador do universo. Nos dias de João, alguns filósofos Gregos e teólogos Judeus influenciados pelos Gregos, pensavam (especialmente o pensador Judeu Philo, de Alexandria) no Logos como uma divindade inferior ou secundária, ou o aceitavam como uma emanção de Deus no tempo.³ Algumas heresias cristãs, inclusive uma forma emergente de Gnosticismo estavam já incorporando essas teorias em suas doutrinas, e, portanto, relegando Jesus a um papel inferior. João usou, deliberadamente, a terminologia própria desses pensadores para refutar essas doutrinas e declarar a verdade. O Verbo *não* era inferior a Deus; Ele era Deus (João 1:1). O Verbo *não* emanou de Deus, por um período de tempo; Ele estava com Deus, no começo (João 1:1-2). Jesus Cristo, o Filho de Deus, não era outro senão o Verbo, ou Deus, revelado na carne. Observe, também, que a palavra Grega *pros*, traduzida como "com" em versículo 1, é a mesma palavra traduzida como "referentes a", em Hebreus 2:17 e 5:1. João 1:1 poderia incluir em seus significados, portanto, o seguinte: "O Verbo se referia a Deus e o Verbo era Deus", ou "O Verbo pertencia a Deus e era Deus."

Jesus Era Deus Desde O Princípio De Sua Vida Humana

Deus foi manifestado em carne através de Jesus Cristo, mas a que ponto de Sua Vida, Deus, realmente, habitou o Filho? A Bíblia declara, sem equívoco, que a plenitude de Deus estava em Jesus desde o momento em que Sua vida humana começou.

1. Mateus 1:23 diz, "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)". Ele era "Deus... conosco" desde o Seu nascimento.

2. Os anjos O adoraram em Seu nascimento (Hebreus 1:6), Simeão reconheceu o menino como sendo o Cristo (Lucas 2:26), Ana viu o bebê como o redentor de Israel (Lucas 2:38), e os magos adoraram a criança (Mateus 2:11).

3. Miquéias 5:2 atribuiu divindade ao Messias, em Seu nascimento em Belém, não depois de Sua vida em Nazaré ou Seu batismo no Jordão.

4. Lucas 1:35 explica porque Jesus era Deus desde o princípio de Sua vida humana. O anjo disse a Maria, "Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus." Jesus nasceu de uma virgem, Sua concepção sendo obra do Espírito Santo. Por isso, Ele era o Filho de Deus. Em outras palavras, Jesus é o Filho de Deus porque Deus, e não um homem, foi responsável por Sua concepção. Deus era literalmente, Seu Pai. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito ... " (João 3:16). Gerar significa procriar, ser o genitor ou produzir. Jesus foi gerado por Deus no ventre da virgem Maria.

Isaías 7: 14 também liga a concepção da virgem ao reconhecimento de que o Filho assim nascido seria Deus. Em outras palavras, no momento da concepção, Deus colocou Sua natureza divina na semente da mulher. A criança que nasceria, recebeu de Deus, naquele momento, Sua vida e o lado paterno de sua natureza. Pelo lado da mãe, recebeu a natureza humana de Maria; do lado do pai (Deus, não José), recebeu a natureza de Deus. Jesus ganhou Sua natureza divina através do processo de concepção; Ele não se tornou divino por algum ato posterior de Deus. Seu nascimento de uma virgem, estabelece Sua divindade.

Alguns acreditam que Jesus recebeu a plenitude de Deus algum tempo mais tarde, em Sua vida como, por exemplo, por ocasião de Seu batismo. Entretanto, à luz de Seu nascimento de uma virgem e Lucas 1:35, isso não pode ser. Jesus recebeu Sua natureza de divindade, bem como Sua natureza de humanidade no momento de Sua concepção. A descida do Espírito Santo, em forma de pomba, por ocasião do batismo de Jesus, não foi um batismo do Espírito Santo; Jesus já trazia dentro de Si toda a plenitude de Deus (Colossenses 2:9). Antes, Seu batismo, entre outras coisas, ocorreu como uma unção simbólica para o início de Seu ministério terreno e como confirmação a João Batista, de Sua divindade (João 1 :32-34). (Para saber mais sobre o batismo de Jesus, veja VIII Capítulo.)

O Mistério da Piedade

O fato de Deus ter se tornado carne é uma das coisas mais maravilhosas e incompreensíveis a respeito de Deus. "Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne ..." (I Timóteo 3:16). Jesus é diferente de qualquer outro homem que já existiu, ou que jamais existirá. Ele tem duas naturezas; Ele é completamente Deus e completamente homem. (Veja o V Capítulo.) A maior parte dos problemas na mente das pessoas, relativos à Divindade, decorrem desse grande mistério. Eles não conseguem compreender a dualidade da natureza de Cristo e não podem separar corretamente esses dois papéis. Não compreendem como Deus pode tomar a forma de um bebê e habitar entre os homens.

É verdade que não podemos compreender completamente o milagre da concepção - a união de Deus e o homem - no ventre de Maria, mas podemos aceitá-lo pela fé. De fato, se não acreditamos que Jesus veio em carne, temos um espírito anticristo (II João 7), mas se aceitamos realmente essa doutrina de Cristo, teremos ambos: o Pai e o Filho (II João 9). Ambos, o Pai e o Filho são revelados em Cristo (João 10:30; 14:6-11).

Oa mistério de Deus em carne foi uma grande pedra de tropeço para os Judeus. Eles não podiam, jamais, entender como Jesus, sendo homem, poderia também ser Deus (João 10:33). Porque Ele afirmava ser Deus, eles O rejeitaram e procuraram matá-lo (João 5:18; 10:33).

Mesmo hoje, muitos Judeus não aceitam a Jesus por esse motivo. Durante uma conversa, um rabino Judeu Ortodoxo nos disse que nunca poderia aceitar Jesus como Deus.⁴ Ele sentia que, sendo Deus onipresente, Espírito invisível, Ele nunca poderia ser visto pelo homem e não podia se tornar visível em carne. Como esse rabino, muitos tentam limitar Deus por suas próprias idéias preconceituosas de como Deus poderia, ou não agir. Além disso, não têm um conhecimento completo das Escrituras do Antigo Testamento, que proclamam a divindade do Messias.

Embora seja humanamente difícil compreender como o Deus infinito poderia habitar na carne, ainda assim, é isso que as Escrituras afirmam. Fizemos o rabino se lembrar de como Deus apareceu a Abraão em forma de homem em Gênesis 18. Ele admitiu que era um problema pessoal, mas tentou explicar o fato em termos de antropomorfismo ou linguagem figurativa. Então, nos referimos a outros versículos das Escrituras, como Isaías 7:14, 9:6; Jeremias 23:6, e Miquéias 5:2, para mostrar que o Messias seria Jeová Deus. O rabino não teve resposta a não ser dizer que nossas traduções dessas passagens estavam provavelmente incorretas. Ele prometeu estudá-las melhor.

Jamais houve um mistério quanto às "pessoas", na Divindade. A Bíblia afirma, de modo claro, que há apenas um Deus, e isso pode ser facilmente entendido por todos. O único mistério a respeito da Divindade é como Deus pôde vir em carne, como Jesus pôde nascer tanto Deus quanto homem. Mas a verdade desse mistério tem sido revelada àqueles que crerem. O mistério de Jesus Cristo foi conservado em segredo desde quando o mundo foi fundado, mas foi revelado na era do Novo Testamento (Romanos 16:25-26; Colossenses 1:25-27). Um mistério no Novo Testamento é simplesmente um plano de Deus que não foi compreendido no Antigo Testamento, mas que *tem* se tornado conhecido por nós. Nós podemos "compreender o... mistério de Cristo, o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito" (Efésios 3:4-5).

Podemos conhecer o mistério de Deus e do Pai, que é Cristo (Colossenses 2:2; veja também as versões NIV e TAB). Paulo, de fato, explicou esse mistério dizendo que em Jesus estão todos os tesouros da sabedoria, conhecimento e plenitude de Deus (Colossenses 2:3, 9). O mistério de Deus nos foi revelado pelo Espírito de Deus (I Coríntios 2:7-10). Essa revelação nos chega pela Palavra de Deus, que é iluminada pelo Espírito Santo (I Coríntios 2:7-10). A luz de Cristo, que é a imagem de Deus, brilhou em nossos corações (II Coríntios 4:3-4). Não há, portanto, nenhum mistério bíblico a respeito da Divindade e, certamente, nenhum mistério a respeito do número de pessoas na Divindade. O único mistério é Cristo, e Ele nos foi revelado! O mistério de Deus e o mistério de Cristo convergem na Encarnação. É que, simplesmente, o único Deus de Israel veio à terra em carne. Esse mistério foi revelado e a Palavra de Deus declara que ele se tornou conhecido a nós, hoje.

Jesus É O Pai

Se há somente um Deus, sendo Deus o Pai (Malaquias 2:10), e se Jesus é Deus, então, logicamente, segue-se o fato de que Jesus é o Pai. Para aqueles que, de algum modo, pensam que Jesus possa ser Deus e não ser o Pai, oferecemos provas bíblicas adicionais de que Jesus é o Pai. Elas servirão, também, como maior evidência de que Jesus é Deus. Na verdade, dois versículos das Escrituras são suficientes para comprovar esse ponto.

1. Isaías 9:6 chama o Filho de Pai da eternidade. Jesus é o Filho profetizado e há somente um Pai (Malaquias 2:10; Efésios 4:6), assim, Jesus tem que ser Deus o Pai.

2. Colossenses 2:9 proclama que toda a plenitude da Divindade habita em Jesus. A Divindade inclui o papel do Pai, portanto, o Pai deve habitar em Jesus.

3. Além desses dois versículos, Jesus, Ele mesmo, ensinou que era o Pai. Certa vez, quando Jesus estava falando a respeito do Pai, os fariseus perguntaram: "Onde está teu Pai? Respondeu Jesus: Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim também

conheceríeis a meu Pai" (João 8:19). Jesus continuou dizendo, "Porque se não crerdes que eu sou morrereis nos vossos pecados" (João 8:24).

Em algumas versões aparece "ele" em itálico após "eu sou" fato que indica que "ele" foi acrescentado pelos tradutores, não existindo no original Grego. Jesus estava, na verdade, se identificando com o "EU SOU", de Êxodo 3:14. Os Judeus que não compreenderam o que Ele queria dizer, perguntaram, "Quem és tu?" Jesus respondeu, "Que é que desde o princípio vos tenho dito?" (João 8:25). Entretanto, "Eles, porém, não atinaram que lhes falava do Pai" (João 8:27). Em outras palavras, Jesus tentava dizer-lhes que Ele era o Pai e o EU SOU, e que se eles não O aceitassem como Deus morreriam em seus próprios pecados.

4. Em outro lugar, Jesus disse, "Eu e o Pai somos um" (João 10:30). Alguns tentam dizer que ele era um *com* o Pai, assim como marido e mulher são um, ou como dois homens podem ser um quando concordam. Essa interpretação tenta enfraquecer a afirmativa de Jesus. Mas, outros versículos sustentam, de modo completo, que Jesus não era somente o Filho, em Sua humanidade, mas, também o Pai em Sua divindade.

5. Por exemplo, Jesus afirmou, em João 12:45, "E quem me vê a mim, vê aquele que me enviou." Quer dizer, se uma pessoa vê Jesus no que diz respeito a Sua divindade, vê o Pai.

6. Em João 14:7, Jesus disse a Seus discípulos, "Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto." Ouvindo essa clara declaração, Filipe replicou, "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta" (João 14:8). Em outras palavras ele pediu que Jesus lhes mostrasse o Pai e, então, ficariam satisfeitos. A resposta de Jesus foi, "Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras" (João 14:9-11). Essa declaração vai além de um simples relacionamento harmonioso. Ela pode ser vista como nada menos que a afirmação de Cristo de ser o Pai manifestado em carne. Como muitas pessoas hoje, Filipe não tinha compreendido que o Pai é um Espírito invisível e que o único modo pelo qual uma pessoa poderia O ver, seria através da pessoa de Jesus Cristo.

7. Jesus disse, "O Pai está em mim, e eu estou no Pai" (João 10:38).

8. Jesus prometeu ser o Pai de todos os vencedores (Apocalipse 21:6-7).

9. Em João 14:18 Jesus disse, "Não vos deixarei órfãos voltarei para vós outros." A palavra Grega traduzida por órfãos é *orphanos*, que a Concordância Exhaustiva, de Strong, define como "despojado ('orphans'), isto é, sem pais". Jesus disse, "Não vos deixarei órfãos" (NIV ou TAB) ou "Não vos deixareis sem pai; voltarei para vós". Jesus, falando como o Pai, prometeu que não deixaria Seus discípulos sem pai.

Abaixo se seguem algumas comparações que oferecem prova adicional de que Jesus é o Pai.

10. Jesus profetizou que Ele haveria de ressuscitar Seu próprio corpo da morte, em três dias (João 2:19-21), todavia Pedro pregou que Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos (Atos 2:24).

11. Jesus disse que nos mandaria o Consolador (João 16:7), mas disse, também, que o Pai enviaria o Consolador (João 14:26).

12. O Pai, sozinho, pode trazer homens a Deus (João 6:44), ainda assim, Jesus disse que Ele atrairia todos os homens (João 12:32).

13. No último dia, Jesus ressuscitará a todos os que crerem (João 6:40) embora Deus o Pai vivifique (dê vida) aos mortos e vá nos ressuscitar (Romanos 4:17; I Coríntios 6:14).

14. Jesus prometeu responder às orações daqueles que crêem (João 14:14), mas também disse que o Pai responderia às orações (João 16:23).

15. Cristo é nosso purificador (Efésios 5:26), mas o Pai também nos santifica (Judas 1).

16. I João 3:1, 5 afirma que o Pai nos amou e se manifestou para retirar os nossos pecados, embora saibamos que foi Cristo que se manifestou no mundo para nos livrar dos pecados (João 1:29-31).

Podemos compreender facilmente tudo isso se atentarmos para o fato de que Jesus tem uma dupla natureza. Ele é tanto Espírito como carne, Deus e homem, Pai e Filho. Em seu lado humano Ele é Filho do homem; em seu lado divino é o Filho de Deus e é o Pai habitando em carne. (Para saber mais a respeito do Filho, veja o V Capítulo, e o VI Capítulo para saber mais sobre o Pai, Filho e Espírito.)

Jesus É Jeová

As passagens das Escrituras demonstrando que Jesus é o Pai não enfraquecem nossa prova de que Jesus é o único Deus. Abaixo se seguem doze versículos das Escrituras provando especificamente que Jesus é Jeová - o único Deus do Antigo Testamento.

1. Isaías 40:3 profetizou que uma voz clamaria no deserto. "Preparai o caminho do SENHOR" (Jeová); Mateus 3:3, diz que João Batista é o cumprimento dessa profecia. Sabemos, naturalmente, que João preparou o caminho do Senhor Jesus Cristo. Uma vez que o nome Jeová era o nome sagrado para o único Deus, a Bíblia não o aplicaria a nenhum outro que não o santo de Israel; aqui ele se refere a Jesus.

2. Malaquias 3:1 afirma, "De repente virá ao seu templo o SENHOR, a quem vós buscais, o Anjo da aliança." Isso foi cumprido por Jesus, seja significando o Templo, literalmente, seja significando o templo do corpo de Jesus (João 2:21).

3. Jeremias 23:5-6 fala de um Renovo justo de Davi - uma clara referência ao Messias - e o chama de o "SENHOR justiça Nossa." (Veja também Jeremias 33:15-16.) Em outras palavras, Jesus é "Jeová Justiça Nossa."

4. Falando de Jeová, Isaías diz, "Pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação" (Isaías 59:16). e "e o seu braço dominará" (Isaías 40:10). Isaías 53:1-2 descreve o Messias como a revelação do braço do SENHOR. Portanto, Jesus, o Salvador, não é nenhum outro Deus, mas uma extensão de Jeová em carne humana, para trazer salvação ao mundo.

5. Isaías profetizou que a glória do SENHOR seria revelada a toda a carne (Isaías 40:5). Tendo Jeová dito que não daria Sua glória a nenhum outro (Isaías 42:8; 48:11), sabemos que Ele poderia cumprir essa profecia apenas através da revelação de Si mesmo. De fato, no Novo Testamento, encontramos que Jesus tinha a glória do Pai (João 1:14; 17:5). Ele é o Senhor da glória (I Coríntios 2:8). Quando Jesus vier novamente Ele virá na glória do Pai (Mateus 16:27; Marcos 8:38). Se Jesus tem a glória de Jeová, Ele tem que ser Jeová.

6. Jeová disse, "Por isso o meu povo saberá o meu nome; portanto naquele dia saberá que eu ou quem fala: "Eis-me aqui" (Isaías 52:6). Ainda assim sabemos que Jesus é o Único que revelou o Pai, manifestou o nome do Pai, e tornou conhecido o nome do Pai (João 1:18; 17:6; 17:26). Jesus declarou o nome do SENHOR (Salmo 22:22; Hebreus 2:12). Portanto, Ele tem que ser Jeová.

7. O SENHOR disse, "Diante de mim se dobrará todo joelho e jurará toda língua" (Isaías 45:23). Paulo citou esse versículo das Escrituras para provar que todos permanecerão diante do trono de julgamento de Cristo (Romanos 14:10-11). Paulo escreveu, também, "Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho" (Filipenses 2:10).

8. Zacarias oferece prova convincente de que Jesus é Jeová. Na passagem começando com Zacarias 11:4, 12, "Assim diz o SENHOR meu Deus ... Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata." Em Zacarias 12:10, Jeová afirmou "Olharão para mim, a quem traspassaram." Naturalmente foi Jesus que foi vendido por trinta moedas de prata e que foi traspassado (Mateus 26:14-16; João 19:34). Zacarias 12:8, com referência ao Messias, diz, "A casa de Davi será como Deus." Zacarias escreveu, também, "Então virá o SENHOR meu Deus, e todos os santos com ele," e O descreve batalhando contra muitas nações e diz que naquele dia seus pés estarão sobre O Monte das Oliveiras (Zacarias 14:3-5). Sabemos que Jesus é aquele que virá de volta ao Monte das Oliveiras, como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para lutar contra as nações (Atos 1:9-12; I Timóteo 6:14-16; Apocalipse 19:11-16).

9. Quando Paulo, Judeu instruído, Fariseu dos Fariseus, perseguidor fanático do Cristianismo foi atingido, na estrada de Damasco, por um clarão, enviado por Deus, que o deixou cego, perguntou, "Quem és tu, Senhor?" Como Judeu ele sabia que havia apenas um Deus e Senhor e estava perguntando. "Quem és tu, Jeová?" O Senhor respondeu, "Eu sou Jesus" (Atos 9:5).

10. Embora Moisés tratasse com Jeová Deus, Hebreus 11:26 diz que Moisés considerou o opróbrio de Cristo como maiores riquezas que os tesouros do Egito. O Deus de Moisés, portanto, era Jesus Cristo.

11. O Salmo 68:18 descreve uma cena na qual Jeová sobe às alturas levando cativo o cativo. Ora, sabemos que Jesus ascendeu às alturas e levou cativo o cativo. De fato Efésios 4:7-10, aplica essa profecia a Jesus.

12. Apocalipse 22:6, diz, "O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo" a João, mas o versículo 16, diz, "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas cousas."

Há, ainda, muitas outras passagens das Escrituras identificando Jesus com o único Jeová Deus. Abaixo encontramos uma lista de versículos que lado a lado descrevem Jeová de determinadas maneiras e Jesus da mesma maneira. Assim todos esses versículos das Escrituras provam que Jesus é Jeová.

Jesus É Jeová (I)

Jeová		Jesus	
Título	Escritura	Título	Escritura
1. Todo-Poderoso	Gênesis 17:1	Todo-Poderoso	Apocalipse 1:8
2. EU SOU	Êxodo 3:14-16	Eu sou	João 8:58
3. Rocha	Salmo 18:2; 28:1	Pedra	I Coríntios 10:4
4. Salvação	Salmo 18:2	Salvação	Lucas 1:69
5. Pastor	Salmo 23:1	Bom pastor	João 10: 11
	Isaías 40:10-11	Pastor	Hebreus 13:20
		Supremo Pastor	I Pedro 5:4
6. Rei da glória	Salmo 24:7-10	Senhor da Glória	I Coríntios 2:8
7. Luz	Salmo 27:1;	Luz	João 1:4-9
	Isaías 60:19		João 8:12
		Lâmpada	Apocalipse 21:23
8. Salvação	Salmo 27:1;	Única Salvação	Atos 4:10-12
	Isaías 12:2		
9. SENHOR dos senhores	Salmo 136:3	SENHOR dos senhores	Apocalipse 19: 16
10. Santo de Israel	Isaías 12:6	Santo	Atos 2:27
11. Legislador	Isaías 33:22	Testador do Primeiro Testamento (a Lei)	Hebreus 9:14-17
12. Juiz	Isaías 33:22	Juiz	Miquéias 5:1;
			Atos 10:42
13. Primeiro e o Último	Isaías 41:4;	Alfa e Ômega	Apocalipse 1:8;
	44:6; 48:12	Primeiro e Último, Princípio e Fim	22:13
14. Único Salvador	Isaías 43:11;	Salvador	Tito 2:13; 3:6
	45:21; 60:16		

15. Aquele que dá a água espiritual	Isaías 44:3; 55:1	Aquele que dá a água viva	João 4:10-14; 7:38-39
16. Rei de Israel	Isaías 44:6	Rei de Israel	João 1:49;
17. Único Criador	Isaías 44:24 45:8; 48:13	Rei dos reis Criador de Tudo	Apocalipse 19:16 João 1:3; Colossenses 1:16; Hebreus 1:10
18. Deus Justo	Isaías 45:21	Justo	Atos 7:52
19. Redentor	Isaías 54:5; 60:16	Redentor	Gálatas 3:13; Apocalipse 5:9

Jesus é Jeová (II)

Nome	Jesus é Nosso:	Escritura
1. Jeová-Jireh (provedor)	Provedor (do sacrifício)	Hebreus 10:10-12
2. Jeová-rapha (Aquele que cura)	Médico	Tiago 5:14-15
3. Jeová-Nissi (bandeira. vitória)	Vitória	I Coríntios 15:57
4. Jeová-m'Kaddesh (santificador)	Santificador	Efésios 5:26
5. Jeová-Shalom (paz)	Paz	João 14:27
6. Jeová-Sabaoth (Senhor dos Exércitos)	Senhor dos Exércitos	Tiago 5:4-7
7. Jeová-Elyon (Altíssimo)	Altíssimo	Lucas 1:32, 76-78
8. Jeová-Raah (pastor)	Pastor	João 10:11
9. Jeová-Hoseenu (aquele que nos fez)	Aquele que nos fez	João 1:3
10. Jeová-Tsidkenu (justiça)	Justiça	I Coríntios 1:30
11. Jeová-Shammah (sempre conosco)	Aquele que está conosco sempre	Mateus 28:20

As listas acima não estão completas, mas são mais que suficientes para provar que Jesus é Jeová. Há apenas um Jeová (Deuteronômio 6:4), e isso significa, portanto, que Jesus é o único Deus do Antigo Testamento.

Os Judeus Entenderam Que Jesus Afirmava Ser Deus

Os Judeus não compreenderam como Deus pôde vir em carne. Eles não entenderam Jesus, quando, em uma ocasião, Ele lhes disse que era o Pai (João 8:19-27). Entretanto, em várias outras ocasiões realmente compreenderam Sua afirmativa de que era Deus. Certa vez, quando Jesus curou um homem no Sábado e creditou a obra a Seu Pai, os Judeus tentaram matá-lo, não apenas porque Ele tinha violado o sábado, mas porque dissera que Deus era Seu Pai, fazendo-se a Si mesmo igual a Deus (João 5:17-18). Uma outra vez, Jesus disse que Abraão regozijou-se ao ver o Seu dia. Quando os Judeus lhe perguntaram como poderia ser isso, Jesus respondeu: "Antes que Abraão existisse, eu sou." Os Judeus, imediatamente, reconheceram que Ele afirmava ser o EU SOU - nome pelo qual Jeová tinha se identificado em Êxodo 3:14 - então procuraram apedrejá-lo e matá-lo, por causa da blasfêmia (João 8:56-59).

Quando Jesus disse: "Eu e o Pai somos um", os Judeus pegaram em pedras para lhe atirar, por causa da blasfêmia; porque sendo homem Se fazia Deus, o Pai (João 10:30-33). Eles tentaram matá-lo quando Ele disse que o Pai estava nele, novamente porque Ele estava afirmando ser o Pai (João 10:38-39).

Quando Jesus perdoou um paralítico de seus pecados, os Judeus pensaram que Ele tinha blasfemado porque sabiam que apenas Deus pode perdoar pecados (Isaías 43:25). Jesus, sabendo de seus pensamentos curou o homem, mostrando, desse modo, Seu poder divino e provando Sua divindade (Lucas 5:20-26). Os Judeus estavam certos ao acreditar na existência de um só Deus, ao acreditar que apenas Deus perdoa os pecados, e ao compreender que Jesus estava afirmando ser o único Deus (o Pai e Jeová). Eles erraram apenas ao se recusarem a crer naquilo que Jesus afirmava.

É espantoso como algumas pessoas, hoje em dia, não apenas rejeitam a afirmativa do Senhor a respeito de Sua verdadeira identidade, como também deixam de compreender o que Ele realmente afirmou. Até mesmo os Judeus, contrários a Jesus, compreenderam que Ele, afirmava ser Deus, o Pai, e Jeová, mas alguns, hoje, não conseguem ver o que as Escrituras declaram claramente.

Jesus É O Único No Trono

Há um só trono nos céus e apenas Um, sentado no trono. João descreve isso em Apocalipse 4:2: "Imediatamente eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e no trono alguém sentado." Sem dúvida, esse alguém é Deus, porque os vinte e quatro anciãos, ao redor do trono, se dirigem a Ele, dizendo: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir" (Apocalipse 4:8). Quando comparamos essa passagem a Apocalipse 1:5-18, descobrimos uma notável semelhança entre a descrição de Jesus e do Único, sentado no trono. "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso" (Apocalipse 1:8). Os versículos 5-7 deixam claro que Jesus é Aquele de quem se fala no versículo 8. Mais ainda, Jesus é, sem dúvida; o assunto de Apocalipse 1:11-18. No versículo 11, Jesus identifica a Si mesmo como o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último. Nos versículos 17-18 Jesus disse, "Eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno." Desde o primeiro capítulo do Apocalipse, portanto, encontramos que Jesus é o Senhor, o Todo-Poderoso, e Aquele que é, era e há de vir. Uma vez que os mesmos termos descritivos se aplicam a Jesus e ao Único sentado no trono, fica claro que o Único, no trono, não é outro senão Jesus Cristo.

Há ainda maior fundamento para essa conclusão. Apocalipse 4:11, nos diz que o Único no trono é o Criador, e sabemos que Jesus é o Criador (João 1:3; Colossenses 1:16). Além disso, o Único no trono é merecedor de glória, honra e poder (Apocalipse 4:11), e lemos que o Cordeiro que foi sacrificado (Jesus) merece receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor (Apocalipse 5:12). Apocalipse 20:11-12, nos diz que o Único no trono é o Juiz, e sabemos que Jesus é o Juiz de todos (João 5:22, 27; Romanos 2:16; 14:10-11). Concluimos que Jesus é Aquele que está no trono, em Apocalipse 4.

Apocalipse 22:3-4, fala do trono de Deus e do Cordeiro. Esses versículos falam de um trono, uma face, e um nome. Portanto, Deus e o Cordeiro devem ser o Único Ser que tem uma face e um nome, e que está sentado no trono. A única pessoa que é tanto Deus quanto o Cordeiro é Jesus Cristo. (Para estudo sobre o Ancião de Dias, em Daniel 7, veja o VII Capítulo. Para maior esclarecimento a respeito do Cordeiro, em Apocalipse 5, veja o IX Capítulo.) Resumindo, O Livro do Apocalipse nos fala que, quando chegarmos ao céu, veremos Jesus sozinho no trono. Jesus é a única manifestação visível de Deus, que veremos nos céus.

A Revelação de Jesus Cristo

O Livro do Apocalipse contém muitas outras afirmações valiosas a respeito da divindade de Jesus. O propósito de Deus, ao fazer com que João escrevesse o livro, era revelar ou desvendar Jesus Cristo, não apenas revelar os acontecimentos futuros. De fato, os escritos de João dão grande

ênfase à unicidade de Deus, à divindade de Cristo e à dualidade da natureza de Cristo. João escreveu o Evangelho de João para que pudéssemos crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (João 20:31). Aceitar Jesus como o Filho de Deus significa aceitá-lo como Deus, porque o título "Filho de Deus" significa, simplesmente, Deus manifestado em carne (veja o V Capítulo). João identificou Jesus como Deus, o Verbo, o Pai, e Jeová (o Eu Sou). Todos os escritos de João elevam a divindade de Jesus; o Livro do Apocalipse não é exceção.

Apocalipse 1:1 nos diz que o livro é a revelação de Jesus Cristo. A palavra Grega para revelação é *apokalupsis*, de onde tem origem a palavra *apocalipse*. Ela significa, literalmente, desvendar ou descobrir. O livro é, com certeza, uma profecia das coisas por vir, mas uma das principais razões dessa profecia é revelar Cristo - mostrar quem Ele é, realmente. O estudante zeloso da Bíblia, deve procurar compreender o que está profetizado no livro; mas, mais importante, ele deverá buscar compreender a razão dessas profecias. Deverá entender a revelação de Jesus Cristo nesses eventos futuros.

O Livro do Apocalipse apresenta Jesus tanto em Sua humanidade quanto em Sua divindade. Ele é o Cordeiro sacrificado por causa de nossos pecados, mas Ele é, também, o Deus Todo-Poderoso, assentado no trono. Abaixo temos uma lista de algumas das maneiras pelas quais o livro apresenta Cristo.

Jesus No Livro Do Apocalipse

Titulo	112Comentário	Escritura do Apocalipse
1. fiel Testemunha	Profeta e Apostolo	1:5
2. Primogênito dos mortos		1:5
3. Soberano dos reis		1:5
4. Alfa e Ômega		1:8, 11; 21:6; 22:13
5. Princípio e Fim		1:8; 21:6; 22:13
6. Aquele que é, que era e que há de vir	O mesmo que Ancião de Dias, em Daniel 7:9	1:8; 4:8
7. O Todo-Poderoso		1:8; 4:8
8. Filho do homem		1:13
9. O primeiro e o último	Humanidade Criador de Davi Sacrifício pelos pecados	1:17; 22:13
10. Aquele que vive, esteve morto está vivo pelos séculos dos séculos		1:18
11. Possuidor dos sete espíritos		3:1; 5:6
12. Único no trono		4:2
13. Deus		4:8; 21:7
14. Criador		4:11
15. Leão da tribo de Judá		5:5
16. Raiz de Davi		5:5; 22:16
17. Cordeiro		5:6
18. Redentor		5:9
19. Fiel		19:11
20. Verdadeiro		19:11
21. O Verbo de Deus		19:13
22. Rei dos reis		19:16
23. Senhor dos senhores		19:16
24. Geração de Davi	Humanidade	22:16
25. Brilhante Estrela da manhã		22:16

Cada um desses títulos e papéis é uma revelação maravilhosa de Jesus. Juntos eles representam um retrato daquele que veio em carne, morreu e ressuscitou, mas, também, o Único que vive pelos séculos dos séculos, o Senhor Deus Todo-Poderoso.

O último capítulo do Apocalipse descreve Deus e o Cordeiro no singular (Apocalipse 22:3-4) e identifica o Senhor Deus dos santos profetas como Jesus (Apocalipse 22:6, 16). Essas referências nos dizem que Jesus é o Deus da eternidade e que Ele aparecerá com Seu corpo humano glorificado (o Cordeiro) por toda a eternidade. A glória de Deus será a luz da Nova Jerusalém brilhando através do corpo glorificado de Jesus (Apocalipse 21:23). Os capítulos finais do Livro do Apocalipse descrevem como Deus revelará (desvendará) a Si mesmo em toda a Sua glória para todos eternamente. Eles nos contam que Jesus é o Deus eterno e que Jesus Se revelará como Deus, pelos séculos dos séculos. O livro é, portanto, a revelação de Jesus Cristo.

Jesus Tem Todos os Atributos E Prerrogativas de Deus

Se mais alguma prova for necessária para demonstrar que Jesus é Deus, podemos comparar os atributos de Jesus com os atributos de Deus. Agindo assim, descobriremos que Jesus possui todos os atributos e prerrogativas de Deus, particularmente aqueles que podem pertencer apenas a Deus. Em Sua humanidade, Jesus é visível, confinado a um corpo físico, fraco, imperfeito em poder, etc. Em Sua natureza divina, entretanto, Jesus é Espírito; pois Romanos 8:9 fala do Espírito de Cristo. Em Sua divindade, Jesus era e é onipresente. Em João 3:13, por exemplo, Jesus se referiu ao "Filho do homem (que está no céu)", embora Ele ainda estivesse na terra. Sua onipresença explica porque Ele podia dizer, ainda na terra, usando o tempo presente do verbo; "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18:20). Em outras palavras, enquanto a plenitude do caráter de Deus estava localizado no corpo humano de Jesus, o Espírito onipresente de Jesus, não podia estar assim confinado. Enquanto Jesus caminhava pela terra, como homem, Seu espírito estava em todos os lugares, ao mesmo tempo.

Jesus é, também, onisciente. Ele podia ler pensamentos (Marcos 2:6-12). Ele conhecia Natanael antes de encontrá-lo (João 1:47-50). Ele sabia todas as coisas (João 21:17), e, toda a sabedoria e o conhecimento estavam nEle (Colossenses 2:3).

Jesus é onipotente; Ele tem toda a autoridade, é o cabeça de todo principado e potestade e é o Todo-Poderoso (Mateus 28:18; Colossenses 2:10; Apocalipse 1:8).

Jesus é imutável e invariável (Hebreus 13:8). Ele é, também, eterno e imortal (Hebreus 1:8-12; Apocalipse 1:8, 18).

Somente Deus deveria receber adoração (Êxodo 20:1-5; 34:14), ainda assim, Jesus recebeu adoração em muitas ocasiões e será adorado por toda a criação (Lucas 24:52; Filipenses 2:10; Hebreus 1:6). Somente Deus pode perdoar pecados (Isaías 43:25), mas Jesus tem poder para perdoar pecados (Marcos 2:5). Deus recebe os espíritos dos homens (Eclesiastes 12:7), mas Jesus recebeu o espírito de Estêvão (Atos 7:59). Deus é o edificador dos céus (Hebreus 11:10), também Jesus é o edificador dos céus (João 14:3). Portanto, vemos que Jesus tem todos os atributos e prerrogativas que pertencem apenas a Deus.

Além disso, Jesus demonstra todas as outras características que Deus possui. Por exemplo, enquanto na terra, Jesus demonstrava emoções piedosas, como alegria, compaixão e tristeza (Lucas 10:21; Marcos 6:34; João 11:35). A Bíblia testifica também, que Ele tem os atributos morais de Deus. Abaixo encontramos uma lista de alguns atributos morais de Jesus correspondentes àqueles de Deus.

Jesus Tem A Natureza Moral de Deus

1.	amor	Efésios 5:25
2.	luz	João 1:3-9
3.	santidade	Lucas 1:35
4.	misericórdia	Hebreus 2:17

5.	mansidão	II Coríntios 10:1
6.	retidão	II Timóteo 4:8
7.	bondade	Mateus 19:16
8.	perfeição	Efésios 4:13
9.	justiça	Atos 3:14
10.	fidelidade	Apocalipse 19:11
11.	verdade	João 14:6
12.	graça	João 1:16-17

Conclusão

Jesus é tudo que a Bíblia descreve que Deus é. Ele tem todos os atributos, prerrogativas e características do próprio Deus. Para colocar de modo bem simples: tudo que Deus é, Jesus é, também. Jesus é o único Deus. Não há melhor modo de sintetizar tudo do que dizer com o inspirado Apóstolo Paulo, "Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Também nele estais aperfeiçoados" (Colossenses 2:9-10).

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO IV

¹ John Miller, *Is God a Trinity?* (1912; rpt Hazelwood, MO.: Word Aflame Press, 1975), pag. 85.

² Flanders e Cresson, pag. 511.

³ Otto Heick, *A History of Christian Thought* (Philadelphia: Fortress Press, 1965) I, 31-32. 59-63.

⁴ Novembro, 1980, Jerusalém, Israel.

5

O FILHO DE DEUS

"Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4:4).

O IV Capítulo afirmou que Jesus é Deus. Neste V Capítulo vamos estudar o outro lado da dual natureza de Cristo - Sua humanidade - e o conceito bíblico do Filho de Deus.

O Significado de *Jesus* e *Cristo*

Antes de chegarmos ao ponto central deste capítulo, vamos explicar brevemente o significado das duas palavras, *Jesus* e *Cristo*. Jesus é a versão Grega da palavra Hebraica *Jehoshua*, que significa Jeová-Salvador ou Jeová é a Salvação. É o nome escolhido por Deus para Seu Filho - o nome através do qual Deus revelou a Si mesmo, no Novo Testamento. É o nome que o Filho recebeu por herança (Hebreus 1:4). *Cristo* é o equivalente Grego para a palavras Hebraica *Messias*; ambas as palavras significam "o ungido." Especificamente falando, *Cristo* é um título, não um nome. Entretanto, nas Epístolas e no uso comum, hoje em dia, *Cristo* é usado muitas vezes, como simplesmente um outro nome para Jesus, uma vez que Jesus é o cristo. Em muitos casos, Jesus e Cristo são apenas dois nomes usados 'indiferentemente para se referir à mesma pessoa, sem distinção intencional de significado.

A Dualidade da Natureza de Cristo

Na Bíblia, vemos que Jesus Cristo tinha duas natureza distintas, de um modo como nenhum outro ser humano jamais teve. Uma natureza é humana ou carnal; a outra é divina ou Espírito. Jesus era completamente homem e completamente Deus. O nome *Jesus* se refere ao eterno Espírito de Deus (o Pai) habitando na carne. Podemos usar o nome *Jesus* para descrever uma de Suas duas natureza, ou ambas. Por exemplo, quando dizemos que Jesus morreu na cruz, queremos dizer que Sua carne morreu na cruz. Quando dizemos que Jesus vive em nossos corações, queremos dizer que Seu espírito mora lá.

Abaixo encontramos um quadro comparativo que ilustra o que queremos dizer quando afirmamos que Jesus tem duas naturezas, ou uma dupla natureza.

A Dualidade da Natureza de Jesus Cristo

Como homem, Jesus:

1. Nasceu como um bebê (Lucas 2:7)
2. Cresceu mental, física, espiritual e socialmente (Lucas 2:52)
3. Foi tentado pelo diabo (Lucas 4:2)
4. Teve fome (Mateus 4:2)
5. Teve sede (João 19:28)
6. Cansou-se (João 4:6)
7. Dormiu durante a tempestade (Marcos 4:38)
8. Orou (Lucas 22:41)
9. Foi açoitado e batido (João 19:1-3)
10. Morreu (Marcos 15:37)
11. Foi o sacrifício pelos pecados (Hebreus 10:10-12)
12. Não sabia todas as coisas (Marcos 13:32)
13. Não tinha autoridade (João 5:30)
14. Era inferior a Deus (João 14:28)
15. Era um servo (Filipenses 2:7, 8)

Mas como Deus, Ele:

- Existiu desde a eternidade (Miquéias 5:2; João 1:1-2)
- Nunca muda (Hebreus 13:8)
- Expulsou demônios (Mateus 12:28)
- Era o Pão da Vida (João 6:35) e alimentou milagrosamente multidões (Marcos 6:38-44, 52)
- Deu a água viva (João 4:14)
- Deu descanso (Mateus 11:28)
- Acalmou a tempestade (Marcos 4:39-41)
- Respondeu às orações (João 14:14)
- Curou enfermos (Mateus 8:16-17; I Pedro 2:24)
- Ressuscitou Seu próprio corpo de entre os mortos (João 2:19-21; 20:9)
- Perdoou pecados (Marcos 2:5-7)
- Sabia todas as coisas (João 21:17)
- Tinha toda a autoridade (Mateus 28:18; Colossenses 2:10)
- Era igual a Deus - era Deus (João 5:18)
- Era Rei dos reis (Apocalipse 19:16)

Podemos resolver a maior parte das questões a respeito da Divindade se compreendermos apropriadamente a dualidade da natureza de Jesus. Quando lemos uma afirmativa a respeito de Jesus, devemos determinar se ela descreve Jesus como homem ou como Deus. Além disso, sempre que Jesus fala, nas Escrituras, devemos determinar se Ele está falando como homem ou como Deus. Sempre que vemos uma descrição das duas naturezas, com respeito a Jesus, não devemos pensar em duas pessoas na Divindade, ou em dois Deuses, mas devemos pensar em Espírito e carne.

Às vezes, é fácil ficar confundido quando a Bíblia descreve Jesus nesses dois diferentes papéis, especialmente quando ela O descreve atuando em ambos os papéis, na mesma história. Por exemplo, Ele podia dormir, num momento, e acalmar a tempestade no minuto seguinte. Ele podia falar como homem, num momento, e, então como Deus no momento seguinte. Entretanto, precisamos nos lembrar, sempre, que Jesus é totalmente Deus e não, apenas, um homem ungido. Ao mesmo tempo, Ele era completamente homem, não tinha apenas a aparência de um homem. Ele tinha uma dupla natureza, como nenhum de nós tem, e não podemos comparar adequadamente nossa existência ou experiência com a dele. O que poderia parecer estranho ou impossível se aplicado a meros seres humanos, se torna compreensível quando visto no contexto do Único que é tanto Deus completamente quanto completamente homem, ao mesmo tempo.

Doutrinas Históricas A Respeito Do Cristo

Através de toda a história da igreja, a dualidade da natureza de Cristo, tem sido vista de muitas maneiras diferentes. Vamos estudar esses variados pontos de vista, de modo breve e geral.

Para referência e estudo posterior incluímos entre parênteses, vários nomes históricos associados a essas crenças. Para conhecer mais a respeito desses termos e doutrinas procure qualquer boa obra a respeito da história do dogma, especialmente a história do trinitarianismo e da ciência cristã.

Alguns acreditam que Jesus foi apenas um homem grandemente ungido e usado pelo Espírito (Ebionismo; veja também Unitarismo). Esse ponto de vista errôneo ignora completamente a natureza de Seu Espírito. Outros, têm afirmado que Jesus era apenas um ser espiritual (Docetismo, uma doutrina do Gnosticismo). Esse modo de pensar ignora Sua natureza humana. João escreveu que aqueles que negam que Jesus Cristo veio na carne não são de Deus, mas têm o espírito do anticristo (I João 4:2-3).

Há muitas crenças erradas mesmo entre aqueles que acreditam na dupla natureza de Jesus Cristo. Alguns tentam fazer distinção entre Jesus e Cristo dizendo que Cristo era um ser divino que habitou temporariamente em Jesus a partir do Seu batismo, mas se apartando do homem Jesus por ocasião de Sua morte (Cerintianismo - doutrina do Gnosticismo). De modo semelhante, alguns dizem que Jesus era um homem que se tornou Deus apenas a partir de determinado ponto de Sua vida adulta - por exemplo, no batismo - como resultado de um ato de adoção por parte de Deus (Monarquianismo Dinâmico, Adocionismo). Em outras palavras, esses pontos de vista afirmam que Jesus era humano e que foi, eventualmente, deificado. Outros vêem Jesus como uma divindade criada, uma divindade como o Pai, mas inferior ao Pai, um semideus (Arianismo). Outros, ainda, acreditam que Jesus tem a mesma essência do Pai, embora não seja o Pai, mas subordinado ao Pai em divindade (Subordinacionismo).

Refutamos essas falsas doutrinas no IV Capítulo, usando referências das Escrituras. Lá observamos que Jesus é totalmente Deus (como demonstra Colossenses 2:9) e que Jesus era completamente Deus desde o começo de Sua existência humana (como fica demonstrado por Seu nascimento de uma virgem, em Lucas 1:35).

O Espírito inspira João e Paulo a refutarem muitas dessas doutrinas errôneas, particularmente as crenças gnósticas de Cristo era apenas um ser espiritual e de que Cristo era um ser inferior ao Deus supremo. Entre outras coisas, os gnósticos criam que toda matéria era má. Portanto, eles raciocinavam, Cristo, como um espírito divino, não poderia ter um corpo humano real. Sustentando que o Deus supremo era tão transcendental e santo que não poderia manter contato direto com o mundo depravado da matéria, eles ensinavam que de Deus partia uma série de emanções, uma das quais o ser espiritual Cristo, que veio a este mundo. O livro de Colossenses refuta essas doutrinas e estabelece que Jesus é o Deus Todo-Poderoso encarnado.

Apesar de a Bíblia ser clara ao enfatizar tanto a completa divindade quanto a completa humanidade de Jesus, ela não descreve em por menores como essas duas naturezas estão unidas na pessoa única de Jesus Cristo. Isso, também, tem sido objeto de muita especulação e debate. Talvez haja espaço para pontos de vista diferentes a esse respeito, uma vez que a Bíblia não se ocupa dele diretamente. Na verdade, se há algum mistério a respeito da Divindade, este será determinar precisamente como Deus Se manifestou em carne (veja I Timóteo 3:16). O estudo da natureza ou naturezas de Cristo é chamado de Cristologia.

Uma maneira de se explicar o humano e o divino em Cristo é dizer que Ele era Deus vivendo em uma habitação humana. Em outras palavras, Ele tinha duas naturezas unificadas, não em substância, mas unicamente em propósito ação e aparência (Nestorianismo). Esse ponto de vista implica na afirmação de que Cristo está dividido em duas pessoas, e que a pessoa humana poderia ter existido na ausência da divina. O Conselho de Éfeso, em 431 A.D., condenou o ponto de vista de estório, como heresia¹

Muitos teólogos no entanto, inclusive Martinho Lutero, têm ensinado que Nestório, o principal expoente dessa doutrina, não acreditava numa separação tão drástica, mas que seus oponentes distorceram e deturpam suas opiniões. Aparentemente, ele negou que dividisse Cristo em duas pessoas. O conceito principal expresso por Nestório, era o seguinte: ele pretendia diferenciar as duas naturezas de Cristo, a fim de que ninguém pudesse chamar Maria de mãe de Deus, como era prática comum naqueles dias.

Um outro ponto de vista, dentro da Cristologia afirma que os aspectos humano e divino de Cristo eram tão intermeadas que havia apenas uma natureza dominante e esta era divina (Monofisismo). Uma crença semelhante é a que afirma que Jesus não tinha duas vontades, mas apenas uma vontade divino-humana (Monotelismo). Outros acreditam que Jesus tinha uma natureza humana incompleta (Apolinarianismo); isto é, Jesus tinha um corpo humano e alma, mas, em vez de um espírito humano, Ele tinha apenas o Espírito de Deus habitando nele. Outros modos de manifestar, essa crença afirmam que Jesus era um corpo humano animado apenas pelo Espírito de Deus, ou que Jesus não tinha mente humana mas, apenas, a mente divina (o Logos).

De um lado temos um ponto de vista que enfatiza a separação entre as duas naturezas de Cristo. De outra lado, temos várias opiniões que descrevem uma natureza divina, totalmente dominante, uma natureza totalmente unificada, ou uma natureza humana incompleta.

Jesus Tinha Uma Natureza Humana Completa, Mas Sem Pecados

A verdade pode estar entre esses vários pontos de vista expressos pelos teólogos. O ensinamento das Escrituras é que Jesus tinha uma natureza humana completa e, ao mesmo tempo, uma natureza divina completa, mas não podemos separar essas duas naturezas em Sua vida terrena. É evidente que Jesus tinha vontade, mente, espírito, alma e corpo humanos, mas é igualmente evidente que ele tinha a plenitude da Divindade residindo naquele corpo. De nosso ponto de vista finito, Seu espírito humano e Seu Espírito divino eram inseparáveis.

O Espírito divino poderia ser separado do corpo humano, pela morte, mas Sua humanidade era mais que um corpo humano - um invólucro humano - com Deus dentro. Ele era humano em corpo, alma e espírito, com a plenitude do Espírito de Deus habitando naquele corpo, alma e espírito. Jesus diferia de um outro ser humano comum (que pode estar pleno do Espírito de Deus) no fato de que Ele tinha toda a natureza de Deus dentro dele. Ele possuía o poder ilimitado, a autoridade e o caráter. Além disso, em contraste com alguém nascido de novo, e pleno do Espírito, o Espírito de Deus estava inextricável e inseparavelmente ligado à humanidade de Jesus. Sem o Espírito de Deus teria existido apenas um ser humano inanimado, sem vida, que não teria sido Jesus Cristo. Somente nesses termos podemos descrever e distinguir as duas naturezas de Jesus; sabemos que Ele agia e falava em um papel, ou outro, mas sabemos, também, que as duas naturezas não estavam realmente separadas nele. Com nossas mentes limitadas podemos fazer apenas uma distinção, não uma separação das duas naturezas que se fundiam, perfeitamente, nele.

Embora Jesus tivesse uma natureza humana completa, Ele não tinha a natureza pecadora da humanidade decaída. Se Ele tivesse tido uma natureza pecadora, Ele teria pecado. Sabemos, no entanto, que Ele não teve nem uma natureza pecadora nem cometeu pecado. Ele era sem pecado, Ele não pecou, e o pecado não estava nele (Hebreus 4:15; I Pedro 2:22; I João 3:5). Não tendo pai humano Ele não herdou a natureza pecaminosa de Adão. Em vez disso, Ele veio como o segundo Adão, com natureza inocente como a de Adão antes do pecado (Romanos 5:12-21; I Coríntios 15:45-49). Jesus tinha uma natureza humana completa, mas sem pecado.

A Bíblia afirma que Jesus tinha vontade humana e vontade divina. Ele orou ao Pai, dizendo, "Não se faça a minha vontade, e, sim a tua" (Lucas 22:42). João 6:38 mostra a existência de duas vontades: Ele veio não para fazer Sua própria vontade (vontade humana), mas para fazer a vontade do Pai (a vontade divina).

Que Jesus tinha um espírito humano parece evidente, quando Ele falou, na cruz, "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lucas 23:46). Embora seja difícil distinguir entre as naturezas humana e divina de Seu espírito, algumas referências aparentemente enfocam o aspecto humano. Por exemplo, "Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido" (Marcos 8:12). "crescia o menino... enchendo-se de sabedoria" (Lucas 2:40), "exultou Jesus no Espírito Santo" (Lucas 10:21). "agitou-s no espírito" (João 11:33) e "angustiou-se Jesus em espírito" (João 13:21) .

Jesus tinha alma, porque Ele disse, "A minha alma está profundamente triste até à morte" (Mateus 26:38; veja Marcos 14:34) e "Agora está angustiada a minha alma" (João 12:27). Após Sua morte, Sua alma visitou o inferno (do Grego *hades*-sepultura ou lugar das almas que partiram) como

aconteciam com todas as almas do Calvário (Atos 2:27-31); mas Ele venceu o inferno (outra vez, *hades*) e a morte (Apocalipse 1:18).

A alma de Jesus tinha que estar inseparavelmente ligada ao Espírito divino de Jesus. De outro modo, Jesus teria vivido como homem, mesmo com o Espírito eterno afastado dele. Isso não aconteceu, nem podia ter acontecido, tendo em vista que Jesus é Deus tornado conhecido na carne. Sabemos que Jesus, como Deus, nunca muda (Hebreus 13:8).

Se não aceitarmos o fato de que Jesus era completamente humano então as passagens das Escrituras referentes à Sua tentação perdem o sentido (Mateus 4:1-11; Hebreus 2:16-18; 4:14-16). Assim também a descrição de Sua luta e agonia no Getsemani (Lucas 22:39-44). Duas passagens em Hebreus destacam o fato de que se Jesus foi tentado como somos, Ele se qualifica como nosso Sumo Sacerdote, nos entende perfeitamente, e nos ajuda em nossas enfermidades: "Convinha que em todas as cousas, se tornasse semelhante aos irmãos" (Hebreus 2:17); "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado (Hebreus 4:15). Hebreus 5:7-8 diz, "Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas cousas que sofreu." Esses versículos não apresentam o retrato de alguém que não tenha sido afetado pela emoções, temores e dúvidas. Descrevem, antes, alguém sofrendo essas fraquezas humanas; Ele teve que superar a vontade humana e se submeter ao Espírito eterno.

A humanidade de Cristo orou, chorou, aprendeu a obedecer e sofreu. A natureza divina estava no controle e Deus era fiel a Seu próprio plano, mas a natureza humana tinha que buscar auxílio no Espírito e, aprender a obedecer ao plano divino. Todos esses versículos das Escrituras, com certeza, mostram que Jesus era completamente humano - que Ele tinha todos os atributos da humanidade exceto a natureza pecadora herdada por ocasião da queda. Se negarmos a humanidade de Jesus, entraremos em choque com o conceito de redenção e expiação. Não sendo completamente humano, poderia Seu sacrifício ser suficiente para redimir a humanidade? Poderia Ele nos servir de verdadeiro substituto na morte? Poderia Ele, realmente, se qualificar como nosso redentor?

Jesus Podia Pecar?

A afirmação de que Jesus era perfeito em humanidade, nos leva a questão: Jesus podia pecar? Essa é, realmente, uma pergunta abstrata e enganosa, pois sabemos que Jesus não pecou (Hebreus 4:15). A resposta é mais acadêmica que prática, mais especulativo que consistente. Em Sua humanidade, Jesus foi tentado por Satanás e lutou contra Sua própria vontade, no Getsemani. Embora não tivesse nossa natureza depravada - Ele tinha a mesma natureza inocente e sem pecado de Adão, originalmente - Ele tinha a mesma capacidade de ir contra a vontade de Deus, como a tinham Adão e Eva.

A parte divina de Jesus, certamente, não podia pecar e nem mesmo ser tentada a pecar (Tiago 1:13). A parte humana de Jesus, quando vista sozinha, tinha, teoricamente, capacidade de pecar. Mas isso é apenas teórico, não real. Vista sozinha, parece que a humanidade de Cristo tinha capacidade para optar pelo pecado. Entretanto, Sua natureza humana estava sempre voluntariamente submissa à natureza divina, a qual não poderia pecar. Assim, de modo prático, Jesus Cristo - visto como a combinação de humanidade e divindade que Ele era - não podia pecar. O Espírito estava sempre no controle e a humanidade controlada pelo Espírito não comete pecado. (Veja I João 3:9, para uma analogia.)

O que teria acontecido se a humanidade de Jesus tivesse se rebelado contra a liderança divina? Essa é outra questão totalmente teórica, porque tal coisa não aconteceu e, na prática, não pode acontecer. Essa questão não leva em conta a presciência e o poder de Deus. Ainda assim, se alguém insiste em obter uma resposta, podemos dizer que se a humanidade de Jesus tivesse tentado pecar (uma suposição tola), o Espírito divino de Jesus teria se separado imediatamente do corpo humano, deixando-o sem vida. Esse corpo inanimado não seria Jesus Cristo, portanto, tecnicamente, Cristo não poderia ter pecado, embora o plano de Deus tivesse sido temporariamente frustrado.

Uma vez que Jesus não poderia ter pecado, isso significa que as tentações foram sem valor? Não. Sendo Jesus, também, completamente humano ele era realmente capaz de sentir a força e a atração da tentação. Ele venceu a tentação, não como o próprio Deus, mas como um ser humano com todo o poder de Deus à Sua disposição. Ele sabe, agora, por experiência, o que sentimos quando somos tentados. Naturalmente, Ele sabia que seria vitorioso pelo Espírito, mas nós podemos ter a mesma segurança, poder e vitória, confiando no mesmo Espírito que estava em Cristo.

Então, por que Satanás tentou Jesus? Aparentemente, ele não sabia que Jesus seria vitorioso, inevitavelmente e não compreendeu, naquela hora, todo o mistério do Deus encarnado. Se tivesse compreendido, jamais teria incitado o povo à crucificação. Talvez ele pensasse ter destruído o plano de Deus, com a crucificação, mas, em vez disso ele realmente o cumpriu. É, também, provável que o Espírito de Deus tenha permitido que Satanás tentasse Jesus para que Jesus pudesse sentir a tentação, como nós a sentimos. Foi-nos dito que o Espírito levou Jesus ao deserto para que fosse tentado (Mateus 4:1; Lucas 4:1).

Vamos apresentar algumas considerações a esse respeito para aqueles que entendem que nossa posição deprecia, de algum modo, a realidade das tentações de Cristo. Sabemos que Jesus não tinha uma natureza pecaminosa. Sabemos que Ele não tinha a inclinação e a compulsão para pecar que temos por causa de nossa natureza decaída. Ainda assim, esses fatos não desmerecem a realidade daquilo que Ele experimentou. Ele vivenciou a mesma luta que temos vivenciado. Do mesmo modo, o fato de que, como Deus Jesus não poderia ter pecado não tira o mérito da realidade de Suas tentações. Ele sentiu as mesmas lutas e provas que nós sentimos. Por outro lado, se dissermos que Jesus podia pecar estamos desmerecendo Sua divindade absoluta, porque estaremos indicando que, de alguma maneira, Deus existe separado de Jesus e vice-versa.

Concluimos que a natureza humana de Jesus podia ser, e foi, tentada. Uma vez que a divina natureza estava no controle, entretanto, Jesus não podia pecar e nem pecou. Se Jesus tivesse uma natureza humana incompleta, a realidade e, o significado das tentações e da agonia no Getsemani seriam reduzidos. Acreditamos que Ele tinha, realmente, uma natureza humana completa. Ele experimentou exatamente aquilo que o homem experimenta quando é tentado e luta contra a tentação. O fato de Jesus saber que venceria pelo Espírito, não diminui o valor da realidade das tentações.

A questão toda, sobre se Jesus poderia ou não pecar, é abstrata como já observamos antes. Ela se esgota na afirmativa de que a natureza humana de Jesus era como a nossa em todos os pontos, exceto quanto ao assunto do pecado original. Ele foi tentado em tudo, como nós, e, ainda assim, o Espírito de Deus, esteve sempre controlando tudo. O fato mais relevante para nós, é que Ele foi tentado, e, mesmo assim, não pecou.

O Filho Na Terminologia Bíblica

Devemos considerar a dualidade da natureza de Cristo enquadrada na estrutura da terminologia bíblica. O termo *Pai* se refere a Deus mesmo - Deus em toda a Sua divindade. Quando falamos do eterno Espírito de Deus, queremos falar de Deus mesmo, o Pai. Deus Pai, portanto é um termo bíblico perfeitamente aceitável para se usar para Deus (Tito 1:4). A Bíblia, no entanto, não usa nem uma só vez o termo "Deus Filho". Não é um termo correto porque Filho de Deus se refere à humanidade de Jesus Cristo. A Bíblia define o Filho de Deus como a criança nascida de Maria, não como o eterno Espírito de Deus (Lucas 1:35). Filho de Deus pode se referir apenas à natureza humana ou pode se referir ao Deus manifestado em carne - o que significa divindade na natureza humana.

Filho de Deus nunca significa o incorpóreo Espírito, sozinho, entretanto. Não podemos, jamais, usar o termo "Filho", corretamente, separado da humanidade de Jesus Cristo. Os termos "Filho de Deus", "Filho do homem" e "Filho", são apropriados e Bíblicos. No entanto, o termo "Deus Filho" não é apropriado porque, iguala o Filho com a divindade única, e está, portanto, em desacordo com as Escrituras.

O Filho de Deus não é uma pessoa separada na Divindade, mas é a expressão física do único Deus. O Filho é a "imagem do Deus invisível" (Colossenses 1:13-15) e a "expressão exata do seu Ser (Deus)" (Hebreus 1:2-3). Como um carimbo deixa no papel uma assinatura exatamente igual, ou como um sinete marca o lacre com a impressão exata, quando pressionado contra a cera, assim o Filho de Deus é a expressão exata do Espírito de Deus, na carne. O homem não podia ver o Deus invisível, assim Deus fez uma semelhança exata de Si mesmo na carne, imprimiu Sua verdadeira natureza na carne veio Ele mesmo na carne, para que o homem pudesse vê-lo e conhecê-lo.

Muitos outros versículos das Escrituras revelam que podemos usar o termo "Filho de Deus", corretamente, apenas quando ele inclui a humanidade de Jesus. Por exemplo, o Filho nasceu de uma mulher (Gálatas 4:4), o Filho era unigênito (João 3:16) o Filho nasceu (Mateus 1:21-23; Lucas 1:35), o Filho não sabia quando aconteceria a Segunda Vinda (Marcos 13:32), o Filho não podia fazer nada de Si mesmo (João 5:19), o Filho comia e bebia (Mateus 11:19), o Filho sofreu (Mateus 27:12), uma pessoa pode blasfemar contra o Filho e ser perdoada, mas não contra o Espírito (Lucas 12:10), o Filho foi crucificado (João 3:14; 12:30-34) e o Filho morreu (Mateus 27:40-54; Romanos 5:10). A morte de Jesus é um exemplo particularmente bom. Seu Espírito divino não morreu, mas Seu corpo humano morreu. Não podemos dizer que Deus morreu, portanto, não podemos dizer que "Deus Filho" morreu. Por outro lado, podemos dizer que o Filho de Deus morreu, porque Filho se refere à humanidade.

Como ficou afirmado acima, "Filho" nem sempre se refere apenas à humanidade, mas à divindade e humanidade juntas, como, existem na única pessoa de Cristo. Por exemplo, o Filho tem poder para perdoar pecados (Mateus 9:6), o Filho estava no céu e na terra, ao mesmo tempo (João 3:13), o Filho subiu ao céu (João 6:62), e o Filho vai voltar, em glória, para julgar e governar (Mateus 25:31).

Uma observação deve ser acrescentada à nossa discussão a respeito da expressão "Deus Filho". Em João 1:18 a versão King James usa a frase, "o Filho unigênito" e a Versão RS diz "o único Filho", Entretanto, a NIV diz "Deus o único Filho, e a TAB "o único Filho, o unigênito Deus." Essas duas últimas versões são baseadas em variadas leituras de alguns textos Gregos. Não acreditamos que estejam corretas. Se pudéssemos justificar o uso da expressão "Deus Filho", de algum modo, seria para destacar, como temos feito, que "Filho de Deus", pode significar não apenas a humanidade de Jesus, mas, também, a divindade enquanto habitando à humanidade. Entretanto, João 1:18 usa *Filho* para se referir à humanidade, porque ele diz que o Pai (a divindade de Jesus) é revelado pelo Filho. Esse versículo das Escrituras não significa que Deus é revelado por Deus, mas que Deus é revelado na carne através da humanidade do Filho.

Filho de Deus

Qual é o significado do título "Filho de Deus"? Ele enfatiza a natureza divina de Jesus e o fato de ter nascido de uma virgem. Ele é o Filho de Deus porque Ele foi concebido pelo Espírito de Deus, o que tornou Deus, literalmente, Seu pai (Lucas 1:35). Quando Pedro confessou que Jesus era "o Cristo, o Filho do Deus vivo", reconheceu o papel messiânico e a divindade de Jesus (Mateus 16:16). Os Judeus compreenderam o que Jesus queria dizer quando chamava a Si próprio de Filho de Deus e quando chamava Deus Seu Pai, porque tentaram matá-lo por afirmar ser Deus (João 5:18; 10:33). Resumindo: o título "Filho de Deus" reconhece a humanidade e chama a atenção para a divindade de Jesus. Ele significa que *Deus* manifestou a Si mesmo na carne.

Devemos notar que os anjos são chamados filhos de Deus (Jó 38:7) porque Deus os criou diretamente. Do mesmo modo, Adão era o filho de Deus pela criação (Lucas 3:38). Os santos (membros da igreja de Deus) também são filhos de Deus, porque Ele nos adotou em Seu parentesco (Romanos 8:14-19), somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, tendo todos os direitos legais de filiação. Jesus, entretanto, é o Filho de Deus, num sentido em que nenhum outro ser o é ou pode ser, porque Jesus é o *unigênito* Filho de Deus (João 3:16). Ele é o Único jamais concebido ou gerado pelo Espírito de Deus. Assim, Sua Filiação única atesta Sua divindade,

Filho do Homem

O termo "Filho do homem" chama a atenção primeiramente para a humanidade de Jesus; ele faz alusão ao fato de que Ele é o rebento da humanidade. O Antigo Testamento usa essa expressão, muitas vezes para se referir à humanidade. Os seguintes versículos das Escrituras, por exemplo, o usam para significar a humanidade em geral, ou qualquer homem, sem identificação específica: Salmos 8:4; 146:3; Isaías 51:12; Jeremias 49:18. (O Salmos 8:4 tem um significado subjacente que se refere profeticamente ao Messias, como é mostrado em Hebreus 2:6-7.) O termo "filho do homem" se refere, também, muitas vezes, a um homem específico, especialmente em Ezequiel, onde ele designa o profeta (Ezequiel 2:1, 3, 6, 8; Daniel 8:17). Em alguns versículos das Escrituras ele indica um homem a quem Deus deu soberania e poder (Salmos 80:17; Daniel 7:13). Esse último significado aparece freqüentemente na literatura apocalíptica Judaica do período intertestamental.²

Jesus usou o termo "Filho do homem" referindo-se a Si mesmo, muitas vezes. Na maior parte das ocasiões, Ele o usou como sinônimo de "Eu" ou como um título, dando ênfase à Sua humanidade. Em alguns exemplos, a expressão implica não apenas o simples fato de Sua humanidade, bem como o poder e a autoridade outorgadas ao Filho pelo eterno Espírito de Deus (Mateus 24:30; 25:31). Para resumir, Jesus adotou o título, com suas conotações de poder e de soberano do mundo, mas aplicou-o a Si mesmo em todas as situações. O título serve para nos lembrar que Jesus era, realmente, um homem.

O Verbo

No IV Capítulo estudamos o conceito do Verbo. Vamos, no entanto, olhar novamente para esse termo, a fim de distingui-lo, no uso; do termo *Filho*. O Verbo ou Logos pode significar o plano ou pensamento, como ele existia na mente de Deus. Esse pensamento era um plano predestinado -, um acontecimento futuro absolutamente certo - e, portanto, tinha uma realidade ligada a ele que nenhum pensamento humano poderia jamais possuir. O Verbo pode, também, significar o plano ou pensamento de Deus enquanto expresso na carne, quer dizer, no Filho. Qual é a diferença, portanto, entre os dois termos, *Verbo* e *Filho*? O Verbo tinha preexistência e o Verbo era Deus (o Pai), assim, podemos usá-lo sem nos referirmos à humanidade. Entretanto, o Filho se refere sempre à Encarnação e não podemos usá-lo na ausência do elemento humano. Exceto como um plano preestabelecido na mente de Deus, o Filho não tinha preexistência antes da concepção no ventre de Maria. O Filho de Deus preexistia em pensamento, mas não em substância. A Bíblia chama de Verbo, esse plano preestabelecido (João 1:1, 14).

Filho Unigênito Ou Filho Eterno?

João 3:16 chama Jesus de Filho unigênito de Deus. Muitas pessoas, entretanto, usam a expressão "Filho eterno". Esta expressão é correta? Não. A Bíblia não a usa nunca e ela expressa um conceito desmentido pelas Escrituras. A palavra *gênito* vem do verbo *gerar*, que significa "procriar, dar-existência, ser o pai". Desse modo, *gênito*, indica um momento definido no tempo - o instante quando a concepção se deu. Por definição, o genitor (pai) sempre existe antes do gerado (rebento). Deve haver um tempo quando o genitor existe e o gerado ainda não tenha existência, e deve haver um instante no tempo quando o ato de geração ocorre. De outro modo a palavra *unigênito* não tem sentido. Assim, as próprias palavras *gênito* e *Filho* contradizem, cada uma, a palavra eterno quando aplicada ao Filho de Deus.

Já discutimos que "Filho de Deus", se refere à humanidade de Jesus. Está claro que a humanidade de Jesus não é eterna, mas nasceu em Belém. Só podemos falar de eternidade - passado, presente e futuro - com referência a Deus. Uma vez que "Filho de Deus" se refere à humanidade ou divindade enquanto manifestada em carne, a idéia de um Filho eterno se torna incompreensível. O Filho de Deus teve um começo.

O Começo Do Filho

A Filiação - ou o papel de Filho - começou com a concepção da criança no ventre de Maria. As Escrituras deixam isso completamente claro. Gálatas 4:4 diz, "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei." O Filho veio na plenitude do tempo - não na eternidade passada. O Filho foi nascido de mulher - não gerado eternamente. O Filho foi nascido sob a lei - não antes da lei. (Veja, também, Hebreus 7:28.) O termo unigênito se refere à concepção de Jesus, descrita em Mateus 1:18-20 e Lucas 1:35. O Filho de Deus foi gerado quando o Espírito Santo, miraculosamente, fez com que acontecesse a concepção no ventre de Maria. Isso fica evidente no próprio significado da palavra *unigênito* e, também, do relato de Lucas 1:35, que explica que, porque o Espírito Santo envolveria Maria com Sua sombra, *por isso*, sua criança seria o Filho de Deus. Devemos observar o tempo futuro do verbo nessa frase: "o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus."

Hebreus 1:5-6 revela também que a geração do Filho ocorreu, em um determinado instante do tempo e que o Filho teve um começo no tempo: "Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem." Desses versículos, podemos concluir o seguinte: O Filho foi gerado em um determinado dia, no tempo; houve um tempo quando o Filho não existia; Deus profetizou a respeito da futura existência do Filho ("será"); e Deus trouxe o Filho ao mundo algum tempo após a criação dos anjos.

Outros versículos das Escrituras enfatizam o fato de que o Filho foi gerado num determinado dia do tempo – "eu hoje te gerei" (Salmos 2:7; Atos 13:33). Todos os versículos do Antigo Testamento que mencionam o Filho são claramente proféticos, prevendo o dia quando o Filho de Deus seria gerado (Salmos 2:7, 12; Isaías 7:14; 9:6). (Como estudamos no II Capítulo, Daniel 3:25 se refere a um anjo. Mesmo se de fato descrevesse uma teofania de Deus, não poderia significar o então inexistente corpo de Jesus Cristo.)

A partir desses versículos, fica fácil ver que o Filho não é eterno, mas foi gerado por Deus há quase 2000 anos atrás. Muitos teólogos que não têm aceitado completamente a grande verdade da unicidade de Deus, têm ainda, rejeitado a doutrina do "Filho eterno", como auto contraditória, em desacordo com as Escrituras e falsa. São exemplos: Tertuliano (pai da doutrina do trinitarianismo, na história da igreja primitiva), Adam Clarke (o conhecido comentarista bíblico), e Finis Dake (anotador da Bíblia Pentecostal, que é essencialmente triteístico).

O Término Da Filiação

A Filiação não apenas teve um começo, mas terá, em pelo menos um sentido, um fim. Isso se torna evidente a partir de I Coríntios 15:23-28. Em particular o versículo 24, que diz, "E Então virá o fim, quando ele (Cristo) entregar o reino ao Deus e Pai ..." O versículo 28 diz, "Quando, porém, todas as cousas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as cousas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos." Esse versículo das Escrituras se torna inexplicável se pensarmos em um "Deus Filho" co-igual e co-eterno com Deus Pai. Mas ele se torna facilmente explicável se nos dermos conta de que "Filho de Deus" se refere a um papel específico que Deus assumiu temporariamente com o propósito de redenção. Quando as razões da Filiação deixarem de existir Deus (Jesus) deixará de assumir Seu papel de Filho e a Filiação será, outra vez, absorvida pela grandeza de Deus, que retornará a Seu papel original como Pai, Criador e Soberano de tudo. Efésios 5:27 descreve essa mesma cena em termos diferentes: "Para a apresentar a si mesmo (Cristo) igreja gloriosa..." Jesus apresentará a igreja a Si mesmo! Como pode ser isso à luz de I Coríntios 15:24, que descreve o Filho apresentando o reino ao Pai? A resposta é clara: Jesus, em Seu papel de Filho, e como seu ato final como Filho, apresentará a igreja a Si mesmo em Seu papel de Deus Pai.

Encontramos, ainda, outra indicação de que as Filiação terá um fim. Em Atos 2:34-35, Pedro citou Davi no Salmos 110:1: "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que

eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés." Devemos notar a palavra até. Essa passagem descreve a natureza dual de Cristo; com o Espírito de Deus (o SENHOR) falando profeticamente à manifestação humana de Cristo (o Senhor). A mão direita de Deus representa o poder e a autoridade de Deus. Fazer dos inimigos estrado para os pés significa derrotar completamente o inimigo e tornar bem clara essa derrota. Nos tempos antigos, o vitorioso, muitas vezes, fazia isso literalmente, pisando sobre a cabeça ou pescoço de seus inimigos (Josué 10:24). Portanto, a profecia do Salmo 110 é a seguinte: O Espírito de Deus dará poder e autoridade ao homem Cristo Jesus, o Filho de Deus, até que o Filho tenha conquistado completamente os inimigos, o pecado e o mal. O Filho terá poder até que faça isso. O que acontece depois disso? Isso significa que uma pessoa eterna da trindade deixará de estar assentada à direita de Deus e perderá todo o poder? Não. Isso significa simplesmente que o papel do Filho como soberano cessará. Deus usará Seu papel como Filho - Deus manifesto em carne - para vencer Satanás, cumprindo assim, Gênesis 3:15 onde Deus afirmou que a semente da mulher esmagaria a cabeça do mal. Depois disso, Deus não precisará mais do papel humano para governar.

Depois que Satanás for lançado no lago de fogo, e todo o pecado for Julgado no último juízo (Apocalipse 20), não mais será necessário que o Filho use o trono do poder. Jesus Cristo deixará de atuar em Sua Filiação e será Deus para sempre.

Isso significa que Deus deixará de usar o corpo ressurrecto e glorificado de Cristo? Acreditamos que Jesus continuará a usar Seu corpo glorificado por toda a eternidade. Isso está indicado em Apocalipse 22:3-4, que descreve um Deus visível mesmo após o último dos juízos e após a criação do novo céu e da nova terra: "Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e nas suas fronteiras está o nome dele." Jesus é o sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque (Hebreus 7:21), mesmo que Ele deixe de atuar em Seu papel de sacerdote, após o último julgamento. O corpo humano glorificado do Senhor é imortal, assim como serão imortais os nossos corpos (I João 3:2; I Coríntios 15:50-54). Embora o corpo glorificado de Cristo continue a existir, todas as razões para o reinado da Filiação terão deixado de existir e todos os papéis atuados pelo Filho estarão cumpridos. Mesmo o Filho será colocado sob sujeição para que Deus possa ser tudo em todos. É nesse sentido que a Filiação deixará de existir.

Os Propósitos Do Filho

Sendo o papel de Filho de Deus temporário, não eterno, por que escolheu Deus manifestar-se através do Filho? Por que Ele gerou o Filho? O propósito primário do Filho é ser nosso Salvador. A obra da salvação exigia muitos papéis que só um ser humano poderia cumprir, incluindo os papéis de sacrifício, propiciação, substituto, parente-resgatador, reconciliador, mediador, advogado, sumo sacerdote, segundo Adão e exemplo. Esses termos se sobrepõem de muitas maneiras, mas cada um representa um aspecto importante da obra de salvação que, de acordo com o plano de Deus, poderia ser cumprida apenas por um ser humano.

De acordo com o plano de Deus, era necessário que o sangue fosse derramado para remissão dos pecados do homem (Hebreus 9:22). O sangue de animais não removeria o pecado do homem porque os animais são inferiores ao homem (Hebreus 10:4). Nenhum ser humano poderia resgatar o pecado de outro ser humano, porque todos pecaram e todos trouxeram para si mesmo a penalidade da morte (Romanos 3:23; 6:23). Apenas Deus era sem pecado, mas Ele não tinha carne e sangue. Assim, Deus preparou um corpo para Si mesmo (Hebreus 10:5), para que Ele pudesse viver uma vida sem pecado na carne, e pudesse derramar sangue inocente para salvar a humanidade. Ele se tornou carne e sangue para poder, através da morte, vencer o mal e libertar a humanidade (Hebreus 2:14-15). Desse modo, Cristo é nossa propiciação - o modo pelo qual obtemos perdão, a satisfação da justiça de Deus, o apaziguamento da santa ira de Deus (Romanos 3:25). O sacrifício de Cristo é o meio pelo qual Deus perdoa nossos pecados sem comprometer Sua justiça. Somos salvos, hoje, pelo sacrifício de Jesus Cristo - pela oferta do Filho de Deus (Hebreus 10:20; João 3:16). Assim, o Filho é o sacrifício e a propiciação pelos nossos pecados.

Quando o Filho de Deus se tornou um sacrifício, Ele se tornou, também, um nosso substituto. Ele morreu em nosso lugar, levou sobre Si os nossos pecados, e pagou a pena pelos nossos pecados (Isaías 53:5-6; I Pedro 2:24). Ele foi mais que um mártir; Ele realmente tomou o nosso lugar. Ele provou a morte por todos os homens (Hebreus 2:9). Naturalmente, a única maneira pela qual Jesus poderia ser nosso substituto e morrer em nosso lugar, seria através de Sua vinda em carne.

O papel de Cristo como nosso parente-resgatador se torna possível através da Filiação. No Antigo Testamento, se um homem vendesse sua propriedade, ou se vendesse como escravo, um parente próximo tinha o direito de comprar de volta a propriedade daquele homem, ou de comprar sua liberdade, em seu lugar (Levítico 25:25, 47-49). Vindo em carne Jesus se tornou nosso irmão (Hebreus 2:11-12). Assim, Ele qualificou-se a Si mesmo como nosso parente-resgatador. A Bíblia o descreve como nosso redentor (Romanos 3:24; Apocalipse 5:9).

Por Sua humanidade, Jesus Cristo é capaz de mediar, quer dizer, ficar entre o homem e Deus, e representar o homem diante de Deus. Como mediador, Jesus reconcilia o homem com Deus. Ele traz o homem de volta à comunhão com Deus (II Coríntios 5:18-19). O abismo existente entre o Deus santo e o homem pecador encontrou uma ponte no homem sem pecado, Jesus Cristo: "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (I Timóteo 2:5). Devemos observar com que cuidado Paulo manteve a unicidade de Deus, nesse versículo. Não há distinção em Deus, mas uma distinção entre Deus e o homem Jesus Cristo. *Não* há duas personalidades em Deus; a dualidade existe em Jesus como Deus e em Jesus como homem. Não é Deus o intermediário entre Deus e o homem; nem é "Deus Filho". É, antes, o *homem* Jesus que é o mediador; somente um homem sem pecado poderá se aproximar de um Deus santo, em favor da humanidade.

Estreitamente ligado com o papel de Cristo como mediador está Seu papel de sumo sacerdote (Hebreus 2:16-18; 4:14-16). Em Sua humanidade Jesus foi tentado como nós somos; é por causa de Sua experiência humana que Ele pode nos ajudar como um sumo sacerdote cheio de compaixão. Ele penetrou o tabernáculo celestial, esteve atrás do véu, dentro do mais santo dos lugares, e lá ofereceu Seu próprio sangue (Hebreus 6:19; 9:11-12). Através de Seu sacrifício e morte, nós temos acesso direto ao trono de Deus (Hebreus 4:16; 6:20). O Filho é nosso sumo sacerdote, através de quem podemos nos chegar, corajosamente, diante de Deus.

Do mesmo modo, a Filiação permite que Cristo seja nosso advogado, alguém chamado para nos ajudar (I João 2:1). Se pecarmos, mesmo após a conversão, temos alguém que pedirá misericórdia, por nós, diante de Deus. É, mais uma vez, o papel do Filho que consegue isso, porque, quando confessamos os nossos pecados o sangue de Cristo é aplicado sobre esses pecados tomando possível Sua defesa, em nosso favor.

Através de Sua humanidade, Jesus é o segundo Adão (I Coríntios 15:45-47). Ele veio para conquistar e condenar o pecado *na carne*, e para vencer a própria morte (Romanos 8:3; I Coríntios 15:55-57). Ele veio como homem para que pudesse recolocar Adão como representante da raça humana. Agindo assim, Ele anulou todas as conseqüências da queda de Adão, para todos aqueles que crêem nEle (Romanos 5:12-21). Tudo aquilo que a humanidade perdeu por causa do pecado de Adão, Jesus conquistou de volta, como o segundo Adão, o novo representante da raça humana.

Há um outro aspecto da vitória de Cristo sobre o pecado na carne. Jesus não apenas veio na carne para morrer, mas, também, para nos dar o exemplo de uma vida vitoriosa, para que pudéssemos seguir Seus passos (I Pedro 2:21). Ele nos mostrou como viver de modo a vencer o pecado na carne. Ele se tornou o verbo de Deus interpretado em carne (João 1:1). Ele se tornou o Verbo vivo para que pudéssemos compreender claramente como Deus queria que fôssemos. Naturalmente, Ele nos dá poder para seguir Seu exemplo. Assim como somos reconciliados pela Sua morte, somos salvos por Sua vida (Romanos 5:10). Seu Espírito nos dá poder para viver a vida justa que Ele quer que vivamos (Atos 1:8; Romanos 8:4). O Filho não apenas apresenta o homem a Deus, como Ele, também, apresenta Deus ao homem. Ele é um apóstolo, alguém escolhido por Deus e enviado por Deus com um propósito específico (Hebreus 3:1). Ele é um profeta, apresentando Deus ao homem e revelando a Palavra de Deus ao homem (Atos 3:20-23; Hebreus

1:1-2). Sua humanidade é crucial e esse respeito, porque Deus usou a humanidade do Filho para alcançar o homem, no nível do homem.

Além de proclamar a Palavra de Deus, o Filho revelou ao homem a natureza de Deus. Através do Filho, Deus comunicou Seu grande amor pelo homem e demonstrou Seu grande poder, de um modo que o homem pode entender. Como foi explicado nos Capítulos II e III, Deus usou o nome de Jesus como a revelação culminante de Sua natureza e a pessoa de Jesus como a culminação profética das Teofanias do Antigo Testamento. Esse propósito da Filiação se expressa em muitos versículos das Escrituras que ensinam a manifestação de Deus na carne. João 1:18 descreve esse propósito do Filho: "Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou." Isaías profetizou que essa revelação aconteceria: "A glória do SENHOR se manifestará, e toda carne a verá" (Isaías 40:5). Paulo escreveu, que isso, realmente, aconteceu em Cristo: "Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz - ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (II Coríntios 4:6). Em outras palavras, o Filho de Deus se tornou o meio pelo qual o Deus invisível e incompreensível Se revelou ao homem.

Um outro propósito do Filho é providenciar o cumprimento de muitas promessas do Antigo Testamento, feitas a Abraão, Isaque, Jacó, à nação de Israel e a Davi. Jesus Cristo cumprirá as promessas relativas aos descendentes desses homens, e Ele fará isso durante o reino do milênio na terra (Apocalipse 20:4). Ele será, literalmente, o rei de Israel e de toda a terra (Zacarias 14:16-17; João 1:49). Deus prometeu a Davi que Sua casa e trono seriam estabelecidos para sempre (II Samuel 7:16). Jesus cumprirá isso, literalmente, em Si mesmo, sendo da verdadeira linhagem de Davi, através de Maria (Lucas 3) e sendo herdeiro do trono de Davi por Seu pai legal, José (Mateus 1).

A Filiação permite a Deus, também, julgar o homem. Deus é justo e bom. Ele é, também, misericordioso. Em Sua justiça e misericórdia Ele resolveu não julgar o homem até que Ele tivesse, realmente, experimentado todas as tentações e problemas da humanidade e até que tivesse demonstrado que é possível viver justamente na carne (com poder divino naturalmente, mas com o mesmo poder que Ele tem colocado à nossa disposição). A Bíblia afirma, especificamente, que Pai não julgará ninguém; somente o Filho será juiz (João 5:22, 27). Deus julgará através de Jesus Cristo (Romanos 2:16). Em outras palavras, Deus (Jesus) julgará o mundo no papel daquele que viveu na carne, que venceu o pecado na carne, e que tornou possível que o mesmo poder vencedor estivesse disponível à toda a humanidade.

Em resumo, há muitos propósitos para o Filho. No plano de Deus o Filho era necessário para trazer a salvação ao mundo. Isso inclui os papéis de 1) sacrifício, 2) substituto, 3) parente redentor, 4) reconciliador, 5) mediador, 6) sumo sacerdote, 7) advogado, 8) segundo Adão, 9) exemplo de retidão. A Filiação também tornou possível para Cristo ser 10) apóstolo, 11) profeta, 12) revelador da natureza de Deus, 13) rei e 14) juiz. Todos esses papéis exigiam um ser humano para que fossem realizados; a partir deles vemos porque Deus veio ao mundo, em carne, como o Filho.

Após estudarmos os propósitos da Filiação, é fácil ver porque o Filho veio a existir em um determinado instante do tempo, em vez de existir desde toda a eternidade. Deus simplesmente esperou a plenitude do tempo quando todos esses propósitos poderiam, de modo melhor, serem postos em ação (Gálatas 4:4). Assim, o Filho não tinha existência substancial até o momento da concepção de Cristo, no ventre de Maria.

Após o reinado do milênio e do último julgamento, os propósitos da Filiação estarão cumpridos e o reinado do Filho terá fim. Quando temos em vista o propósito do Filho, podemos entender que a Filiação é temporária e não eterna: a Bíblia nos diz quando a Filiação começou e quando o ministério da Filiação acabará.

Para recordar e para obter maiores explicações sobre alguns conceitos a respeito do Filho, podemos estudar Hebreus 1, que contém várias referências interessantes a esse respeito. O versículo 3 descreve o Filho como o brilho da glória de Deus e a imagem expressa de Sua pessoa. A palavra Grega *hypostasis*, traduzida como "pessoa" na versão King James, significa substância, natureza ou ser. A NIV traduz o versículo 3, da seguinte maneira: "O Filho é a radiação da glória de Deus e a

representação exata de seu ser." Numa passagem similar, Colossenses 1:15 diz que o Filho é a imagem do Deus invisível. Vemos, outra vez, que o Filho é uma manifestação visível do Pai, em carne. O Filho é uma representação exata ou imagem de Deus, com toda a glória de Deus. Em outras palavras, o Deus invisível (Pai) Se manifestou em carne visível, como o Filho, para que os homens pudessem contemplar a glória de Deus e pudessem entender como Deus realmente é.

Hebreus 1 pode ser visto como uma reafirmação de João 1, passagem na qual lemos que Deus Pai foi feito carne. Hebreus 1:2 diz que Deus nos falou através do Filho; João 1:14 diz que o Verbo se fez carne, e João 1:18 afirma que o Filho revelou Deus o Pai. Desses versículos compreendemos que o Filho não é distinto do Pai em personalidade, mas é o modo pelo qual o Pai revelou a Si mesmo ao homem.

O Filho E A Criação

Hebreus 1:2 afirma que Deus criou o universo através do Filho. Do mesmo modo, Colossenses 1:13-17 diz que todas as coisas foram criadas pelo Filho, e Efésios 3:9 diz que todas as coisas foram criadas por Jesus Cristo. O que significa criadas "pelo Filho", uma vez que o Filho não tinha uma preexistência substancial, antes da Encarnação?

Naturalmente, sabemos que Jesus, como Deus, preexistiu à Encarnação, uma vez que a divindade de Jesus não é outra senão a do próprio Pai. Reconhecemos que Jesus (o espírito divino de Jesus) é realmente o Criador. Esses versículos descrevem o Espírito eterno que estava no Filho - a divindade que mais tarde foi encarnada como o Filho como o Criador. A humanidade de Jesus não poderia criar, mas Deus, que veio no Filho como Jesus Cristo, criou o mundo. Hebreus 1:10 declara que Jesus, como Senhor, foi o Criador.

Essas passagens das Escrituras talvez tenham, ainda, um significado mais profundo: embora o Filho não existisse no tempo da criação, exceto como o Verbo na mente de Deus, Deus usou Seu pre-conhecimento do Filho, quando criou o mundo. Sabemos que Ele criou o mundo pela Palavra de Deus (Hebreus 11:3). Ele criou o mundo tendo em Sua mente o conhecimento de Seu plano para a Encarnação e redenção na cruz. Talvez, com esse mesmo pre-conhecimento Ele usasse a Filiação para criar o mundo. Quer dizer, Ele fundamentou toda a criação na futura vinda de Cristo. Como John Miller explica "Embora Ele não manifestasse Sua humanidade até a plenitude do tempo, ainda assim Ele a usou e agiu com ela, desde toda a eternidade."³ Romanos 5:14 afirma que Adão prefigurava Aquele que havia de vir, a saber, Cristo; pois Deus, evidentemente tinha o Filho em mente, quando criou Adão.

Sabemos que Deus não vive no tempo e que Ele não é limitado pelo tempo como nós somos. Ele conhece o futuro com certeza e pode, com certeza, predeterminar um plano. Assim, Ele pode agir em um acontecimento futuro porque Ele sabe o que vai acontecer. Ele pode ver coisas que não existem, como se existissem (Romanos 4:17). Assim foi o Cordeiro sacrificado antes da criação do mundo (Apocalipse 13:8), e é por isso que o homem Jesus pode orar, "E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo" (João 17:5). Embora Deus criasse o homem para que O amasse e adorasse (Isaías 43:7; Apocalipse 4:11), o pecado do homem teria contrariado o propósito de Deus na criação, não tivesse tido Deus o plano de restaurar o homem através do Filho. Deus previu a queda do homem, mas, não obstante, Ele criou o homem numa vez que tinha predestinado o Filho e o futuro plano de redenção (Romanos 8:29-32). O plano a respeito do Filho estava na mente de Deus no momento da criação e era necessário para que a criação tivesse bom êxito. Portanto, Ele criou o mundo através do Filho.

Sabemos que os versículos das Escrituras que falam da criação pelo Filho não podem significar que o Filho existia substancialmente no momento da criação, como pessoa separada do Pai. O Antigo Testamento proclama que um Ser individual nos criou, e Ele é Jeová, o Pai: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?" (Malaquias 2:10); "Assim diz o SENHOR, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno: Eu sou o SENHOR que faço todas as cousas, que sozinho estendi os céus, e sozinho espraiei a terra" (Isaías 44:24).

Jesus não foi crucificado, num sentido físico, antes da criação, o Filho não foi gerado antes da criação, e o homem Jesus não existia para ter glória, antes da criação. (Nota: Jesus falou como homem, em João 17:5, porque, por definição, Deus não era nem tem necessidade de orar.) Como pode a Bíblia descrever todas essas coisas como existindo antes da criação? Elas existiam na mente de Deus como um plano futuro e predeterminado. Aparentemente, os versículos das Escrituras, que falam de Deus criando o mundo pelo Filho, querem dizer que Deus usou e aproveitou Seu futuro plano de Filiação quando Ele criou o mundo. Com certeza o plano para o Filho e para a redenção existiu, na mente de Deus, antes e durante a criação. (Para maior esclarecimento do assunto, veja o tratamento que demos a Gênesis 1:26, no VII Capítulo.)

Resumindo, podemos olhar a criação pelo Filho, de duas maneiras: 1) O próprio Espírito de Deus, que mais tarde se encarnou como o Filho, era o Criador. 2) Embora o Filho não existisse fisicamente, Deus tinha o plano do Filho em Sua mente, no momento da criação. Ele confiou naquele plano - Ele confiou na Filiação - para cumprir seu propósito na criação, apesar de Seu pré-conhecimento do pecado do homem.

O Primogênito

Hebreus 1:6 chama o Filho de primogênito. Isso não significa que o Filho foi o primeiro ser criado por Deus, nem mesmo que Ele foi criado, pois esse mesmo versículo indica que a "genitura" ocorreu depois da criação dos anjos. Com certeza, o Filho não foi "gerado eternamente", porque o versículo 5 descreve a genitura acontecendo a um determinado momento no tempo: "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei". Portanto, em que sentido o Filho é o "primogênito"?

O termo tem vários sentidos. Em um sentido da palavra, o Filho não era apenas o *primeiro* gerado como também *único* gerado (João 3:16). Isso quer dizer, o Filho é a única pessoa, literalmente, concebida pelo Espírito Santo (Deus); Seu nascimento de uma virgem tornou possível que a completa divindade e a completa humanidade se unissem em uma pessoa. Ainda mais, o Filho é o primogênito no sentido de que Ele foi planejado na mente de Deus antes de qualquer outra coisa. Além disso, o Filho é o primogênito por ter sido o primeiro a conquistar o pecado e a morte. Ele é "o primogênito dos mortos" (Apocalipse 1:5), "o primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29), e "o primogênito de entre os mortos" (Colossenses 1:18). Todos esses versículos usam a mesma palavra Grega *prototokos*, como em Hebreus 1:6. Cristo era as primícias da ressurreição, uma vez que Ele foi o primeiro a ser fisicamente ressuscitado e o primeiro a receber um corpo glorificado (I Coríntios 15:20).

Sendo Jesus Cristo a cabeça da igreja, que é chamada a "igreja dos (pertencentes a) primogênitos" (Hebreus 12:23), podemos interpretar a designação de Cristo como "o primogênito (*prototokos*) de toda a criação", em Colossenses 1:15, como significando o primeiro nascido da família espiritual de Deus a ser escolhido de toda a criação. Pela fé nEle, podemos nos tornar filhos de Deus, pelo novo nascimento (Romanos 8:14-17). Jesus é o autor e consumidor de nossa fé (Hebreus 12:2), o capitão de nossa salvação (Hebreus 2:10), o apóstolo e o sumo sacerdote de nossa confissão (Hebreus 3:1), e nosso irmão (Hebreus 2:11-12). É em Seu papel redentor que Ele pode ser chamado de primogênito ou primeiro nascido entre muitos irmãos.

O título de Cristo, de primogênito, tem significado não apenas no sentido de primeiro em ordem, mas, também, de primeiro em poder, autoridade e primazia, assim como o irmão mais velho tem primazia entre seus irmãos. Enquanto aplicado a Cristo *primogênito* não significa que Ele foi o primeiro homem fisicamente nascido, mas que Ele é o primeiro em autoridade. Esse é o significado primeiro de Colossenses 1:15, quando diz que Ele é "o primogênito de toda a criação", como vemos nos versículos subsequentes. Os versículos 16-18 descreve Jesus como o criador de todas as coisas, o detentor de todo o poder e a cabeça da igreja. Em particular o versículo 18 diz que Ele é "o primogênito de entre os mortos, para em todas as cousas ter a primazia."

Para resumir, Jesus é o primogênito ou o primeiro nascido, em vários sentidos. 1) Ele é o primeiro e o único Filho gerado por Deus, pois foi concebido pelo Espírito Santo. 2) O plano da Encarnação existia na mente de Deus desde o princípio, antes de qualquer outra coisa. 3) Em Sua

humanidade, Jesus é o primeiro homem a conquistar o pecado e Ele é, portanto, o primeiro nascido da família espiritual de Deus. 4) Em Sua humanidade, Jesus é o primeiro homem a vencer a morte e, assim, Ele é as primícias da ressurreição ou o primogênito dos mortos. 5) Jesus é a cabeça de toda a criação e a cabeça da igreja, portanto, ele é o primogênito no sentido de ter primazia e autoridade sobre todas as coisas, assim como o irmão mais velho, tradicionalmente, tem primazia entre seus irmãos. Os quatro primeiros pontos se referem a ser o primeiro em ordem, enquanto o quinto se refere a ser o primeiro em poder e grandeza.

A designação de Cristo como o primogênito não significa que Ele foi criado ou gerado por um outro Deus. Significa, antes, que como homem, Cristo é o primeiro e o mais velho dos irmãos, na família espiritual de Deus, e que Ele tem autoridade e poder sobre toda a criação.

Hebreus 1:8-9

"Mas, acerca do Filho: O teu trono, Ó Deus, é para todo o sempre... Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros." A primeira parte desta passagem se refere claramente à divindade do Filho, enquanto a segunda parte se refere à humanidade do Filho. O escritor de Hebreus está citando uma passagem profética que encontramos no Salmos 45:6-7. Esse assunto não é sobre a Divindade, mas uma afirmação profética inspirada por Deus e tendo em vista a futura encarnação de Deus. Deus estava falando profeticamente, através do salmista, para Se revelar num futuro papel.

Conclusão

Em conclusão, temos aprendido que o termo "Filho de Deus" se refere à Encarnação, ou à manifestação de Deus em carne. Deus planejou o Filho antes do começo do mundo, mas o Filho não teve real existência substancial até a plenitude do tempo. O Filho teve um começo porque o Espírito de Deus gerou (concebeu) o Filho no ventre de Maria. O reinado do Filho terá um fim, porque quando a igreja for apresentada a Deus e quando Satanás, o pecado e a morte, tiverem sido julgados e dominados, o papel do Filho cessará. O Filho cumpre muitos papéis que no plano de Deus poderiam ser cumpridos apenas por um ser humano sem pecados. Naturalmente, o definitivo propósito do Filho é providenciar os meios de salvação para a humanidade decaída.

Concluimos três coisas a respeito do uso da expressão "Filho de Deus". 1) Não podemos usá-la separadamente da humanidade de Cristo, porque ela se refere, sempre, à carne ou ao Espírito de Deus em carne. 2) *Filho* é sempre usado com referência ao tempo, porque a filiação teve um começo e terá um fim. 3) Como Deus, Jesus tem todo o poder, mas como Filho Ele era limitado em poder. Jesus era tanto homem quanto Deus.

A doutrina bíblica do Filho é uma verdade maravilhosa. Ela apresenta algumas idéias complexas, principalmente porque é difícil para a mente humana compreender um ser que tenha uma natureza tanto humana quanto divina. Através do Filho, Deus apresenta vividamente Sua natureza ao homem, particularmente Seu amor incomparável.

A doutrina do Filho não ensina que Deus Pai amou o mundo de tal maneira que enviou outra pessoa, "Deus Filho", para morrer e reconciliar o mundo com o Pai. Pelo contrário, ela ensina que Deus Pai amou o mundo de tal maneira que Se vestiu em carne e deu a Si mesmo, como o Filho de Deus para reconciliar consigo o mundo (II Coríntios 5:19). O único Jeová Deus, do Antigo Testamento, o grande Criador do universo, humilhou-se a Si mesmo, na forma de homem para que o homem pudesse vê-lo, compreendê-lo e se comunicar com Ele. Ele fez um corpo para Si mesmo, chamado Filho de Deus.

Deus mesmo providenciou meios para redimir a humanidade. "Viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação" (Isaías 59:16). Seu *próprio* braço providenciou salvação. Uma compreensão correta do Filho tem, portanto, o efeito de engrandecer e glorificar o Pai. Em Seu papel como Filho, Jesus orou ao Pai, "Eu te glorifiquei na terra ... Manifestei o teu nome ... Eu lhes fiz conhecer o teu nome"

(João 17:4,6,26). O Pai revelou a Si mesmo ao mundo e reconciliou Consigo o mundo, através do Filho.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO V

¹ Heick. I. 179 e 180.

² Flanders e Cresson. p. 343.

³ Miller, pp. 96-97.

6

PAI, FILHO, E ESPÍRITO SANTO

"Eu e o Pai somos um" (João 10:30).

"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador ... o Espírito da verdade" (João 14:16-17).

No IV Capítulo discutimos o conceito bíblico do Filho. Neste capítulo, examinaremos o significado dos termos *Pai* e *Espírito Santo*, enquanto aplicados a Deus. Vamos, também, estudar os relacionamentos e as distinções existentes entre os três termos: *Pai*, *Filho* e *Espírito Santo*. Será que esses termos identificam, realmente, três pessoas diferentes ou três personalidades na Divindade? Ou será que eles indicam três papéis, modos, funções ou ofícios diferentes, pelos quais o único Deus opera e revela a Si próprio?

O Pai

A expressão "Deus Pai" é bíblica e se refere ao próprio Deus (Gálatas 1:1-4). Deus é o Pai; Ele não é meramente Pai do Filho, mas o Pai de toda a criação (Malaquias 2:10; Hebreus 12:9). Ele é também, nosso Pai, em razão do novo nascimento (Romanos 8:14-16). O título *Pai* indica um relacionamento entre Deus e o homem, particularmente entre Deus e Seu Filho e entre Deus e o homem regenerado. Jesus ensinou, muitas vezes, que Deus é nosso Pai (Mateus 5:16,45, 48). Ele nos ensinou a orar, "Pai nosso que estás nos céus" (Mateus 6:9). Como homem, no entanto, Jesus tinha, ainda, um relacionamento especial com Deus de um modo que nenhum outro homem jamais teve. Ele era o único Filho gerado pelo Pai (João 3:16), o Único que foi realmente concebido pelo Espírito de Deus e o Único que tinha a plenitude de Deus, sem limites.

A Bíblia ensina claramente que há apenas um Pai (Malaquias 2:10; Efésios 4:6). Ela também afirma que Jesus é o único Pai (Isaías 9:6; João 10:30). O Espírito que habitava o Filho de Deus não era outro senão o Pai.

É importante observar que o nome do Pai é Jesus, porque esse nome expressa e revela plenamente o Pai. Em João 5:43, Jesus disse, "Eu vim em nome de meu Pai." De acordo com Hebreus 1:4, o Filho "herdou mais excelente nome." Em outras palavras, o Filho herdou o nome de Seu Pai. Assim, entendemos porque Jesus disse que Ele manifestou e declarou o nome do Pai (João

17:6, 26). Ele cumpriu a profecia do Antigo Testamento que afirmava que o Messias declararia o nome do SENHOR (Salmos 22:22; Hebreus 2:12). Em nome de quem veio o Filho? Que nome Ele obteve de Seu Pai, por herança? Que nome o Filho manifestou? A resposta é clara. O único nome que Ele usou foi o nome de Jesus, o nome de Seu Pai.

O Filho

Basicamente, a expressão "Filho de Deus" se refere a Deus quando manifestado em carne, na pessoa de Jesus Cristo, para a salvação da humanidade. O nome do Filho é Jesus: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de JESUS" (Mateus 1:21). Uma vez que Pai se refere apenas à divindade, ao passo que "Filho de Deus" se refere à divindade enquanto encarnada em humanidade, não cremos que o Pai seja o Filho. A distinção é primordial. Podemos dizer que o Filho morreu, mas não podemos dizer que o Pai morreu. A divindade no Filho é o Pai. Embora não acreditemos que o Pai *seja* o Filho, acreditamos, com certeza, que o Pai *está* no Filho (João 14:10). Senhor Jesus o nome do Filho de Deus, tanto em relação à Sua divindade como Pai quanto à Sua humanidade como Filho, Jesus é o nome de ambos, do Pai e do Filho.

O Espírito Santo

A palavra Espírito vem traduzido da palavra Grega, *pneuma*.

O Espírito Santo é, simplesmente, Deus. Deus é santo (Levítico 11:44; I Pedro 1:16). De fato, apenas Ele é santo em Si mesmo. Deus é também Espírito (João 4:24), e há somente um Espírito de Deus (I Coríntios 12:11; Efésios 4:4). Portanto, "Espírito Santo" é um outro termo para o único Deus.

Fica evidente que o Espírito Santo é Deus se compararmos Atos 5:3 com 5:4, e se compararmos I Coríntios 3:16 com 6:19. Essas passagens identificam o Espírito Santo com o próprio Deus.

Não podemos limitar os termos "Espírito Santo" e "Espírito de Deus" ao Novo Testamento, nem limitar, do mesmo modo, o papel ou manifestação de Deus que eles descrevem. Encontramos o Espírito mencionado através de todo o Antigo Testamento, a partir de Gênesis 1:2. Pedro nos diz que os profetas antigos foram movidos pelo Espírito Santo (II Pedro 1:21).

Se o Espírito Santo é simplesmente Deus, por que há necessidade desse termo? O motivo é que ele dá ênfase a um aspecto particular de Deus. Ele enfatiza que Ele, que é um Espírito Santo, onipresente e invisível, opera entre todos, os homens, em todos os lugares, e pode preencher os corações dos homens. Quando falamos do Espírito Santo, estamos lembrando a nós mesmo da obra invisível de Deus entre os homens e de Seu poder para ungir, batizar, tornar plenos, e habitar as vidas humanas. O termo fala de Deus em atividade. "E o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gênesis 1:2). Ele se refere a Deus agindo entre os homens a fim de regenerar sua natureza decaída e capacitá-los a realizar a vontade sobrenatural de Deus no mundo. Observamos que o Espírito é o agente do novo nascimento (João 3:5; Tito 3:5).

Uma vez que o Espírito é o próprio Deus, o modo correto de usarmos os pronomes *Ele* e *Seu* para nos referirmos ao Espírito será com letras maiúsculas. Muitas vezes usamos "Espírito Santo" como uma forma abreviada de nos referir ao "batismo (ou dom) do Espírito Santo", e, em tais casos, podemos, também, apropriadamente usar ele e seu com letras minúsculas. Quando fazemos isso, temos que nos lembrar, no entanto, que o Espírito Santo é Deus e não simplesmente uma força ou fluído sem inteligência. Os versículos seguintes revelam que o Espírito Santo é, de fato, Deus e não uma força sem inteligência: Atos 5:3-4, 9; 20:23, 28; 21:11.

Pelo nome de Jesus o Espírito é revelado e recebido. Ele não é uma pessoa à parte, com identidade separada, que vem em outro nome. Jesus disse: "O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome..." (João 14:26). O Espírito Santo vem, portanto, em nome de Jesus.

O Pai É O Espírito Santo

O único Deus é Pai de todos, é santo, e é Espírito. Portanto, os títulos *Pai* e *Espírito Santo* descrevem o mesmo ser. Para dizer de outro modo, o único Deus pode e realmente cumpre dois papéis de Pai e Espírito Santo. As Escrituras atestam isso.

1. João 3:16 diz que Deus é o Pai de Jesus Cristo e Jesus se referiu ao Pai como Seu próprio Pai, muitas vezes (João 5:17-18). Ainda Mateus 1:18-20 e Lucas 1:35 revelam, claramente, que o Espírito Santo é o Pai de Jesus Cristo. De acordo com esses versículos das Escrituras, Jesus foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu, como consequência, Filho de Deus.

O Único que faz com que haja concepção é o pai. Como todos os versículos das Escrituras, que se referem à concepção ou genitura do Filho de Deus, falam do Espírito Santo como sendo o agente da concepção, fica evidente que o pai do corpo humano de Jesus é o Espírito e é lógico concluirmos que o Espírito Santo é o Pai de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

2. Joel 2:27-29 registra as palavras de Jeová Deus: "Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne". Pedro aplicou esse versículo ao batismo do Espírito Santo, no Dia de Pentecostes (Atos 2:1-4; 16-18). Assim, o Espírito é o Espírito do único Jeová Deus do Antigo Testamento. Sendo que há apenas um Espírito, obviamente o Espírito de Jeová tem que ser o Espírito Santo.

3. A Bíblia chama o Espírito Santo de "o Espírito do SENHOR" (Isaías 40:13), o Espírito de Deus (Gênesis 1:2), o Espírito do Pai (Mateus 10:20). Havendo um único Espírito, todas essas expressões devem se referir ao mesmo ser. O Espírito Santo não é outro senão Jeová Deus, nem outro senão o Pai.

Para um estudo mais completo da identificação do Espírito Santo com o Pai, considere as seguintes comparações da Bíblia:

1. Deus Pai ressuscitou Jesus dos mortos (Atos 2:24; Efésios 1:17-20), todavia o Espírito ressuscitou Jesus de entre os mortos (Romanos 8:11).

2. Deus Pai vivifica (dá vida) aos mortos (Romanos 4:17; I Timóteo 6:13), no entanto o Espírito também o faz (Romanos 8:11).

3. O Espírito nos adota, o que significa que Ele é nosso Pai (Romanos 8:15-16).

4. O Espírito habita a vida de um cristão (João 14:17; Atos 4:31), o Espírito do Pai habita os corações dos homens (Efésios 3:14-16). É o Pai que vive em nós (João 14:23).

5. O Espírito Santo é nosso Consolador (João 14:26, em Grego *parakletos*), mas Deus Pai é o Deus de toda consolação (*paraklesis*) que nos conforta (*parakaleo*) em toda tribulação (II Coríntios 1:3-4).

6. O Espírito nos santifica (I Pedro 1:2), também o Pai nos santifica (Judas 1).

7. Toda a Escritura é dada por inspiração de Deus (II Timóteo 3:16), ainda assim, os profetas do Antigo Testamento eram movidos pelo Espírito Santo (II Pedro 1:21).

8. Nossos corpos são templos de Deus (I Coríntios 3:16-17), são, também, templos do Espírito Santo (I Coríntios 6:19).

9. O Espírito do Pai nos dirá o que dizer em tempos de perseguição (Mateus 10:20), mas o Espírito Santo, também (Marcos 13:11).

De todos esses versículos das Escrituras, concluimos que o Pai e o Espírito Santo são, simplesmente, duas descrições diferentes de um único Deus. Os dois termos descrevem o mesmo ser, mas dão ênfase ou esclarecem diferentes aspectos, papéis ou funções que Ele possui.

A Divindade de Jesus Cristo É O Pai

A divindade residente em Jesus não é senão o Pai. Em outras palavras, o Espírito no Filho é o Pai. (Veja a parte, "Jesus é o Pai," no IV Capítulo.)

A Divindade de Jesus Cristo É O Espírito Santo

O Espírito Santo é chamado de o Espírito de Jesus Cristo (Filipenses 1:19), e de o Espírito do Filho (Gálatas 4:6). II Coríntios 3:17 fala do único Espírito: "Ora o Senhor é o Espírito". A NIV

coloca ainda mais claro, porque diz, "Ora o Senhor é o Espírito," e "o Senhor que é o Espírito" (versículo 18). Em resumo, o Espírito que habita em Jesus Cristo não é outro senão o Espírito Santo. O Espírito no Filho é o Espírito Santo.

Abaixo veremos o paralelismo de alguns versículos das Escrituras revelando que o Espírito de Cristo é o Espírito Santo.

1. O Espírito de Cristo estava nos profetas do passado (I Pedro 1:10-11), embora saibamos que eles eram movidos pelo Espírito Santo (II Pedro 1:21).

2. Jesus ressuscitará os crentes da morte (João 6:40), ainda assim, o Espírito vivificará (dará vida) os mortos (Romanos 8:11).

3. O Espírito ressuscitará Cristo de entre os mortos (Romanos 8:9-11), embora Jesus afirmasse que Ele ressuscitaria a Si mesmo de entre os mortos (João 2:19-21).

4. João 14:16 diz que o Pai enviaria outro Consolador, a saber, o Espírito Santo, embora, em João 14:18, Jesus tenha dito: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros." Em outras palavras o outro Consolador é Jesus em urna outra forma - em Espírito, não em carne. Jesus explicou isso no versículo 17, dizendo que o Consolador já *habitava* entre os discípulos e que Ele logo estaria *neles*. Quer dizer, o Espírito Santo estava com eles na pessoa de Jesus Cristo, mas o Espírito Santo o Espírito de Jesus Cristo, logo estaria neles. Jesus explicou mais sobre esse ponto em João 16:7 dizendo que Ele tinha que partir, pois, se não, o outro Consolador não viria. Por que? Enquanto Jesus estivesse junto deles em carne não poderia estar presente espiritualmente em seus corações, mas depois que partisse fisicamente Ele enviaria de novo Seu próprio Espírito para estar com eles.

5. O Espírito Santo habita o coração dos cristãos (João 14:16), ainda assim Jesus prometeu que habitaria Seus seguidores até o fim do mundo (Mateus 28:20). Do mesmo modo, os crentes são plenos do Espírito Santo (Atos 2:4, 38), e ainda é Cristo que habita em nós (Colossenses 1:27).

6. Efésios 3:16-17 diz que tendo o Espírito no homem interior, temos Cristo em nossos corações.

7. Cristo santifica a Igreja (Efésios 5:26), mas também o Espírito o faz (I Pedro 1:2).

8. O Espírito Santo é o prometido *parakletos* de João 14:26 (palavra Grega traduzida como "Consolador"), e ainda Jesus é o nosso *parakletos* em I João 2:1 (a mesma palavra Grega traduzida como "Advogado"). Devemos notar que o mesmo autor - o apóstolo João - escreveu ambos os versículos, devendo, presumivelmente, estar atento ao paralelismo.

9. O Espírito é nosso intercessor (Romanos 8:26), mas Jesus é, também, nosso intercessor (Hebreus 7:25).

10. O Espírito Santo nos dirá o que falar em tempos de perseguição (Marcos 13:11), embora Jesus tenha dito que Ele o faria (Lucas 21:15).

11. Em Atos 16:6-7, o Espírito Santo ao Espírito de Jesus.

Pai, Filho e Espírito Santo

Está claro que os termos *Pai*, *Filho* e *Espírito Santo* não podem implicar em três pessoas, personalidades, vontades ou seres separados. Eles podem significar, apenas, aspectos ou papéis diferenciados de um ser - Espírito - o único Deus. Eles descrevem o relacionamento de Deus com o homem, não pessoas existentes numa Divindade. Usamos *Pai* para enfatizar o papel de Deus como Criador, Pai de espíritos, Pai dos crentes regenerados e Pai da humanidade de Jesus Cristo. Usamos *Filho* para significar ambos, a humanidade de Jesus Cristo e Deus como Ele Se manifestou na carne com o propósito de salvar o homem. Usamos *Espírito Santo* para enfatizar o poder ativo de Deus no mundo, e entre os homens, particularmente Sua obra de regeneração.

Devemos observar que esses três títulos não são os únicos que Deus possui. Muitos outros títulos ou nomes usados para Deus são significativos e aparecem freqüentemente na Bíblia, inclusive termos como SENHOR (Jeová), Senhor, Palavra, Deus Todo-Poderoso, e o Único Santo de Israel. A unicidade, como ponto de vista, não nega o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas rejeita que esses termos sirvam para designar pessoas da Divindade. Deus tem muitos títulos, mas Ele é um único ser. Ele é indivisível quanto à Sua existência, mas Sua revelação de Si mesmo à humanidade

tem sido expressa através de muitos meios, inclusive Sua revelação como o Pai, no Filho, e como o Espírito Santo.

Efésios 3:14-17, que citamos, várias vezes, neste capítulo, demonstra que o Pai, o Espírito e Cristo são um, no sentido descrito. "Por esta causa me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé..." A versão King James é ambígua quanto a "seu Espírito" se referir ao Espírito do Pai ou Espírito de Cristo. As versões NIV, TAB, RS e o texto Grego de Nestle, todos, tornam claro que "seu" se refere ao "Pai". Essa passagem identifica, portanto, o Espírito que está no coração do cristão como o Espírito do Pai e, também, como Cristo. O Pai, Cristo e o Espírito se referem, todos, a um único Deus indivisível.

O que podemos comentar a respeito de passagens das Escrituras que parecem descrever mais que uma pessoa na Divindade? Isso acontece apenas por causa dos anos em que têm sido usadas como argumento por parte daqueles que acreditam em mais de uma pessoa na Divindade. Quando uma pessoa liberta sua mente de todas as interpretações, conotações e doutrinas forjadas pelos homens, vendo esses versículos do ponto de vista dos seus autores originais (que eram Judeus monoteístas devotos), compreende que esses versículos descrevem os múltiplos atributos e papéis de Deus ou a dualidade da natureza de Cristo. (Para estudo específico desses versículos, veja os Capítulos VII, VIII e IX.)

Apenas dois versículos das Escrituras, em toda a Bíblia, mencionam Pai, Filho (ou Verbo) e Espírito Santo, de modo a sugerir três pessoas, ou um significado especial ao número três em relação à Divindade. São, Mateus 28:19 e I João 5:7. Ambas as passagens, no entanto, apresentam sérios problemas para o trinitarianismo.

Mateus 28:19

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19).

Nessa passagem, Jesus ordenou a Seus discípulos que batizassem "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". No entanto, esse versículo *não* ensina que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam três pessoas separadas. Ele ensina antes, que os títulos de Pai, Filho e Espírito Santo identificam um nome e, portanto, um ser. O versículo diz, explicitamente, "em nome", não "nos nomes."

Para dirimir qualquer dúvida de que a distinção singular-plural seja significativa ou tenha sido deliberadamente planejada por Deus, precisamos, apenas, ler Gálatas 3:16, onde Paulo dá ênfase ao significado do singular "teu descendente", referindo-se a Gênesis 22:18. Muitos estudiosos trinitarianistas têm reconhecido, ao menos parcialmente, o significado do singular, em Mateus 28:19. Por exemplo, o professor presbiteriano James Buswell afirma: "O *nome*, não *nomes* do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no qual devemos ser batizados, deve ser entendido como Jahweh, o nome do Deus-Triúno." Essa maneira de ver o singular está correta, embora sua identificação do nome singular esteja errada. Jeová ou Yahweh era o nome de Deus revelado no Antigo Testamento, mas Jesus é o nome de Deus revelado no Novo Testamento. Entretanto, o nome Jesus inclui Jeová, uma vez que Jesus significa Jeová-Salvador.

Pai, Filho e Espírito Santo descrevem todos o único Deus; portanto a frase em Mateus 28:19 descreve, simplesmente, o único nome do único Deus. O Antigo Testamento prometeu que viria um tempo quando Jeová teria um nome e esse único nome se tornaria conhecido (Zacarias 14:9; Isaías 52:6). Sabemos que o único nome de Mateus 28:19 é Jesus, porque Jesus é o nome do Pai (João 5:43; Hebreus 1:4), do Filho (Mateus 1:21) e do Espírito Santo (João 14:26). A igreja do Novo Testamento entendeu assim, pois batizava no nome de Jesus Cristo (Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5; I Coríntios 1:13). O próprio Mateus confirmou essa interpretação permanecendo ao lado de Pedro e

dos outros apóstolos durante o sermão no qual Pedro ordenou que o povo fosse batizado em nome de Jesus Cristo (Atos 2:14-38).

Alguns afirmam que as referências em Atos não significam que o nome de Jesus fosse pronunciado oralmente como parte da fórmula do batismo. Entretanto, isso parece ser uma tentativa de torcer a linguagem para adaptá-la a uma doutrina e prática errôneas. Atos 22:16, diz: "Levanta-te recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele". O Novo Testamento Interlinear Greco-Inglês diz: "invocando o nome." Esse versículo indica, portanto, que o nome de Jesus era invocado oralmente por ocasião do batismo. Tiago 2:7, diz: "Não são eles os que blasfemam o bom nome que sobre vós foi invocado?" A fraseologia Grega indica que o nome era invocado sobre os cristãos, num momento específico. A Bíblia Amplificada diz: "Não são eles que caluniam e blasfemam aquele nome precioso pelo qual são distinguidos e chamados (o nome de Cristo invocado no batismo)?"

Para termos um exemplo do que significa "em nome de Jesus", precisamos apenas ler a história da cura do coxo, em Atos 3. Jesus disse para orar pelos enfermos em eu nome (Marcos 16:17-18), e Pedro disse ao coxo que ele estava curado em nome de Jesus (Atos 4:10). Como isso aconteceu? Pedro, realmente, pronunciou as palavras: "em nome de Jesus Cristo" (Atos 3:6). O nome Jesus, invocado com fé, conseguiu o milagre. O nome significa poder ou autoridade, mas esse significado não afasta o fato de que Pedro, tenha invocado, oralmente, o nome de Jesus, ao efetuar a cura.

Se a muitas passagens, em Atos, que se referem ao batismo pela água, em nome de Jesus, não descrevem uma fórmula batismal, então a verdade é que Mateus 28:19 também não indica uma fórmula. Essa interpretação deixaria a igreja sem qualquer fórmula batismal para distinguir o batismo cristão do batismo Judaico pagão. Mas, o Senhor não nos deixou sem uma fórmula batismal; a igreja cumpria corretamente as instruções dadas por Jesus em Mateus 28:19, quando os apóstolos usavam o nome de Jesus no batismo pela água.

Muitas enciclopédias e muitos historiadores da igreja concordam que a fórmula de batismo original usada na história da igreja primitiva era "em nome de Jesus". O professor luterano Otto Heick, por exemplo, diz: "No princípio, o batismo era administrado em nome de Jesus, mas, gradualmente, passou a ser administrado em nome do Deus-Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo."² Essa não foi uma afirmativa impensada, porque ele, mais tarde, reafirmou seu ponto de vista: "No princípio o batismo era em nome de Cristo."³

Essa interpretação de um nome, Jesus, em Mateus 28:19, encontra maior apoio na completa descrição dos acontecimentos, dos quais esse versículo é uma parte. Em Mateus 28:18-19, Jesus disse: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome..." Em outras palavras Jesus disse: "Eu tenho todo o poder, portanto, batizai em meu nome." Toda a lógica da passagem seria distorcida, se a lêssemos como: "Eu tenho todo o poder, portanto, batizai em nome de três pessoas diferentes." Nos outros registros da Grande Comissão, o nome de Jesus figura com destaque (Marcos 16:17: Lucas 24:47). O de Mateus diz: "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." Marcos "em meu nome," e Lucas "em seu nome." Todos se referem ao nome de Jesus.

Devemos nos lembrar que o batismo pela água é administrado por causa de nossa vida passada, de pecado; para a "remissão dos ... pecados" (Atos 2:38). Sendo o nome de Jesus o único que salva (Atos 4:12), é lógico que seja o nome usado no batismo. Jesus mesmo ligou Seu nome à remissão dos pecados: "E que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém" (Lucas 24:47).

Mateus 28:19 não ensina que há três pessoas em um único Deus, mas dá, antes, três títulos de Deus, todos eles, apropriadamente aplicados a Jesus Cristo. Esses títulos resumem os diferentes papéis de Deus ou modos de Sua revelação; por sua referência ao "nome", no singular, a passagem chama a atenção para o único nome de Deus revelado no Novo Testamento. Esse nome é Jesus.

Maior luz sobre a interpretação de que o nome de Deus é Jesus vem de uma comparação entre Apocalipse 14:1 e Apocalipse 22:3-4. Há um nome para o Pai, Deus, e o Cordeiro. O Cordeiro é Jesus, assim Jesus é o nome de Deus e do Pai.

I João 5:7

"Pois há três que dão testemunho no céu; o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um."

Embora esse versículo das Escrituras seja, muitas vezes, usado por aqueles que acreditam na existência de três pessoas em Deus, ele, na realidade, refuta esse ponto de vista, pois afirma: "estes três são um". Alguns interpretam esse texto como significando um em união, como marido e esposa são um. Mas é preciso destacar que esse ponto de vista é essencialmente politeísta. Se a palavra *um* se refere a união, em vez de uma designação numérica, então a Divindade pode ser vista como muitos deuses em um conselho ou governo unido. Se devesse significar *união*, o versículo deveria ser: "Estes três concordam entre si, como um."

É, também, interessante notar que esse versículo não usa a palavra *Filho*, mas *Palavra*. Se *Filho* era o nome especial de uma pessoa distinta na Divindade, e se esse versículo estivesse tentando ensinar que há pessoas separadas, por que usa *Palavra* em lugar de *Filho*? *Filho* não se refere, primariamente, à divindade, mas *Palavra*, sim. A Palavra não é uma pessoa separada do Pai, assim como um homem e sua palavra não são pessoas separadas. A Palavra é, antes, o pensamento ou plano na mente de Deus e também a expressão de Deus.

De modo semelhante, o Espírito Santo não é uma pessoa separada do Pai, como um homem e seu espírito não são pessoas distintas. O Espírito Santo apenas descreve o que Deus é. I João 5:7, diz que os três dão testemunho no céu; quer dizer, Deus testemunhou a Si mesmo em três maneiras de atividade ou revelou a Si mesmo de três modos. Ele tem, pelo menos, três papéis celestiais: Pai, Palavra (não Filho), e Espírito Santo. Além disso, esses três papéis descrevem um Deus: "estes três são um."*

*Apenas explicamos I João 5:7 de modo coerente com o resto das Escrituras. Há, entretanto, concordância praticamente unânime, entre os estudiosos da Bíblia, de que esse versículo não faz, realmente, de modo algum, parte da Bíblia! Todas as principais traduções desde a versão King James têm omitido esse versículo inclusive a Revised Standard Version, The Amplified Bible, e a New International Version, bem como o texto Grego (Texto de Nestle), amplamente aceito. A NIV traduz I João 5:7-8 como: "Porque há três que testemunham: o Espírito, a água e o sangue; e estes três estão em acordo."

A versão King James inclui o versículo 7 apenas porque a edição de 1522 do texto Grego compilado por Erasmo, o incluía. Anteriormente, Erasmo tinha excluído essa passagem de suas edições de 1516 e 1519, porque ela não estava em *nenhum* dos 5.000 manuscritos Gregos, mas apenas nos últimos manuscritos da *Vulgata* - a versão latina usada, então, pela Igreja Católica Romana. Quando a Igreja Católica pressionou Erasmo para que ele incluísse esse versículo, ele prometeu que o faria se eles pudessem encontrar pelo menos um manuscrito que o registrasse. Finalmente conseguiram um e, então, com relutância, Erasmo acrescentou o versículo, embora o manuscrito apresentado fosse datado de 1520. (Veja Norman Geisler e William Nix, em Introdução Geral para a Bíblia, Chicago: Moody Press, 1968, p. 370.) Assim, parece plausível que algum copista super zeloso tenha visto "há três que dão testemunho" e tenha decidido inserir uma explicação própria a respeito. Na realidade, a passagem em questão está completamente desligada do resto do discurso de João, e interrompe o fluxo lógico de sua argumentação.

Embora toda a evidência indique que esta passagem não fazia parte originariamente de I João, Deus protege e preserva com Sua mão, a Sua Palavra. Apesar dos esforços do homem, Deus não permitiu que a passagem viesse a contradizer Sua Palavra. Quer alguém acredite que I João 5:7 fosse parte original da Bíblia, quer acredite que tenha sido inserida mais tarde, ela não ensina que existem três pessoas em Deus, mas, sim, reafirma o ensino bíblico de um Deus indivisível, com várias manifestações.

Deus Se Limita A Três Manifestações?

Discutimos, neste capítulo, três principais manifestações de Deus. Isso significa que Deus se limita a esses três papéis? Os termos *Pai*, *Filho* e *Espírito Santo* englobam tudo aquilo que Deus é? Apesar da importância que essas manifestações têm no plano de redenção e salvação do Novo Testamento, não parece que Deus possa ser limitado a esses três papéis, títulos ou manifestações. Deus manifestou a Si mesmo de muitas maneiras, no Antigo Testamento. Ele Se revelou em muitas Teofanias, inclusive em forma humana e em forma angelical (veja o II Capítulo). A Bíblia usa muitos outros nomes e títulos para Deus. Por exemplo: SENHOR (Jeová) e Senhor, aparecem

freqüentemente na Bíblia. Deus Se revelou ao homem em muitos outros relacionamentos, também. Ele é, por exemplo, Rei, Senhor, Noivo, Marido, Irmão, Apóstolo, Sumo Sacerdote, Cordeiro, Pastor e o Verbo. Embora Pai, Filho e Espírito Santo representem três importantes papéis, títulos ou manifestações de Deus, Deus não se limita a esses três, nem o número três tem qualquer significado especial, com relação a Deus.

Uma explicação popular de Pai, Filho e Espírito Santo é a de que há um Deus que se revelou como Pai na criação, Filho na redenção e Espírito Santo na regeneração. O reconhecimento dessas três manifestações não implica em que Deus seja limitado às três ou que exista uma tríade na natureza de Deus. Além disso, não há uma distinção total entre uma manifestação e outra. Por exemplo, Deus era o Espírito Santo, anteriormente, na criação e usou Seu papel como Espírito na criação (Gênesis 1:2). Mais ainda, Deus usou Seu papel como Filho - quer dizer, Ele dependia de Seu plano para a futura Filiação - antes, na criação (Hebreus 1:2). (Veja estudo sobre o Filho e a criação, no V Capítulo e estudo sobre Gênesis 1:26, no VII Capítulo.) Deus é nosso Pai na regeneração tanto quanto na criação, porque pelo novo nascimento nós nos tornamos filhos espirituais de Deus.

Não podemos confinar Deus a três ou a qualquer número de papéis ou títulos. Nem podemos dividi-lo, porque Ele é um. Mesmo porque Seus títulos e papéis se sobrepõem. Ele pode Se manifestar de muitos modos, mas Ele é um e apenas um ser.

Como podemos, então, nos referir a Deus de um modo que descreva tudo que Ele é? Que nome inclui os muitos papéis e atributos de Deus? Podemos, naturalmente, usar simplesmente o termo *Deus* ou o nome do Antigo Testamento - *Jeová*. Temos, no entanto, um novo nome que nos foi revelado - o nome de Jesus. Quando usamos o nome de Jesus, abrangemos tudo que Deus é. Jesus é o Pai, o Filho, e o Espírito. Jesus resume todos os nomes compostos de Jeová. Jesus é tudo que Deus é. Quaisquer que sejam os papéis ou manifestações de Deus, estão todos em Jesus (Colossenses 2:9). Podemos usar o nome de Jesus para o próprio Deus, pois ele representa a totalidade do caráter de Deus, Seus atributos e Sua auto-revelação.

Conclusão

A Bíblia fala do Pai, do Filho e do Espírito Santo como diferentes manifestações, papéis, modos, títulos, atributos, relacionamentos com o homem, ou funções de um Deus, mas ela não se refere ao Pai, Filho e Espírito Santo como três pessoas, personalidades, vontades, mentes ou Deuses. Deus é o Pai de todos nós e de um modo ímpar, é o Pai do homem Jesus Cristo. Deus se manifestou em carne, na pessoa de Jesus Cristo, chamado o Filho de Deus. Deus é, também, chamado de Espírito Santo, o que enfatiza Sua atividade nas vidas e assuntos do homem.

Deus não está limitado a essas três manifestações. Entretanto, na gloriosa revelação do único Deus, o Novo Testamento não se desvia do monoteísmo estrito do Antigo Testamento. Antes, a Bíblia apresenta Jesus como o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Jesus não é apenas a manifestação de uma de três pessoas da Divindade, mas Ele é a encarnação do Pai, o Jeová do Antigo Testamento. Na realidade, em Jesus habita corporalmente toda a plenitude da Divindade.

NOTA DE RODAPÉ

CAPÍTULO VI

¹ James Buswell. Jr., *A Systematic Theology of the Christian Religion* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), I, 23

² Heick, I, 53. Veja também. "Baptism (Early Christian)". *Encyclopedia of Religions and Ethics*, II, 384. 389.

³ Heick, I. 87.

7

EXPLICAÇÕES DO ANTIGO TESTAMENTO

Nos capítulos anteriores, apresentamos as verdades Bíblicas básicas a respeito de Deus. Afirmamos que Ele é essencialmente um e que a plenitude de Deus habita em Jesus. Neste capítulo, vamos discutir algumas passagens do Antigo Testamento que alguns trinitarianistas costumam usar numa tentativa de contradizer essas verdades básicas. Vamos examinar essas referências para demonstrar que elas não são contraditórias, antes, se harmonizam com o resto da Bíblia. Nos VIII e IX Capítulos, faremos o mesmo com algumas passagens do Novo Testamento.

Elohim

A palavra Hebraica mais comumente usada é *Elohim*. Essa é a palavra original em quase todas as passagens do Antigo Testamento, onde, em português, a palavra Deus é usada. Ela é a forma plural da palavra Hebraica *Eloah*, que significa Deus ou divindade.

Muitos estudiosos concordam que o uso do plural *Elohim* indica a grandeza de Deus ou Seus múltiplos atributos; ela não traz implícita uma noção de pluralidade de pessoas ou personalidades. Os Judeus não viam, certamente, a forma plural como um comprometimento a seu firme monoteísmo: Flanders e Cresson explicam que o uso do plural no Hebraico tem outra função que apenas indicar pluralidade: "A forma da palavra, Elohim, é plural. Os Hebreus pluralizavam os nomes para expressar grandeza ou majestade."¹

A própria Bíblia revela que a única maneira para se compreender a forma plural de *Elohim* é entender que ela expressa a majestade de Deus e não uma pluralidade na Divindade, tanto pela sua insistência sobre o único Deus como pelo uso de *Elohim* em situações que definitivamente retratam apenas uma pessoa ou personalidade. Por exemplo. *Elohim* identifica a singular manifestação de Deus, em forma humana, para Jacó (Gênesis 32:30). Os Israelitas usavam a palavra *elohim* para o bezerro de ouro que construíram no deserto (Êxodo 32:1, 4, 8, 23, 31), embora a Bíblia registre claramente que havia apenas um bezerro de ouro (Êxodo 32:4; 5, 8, 19-20, 24, 35). O Antigo Testamento usa, muitas vezes, *elohim* para deuses pagãos únicos, tais como Baal-Berite (Juízes 8:33), Camos (Juízes 11:24), Dagom (Juízes 16:23), Baal-Zebube (II Reis 1:2-3), e Nisroque (II

Reis 19:37). A Bíblia usa *Elohim* até mesmo com referência a Jesus Cristo (Salmos 45:6; Zacarias 12:8-10; 14:5) e ninguém sugere que exista uma pluralidade de pessoas em Jesus. Portanto, a palavra *Elohim* não indica três pessoas na Divindade. Apenas um ser chamado *Elohim* lutou com Jacó, apenas um bezerro de ouro foi chamado *elohim*, e um Senhor Jesus Cristo é Deus manifestado em carne.

Gênesis 1:26

"Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem."

Por que esse versículo usa um pronome plural para Deus? Antes de responder, vamos observar que a Bíblia usa pronomes no singular para se referir a Deus, centenas de vezes. O próprio versículo seguinte usa o singular para mostrar como Deus cumpriu o versículo 26: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem" (Gênesis 1:27). Gênesis 2:7 diz, "Então formou o SENHOR Deus ao homem." Devemos, portanto, ajustar o plural de 1:26 com o singular de 1:27 e 2:7. Precisamos olhar, também, a criatura imagem de Deus, que é o homem. Deixando de lado o modo como identificamos os vários componentes que formam um homem, este tem, definitivamente, uma personalidade é vontade. Ele é uma pessoa em todos os modos. Isso indica que o Criador, à cuja imagem o homem foi feito é também um ser com uma personalidade e vontade.

Qualquer interpretação de Gênesis 1:26, que aceite a existência de mais de uma pessoa em Deus, enfrenta sérias contestações. Isaías 44:24 diz que o SENHOR criou os céus sozinho e criou a terra por Si mesmo. Havia apenas um Criador, de acordo com Malaquias 2:10. Além disso, se o plural de Gênesis 1:26 se refere ao Filho de Deus, como podemos conciliar esse fato com o registro das Escrituras de que o Filho não era nascido até, pelo menos, quatro mil anos mais tarde, em Belém? O Filho nasceu de uma mulher (Gálatas 4:4); se o Filho estava presente no começo, quem foi Sua mãe? Se o Filho é um ser espiritual, quem era a mãe de Seu Espírito?

Se Gênesis 1:26 não pode significar duas ou mais pessoas na Divindade, o que significa? Os Judeus têm, tradicionalmente, interpretado que a passagem indica que Deus falou com os anjos, no momento da criação.² Isso não significa que os anjos tomaram parte ativa na criação, mas que Deus os informou a respeito de Seus planos e solicitou seus comentários de cortesia e respeito. Em pelo menos uma outra ocasião, Deus falou com os anjos e pediu sua opinião, ao formular Seus planos (I Reis 22:19-22). Sabemos que os anjos estavam presentes por ocasião da criação (Jó 38:4-7).

Outros comentadores têm sugerido que Gênesis 1:26 descreve, simplesmente, Deus aconselhando-se com Sua própria vontade. Efésios 1:11 sustenta esse ponto de vista, dizendo que Deus opera toda as coisas "conforme o conselho da sua vontade." Por analogia, isso é como um homem dizendo "Vamos ver", mesmo quando está planejando sozinho.

Outros explicam essa passagem como um plural de majestade ou literário. Quer dizer, uma maneira formal de falar ou escrever quando o orador ou o escritor se referem a si mesmos, muitas vezes, no plural, especialmente se o orador faz parte da realeza. Os exemplos Bíblicos de plural majestático podem ser citados para ilustrar essa prática. Por exemplo, Daniel disse ao rei Nabucodonosor: "Este é o sonho; e também a sua interpretação diremos ao rei," mesmo que apenas Daniel passasse a dar a interpretação diante do rei (Daniel 2:36). O rei Artaxerxes se referia a si mesmo, alternadamente, no singular e no plural em sua correspondência. Certa vez, ele escreveu: "A carta que nos enviastes foi distintamente lida na minha presença" (Esdras 4:18). Numa carta para Esdras, Artaxerxes usou "mim", em um lugar (Esdras 7:13) e "nós", em outro (7:24).

O uso do plural, em Gênesis 1:26, pode, também, ser semelhante ao plural usado em *Elohim*, denotando a grandeza e a majestade de Deus ou Seus múltiplos atributos. Em outras palavras, o pronome no plural está apenas concordando com o plural do substantivo *Elohim*.

Uma outra explicação, ainda, seria a de que essa passagem descreve a precognição de Deus sobre a futura vinda do Filho, como muitas outras passagens proféticas encontradas nos Salmos. Precisamos ter em mente que Deus não vive no tempo. Seus planos são reais para Ele ainda que estejam no futuro, no que se refere a nós. Ele chama à existência a coisas que não existem

(Romanos 4:17). Um dia é como mil anos para Ele e mil anos como um dia (II Pedro 3:8). Seu plano - o Verbo - existia desde o princípio na mente de Deus (João 1:1). No que dizia respeito a Deus, o Cordeiro foi sacrificado antes da fundação do mundo (I Pedro 1:19-20; Apocalipse 13:8). Não deve causar surpresa que Deus pudesse olhar pelos corredores do tempo e endereçar uma afirmativa profética ao Filho. Romanos 5:14 afirma que Adão prefigurava Aquele que estava para vir, isto é, Jesus Cristo. Quando Deus criou Adão, Ele já tinha pensado na Encarnação e criou Adão, tendo esse plano em mente.

Levando essa idéia um pouco adiante, Hebreus 1:1-2 diz que Deus fez o mundo pelo Filho. Como poderia ser isso se o Filho não existiu a não ser a partir de certo ponto no tempo, muito depois da criação? (Hebreus 1:5-6). (Veja o V Capítulo.) Para parafrasear John Miller (citado no V Capítulo), Deus usou a Filiação para fazer o mundo. Quer dizer, Ele fez tudo articulado com a futura vinda de Cristo. Embora Ele não manifestasse a humanidade até que viesse a plenitude do tempo, ela estava em Seu plano desde o começo e Ele a usou e agiu com ela, desde o princípio. Ele criou o homem à imagem do futuro Filho de Deus, e criou o homem sabendo que, embora o homem viesse a pecar, a futura Filiação providenciaria um caminho para a salvação.

Deus criou o homem para amá-lo e adorá-lo (Isaías 43:7; Apocalipse 4:11). No entanto, por causa de Seu preconceito, Deus sabia que o homem cairia em pecado, frustrando assim o Seu propósito. Se toda a perspectiva de futuro fosse essa, Deus não teria criado o homem. Mas, Deus tinha em Sua mente o plano da Encarnação e o plano da salvação através da morte expiatória de Cristo. Assim, mesmo sabendo que o homem iria pecar Deus sabia, também, que pelo Filho de Deus o homem seria regenerado e poderia cumprir o Seu propósito original. Fica claro, então, que quando Deus criou o homem, Ele tinha em mente a futura vinda do Filho. É nesse sentido que Deus criou o universo pelo Filho, ou usando o Filho, porque sem o Filho, todo o propósito de Deus, ao criar o homem, perderia o sentido.

Resumindo, Gênesis 1:26 não pode significar uma pluralidade na Divindade, porque isso iria contradizer todo o resto das Escrituras. Temos apresentado várias outras explicações conciliatórias. (1) Os judeus e muito cristãos vêem essa passagem como se referindo aos anjos. (2) Muitos outros cristãos a vêem como uma descrição de Deus Se aconselhando com Sua própria vontade. (3) Seria um plural de majestade, ou literário. (4) O pronome estaria, simplesmente, concordando com *Elohim*. (5) Uma referência profética à futura manifestação do Filho de Deus.

Outros Pronomes No Plural

No Antigo Testamento, há vários outros exemplos de passagens onde Deus usa o pronome no plural, a saber: Gênesis 3:22, 11:7 e Isaías 6:8. Uma leitura desses versículos mostrará que eles podem simplesmente significar Deus e os anjos (todos os três versículos) ou, possivelmente, Deus e a justiça (Isaías 6:8). Qualquer uma das quatro explicações anteriores, dadas para Gênesis 1:26, poderia justificar o uso do plural.

O Significado de Um (Hebreus, *Echad*)

Sem hesitação a Bíblia afirma que Deus é um (Deuteronômio 6:4). Alguns trinitarianistas sugerem que *um*, com respeito a Deus significa um em unanimidade e não, absolutamente, um em valor numérico. Para sustentar essa teoria, apelam para a palavra hebraica *echad*, que a Bíblia usa para expressar o conceito de um Deus. A palavra, aparentemente, tanto pode significar um em união, quanto um numericamente, pois Strong a define como "unidade, um, primeiro". Os exemplos bíblicos da palavra usada no sentido de absoluta unicidade numérica são esclarecedores: uma lista de reis cananitas, cada um deles designado pela palavra *echad* (Josué 12:9-24); o profeta Micaías (I Reis 22:8); Abraão (Ezequiel 33:24); uma lista de portas da cidade, cada qual designada por *echad* (Ezequiel 48:31-34); e o anjo Miguel (Daniel 10:13). Com certeza, em cada um dos exemplos acima *echad* significa um em valor numérico. A vista de muitas passagens do Antigo Testamento

que descrevem em termos inequívocos a absoluta unicidade de Deus (veja o I Capítulo, especialmente a referência em Isaías), é evidente que *echad*, como usada por Deus, significa a absoluta unicidade numérica de Seu ser. Enquanto expressa um conceito de unidade, *echad* implica, realmente, numa unidade dos múltiplos atributos de Deus, não numa união cooperativista de pessoas separadas.

Se *echad* não significa uma unidade numérica, então não teremos argumentos contra o politeísmo, porque três (ou mais) deuses separados poderia, ser um em unidade de mente e propósito. É claro, entretanto, o propósito do Antigo Testamento de negar o politeísmo, e ele usa *echad* para significar um em valor numérico.

Teofanias

Uma teofania é uma manifestação visível de Deus (veja o II Capítulo). Sendo Deus onipresente, Ele pode Se manifestar a diferentes pessoas, em diferentes lugares, ao mesmo tempo. Não há necessidade do conceito de mais de um Deus para se explicar qualquer uma das 'Teofanias'; o único Deus pode Se manifestar de qualquer forma, a qualquer tempo, e em qualquer lugar.

Vamos analisar algumas Teofanias específicas ou supostas Teofanias muitas vezes usadas para sustentar o conceito de uma Divindade multi-personalizada.

O Aparecimento A Abraão

Gênesis 18:1 diz que Jeová apareceu a Abraão nos carvalhais de Manre. O versículo 2 diz que Abraão levantou os olhos e viu três homens. Alguns trinitarianistas tentam usar esses três "homens" para provar a trindade de Deus. Entretanto, o versículo 22 revela que dois dos "homens" deixaram Abraão e partiram para Sodoma, mas Jeová permaneceu para falar, ainda por mais tempo, com Abraão. Quem eram os outros dois homens? Gênesis 19:1 diz que dois anjos chegaram a Sodoma, naquele anoitecer. Fica claro que as três manifestações humanas que apareceram a Abraão eram Jeová e dois dos Seus anjos.

Alguns interpretam Gênesis 19:24 como significando duas pessoas: "Então fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra." Mas, isso não significa que um SENHOR, na terra, tenha pedido a um outro SENHOR, no céu, que fizesse chover fogo e enxofre, porque há um só Deus (Deuteronômio 6:4). Esse é, antes, um exemplo de reafirmação. Muitas passagens do Antigo Testamento enunciam uma idéia de duas maneiras diferentes como um artifício literário ou para dar mais ênfase. Não há evidência de que após Sua temporária manifestação a Abraão, Deus tenha se demorado por ali e viajado até Sodoma para superintender sua destruição. A Bíblia apenas diz que os dois anjos foram para Sodoma. A NIV mostra claramente que Gênesis 19:24 apenas repete a mesma idéia de duas maneiras: "Então o SENHOR fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra - da parte do SENHOR, desde os céus," Devemos notar que ambas as afirmativas descrevem o SENHOR como um único ser, em um único lugar, fazendo uma coisa - no céu, fazendo chover fogo.

O Anjo Do SENHOR

Já estudamos este assunto no II Capítulo. Muitas passagens que descrevem a visita do Anjo do SENHOR indicam, também, que o Anjo era realmente uma manifestação do próprio Jeová. A afirmação não oferece problema algum, uma vez que é muito fácil para o único Deus Se manifestar em forma de anjo.

Muitas passagens descrevem o anjo do SENHOR como um ser separado do Senhor. Portanto, essas passagens devem se referir a um anjo, literalmente, embora "o Anjo do SENHOR" possa estar em outras passagens. Realmente é possível interpretar a maior parte das passagens sobre "o Anjo do SENHOR" (e muitos o fazem) como significando, literalmente um anjo e não uma manifestação de Deus. Sob esse ponto de vista, as passagens que atribuem atos do SENHOR ao

anjo, não significam que o anjo é o próprio SENHOR. Elas significam antes, que o SENHOR realizou aquelas ações através de delegação aos Seus anjos para que o fizessem. Por exemplo, o SENHOR falou, ou o SENHOR apareceu enviando um anjo para falar ou aparecer.

Há, portanto dois modos para explicarmos as passagens onde aparece "o Anjo do SENHOR", coerentes com o único Deus. Primeiro podemos concordar que o anjo do SENHOR é uma manifestação de Deus em algumas passagens, mas simplesmente um anjo em passagens que descrevem claramente dois seres. Como outra alternativa, podemos afirmar que o anjo do SENHOR não descreve uma real manifestação de Deus, mas apenas um anjo que atua como agente e mensageiro de Deus. As palavra em Hebraico e Grego para anjo significam simplesmente mensageiro.

Há um problema interessante relacionado com o aparecimento do anjo do SENHOR a Davi junto à eira de Ornã (II Samuel 24:16-17; I Crônicas 21:15-30; II Crônicas 3:1). II Samuel 24:16-17 descreve, claramente, o anjo do SENHOR como separado do SENHOR, todavia a passagem em II Crônicas diz que o SENHOR apareceu a Davi. Há três modos de se conciliar as passagens. Primeiro, devemos notar que o SENHOR aparece em itálico na versão King James. Isso significa que o tradutor acrescentou uma palavra que não aparecia realmente no original, mas que nele estava subentendida ou que era necessária para melhor compreensão do texto. Possivelmente o sujeito da sentença seria "o anjo do SENHOR" em vez de o SENHOR. Segundo, podemos usar uma explicação semelhante àquela já apresentada no II Capítulo. Isto é, é correto afirmar que o SENHOR apareceu a Davi, quando Ele enviou Seu anjo a Davi, assim como é correto dizer que o SENHOR falou a alguém quando Ele usa um anjo, uma voz, uma impressão na mente, em vez de uma conversa direta, com urna manifestação visível de Deus; de modo semelhante às profecias, quando o escritor ou o orador usa a primeira pessoa ("eu") mesmo quando a fonte é, claramente, Deus. Terceiro podemos dizer que, ambos, o anjo e o SENHOR, aparecem a Davi, com I Crônicas descrevendo a primeira aparição e II Crônicas, a segunda. Em qualquer dos casos, essas passagens não podem mostrar mais que um SENHOR.

As passagens mais complexa, em relação ao anjo do SENHOR, estão em Zacarias, Zacarias 1:7-17 descreve uma visão que O profeta teve. Na visão, ele viu um homem montado num cavalo vermelho, parado entre as murteiras. Um anjo, então, começou a falar com Zacarias. O homem entre as murteiras foi identificado como o anjo do SENHOR. Presumivelmente ele era o anjo quem estava falando com Zacarias, embora alguns acreditem que havia dois anjos presentes. De qualquer modo, o anjo do SENHOR falou ao SENHOR e o SENHOR respondeu (versículos 12-13) provando assim que o anjo do SENHOR não era o SENHOR, pelo menos nessa passagem. Então, o anjo que falava com Zacarias, proclamou aquilo que o SENHOR dissera (versículo 14-17). Portanto, o anjo não era o SENHOR, mas simplesmente agia como mensageiro e repetiu o que o SENHOR tinha dito. Zacarias chamou o anjo de *senhor* (versículo 9, em Hebraico *adon*, significando mestre ou soberano), mas não o chamou de Senhor (Adonai) ou SENHOR (Yahweh ou Jeová). Naturalmente, *senhor* não é um termo reservado apenas para Deus, como Senhor e SENHOR o são; pois podemos nos dirigir, adequadamente, mesmo a um homem usando o título de senhor (Gênesis 24:18).

Zacarias 1:18-21 descreve duas outras visões. Nessa visão dos quatro chifres, Zacarias fez uma pergunta, o anjo a respondeu e o SENHOR lhe mostrou quatro ferreiros (versículos 18-20). Então, Zacarias fez uma segunda pergunta e "ele" respondeu (versículo 21). O "ele" do versículo 21, era o mesmo anjo que tinha estado falando antes - o mesmo "ele" do versículo 19. Se "ele" no versículo 21, fosse realmente o SENHOR então o SENHOR estava falando, naquele versículo, usando o anjo. Portanto, nessa passagem, o SENHOR deu as visões e o anjo fez as explicações. Isso não significa que o anjo seja Deus.

Em Zacarias 2:1-13, encontramos um segundo anjo que declarou a palavra do SENHOR, ouvida por Zacarias, ao primeiro anjo. Outra vez, isso não significa que o segundo anjo fosse Deus, mas apenas que ele estava transmitindo a mensagem de Deus. Assim sendo o primeiro anjo, definitivamente, não era Deus ou ele já saberia qual era a mensagem de Deus.

Zacarias 3:1-10 apresenta uma nova situação. Primeiro, Josué, o sumo sacerdote, estava diante do anjo do SENHOR e de Satanás (versículo 1). "Mas o SENHOR disse a Satanás: o

SENHOR te repreende" (versículo 2). A maneira mais fácil de explicar um texto é dizer que o profeta escreveu "o SENHOR disse" querendo dizer que o SENHOR falou através do anjo. Por isso as palavras foram "o SENHOR te repreende" e não "Eu te repreendo". A seguir, o anjo começou a falar a Josué como se fosse Deus (versículos 3-4). Talvez a explicação mais simples seja a de que o anjo era um mensageiro de Deus e não o próprio Deus, porque o anjo começou a usar frases como "diz o SENHOR (versículos 6-10).

A explicação mais lógica sobre os anjos, em Zacarias, podem ser resumidas, como se segue. Por todo o Livro de Zacarias, o anjo do SENHOR não era o SENHOR, mas um mensageiro do SENHOR. Isso, às vezes, se torna óbvio quando o anjo usa frases como "assim disse o SENHOR", enquanto outros versículos omitem essa frase explicativa. O SENHOR falou em todas as passagens, usando Seu anjo. Há, ainda, outras explicações possíveis, como as três seguintes: o anjo não era o SENHOR, mas estava investido do nome do SENHOR; o anjo não era o SENHOR, nos capítulos 1 e 2, mas era o SENHOR no capítulo 3; ou o SENHOR falou diretamente, em Zacarias 3:2 e 3:4, enquanto o anjo permanecia em silêncio. Resumindo: não precisamos aceitar duas pessoas de Deus para explicar o "anjo do SENHOR", nessas várias passagens. Os Judeus, com certeza, não têm problema para conciliar o anjo do SENHOR com sua crença no monoteísmo absoluto.

O Filho E outras Referências Ao Messias

Há muitas referências ao Filho no Antigo Testamento. Elas significam uma dualidade na Divindade? Elas provam a preexistência do Filho? Vamos analisar essas passagens para podermos responder a essas questões.

O Salmo 2:2 fala do SENHOR e de Seu Ungido. O Salmo 2:7 diz: "Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei." O Salmo 8:4-5 fala do filho do homem. O Salmo 45:6-7 e o Salmo 110:1, contêm, ambos, referências bem conhecidas a respeito de Jesus Cristo, o primeiro O descrevendo como Deus e como um homem ungido e o segundo, O descrevendo como o Senhor de Davi. Provérbios 30:4, Isaías 7:14 e Isaías 9:6, também mencionam o Filho. Entretanto, uma leitura desses versículos mostrará que têm, cada um deles, natureza profética. Os capítulos 1 e 2 de Hebreus citam cada uma das passagens acima, dos Salmos, e as descrevem como profecias cumpridas por Jesus Cristo.

Assim, as passagens, nos Salmos, não se referem a uma conversa entre duas pessoas da Divindade, mas são retratos proféticos de Deus e do homem Cristo. Descrevem Deus gerando e ungindo o homem Cristo (Salmos 2:2-7), o homem Cristo se submetendo à vontade de Deus e se tornando um sacrifício pelos pecados (Salmos 45:6-7), e Deus glorificando e dando poder ao homem Cristo (Salmos 110:1). Tudo isso se cumpriu quando Deus Se manifestou em carne, como Jesus Cristo. (Para conhecer mais a respeito de uma suposta conversa entre pessoas da Divindade, veja o VIII Capítulo. Para maior explicação a respeito da mão direita de Deus, mencionada no Salmo 110:1, veja o IX Capítulo.)

As passagens em Isaías são claramente proféticas, uma vez que usam o tempo futuro. Em resumo, as referências ao Filho, encontradas no Antigo Testamento, se antecipam ao futuro, ao dia quando o Filho seria gerado. Elas não falam de dois Deuses ou de duas pessoas em Deus, mas sim da humanidade na qual Deus viria a Se encarnar. Do mesmo modo, outras referências do Antigo Testamento ao Messias são proféticas e O apresentam como Deus e homem (Isaías 4:2; 42:1-7; Jeremias 23:4-8; 33:14-26; Miquéias 5:1-5; Zacarias 6:12-13). Qualquer dualidade vista nesses versículos das Escrituras indica uma distinção entre Deus e a humanidade do Messias.

Para um estudo do quarto homem no fogo (Daniel 3:25), veja o II Capítulo. A passagem não se refere ao Filho de Deus, gerado no ventre de Maria, mas a um anjo, ou talvez a uma teofania temporária de Deus.

O Verbo de Deus

Ninguém pode afirmar, seriamente, que o Verbo de Deus, no Antigo Testamento, seja uma segunda pessoa na Divindade. O Verbo de Deus é parte dele e não pode ser separada. O Verbo de Deus não significa uma pessoa distinta tanto quanto a palavra de um homem não significa que ele seja composto por duas pessoas. O Salmo 107:20 diz: "Enviou-lhes a sua palavra". Isaías 55:11 diz: "Assim será a palavra que sair da minha boca." Desses versículos fica claro que o Verbo de Deus é algo que pertence a Ele e é uma expressão vinda dele, não uma pessoa separada na Divindade.

A Sabedoria de Deus

Alguns vêem uma distinção de pessoas nas descrições da sabedoria de Deus, particularmente aquelas em Provérbios 1:20-33; 8:1-36, e 9:1-6. No entanto, essas passagens das Escrituras simplesmente personificam a sabedoria como um artifício literário e poético. Todos nós conhecemos muitos exemplos, na literatura, onde um autor personifica uma idéia, emoção ou qualquer coisa intangível, em busca de ênfase, mais vida e ilustração. É fácil notar o engano completo de tentar fazer a personificação literária da sabedoria, na Bíblia, implicar em uma pessoa distinta de Deus, porque em todas as passagens citadas a sabedoria é personificada como uma mulher! Assim, se a sabedoria é a segunda pessoa na Divindade, a segunda pessoa é feminina.

O modo correto de considerar a sabedoria, na Bíblia, é vê-la com um atributo de Deus - parte de Sua onisciência. Ele usou Sua sabedoria ao criar o mundo (Salmo 136:5; Provérbios 3:19; Jeremias 10:12). Assim como a sabedoria de uma pessoa não se separa da própria pessoa, também a sabedoria de Deus não é uma pessoa separada de Deus. A sabedoria é algo que Deus possui e algo que Ele reparte com os homens.

Naturalmente, Cristo sendo Deus manifestado em carne, toda a sabedoria de Deus está em Cristo (Colossenses 2:3). Ele é a sabedoria de Deus, bem como o poder de Deus (I Coríntios 1:24). Isso não significa que Cristo seja uma pessoa distinta de Deus, mas, antes, que em Cristo habitam toda a sabedoria e todo o poder de Deus (juntamente com os outros atributos de Deus). Através de Cristo, Deus revela aos homens Sua sabedoria e Seu poder. A sabedoria é simplesmente um atributo de Deus descrito no Antigo Testamento e revelado por Cristo no Novo Testamento.

Santo, Santo, Santo

Essa tríplice repetição, encontrada em Isaías 6:3, significa, de algum modo, que Deus é uma trindade? Não achamos que essa teoria mereça crédito. Repetição dupla ou tripla era uma prática literária Hebraica comum, e acontece, muitas vezes, nas Escrituras. Ela era usada, basicamente, para dar ênfase adicional. Por exemplo, Jeremias 22:29 diz, "Ó terra, terra, terra! ouve a palavra do SENHOR". Esse versículo, certamente, não indica três terras. (Se a tríplice repetição da palavra *santo* tem qualquer outro significado, este é a sugestão da existência passada, presente e futura de Deus, registrada em Apocalipse 4:8). Concluimos que "santo, santo, santo" destaca enfaticamente a santidade de Deus e não implica na pluralidade de pessoas.

Repetições de Deus ou SENHOR

Há evidência da pluralidade de pessoas nas repetições de *Deus* ou *SENHOR*, no mesmo versículo, tais como as triplas repetições (Números 6:24-26; Deuteronômio 6:4) e as duplas repetições (Gênesis 19:24; Daniel 9:17; Oséias 1:7)? Uma leitura atenta dessas passagens nos mostrará que não indicam pluralidade na Divindade. Vamos analisá-las resumidamente.

Números 6:24-26 é, simplesmente, uma bênção tripla. Deuteronômio 6:4 diz que Deus é um. Duas das repetições nos versículos são: "SENHOR" e "Deus". Será que todas as vezes em que "SENHOR" e "Deus" aparecem, indicam duas pessoas para Deus? Claro que não. Identificam, apenas, o único Deus como sendo o SENHOR (Jeová) adorado por Israel. Já examinamos Gênesis 19:24, neste capítulo. Em Daniel 9:17, o profeta simplesmente fala de Deus na terceira pessoa, e, em Oséias 1:7, Deus fala de Si mesmo na terceira pessoa. Isso não é incomum, porque no Novo

Testamento Jesus falou de Si mesmo usando a terceira pessoa (Marcos 8:38). Resumindo, todas as passagens das Escrituras que repetem as palavras Deus, SENHOR, ou algum outro nome para Deus, seguem um uso comum, normal. Nenhuma delas sugere uma pluralidade na Divindade.

O Espírito do SENHOR

Várias passagens do Antigo Testamento mencionam o Espírito do SENHOR. Isso não nos traz problema algum, pois Deus é Espírito. A expressão "Espírito do SENHOR" meramente destaca que o SENHOR é, realmente, um Espírito. Ela dá ênfase à obra do SENHOR entre os homens e sobre os indivíduos. Não sugere pluralidade de pessoas mais do que quando falamos sobre o espírito de um homem. Realmente, o SENHOR deixa isso claro quando Ele fala "o meu Espírito" (Isaías 59:21).

O SENHOR Deus E Seu Espírito

Essa expressão, encontrada com Isaías 48:16, não indica duas pessoas, assim como as frases do tipo "um homem e seu espírito" ou "um homem e sua alma", não indicam pluralidade. Por exemplo, o rico insensato falou com sua alma (Lucas 12:19), mas isso não significa que ele fosse duas pessoas. "SENHOR Deus" significa a soma total de Deus em toda a Sua glória e transcendência, enquanto "seu Espírito" se refere àquele Seu aspecto com o qual o profeta teve contato e que se movia sobre o profeta. O próprio versículo seguinte (Isaías 48:17) fala de "O Santo de Israel", não de dois ou três santos. Isaías 63:7-11 fala do SENHOR e de "seu Espírito Santo" enquanto Isaías 63:14 fala do "Espírito do SENHOR". Está claro que não existe diferenciação de pessoas entre Espírito e SENHOR. (Veja o IX Capítulo, para ter mais exemplos do Novo Testamento, nos quais, e não significa distinção de pessoas.) O SENHOR é um Espírito, e o Espírito do SENHOR é, simplesmente, Deus em ação.

O Ancião De Dias E O Filho do Homem

Daniel teve uma visão, registrada em Daniel 7:9-28, na qual ele viu duas figuras. O primeiro ser que Daniel viu foi chamado o Ancião de Dias. Sua veste era branca como a neve, seus cabelos como pura lã, seu trono eram chamas de fogo com rodas de fogo ardente. Ele estava assentado no trono e julgava milhares de pessoas. Então, Daniel viu "um como o Filho do homem" se aproximando do Ancião de Dias. Esse homem recebeu o domínio eterno sobre todos os povos e um reino que jamais será destruído. Alguns trinitarianistas interpretam essa visão como sendo a visão de Deus, o Pai e Deus, o Filho. Entretanto, vamos examinar a passagem um pouco mais acuradamente.

No Livro do Apocalipse, parece que o Ancião de Dias não é outro senão Jesus Cristo mesmo! Apocalipse 1:12-18 descreve Jesus Cristo vestido com vestes talares, cabelos como alva lã, olhos como chama de fogo e pés semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha. Além disso, muitas passagens das Escrituras explicam que Jesus Cristo, o filho do homem, será o juiz de todos (Mateus 25:31-32; João 5:22, 27; Romanos 2:16; II Coríntios 5:10). Ainda mais, Jesus se assentará no trono (IV Capítulo). Na visão de Daniel, o chifre (anticristo) fazia guerra até a chegada do Ancião de Dias (Daniel 7:21-22), mas sabemos que Jesus Cristo voltará a terra e destruirá os exércitos do anti cristo (Apocalipse 19:11-21). Em resumo, concluímos que a descrição de Jesus, no Apocalipse, é igual à descrição do Ancião de Dias, em Daniel 7. Se o Ancião de Dias em Daniel 7, é o Pai então Jesus deve ser o Pai.

Em Daniel 7:13, um como que o Filho do homem se aproxima do Ancião de Dias e recebe dele, o domínio. Quem é esse? A cena parece ser a visão de um homem que representa os santos de Deus. Essa explicação é, possivelmente, a que está mais de acordo com o capítulo. Daniel recebeu a interpretação da visão, a partir do versículo 16. O versículo 18 diz que os santos do Altíssimo possuirão o reino para todo o sempre. Então, o versículo 22 diz que os santo possuirão o reino. Os

versículos 26-27 dizem que o reino e o domínio (mesmas palavras do versículo 14) serão dados aos santos do Altíssimo e que o reino será eterno. O versículo 27 conclui afirmando que todos os domínios estarão, em última instância, subordinados a Deus.

Daniel 7:16-28, portanto, nos dá a interpretação de 7:9-14. Em seus próprios termos, o capítulo identifica o "como o Filho do homem como uma representação dos santos de Deus. A NIV traduz a expressão do versículo 13 como "um semelhante a um filho do homem". Devemos observar a falta do artigo definido ("o") nessa tradução o que reflete a falta do mesmo na linguagem original. Devemos, também, ter em mente que, no Antigo Testamento, "filho do homem" pode se referir a qualquer homem em particular (Ezequiel 2:1) ou à humanidade, em geral (Salmos 8:4; 146:3; Isaías 51:12). No Salmo 80:17 a expressão significa um homem a quem Deus delegou soberania e poder. Assim, a interpretação de que "filho do homem" representa os santos está de acordo com o uso da expressão em outras passagens das Escrituras.

Alguns comparam "um como o Filho do homem" de Daniel com Jesus Cristo, uma vez que Jesus muitas vezes Se chamou de o Filho do homem. Essa identificação, entretanto, ignora a interpretação dada pelo próprio texto de Daniel 7. Se Daniel pretendia se referir ao Cristo, por que não O chamou de Messias, como o fez em 9:25? Além disso, mesmo que o "Filho do homem", em Daniel, fosse Jesus Cristo "um como o Filho do homem," não precisaria, necessariamente, ser. De fato, a expressão poderia indicar que o homem na visão de Daniel não é Jesus, mas apenas alguém parecido com Ele, quer dizer, os santos da igreja. Sabemos que os santos são filhos de Deus, co-herdeiros com Cristo, irmãos de Cristo, feitos à imagem de Cristo e parecidos com Cristo (Romanos 8:17, 29; I João 3:1-2).

De qualquer modo precisamos lembrar que a visão de Daniel era profética em sua natureza e não descritiva de uma situação real, em seu tempo. Se presumimos que o homem em Daniel 7 é Jesus Cristo, então, no máximo, a visão mostra Jesus em dois papéis do pai e do filho. Ela não pode ensinar duas pessoas porque o Ancião de Dias é identificado com Jesus em Sua divindade. No máximo, essa passagem pode retratar a dual natureza e o papel de Jesus, semelhantemente à visão em Apocalipse 5 sobre o Único no trono (Deus em toda a Sua divindade) e o Cordeiro (Jesus em Seu papel humano e sacrificial). (Veja no IX Capítulo explicação mais completa dessa passagem do Apocalipse.)

Em conclusão, tanto "um como o Filho do homem" como "um semelhante a um filho de homem", de Daniel 7, representam os santos que herdarão o reino de Deus. Se a passagem, realmente, se referir a Jesus Cristo, então estará se referindo a Ele em Seu papel humano, assim como o Ancião de Dias O descreve em Seu papel divino.

Companheiro De Jeová

Em Zacarias 13:7, o SENHOR falou do Messias e O chamou "o homem que é o meu companheiro." A chave para a compreensão desse versículo é ter em mente que o SENHOR descrevia um "homem". Quer dizer, Ele estava falando a respeito do homem Jesus Cristo, dizendo que esse homem seria Seu companheiro, ou alguém chegado a Ele. Esse versículo não descreve um Deus chamado outro Deus de "meu Deus companheiro". Isso está mais claro ainda nas versões NIV e TAB. A primeira traduz a expressão como "o homem que está perto de mim," e a segunda a traduz como "o homem que está associado a mim." Somente Jesus Cristo, o homem sem pecado, poderia se aproximar do santo Espírito de Deus e estar, realmente, junto de Deus. É por isso que I Timóteo 2:5 diz: "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem." Naturalmente, por Cristo, podemos alcançar comunhão com Deus.

Conclusão

O Antigo Testamento não ensina nem sugere uma pluralidade de pessoas na Divindade. Podemos, satisfatoriamente, explicar todas as passagens do Antigo Testamento usadas por alguns trinitarianistas para ensinar a pluralidade de pessoas, harmonizando-as com as muitas outras

passagens que, inequivocamente, ensinam o monoteísmo estrito. Com certeza, os Judeus não tiveram dificuldade para aceitar todo o Antigo Testamento como a Palavra de Deus, e, ao mesmo tempo, aderirem à crença de um Deus indivisível. Do princípio ao fim, e sem contradição, o Antigo Testamento ensina a bela verdade de um só Deus.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO VII

¹ Flanders e Cresson. Pág. 48. n. 8.

² Conversa com o Rabino Ortodoxo David Rubin, Diretor do Institute of Torah Studies, Jerusalém, Israel, Novembro. 1980

8

EXPLICAÇÕES DO NOVO TESTAMENTO: OS EVANGELHOS

Este capítulo estuda referências encontradas nos Evangelhos, que têm sido usadas por alguns para ensinar a pluralidade de pessoas na Divindade. Embora faça parte do próximo capítulo o exame de certas passagens de Atos ao Apocalipse, este capítulo explicará algumas delas enquanto relacionadas a questões suscitadas nos Evangelhos. Precisamos colocar todos esses versículos das Escrituras em harmonia com o resto da Palavra de Deus, que ensina um único Deus. De um modo bem interessante, esses versículos, quando corretamente entendidos, afirmam a unicidade de Deus.

Quatro Importantes Auxílios Ao Entendimento

Desde o início de nosso estudo, temos enfatizado quatro pontos importantes. Se os entendermos claramente, muitos dos aparentemente difíceis versículos das Escrituras, se tornarão prontamente explicáveis.

1) Quando vimos um plural (especialmente uma dualidade) usado com referência a Jesus, precisamos pensar na humanidade e na divindade de Jesus Cristo. Há uma dualidade real, mas ela é uma distinção entre Espírito e carne, não uma distinção de pessoas em Deus.

2) Quando lemos uma passagem relativa a Jesus, devemos nos perguntar se ela se refere a Ele em Seu papel de Deus, ou em Seu papel de homem, ou a ambos. Ele está falando como Deus ou como homem, nessa passagem? Lembre-se de que Jesus tem uma dualidade de natureza que ninguém jamais possuiu.

3) Quando encontramos um plural referente a Deus, devemos entendê-lo como uma pluralidade de papéis ou de relacionamentos com a humanidade, não uma pluralidade de pessoas.

4) Devemos nos lembrar que os escritores do Novo Testamento não tinham, no momento em que escreveram as Escrituras, noção da doutrina da trindade, a qual surgiria muito mais tarde. Eles vinham de uma herança Judaica estritamente monoteísta; a existência de um Deus único não era, para eles, absolutamente, um ponto de discussão. Algumas passagens podem nos parecer

"trinitarianistas" ao primeiro olhar, porque trinitarianistas através dos séculos, as têm usado e interpretado de acordo com sua doutrina. Mas para a Igreja Primitiva, que não tinha noção da futura doutrina da trindade, essas mesmas passagens eram muito normais, comuns e prontamente entendidas em sua percepção do poderoso Deus em Cristo. Para eles, não havia contradição entre o estrito monoteísmo e a divindade de Jesus.

Tendo em mente esses quatro pontos, vamos voltar a algumas passagens específicas das Escrituras.

O Batismo De Cristo

"Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:16-17).

De acordo com essa passagem, o Filho de Deus foi batizado, o Espírito desceu como uma pomba, e uma voz falou, vinda do céu. Lucas 3:22 acrescenta uma informação, dizendo que "o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba."

Para entender a cena corretamente, precisamos nos lembrar que Deus é onipresente. Jesus é Deus, e foi Deus manifestado em carne, enquanto esteve sobre a terra. Ele não podia e não sacrificou Sua onipresença, enquanto esteve na terra, porque esse é um dos atributos básicos de Deus, e Deus nunca muda. O corpo físico de Jesus, naturalmente, não era onipresente, mas Seu Espírito era. Além disso, embora a plenitude do caráter de Deus habitasse o corpo de Jesus, o Espírito onipresente de Jesus não podia ser assim confinado. Desse modo, Jesus podia estar no céu e na terra, ao mesmo tempo (João 3:13) e com dois ou três de Seus discípulos, a qualquer tempo (Mateus 18:20).

Tendo em mente a onipresença de Deus, podemos compreender o batismo de Cristo, muito facilmente. Não foi difícil, de modo algum, para o Espírito de Jesus falar dos céus e enviar uma manifestação de Seu Espírito em forma de pomba, mesmo quando Seu corpo humano estava no rio Jordão. A voz e a pomba não representavam pessoas separadas, assim como a voz de Deus, vinda do Sinai, não significava que a montanha era uma pessoa inteligente, separada da Divindade.

Sendo a voz e a pomba manifestações simbólicas de um Deus onipresente, podemos perguntar o que significavam. Qual era seu propósito? Primeiro, precisamos perguntar qual era o propósito do batismo de Jesus. Certamente Ele não foi batizado para a remissão dos pecados, como nós, porque Ele era sem pecados (I Pedro 2:22). Em vez disso, a Bíblia diz que Ele foi batizado para cumprir toda justiça (Mateus 3:15). Ele é nosso exemplo e foi batizado para nos deixar um exemplo a ser seguido (I Pedro 2:21).

Além disso, Jesus foi batizado como um modo de Se manifestar, ou Se tornar conhecido para Israel (João 1:26-27, 31). Em outras palavras, Jesus usou o batismo como ponto de partida de Seu ministério. Ele foi uma declaração pública de quem Ele era e do que tinha vindo fazer. Por exemplo, por ocasião do batismo de Cristo, João Batista entendeu quem era Jesus. Até o batismo, ele não sabia que Jesus era realmente o Messias, e, após o batismo ele estava apto a declarar ao povo que Jesus era o Filho de Deus e o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29-34).

Tendo estabelecido o propósito do batismo de Cristo, vamos ver como a pomba e a voz facilitaram esse propósito.

João 1:32-34 afirma, claramente, que a pomba era um sinal que veio por causa de João Batista. Sendo João o precursor de Jeová (Isaías 40:3), ele precisava saber que Jesus era realmente Jeová vindo em carne. Deus tinha dito a João que Aquele que seria batizado com o Espírito Santo seria identificado pelo Espírito que desceria sobre Ele. Naturalmente, João era incapaz de ver o Espírito de Deus ungindo a Cristo, portanto Deus escolheu uma pomba como sinal visível de Seu Espírito. Por isso a pomba era um sinal especial para João, para fazê-lo saber que Jesus era Jeová e o Messias.

A pomba era, também um tipo de unção que significava o início do ministério de Cristo. No Antigo Testamento, profetas, sacerdotes e reis eram ungidos com óleo para indicar que Deus os havia escolhido (Êxodo 28:41; I Reis 19:16). Os sacerdotes, em particular, eram lavados em água e ungidos com óleo (Êxodo 29:4, 7). O óleo simbolizava o Espírito de Deus. O Antigo Testamento profetizou que Jesus seria ungido de modo semelhante (Salmo 2:2; 45:7; Isaías 61:1). De fato, a palavra Hebraica Messiah (Cristo, em Grego) significa "O Ungido". Jesus veio para cumprir os papéis de profeta, sacerdote e rei (Atos 3:20-23; Hebreus 3:1; Apocalipse 1:5). Ele veio, também para cumprir a lei (Mateus 5:17-18), e, cumprir Sua própria lei, Ele precisava ser ungido como profeta, sacerdote e rei.

Sendo Jesus o próprio Deus e um homem sem pecados, não era suficiente que fosse ungido por um homem pecador e com óleo simbólico. Em lugar disso, Jesus foi ungido diretamente pelo Espírito de Deus. Desse modo, por ocasião de Seu batismo pela água, Jesus foi oficialmente ungido para o início de Seu ministério terreno, não pelo óleo simbólico, mas pelo Espírito de Deus na forma de uma pomba.

A voz veio do céu por causa do povo. João 12:28-30 registra um acontecimento semelhante no qual uma voz veio do céu e confirmou a divindade de Jesus para o povo. Jesus disse que a voz viera não por Sua causa, mas por causa do povo. A voz era a maneira de Deus apresentar Jesus, formalmente a Israel, como o Filho de Deus. Muitas pessoas estavam presentes ao batismo de Jesus, e muitos estavam sendo batizados (Lucas 3:21), portanto o Espírito destacou o homem Jesus e O identificou a todos como o Filho de Deus, através de uma voz miraculosa, vinda do céu. Isso era muito mais eficiente e convincente que uma declaração feita por Jesus, como homem. De fato, parece que essa manifestação miraculosa demonstrou, efetivamente, na ocasião de Seu batismo, o propósito de Jesus.

O batismo de Jesus não nos ensina que Deus é três pessoas, mas, apenas, revela a onipresença de Deus e a humanidade do filho de Deus. Quando Deus fala a quatro pessoas diferentes, em quatro diferentes continentes, ao mesmo tempo, não pensamos em quatro pessoas de Deus, mas, sim, na onipresença de Deus. Deus não pretendeu, com o batismo, revelar aos monoteístas espectadores Judeus uma manifestação radicalmente nova de pluralidade da Divindade, e não temos indícios de que os Judeus tenham interpretado dessa maneira o acontecimento. Até mesmo muitos dos modernos estudiosos têm visto o batismo de Cristo não como uma indicação da trindade, mas como uma referência à "unção autorizada de Jesus como o Messias.":

A Voz do Céu

Três vezes, na vida de Jesus, uma voz veio do céu; por ocasião de Seu batismo, em Sua transfiguração (Mateus 17:1-9), e após Sua entrada triunfal em Jerusalém (João 12:20-33). Acabamos de explicar que a voz não indica uma pessoa separada na Divindade, mas, apenas, uma outra manifestação do Espírito onipresente de Deus.

Em cada um desses três casos, a voz não foi por causa de Jesus, mas por causa de outros, e ela veio com propósitos específicos. Como já estudamos, a voz, no batismo de Cristo, era parte do início de Seu ministério terreno. Ela veio por causa do povo, assim como a pomba desceu por causa de João. A voz apresentou Jesus como O Filho de Deus: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:17). A voz, na transfiguração, era, inquestionavelmente, por causa dos discípulos que ali estavam, pois sua mensagem era: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo: a ele ouvi" (Mateus 17:5). A terceira manifestação da voz aconteceu quando um grupo de Gregos (aparentemente prosélitos Gentios) vieram ver Jesus. Jesus suplicou que a voz não era por Sua causa, mas por causa do povo (João 12:30).

As Orações De Cristo

As orações de Cristo indicam uma distinção de pessoas entre Jesus e o Pai? Não. Ao contrário, Suas orações indicam uma distinção entre o Filho de Deus e Deus. Jesus orou em Sua

humanidade, não em Sua divindade. Se as orações de Jesus demonstram que a natureza divina de Jesus é diferente da do Pai, então, Jesus é inferior ao Pai, em divindade. Em outras palavras, se Jesus orou como Deus, então Sua posição na Divindade seria, de algum modo, inferior às outras "pessoas". Esse exemplo destrói efetivamente o conceito de uma trindade de pessoa idênticas.

Como pode Deus orar e ainda ser Deus? Por definição, Deus em Sua onipresença não tem necessidade de orar, e em Sua unicidade não tem outro a quem Ele possa orar. Se as orações de Jesus provam que existem duas pessoas na Divindade, então uma dessas pessoas se subordina à outra e não é, portanto, completa e verdadeiramente Deus.

Qual é, então, a explicação para as orações de Jesus? Só pode ser a de que a natureza humana de Jesus orou ao eterno Espírito de Deus. A natureza divina não precisava de ajuda; somente a natureza humana. Como disse Jesus, no Jardim do Getsêmani: "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mateus 26:41). Hebreus 5:7 torna claro que Jesus precisava orar apenas "nos dias da sua carne." Durante a oração no Getsêmane, a vontade humana se submeteu à vontade divina. Através da oração, Sua natureza humana aprendeu a ser submissa e obediente ao Espírito de Deus (Filipenses 2:8; Hebreus 5:7-8). Essa não foi uma luta travada entre duas vontades divinas, mas uma luta entre as vontades divina e humana que havia em Jesus. Como homem submeteu-se ao Espírito de Deus, e dele recebeu força.

Alguns podem se opor à esta explicação, argumentando que ela significa que Jesus orou a Si mesmo. Entretanto, precisamos nos dar conta que, diferentemente de qualquer outro ser humano, Jesus tinha duas naturezas perfeitas e completas - a humanidade e a divindade. O que poderia ser absurdo ou impossível para o homem comum, não é tão estranho tratando-se de Jesus. Nós não dizemos que Jesus orou a Si mesmo porque isso implicaria, de modo incorreto, em que Jesus tivesse apenas uma natureza, como o homem comum. Antes, afirmamos que a natureza humana de Jesus orou ao Espírito divino de Jesus, que habitava o homem.

A escolha é simples. Ou Jesus, como Deus, orou ao pai, ou Jesus, como homem, orou ao Pai. Se a primeira alternativa for verdadeira, então, temos uma forma de submissão ou Arianismo, no qual uma das pessoas da Divindade é inferior, não equivalente, à outra pessoa da Divindade. Isso contradiz o conceito bíblico de um único Deus, a completa divindade de Jesus, e a onipresença de Deus. Se a segunda alternativa estiver correta, e assim acreditamos, então não existe nenhuma distinção de pessoas na Divindade. A única distinção existente está entre a humanidade e a divindade, não entre Deus e Deus.

"Deus Meu, Deus Meu, Por que Me Desamparaste"

Este versículo (Mateus 27:46) não pode descrever uma separação real entre o Pai e o Filho porque Jesus é o Pai. Jesus disse: "Eu e o Pai somos um" (João 10:30). A Bíblia diz que "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19), Jesus era Deus Pai manifestado em carne para reconciliar consigo mesmo, o mundo. O grito de Jesus na cruz não significa que o Espírito de Deus tivesse se separado do corpo, mas que não havia ajuda do Espírito em Sua morte sacrificial de substituição à humanidade pecadora. Não era uma pessoa da Divindade sendo abandonada por outra, mas a natureza humana sentindo a ira e o julgamento de Deus sobre os pecados da humanidade.

Não havia dois filhos - um filho divino e um filho humano - mas havia duas naturezas - divindade e humanidade - fundidas em uma pessoa. O divino Espírito não poderia ser separado da natureza humana e a vida ainda continuar. Mas, em Sua agonia de morte, Jesus sofreu a dor pelos nossos pecados. A morte veio quando Ele entregou o Seu Espírito.

Em outras palavras, o que Jesus queria dizer quando clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" era que Ele tinha tomado o lugar do homem pecador na cruz e estava recebendo a punição pelos pecados. O sofrimento não foi diminuído por causa de Sua divindade. Sendo que todos pecamos (Romanos 3:23) e sendo o salário do pecado a morte (Romanos 6:23), toda a humanidade (exceto o Cristo sem pecado) devia morrer. Cristo tomou nosso lugar e sofreu a morte que nós merecíamos (Romanos 5:6-9). Na cruz Ele experimentou a morte por todos os homens

(Hebreus 2:9). Essa morte foi mais que uma morte física; ela abrangia a morte espiritual, que é a separação de Deus (II Tessalonicenses 1:9; Apocalipse 20:14).

Nenhum ser vivo da terra sentiu essa morte espiritual em seu mais alto grau, porque todos nós vivemos e nos movemos e existimos em Deus (Atos 17:28). Mesmo o ateu goza de muitas coisas boas como a alegria, o amor e a própria vida. Tudo que é bom vem de Deus (Tiago 1:17), e toda vida tem origem nele e é mantida por Ele. Mas Jesus provou a morte definitiva - a separação de Deus que o pecador sentirá no lago de fogo. Ele sentiu a angústia, a desesperança e o desalento, como se Ele fosse um homem abandonado eternamente por Deus. Assim, a natureza humana de Jesus gritou na cruz, quando Jesus tomou sobre Si o pecado do mundo todo e sentiu o castigo eterno da separação por causa do pecado (I Pedro 2:24).

Não devemos supor que o Espírito de Deus se separou do corpo de Jesus no momento em que Ele proferiu as palavras: 'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?' O Espírito divino deixou o corpo humano somente por ocasião da morte. Hebreus 9:14 diz que Cristo Se ofereceu a Deus pelo Espírito eterno. Também Jesus disse a Seus discípulos a respeito de Sua morte: "Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo não estou só, porque o Pai está comigo" (João 16:32). Assim, o Espírito eterno de Deus, o Pai, não deixou o corpo humano de Cristo até a Sua morte.

Comunicação De Conhecimento Entre As Pessoas Da Divindade!

Alguns acreditam que a Bíblia descreve transferência de conhecimento entre diferentes pessoas na Divindade. Esse é um argumento perigoso pois traz implícito a idéia de que possa haver uma pessoa na Divindade sabendo algo que uma outra pessoa não sabe. Isso implica numa doutrina de personalidades e mentes separadas em Deus, o que, por sua vez, leva ao triteísmo ou politeísmo.

Vamos examinar melhor algumas passagens das Escrituras. Mateus 11:27 diz: "Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar." Esse versículo afirma, apenas, que ninguém pode compreender quem o Filho (a manifestação de Deus na carne), é, exceto pela revelação divina (do Pai). Jesus, sem dúvida, tinha isso em mente quando disse a Pedro: "Não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mateus 16:17). Foi-nos dito que nenhum homem pode dizer que Jesus é o Senhor a não ser pelo Espírito (I Coríntios 12:3). O Pai revelou aos homens Sua natureza e caráter, pela Encarnação - através de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Romanos 8:26-27 diz: "O mesmo Espírito intercede por nós", e "Aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito." Essas afirmativas indicam apenas uma pluralidade de funções do Espírito. De um lado, Deus coloca Seu Espírito em nossos corações para nos ensinar a orar e para orar através de nós. De outro lado, Deus ouve nossas preces, sonda e conhece nossos corações e compreende as orações que Ele ora através de nós, pela intercessão de Seu próprio Espírito. Esse versículo não implica na separação de Deus e Seu Espírito, porque Deus é Espírito. Nem ele indica uma separação de Cristo, como aquele que sonda os corações, do Espírito como intercessor, porque a Bíblia afirma, também, que Cristo intercede por nós (Hebreus 7:25; Romanos 8:34), e o Espírito sonda todas as coisas, inclusive nossos corações. "Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio Espírito que nele está? assim também as coisas de Deus ninguém as conhece senão o Espírito de Deus" (I Coríntios 2:10-11). Embora o Espírito sonde "as profundezas de Deus," não devemos pensar que há uma separação entre Deus e Seu Espírito. O que nos é dito é que Deus revela coisas a nós pelo Seu Espírito em nossas vidas. Seu Espírito em nós comunica verdades de Sua mente para nossa mente: "Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito, porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus." Então a passagem compara o homem e seu espírito, com Deus e Seu Espírito. Um homem não é duas pessoas, nem Deus.

Mateus 28: 19

No VI Capítulo já estudamos Mateus 28:19, mostrando que ele descreve um Deus com múltiplos ofícios, mas com somente um nome. O ponto focado não é uma pluralidade, mas a unicidade.

Preexistência de Deus

Muitas passagens das Escrituras se referem à existência de Jesus, antes do começo de Sua vida humana. Entretanto, a Bíblia não nos ensina que Ele existia separado e distante do Pai. O Espírito de Jesus existiu desde toda a eternidade porque Ele é o próprio Deus. A humanidade de Jesus, no entanto, não existiu antes da Encarnação, a não ser como um plano na mente de Deus. Podemos afirmar, portanto, que o Espírito de Jesus preexistiu a Encarnação, mas não podemos dizer que o Filho preexistiu a Encarnação em qualquer sentido substancial. João 1:1, 14 é um bom resumo do ensino da preexistência de Jesus: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne..." Em outras palavras, Jesus existiu como Deus, desde toda a eternidade. O plano da futura filiação existia em Deus, desde o princípio - como uma idéia na mente de Deus. Posteriormente, esse Verbo se tornou carne - como extensão de Deus Pai, em forma humana. (Para melhor explicação desse conceito em João 1, veja o IV Capítulo. Para saber mais sobre o Filho e a preexistência de Cristo, inclusive a exposição de Hebreus 1, veja o V Capítulo.)

Vamos aplicar esses conceitos a vários versículos que falam da preexistência de Cristo. Podemos entender João 8:58 ("Antes que Abraão existisse, eu sou") como uma referência a preexistência de Jesus como o Deus do Antigo Testamento. Do mesmo modo, podemos entender João 6:62 ("Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava?"), com Jesus usando a expressão "Filho do homem" mais para significar "Eu" ou "mim" do que para enfatizar Sua humanidade. Em João 16:28, Jesus disse: "Vim do Pai". Isso se refere também, à Sua preexistência como Deus. A natureza divina de Jesus era Deus Pai, por isso a dupla natureza de Cristo podia dizer: "Vim do Pai." Essa afirmativa pode descrever, também, o Verbo, o plano que existia na mente de Deus, que se tornou carne e foi enviado ao mundo.

Em João 17:5, Jesus orou, "E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo." Outra vez, Jesus falava da glória que Ele tinha como Deus, no começo, e da glória que o Filho tinha no plano e na mente de Deus. Essa afirmativa não pode significar que Jesus preexistiu com glória como o Filho. Jesus estava orando, portanto, Ele devia estar falando como homem, não como Deus. Sabemos que a humanidade não preexistiu a Encarnação, portanto, Jesus estava falando a respeito da glória que o Filho tinha no plano de Deus, desde o início.

Outros versículos relacionados com a preexistência de Jesus como Deus, são tratados nos IV, V e IX Capítulos.

O Filho Enviado Pelo Pai

João 3:17 e 5:30, juntamente com outros versículos das Escrituras afirmam, que o Pai enviou o Filho. Isso significa que Jesus, o Filho de Deus, seja uma pessoa separada do Pai? Sabemos que não é assim porque muitos versículos das Escrituras ensinam que Deus se manifestou na carne (II Coríntios 5:19; I Timóteo 3:16). Ele deu-se a Si mesmo; Ele não enviou outra pessoa (João 3:16). O Filho foi enviado por Deus como um homem, não como Deus: "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher" (Gálatas 4:4). A palavra *enviou* não implica na preexistência do Filho ou na preexistência do homem. João 1:6 afirma que João Batista era um homem enviado por Deus, e sabemos que ele não existia antes de sua concepção. Em vez disso, a palavra *enviou* indica que Deus escolheu o Filho com um propósito especial. Deus elaborou um plano, revestiu de carne aquele plano, e, então, o pôs em execução. Deus se manifestou em carne para alcançar um objetivo especial. Hebreus 3:1 chama Jesus de o Apóstolo de nossa confissão, *apóstolo* significando "o

enviado" em Grego. Resumidamente, enviar o Filho enfatiza a humanidade do Filho e o propósito específico para o qual o Filho nasceu.

Amor Entre Pessoas Na Divindade?

Um argumento filosófico popular a respeito da trindade se baseia no fato de que Deus é amor. O argumento básico é o seguinte: Como pode Deus ser amor e mostrar amor antes de ter criado o mundo, a menos que fosse uma pluralidade de pessoas que se amavam entre si? Essa linha de raciocínio é falha por diversas razões. Primeiro, mesmo sendo correta, não provaria uma trindade. De fato, poderia levar ao politeísmo. Segundo, por que Deus precisa provar-nos a natureza eterna de Seu amor? Por que não podemos aceitar, simplesmente, que Deus é amor? Por que limitarmos Deus ao nosso conceito de amor, argumentando que Ele não poderia ter sido amor na eternidade passada a não ser que Ele tivesse um, então existente, objeto de amor? Terceiro, como a solução trinitarianista evita o politeísmo e ao mesmo tempo, evita dizer, simplesmente, que Deus amava a Si próprio? Quarto, não podemos limitar Deus no tempo. Ele podia nos amar e o fez, desde a passada eternidade. Mesmo que ainda não existíssemos, Ele previa a nossa existência. Para Sua mente nós existíamos e Ele nos amava.

João 3:35, 5:20 e 15:9 afirmam que o Pai ama o Filho, e João 17:24 diz que o Pai amou Jesus antes que o mundo fosse fundado. Em João 14:31 Jesus expressou amor pelo Pai. Todas essas afirmações não significam pessoas distintas. (Não é estranho que essas passagens omitam o Espírito Santo desse relacionamento de amor?) O que esses versículos expressam é o relacionamento entre as duas naturezas de Cristo. O Espírito de Jesus amava a humanidade e vice-versa. O Espírito amava o homem Jesus assim como Ele ama toda a humanidade, e o homem Jesus amava a Deus assim como todo homem deve amar a Deus. Lembre-se, o Filho veio ao mundo para nos mostrar quanto Deus nos ama e, também, para ser nosso exemplo. Por causa desses dois objetivos a serem alcançados, o Pai e o Filho mostraram amor um pelo outro. Antes que o mundo fosse fundado, Deus sabia que Ele se manifestaria como o Filho. Ele amou esse plano, desde o começo. Ele amou aquele futuro Filho tanto quanto Ele nos amou desde o princípio dos tempos.

Outras Distinções Entre Pai E Filho

Muitos versículos das Escrituras fazem distinção entre o Pai e o Filho no que diz respeito a poder, grandeza e conhecimento. Entretanto, é um grande erro usá-los para mostrar a existência de duas pessoas na Divindade. Se existe uma distinção entre o Pai e o Filho, na Divindade, então o Filho é subordinado, ou inferior, ao Pai, em divindade. Isso significaria que o Filho não é plenamente Deus, porque, por definição, Deus não é inferior a ninguém. Por definição, Deus tem todo o poder (onipotência) e todo o conhecimento (onisciência). Para entendermos esses versículos devemos olhá-los como distinguindo entre a divindade de Jesus (o Pai) e a humanidade de Jesus (o Filho). A humanidade ou o papel na Filiação de Cristo está subordinada à Sua divindade.

João 5:19 diz: "O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz." (Veja, também, João 5:30; 8:28.) Em Mateus 28:18, Jesus proclamou: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra," o que significa que o Pai deu a Ele esse poder. Em João 14:28, Jesus disse: "O Pai é maior do que eu." A Primeira Carta aos Coríntios 11:3 afirma que o cabeça de Cristo é Deus. Todos esses versículos indicam que a natureza humana de Jesus não podia fazer nada de si mesma, mas recebia poder do Espírito. A carne estava sujeita ao Espírito.

Ao falar de Sua Segunda Vinda Jesus disse: "Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu nem o Filho senão somente o Pai" (Marcos 13:32). A humanidade de Cristo não sabia todas as coisas, mas o Espírito de Jesus sabia.

João 3:17 fala do Filho como tendo sido enviado por Deus. Em João 6:38 Jesus disse: "Porque eu desci do céu não para fazer a minha própria vontade; e, sim, a vontade daquele que me enviou." Jesus não veio de Si mesmo, isto é, de Sua humanidade, mas Ele foi enviado por Deus

(João 7:28; 8:42; 16:28). O Filho não ensinou Sua própria doutrina, mas aquela do Pai (João 7:16-17). Ele não ensinou Seus próprios mandamentos, mas ensinou e guardou os mandamentos do Pai (João 12:49-50; 15:10). Ele não buscou Sua própria glória, mas glorificou o Pai (João 8:50; 17:4). Todas essas passagens descrevem a distinção existente entre Jesus, como homem (Filho) e Jesus como Deus (Pai). O homem Jesus não teve sua origem na humanidade, nem o homem Jesus veio para manifestar a humanidade. O Espírito formulou o plano, concebeu o bebê, no ventre, colocou naquela carne todo o caráter e qualidade de Deus, e, então, enviou aquela carne ao mundo para manifestar Deus ao mundo. No final, aquela carne terá cumprido seu propósito. O Filho então voltará a ser parte do plano de Deus, para que Deus possa ser todo em todos (I Coríntios 15:28).

Esses versículos descrevem o relacionamento da natureza humana de Cristo como homem, com Sua natureza divina, como Deus. Se as interpretarmos como fazendo uma distinção entre duas pessoas chamadas Deus Pai e Deus Filho, cairemos em contradição. Teríamos o Deus Filho com as seguintes características que *não* são de Deus: Ele não teria de si mesmo, qualquer autoridade; Ele não saberia todas as coisas; Ele não faria Sua própria vontade; Ele teria alguém maior que Ele próprio; Ele teria Sua origem devida a outro alguém; e Ele, eventualmente, perderia Sua própria individualidade. Esses fatos das Escrituras contradizem o conceito de "Deus Filho."

As Passagens Que Usam Com

Como explicarmos o uso da palavra *com*, em João 1:1-2 e I João 1:2? João 1:1 diz que o Verbo estava *com* Deus, e continua, dizendo que o Verbo *era* Deus. Como foi explicado no Capítulo IV, o Verbo é o pensamento, o plano, ou expressão na mente de Deus. É assim que o Verbo poderia estar com Deus e, ao mesmo tempo, ser o próprio Deus. Devemos, também, notar que a palavra Grega *pros*, aqui traduzida como "com", é traduzida como "referente a", em Hebreus 2:17 e 5:1. Portanto, o Verbo estava com Deus, no sentido de pertencer a Deus e não no sentido de uma pessoa à parte, além de Deus. Mais que isso, se *Deus*, em João 1:1, significa Deus Pai; então o Verbo não é uma pessoa separada porque o versículo poderia ser lido assim: "O Verbo estava com o Pai e o Verbo era o Pai." Para que isso implicasse em uma pluralidade de pessoas em Deus, seria necessário uma mudança na definição de *Deus*, no meio do versículo.

Devemos também notar que I João 1:2 não indica que o Filho estava com Deus na eternidade. Afirma, antes, que a vida eterna estava com o Pai. Naturalmente, Jesus Cristo manifestou a vida eterna para nós. Ele é o Verbo da vida no versículo um. Entretanto, isso não significa que a vida eterna existia como uma pessoa separada do Pai. Significa, simplesmente, que o Pai possuía a vida eterna em Si mesmo - ela estava com Ele - desde o princípio. Essa vida eterna Ele a mostrou a nós, através de Seu aparecimento na carne, em Jesus Cristo.

Dois Testemunhos

Jesus disse: "Não sou eu só, porém eu e aquele que me enviou. Também na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro. Eu testifico de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também testifica de mim" (João 8:16-18). Pouco antes desses versículos, Jesus havia dito: "Eu sou a luz do mundo" (versículo 12). Esta era uma afirmação de Seu papel Messiânico (Isaías 9:2; 49:6). Os fariseus replicaram: "Tu dás testemunho de ti mesmo, logo o teu testemunho não é verdadeiro" (João 8:13). Em resposta a essa acusação, Jesus replicou que Ele não era o único a testemunhar, mas que dois davam testemunho do fato de que Ele era o Messias, o Filho de Deus. As duas testemunhas eram o Pai (o divino Espírito) e o homem Jesus. Em outras palavras, tanto Deus Pai como o homem Jesus podiam testificar que o Pai estava manifestado em carne, em Jesus. Jesus era ambos, Deus e homem, e ambas as naturezas podiam testificar esse fato. Nenhuma separação de pessoas, na Divindade era necessária para que tal ocorresse. Na verdade, se alguém entende que as duas testemunhas eram pessoas separadas em uma trindade, ela precisa explicar porque Jesus não disse que havia três testemunhas. Afinal de contas, a lei requeria duas testemunhas, mas pedia três, se possível (Deuteronômio 17:6; 19:15). Quando Jesus se referiu a Seu Pai, os fariseus

questionaram Jesus a respeito do Pai, sem dúvida se perguntando quando teria o Pai testemunhando diante deles. Em vez de dizer que o Pai era outra pessoa na Divindade, Jesus identificou-se com o Pai - o "Eu sou" do Antigo Testamento (João 8:19-27). Os dois testemunhos vinham do Espírito de Deus e do homem Cristo, e ambos testificavam que Jesus era Deus na carne.

O Uso Do Plural

Várias vezes Jesus se referiu ao Pai e a Si mesmo, no plural. Essas passagens estão no Livro de João, o escritor do Novo Testamento que, mais do que qualquer outro, identificou Jesus como Deus e o Pai. É um erro supor que o uso do plural significa que Jesus é uma pessoa separada do Pai, na Divindade. Esse uso, no entanto, indica uma distinção entre a divindade (Pai) e a humanidade (Filho) de Jesus Cristo. O Filho, que é visível, revelou o Pai, que é invisível. Jesus disse: "Se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai" (João 8:19); "Aquele que me enviou ... não me deixou só" (João 8:29); "Quem me odeia, odeia também a meu Pai" (João 15:23); "Mas agora não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim, como a meu Pai" (João 15:24); e. "Não estou só, porque o Pai está comigo" (João 16:32). Esses versículos das Escrituras usam o plural para expressar um tema consistente: Jesus não é apenas um homem, mas Ele é Deus, também. Jesus não era um homem comum, como Ele parecia ser exteriormente. Ele não estava só; Ele tinha o Espírito do Pai em Seu interior. Isso explica a dual natureza de Jesus e revela a unicidade de Deus.

Como o Pai estava com Jesus? A explicação lógica é que Ele estava em Jesus. Portanto, se você conhece Jesus, você conhece o Pai; se você vê Jesus, vê o Pai; e se você odiar Jesus, você odeia o Pai. II João 9 afirma: "O que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai como o Filho." Qual é a doutrina de Cristo? É a doutrina que afirma que Jesus é o Messias; Ele é o Deus do Antigo Testamento manifestado na carne. Quer dizer, o apóstolo escreveu que se compreendermos a doutrina de Cristo, entenderemos que Jesus é ambos, o Pai e o Filho. Não negamos, assim, nem o Pai, nem o Filho. Quando aceitamos a doutrina de Cristo, aceitamos a doutrina de ambos, do Pai e do Filho. É verdade também, que se negamos o Filho estamos negando o Pai, mas se confessamos o Filho, temos confessado, também, o Pai (I João 2:23).

Uma outra passagem com plural que merece especial atenção, João 14:23: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada." A chave para o entendimento desse versículo é ter em conta que o Senhor não estava falando de habitar em nós fisicamente. Além do mais, se há dois Espíritos de Deus, um do Filho e outro do Pai, haveria pelo menos dois Espíritos em nosso coração. Entretanto, Efésios 4:4 declara que há um Espírito. Sabemos que João 14:23 não quer dizer entrada corpórea, porque Jesus tinha dito: "Naquele dia vós conhecereis que eu estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós" (João 14:20). Naturalmente nós não estamos em Jesus no sentido físico. Portanto, o que significa essa passagem? Ela significa uma união - um em mente, propósito, plano e vida - com Cristo. Essa é a mesma idéia expressa em João 17:21-22, quando Jesus orou: "Afim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai; em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos."

Mesmo assim, por que Jesus usa o plural ao falar da união dos crentes com Deus? Naturalmente, Deus tinha planejado a salvação para reconciliar o crente com Ele mesmo. Mas, o homem pecador não pode se aproximar de um Deus santo, e um homem finito não pode compreender um Deus infinito. O único modo pelo qual podemos nos reconciliar com Deus e compreendê-lo é através de Sua manifestação na carne, através do homem sem pecados, Jesus Cristo. Quando somos um com Jesus, automaticamente somos um com Deus, uma vez que Jesus não é apenas um homem, mas, também Deus. Jesus usou o plural para enfatizar o fato de que, para estarmos unidos com Deus, precisamos, primeiro receber a expiação através do sangue de Jesus. Há apenas um mediador entre o homem e Deus, o homem Jesus (I Timóteo 2:5). Ninguém vem ao Pai a não ser por intermédio de Jesus (João 14:6). Para estarmos doutrinariamente corretos, precisamos confessar que Jesus veio em carne (I João 4:2-3). Quando recebemos Cristo, temos recebido ambos,

o Pai e o Filho (II João 9). Nossa união com o Pai e o Filho não é uma união com duas pessoas da Divindade, mas simplesmente uma união com Deus através do homem Jesus: "A saber que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19).

Uma outra maneira de se pensar a respeito de nossa união com Deus é nos lembrarmos dos dois ofícios diferentes ou relacionamentos, representados pelo Pai e pelo Filho. O crente tem à sua disposição as qualidades de ambos os papéis, tais como a onipotência do Pai e o sacerdócio e a submissão do Filho. Ele tem o Pai e o Filho. Entretanto, ele recebe todas essas qualidades de Deus quando recebe o único Espírito de Deus, o Espírito Santo. Ele não recebe dois ou três Espíritos. Quando Deus vem habitar o crente isso se chama o dom (ou batismo do Espírito Santo, e esse dom põe à nossa disposição todos os atributos e papéis de Deus: "Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo" (I Coríntios 12:13).

Se, por outro lado, uma pessoa interpretasse João 14:23 e 17:21-22, como descrevendo a união de duas pessoas na Divindade, então, para ser coerente, teria que interpretar que as Escrituras afirmam que os crentes se tornam membros da Divindade, assim como Jesus. Essas passagens, claramente ajudem à união com Deus que o Filho de Deus tem e que podemos usufruir, acreditando no Evangelho e obedecendo-o. (Jesus, naturalmente, é, também, um com o Pai no sentido de que Ele é o Pai, mas não é isso que esses versículos, em particular, descrevem.)

Conversas Entre Pessoas Na Divindade?

Não há registro na Bíblia de uma conversa entre duas pessoas de Deus, mas há muitas representações de comunhão entre as duas naturezas de Cristo. Por exemplo, as orações de Cristo retratam Sua natureza humana buscando auxílio do eterno Espírito de Deus.

João 12:28 registra um pedido, da parte de Jesus, para que o Pai glorificasse Seu próprio nome. Uma voz do céu falou, respondendo a esse pedido. Isso demonstra que Jesus era um homem, na terra, mas Seu Espírito era o Deus onipresente no universo. A voz não veio por causa de Jesus, mas por aqueles que ali estavam (João 12:30). A oração e a voz não constituem uma conversa entre duas pessoas na Divindade; pode-se dizer que era uma comunicação entre a humanidade de Jesus e Sua divindade. A voz era um testemunho ao povo, vindo do Espírito de Deus e revelando a aprovação de Deus ao Filho.

Hebreus 10:5-9 cita uma passagem profética do Salmo 40:6-8. Nessa representação profética da vinda do Messias, Cristo, como homem, fala ao Deus eterno, expressando Sua obediência e submissão à vontade de Deus. Essa cena é essencialmente semelhante àquela da oração de Cristo no Getsêmane. É óbvio que Cristo está falando como homem, porque Ele diz: "Antes corpo me formaste" e "Eis aqui estou para fazer, Ó Deus, a tua vontade."

Concluindo, a Bíblia não registra conversas entre pessoas na Divindade, mas entre as naturezas divina e humana. Interpretar essas duas naturezas como "pessoas" cria a crença de pelo menos, dois "Deuses". (É muito estranho que o Espírito Santo nunca tome parte nessas conversas!) Além disso, "pessoas" implicaria em inteligências separadas em uma divindade, um conceito que não difere do politeísmo.

Um Outro Consolador

Em João 14:16, Jesus prometeu enviar um outro Consolador. No versículo 26, Ele identificou o Consolador como o Espírito Santo. Isso quer dizer que o Espírito Santo é outra pessoa na Divindade? Não. Fica claro no contexto que o Espírito Santo é, simplesmente, Jesus em uma outra forma de manifestação. Em outras palavras, "outro Consolador" significa Jesus no Espírito, em oposição a Jesus na carne. No versículo 16, Jesus falou com os dois discípulos a respeito de outro Consolador. Então, no versículo 17, Jesus lhes falou que já conheciam o Consolador porque Ele habitava com eles e estaria neles. Quem vivia com os discípulos naqueles dias? Jesus, naturalmente. O Espírito de Jesus habitava com os discípulos uma vez que o Espírito se vestia de

carne, mas, logo, o Espírito estaria *nos* discípulos, pelo dom do Espírito Santo. Jesus tornou isso claro, quando disse, no versículo 18: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros."

Jesus foi para os céus em Seu corpo glorificado para poder formar um novo relacionamento com Seus discípulos, enviando de volta Seu próprio Espírito, como Consolador. Ele disse: "Convém-vos que eu vá, porque se eu não for o Consolador não virá para nós outros; se, porém, eu for, eu vô-lo enviarei" (João 16:7). O Espírito Santo é o Espírito de Cristo (Romanos 8:9; II Coríntios 3:17-18). Quando temos o Espírito em nós, temos Cristo em nós (Efésios 3:16-17).

Em resumo, Jesus tinha convivido com os discípulos, fisicamente, por, aproximadamente, três anos, mas tinha chegado a hora dele partir. Entretanto, Ele prometeu que não os deixaria sós, sem consolo, como órfãos. Em vez disso, Ele prometeu voltar de um modo novo. Ele não voltaria num corpo visível para habitar entre eles e ser limitado por aquele corpo, mas voltaria em Espírito para que pudesse habitar neles. Portanto, o Consolador, o Espírito Santo, é o Espírito de Jesus. Ele é manifestado de uma outra forma; Jesus pode estar *conosco* e em *nós*, Ele pode estar em todos os discípulos, pelo mundo todo, ao mesmo tempo e Ele pode cumprir Sua promessa de estar conosco até o final dos tempos (Mateus 28:20).

Jesus E O Pai São Um Apenas Em Propósito?

De acordo com João 17:21-22, os Cristãos devem ser um, em relação uns aos outros, assim como Jesus era um com o Pai. Isso destrói nossa crença de que Jesus é o Pai? Não. Nessa passagem, Jesus falou como homem - como o Filho. Isso é evidente porque Ele estava orando ao Pai, e Deus não precisa orar. Em Sua humanidade, Jesus era Um com o Pai, no sentido de unidade de propósito, mente e vontade. Nesse sentido, os Cristãos podem ser um com Deus e um, uns com os outros (Atos 4:32; I Coríntios 3:8; Efésios 2:14).

Precisamos lembrar que o Filho não é o mesmo que o Pai. O título *Pai* não se refere à humanidade, enquanto *Filho* se refere. Embora Jesus seja ambos, Pai e Filho, não podemos dizer que o Pai é o Filho.

Em João 17:21-22, Jesus, falando como homem, não afirmou que Ele era o Pai. No entanto, outras passagens descrevem a unicidade de Jesus com o Pai, num modo que transcende a mera unidade de propósito, e de um modo que indica que Jesus é o Pai. Esse é um nível adicional de unicidade que está além do nosso alcance porque fala de Sua absoluta divindade. Quando Jesus disse: "Eu e o Pai somos um", os Judeus entenderam corretamente que Ele queria dizer que Ele era Deus, e procuraram matá-lo (João 10:30-33). Naquela ocasião, Ele não apenas proclamou unidade com Deus, mas identidade com Deus. Jesus disse, também: "Quem me vê a mim, vê o Pai" (João 14:9). Não importa quanto um Cristão seja unido com Deus, nunca poderia fazer tal afirmação. Não importa quão unidos dois Cristãos sejam, não podem dizer: "Se você me viu, viu meu amigo." Assim também entre marido e mulher, mesmo que sejam uma só carne (Gênesis 2:24). Portanto, a unicidade de Jesus com o Pai significa mais que a unicidade que possa ser encontrada no relacionamento humano. Como homem, Jesus era um com o Pai no sentido de unidade de propósito, mente e vontade (João 17:22). Como Deus, Jesus é um com o Pai no sentido de identidade com o Pai - no sentido em que Ele é o Pai (João 10:30; 14:9).

Conclusão

Em conclusão, os Evangelhos não apresentam pessoas na Divindade. Os Evangelhos-não ensinam a doutrina da trindade, mas, simplesmente, ensinam que Jesus tinha duas naturezas - humana e divina, carne e Espírito, Filho e Pai. Há referências, no plural, ao Pai e ao Filho, no Livro de João, mas esse mesmo livro ensina a divindade de Jesus e a unicidade de Deus, mais que qualquer outro. Quando examinamos melhor essas referências no plural, achamos que, longe de contradizer o monoteísmo, elas reafirmam, realmente, que Jesus é o único Deus e que o Pai se manifesta no Filho.

No capítulo a seguir, nos voltaremos para outros livros do Novo Testamento: Atos, as Epístolas e o Apocalipse, para completarmos nosso estudo. Como acontece com os Evangelhos, esses livros ensinam a unicidade de Deus, sem separação de pessoas.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO VIII

¹ "Trinity, Holy. (In the Bible) *The New Catholic Encyclopedia*. XIV, 306.

9

EXPLICAÇÕES DO NOVO TESTAMENTO: DE ATOS AO APOCALIPSE

Este capítulo é uma continuação do VIII Capítulo. Ele explica alguns versículos do Novo Testamento, de Atos ao Apocalipse, que são, às vezes, usados para ensinar a pluralidade de pessoas na Divindade. (O Capítulo VIII trata de alguns desses versículos, enquanto relacionados a questões levantadas pelos Evangelhos.)

A Mão Direita De Deus

Numerosas passagens, no Novo Testamento, nos falam de Jesus assentado à mão direita de Deus. Pedro usou essa expressão em Atos 2:34, citando o Salmo 110:1. De acordo com Atos 7:55, Estêvão levantou seus olhos para os céus, enquanto era apedrejado até a morte e "viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à sua direita." Que significa essa expressão? Significa que há duas manifestações físicas de Deus, no céu? Deus e Jesus, com o segundo permanecendo permanentemente à mão direita de Deus? Foi isso que Estêvão viu?

Não é correto interpretarmos "a mão direita de Deus," literalmente, como uma mão física, Primeiro porque nenhum homem jamais viu a Deus, nem ninguém pode vê-lo (João 1:18; I Timóteo 6:16; I João 4:12). Deus é Espírito e, como tal, Ele é invisível (I Timóteo 1:17). Ele não tem uma mão direita física, a menos que Ele escolha Se manifestar em forma humana. Sabemos que Estêvão não viu, literalmente Deus e Jesus, separados. Se ele viu duas pessoas, porque iria ignorar uma delas, orando apenas a Jesus? (Atos 7:59-60). Se ele viu manifestações física separadas, do Pai e do Filho, por que não viu o Espírito Santo, a terceira pessoa?

Uma leitura cuidadosa de Atos 7:55, nos permitirá afirmar que Estêvão não viu Deus separado de Jesus. O versículo 55 não diz que Estêvão viu o Espírito de Deus, mas nos diz que ele

viu "a glória de Deus" e Jesus. No versículo 56, Estêvão disse: "Eis que vejo os céus aberto e o Filho do homem em pé à destra de Deus." A única imagem visual ou pessoa que Estêvão realmente viu foi Jesu Cristo.

Outros problemas surgem quando tomamos "a mão direita de Deus" no sentido literal. Jesus está sentado à mão direita de Deus, como registra Atos 2:34, ou está em pé à destra de Deus, como está registrado em Atos 7:55-56? Jesus está sentado sobre a mão direita de Deus, estendida, ou está sentado ao lado da mão direita? Jesus está no colo de Deus? (João 1:18). O que comentar a respeito de Apocalipse 4:2, que descreve um trono no céu e Um que está assentado no trono? O Pai está assentado no trono, e Jesus está assentado ao lado? O que dizer, então, a respeito do fato de Jesus ser O que está sentado no trono? (Apocalipse 4:2. 8; com 1:8, 18).

Obviamente, então, a descrição de Jesus, à mão direita de Deus, tem que ser figurativa ou simbólica. Na verdade isso fica evidente a partir de numerosas referências, através de toda a Bíblia, à mão direita de Deus. No Salmo 16:8, Davi escreveu: "O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita não serei abalado." Será que isso significa que o SENHOR estava sempre, fisicamente, presente à direita de Davi? O Salmo 77:10 diz: "E logo me lembrei dos anos da destra do Altíssimo." O salmista prometeu se lembrar dos anos quando Deus tinha a mão direita? O Salmo 98:1 declara, a respeito do SENHOR: "A sua destra e o seu braço santo lhe alcançaram a vitória." Isso significa que Deus derrotou Seus inimigos, tendo a mão esquerda mantida as costas, e esmagando-os com uma mão direita física? O Salmo 109:31 afirma que o SENHOR "se põe à direita do pobre." Ele, fisicamente, permanece junto aos pobres, durante todo o tempo? O SENHOR declarou, em Isaías 48:13: "A minha destra estendeu os céus," e, em Isaías 62:8 o SENHOR jurou pela Sua mão direita. Deus estendeu uma grande mão e, literalmente, cobriu o céu? Ou Deus colocou sua mão esquerda sobre Sua mão direita jurou por ela? Jesus expulsou demônios pelo dedo de Deus (Lucas 11:20). Ele apanhou do céu um dedo gigantesco e expulsou o demônio das pessoas?

Naturalmente, a resposta a todas essas perguntas é "Não". Portanto, precisamos entender "mão direita de Deus" num sentido figurativo, simbólico ou poético e não num sentido físico, real. Assim sendo, o que significa a frase?

Na Bíblia, a mão direita significa força, poder, importância e preeminência, assim como no nosso comum, em frases como: "Ele é minha mão direita." ou. "Eu daria minha mão direita por isso." O estudioso trinitarianista Bernard Ramm diz: "Falamos da onipotência de Deus em termos de mão direita, porque, entre os homens, a mão direita é símbolo de força e autoridade. Nos referimos a estar assentado à direita de Deus como primazia, porque nos relacionamentos sociais dos homens, a posição a direita, ocupada pelo hóspede era o lugar de mais alta honra."¹

É interessante e instrutivo usarmos alguns exemplos Bíblicos para mostrar essa associação que existe entre a mão direita e o poder. Êxodo 15:6 proclama: "A tua destra, ó SENHOR, é gloriosa em poder." O Salmo 98:1 e o Salmo 110:1, associam a destra de Deus com a vitória sobre os inimigos. Quando a Bíblia fala de Jesus sentado a direita de Deus, ela quer dizer que Jesus tem todo o poder e autoridade de Deus. O próprio Jesus deixou isso claro, em Mateus 26:64: "Entretanto, eu vos declaro que desde agora vereis o Filho do homem assentado a direita do Todo-Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu." (Veja, também, Marcos 14:62; Lucas 22:69.) Desse modo, Jesus declarou ter todo o poder de Deus; por consequência. Ele declarou que Ele mesmo era Deus. Os Judeus entenderam essas declarações e por causa delas, sumo sacerdote acusou Jesus de blasfêmia (Mateus 26:65). Aparentemente, o sumo sacerdote conhecia o significado dado a mão direita no Antigo Testamento e, assim, compreendeu que Jesus estava afirmando ter o poder de Deus e ser Deus. I Pedro 3:22 demonstra que a "destra" significa que Jesus tem todo o poder e autoridade: "O qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes." Do mesmo modo, Efésios 1:20-22 usa essa expressão para dizer que Jesus tem primazia sobre todo principado, e potestade, e poder, e domínio e de todo nome. Essa passagem liga, também, a mão direita com a exaltação de Cristo. Nesse contexto, Atos 5:31 afirma: "Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, afim conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados." (Veja também, Salmo 110:1; Atos 2:33-34.)

Atos 5:31 indica que a mão direita ou o braço de Deus, às vezes, se referem especificamente ao poder de salvação de Deus. Muitos outros versículos das Escrituras falam da destra de Deus como representando a libertação e a vitória que Deus concede a Seu povo (Êxodo 15:6; Salmo 44:3; Salmo 98:1). Isaías 59:16 diz: "O seu próprio braço lhe trouxe a salvação." Parece, portanto, que a descrição de Jesus à direita de Deus significa que Jesus é o poder salvador de Deus. Esse conceito está de acordo com a associação da posição de Jesus à direita de Deus e Seu papel mediador, particularmente Sua obra como nosso intercessor e sumo sacerdote (Romanos 8:34; Hebreus 8:1).

Mesmo compreendendo a destra de Deus dessa maneira, podemos ainda nos deixar intrigar porque a Bíblia fala, à vezes, de Jesus "assentado" à direita de Deus (como em Hebreus 10:12) em vez de simplesmente dizer que Ele está à direita de Deus (como em Romanos 8:34). É provável que essa frase, em particular, indique que Jesus recebeu completa glória, poder e autoridade, a um determinado ponto, no tempo. Essa exaltação começou com Sua ressurreição e se completou com Sua ascensão. Naquele momento Ele se libertou de todas as limitações humanas e restrições físicas de auto limitação a qual Jesus se submetera na Encarnação, como está descrita em Filipenses 2:6-8. Ele cumprira Seu papel como homem sobre a face da terra.

Jesus não está mais submisso a fragilidade e fraqueza humana. Não é mais o servo sofredor. Sua glória e majestade e Seus outros atributos divinos não estão mais escondidos do espectador casual. Ele, agora, exerce Seu poder como Deus, através de um corpo humano glorificado. Agora, Ele mostra e se mostrará, como o Senhor de tudo, o Justo Juiz, e o rei de toda a terra. Foi por isso que Estêvão não viu Jesus como o homem comum que Ele parecia ser quando estava na terra, mas viu a Jesus com a glória e o poder de Deus. Assim, também, João viu Jesus revelado como Deus em toda a Sua glória e poder (Apocalipse 1). Essa exaltação, glorificação e revelação de Cristo culminou em Sua ascensão. Marcos 16:19 diz: "De fato o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à destra de Deus."

A frase "assentou-se" indica que a obra sacrificial de Cristo não vai continuar, mas está completa. "Depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas" (Hebreus 1:3). "Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios ... Jesus, porém tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés" (Hebreus 10:11-13).

Em resumo, encontraríamos muitas contradições se interpretássemos a descrição de Jesus à destra de Deus como significando um posicionamento físico de dois Deuses, com corpos separados. Se entendermos essa descrição como simbolizando poder, força autoridade, preeminência, vitória, exaltação e capacidade de salvar de Jesus, manifestados na carne, então eliminaremos os conceitos conflitantes. Mais que isso, essa interpretação condiz com o uso da expressão "a mão direita de Deus," através de toda a Bíblia. A "mão direita" revela a onipotência e a absoluta divindade de Jesus e sustenta a mensagem de um Deus em Cristo.

Voltando à questão original, o que Estêvão, realmente, viu? Está claro que ele viu Jesus. Isaías 40:5, com referência a vinda do Messias, diz: "A glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne a verá." Jesus é a glória de Deus revelada. Estêvão viu a glória de Deus, quando ele viu Jesus. Ele viu Jesus irradiando a glória que possuía como Deus e com todo o poder e autoridade de Deus. Em resumo, ele viu o Cristo exaltado. Ele viu Jesus, não simplesmente como homem, mas como o próprio Deus, com toda a glória, poder e autoridade. Por isso ele invocou a Deus dizendo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (Atos 7:59).

As Saudações Nas Epístolas

A maior parte das epístolas apresenta uma saudação que menciona Deus, o Pai e o Senhor Jesus Cristo. Paulo, por exemplo, escreveu: "Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Romanos 1:7), e: "Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (I Coríntios 1:3). Será que essas expressões indicam uma separação de pessoas? Se as interpretássemos assim, teríamos que responder a sérias questões.

Primeiro, por que essas saudações não mencionam o Espírito Santo? Ainda que elas sejam interpretadas como ensinando uma separação de pessoas, elas não comprovam a doutrina da trindade. Assim interpretadas, essas saudações poderiam ensinar o binitarianismo; poderiam, também, relegar o Espírito Santo a um papel menor, na trindade.

Segundo, se interpretarmos outras passagens semelhantes para indicar pessoas separadas na Divindade, poderemos, facilmente, encontrar quatro pessoas na Divindade. Por exemplo, Colossenses 2:2 fala do "mistério de Deus, Cristo." Outros versículos das Escrituras falam sobre o "Senhor Jesus e Deus Pai" (Colossenses 3:17; Tiago 1:27) ou "nosso Deus e Pai" (I Tessalonicenses 1:3). I Tessalonicenses 3:11 diz: "Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, com Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós." Portanto, se *e* separa diferentes pessoas, temos, pelo menos, quatro pessoas: Deus, o Pai, o Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo.

Se as saudações não indicam pluralidade de pessoas na Divindade o que elas significam? Fazendo referências ao Pai e a Nosso Senhor Jesus Cristo, os escritores estavam dando ênfase aos dois papéis de Deus e à importância de O aceitarmos em ambos os papéis. Não apenas precisamos acreditar em Deus como nosso Criador e Pai, mas devemos aceitá-lo, também, manifestado em carne, através de Jesus Cristo. Todos devem saber que Jesus veio na carne e que Ele é tanto Deus como Cristo (Messias). Conseqüentemente, as saudações reforçam a crença, não apenas em Deus, que os Judeus e muitos pagãos aceitavam, mas, também, em Deus revelado em Cristo.

Isso explica porque era desnecessário mencionar o Espírito Santo; o conceito de Deus, como Espírito, estava encerrado no título de Deus Pai, especialmente na mente dos Judeus. Precisamos nos lembrar, também, que a doutrina da trindade não surgiu senão muito mais tarde, na história da igreja. (Veja o XI Capítulo). Portanto, essas expressões não soavam nem um pouco estranhas aos escritores ou aos leitores.

Um estudo do original Grego é muito interessante, em conexão com essas passagens de saudações.² A palavra traduzida por "e" é da palavra Grega *Kai*. Ela pode ser traduzida como "e" ou como "até" (no sentido de "isto é" ou "o qual é o mesmo como"). Por exemplo, a versão *KJV* traduz *kai* como "e" em II Coríntios 1:2, mas como "até" em versículo 3. Versículo 2 diz, "de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo," enquanto o versículo 3 diz, "Deus, até o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." Versículo 2 poderia propriamente aparecer como, "de Deus nosso Pai, até do Senhor Jesus Cristo." A versão *KJV* traduz *kai* como "até" em diversos outros lugares, incluindo as frases "Deus, até o Pai" (I Coríntios 15:24; Tiago 3:9) e "Deus, até nosso Pai" (I Tessalonicenses 3:13). Portanto as saudações poderiam se ler simplesmente como, "de Deus nosso Pai, até o Senhor Jesus Cristo." Para sustentar isto ainda mais, o Grego não tem o artigo definido ("o") antes de "Senhor Jesus Cristo" em qualquer das saudações. Assim, ainda que traduzimos *kai* como "e," as frases se lêem literalmente, "de Deus nosso Pai e Senhor Jesus Cristo."

Mesmo quando *kai* é traduzida como "e", os tradutores, a maior parte das vezes, concordam que a frase indica apenas um ser ou pessoa. Abaixo estão alguns exemplos:

O Uso de Kai

Referência nas Escrituras	Versão	Tradução
1. Gálatas 1:4	RA	nosso Deus e Pai
	MT	nosso Deus e Pai
	COR	Deus nosso Pai
2. Efésios 5:5	RA	no reino de Cristo e de Deus
	MT	no reino de Cristo e de Deus
	COR	no reino de Cristo e de Deus
3. Colossenses 2:2	RA	o mistério de Deus, Cristo,
	MT	do mistério de Deus - Cristo,
	COR	do mistério de Deus - Cristo.
4. II Tessalonicenses 1:12	RA	a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

	MT	a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.
	COR	a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.
5. I Timóteo 5:21	RA	perante Deus e Cristo Jesus
	MT	diante de Deus, e de Cristo Jesus,
	COR	diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo,
6. Tito 2:13	RA	do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus,
	MT	do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus,
	COR	do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo;
7. II Pedro 1:1	RA	do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo:
	MT	do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo:
	COR	do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo:
8. Judas 4	RA	o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo,
	MT	o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.
	COR	único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo.

Essa tabela mostra que *Kai*, às vezes, identifica Deus como o Pai, ou mesmo Jesus, como Deus. Daí, fica fácil notar que *kai*, às vezes identifica Jesus como o Pai, uma vez que a construção gramatical é semelhante, nos três casos.

Concluimos, então, que as saudações não indicam qualquer distinção de pessoas em Deus. No máximo, o uso de *kai* nesses casos, indica uma distinção de papéis, manifestações ou nomes pelos quais o homem conhece a Deus. Em pelo menos alguns casos, o uso de *kai* realmente identifica Jesus como sendo Deus - como sendo o Pai.

A "Bênção Apostólica"

Segundo Coríntios 13:13 diz: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós." Ainda uma vez devemos nos lembrar que Paulo escreveu esse versículo das Escrituras, num tempo quando o trinitarianismo não era senão uma doutrina no futuro, e, portanto, o versículo, na época não parecia complicado ou incomum. Basicamente, o versículo expressa três aspectos ou atributos de Deus que podemos conhecer e obter. Primeiro, a graça de Deus. Deus tornou Sua graça acessível à humanidade através de Sua manifestação na carne, Jesus Cristo. Em outras palavras, favor imerecido, ajuda divina, e salvação vêm até nós pela obra expiatória de Jesus, Deus é amor, e amor sempre tem sido parte de Sua natureza básica. Ele nos amou antes mesmo de Se envolver em carne, como Cristo. E, finalmente, o batismo do Espírito Santo nos dá comunhão com Deus e com nossos companheiros que crêem: "Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo" - o corpo de Cristo (I Coríntios 12:13). Tendo o Espírito de Deus habitando em nós, não a presença do corpo físico de Jesus Cristo, temos um relacionamento contínuo e atual com Deus, de modo diferente daquele disponível aos santos do Antigo Testamento.

Segundo Coríntios 13:13 é lógico e compreensível, quando o interpretamos como os três importantes relacionamentos que Deus compartilhou conosco ou como três diferentes obras, executadas por um único Espírito. Há diversidade de operações, mas apenas um Deus operando tudo em todos (I Coríntios 12:4-6).

Outras Tríplexes Referências Nas Epístolas E No Apocalipse

Diversos outros versículos das Escrituras estabelecem a identidade de Deus através de três títulos ou nomes. Entretanto, muitos mais versículos usam apenas duas identificações para Deus em particular, Deus e Senhor Jesus Cristo. Mas, a maior parte dos versículos das Escrituras usam apenas uma designação para Deus. Nas referências tríplexes não parece haver qualquer significado especial no que diz respeito à Divindade; nenhuma delas implica em separação de pessoas. Vamos analisá-las, uma de cada vez.

Efésios 3:14-17 usa os seguintes títulos para descrever Deus: "Pai", "Espírito", e "Cristo". De modo interessante, essa passagem dá ênfase a um único Deus, sem distinção de pessoas, porque ela descreve o Espírito, primeiro, como o Espírito do Pai e, então, como Cristo em nosso coração. Embora a KJV não seja clara a respeito do significado de "seu", as NIV, TAB, RSV, e o texto Grego de Nestle, demonstram claramente que "seu Espírito" significa "o Espírito do Pai". Assim, nessa passagem, o Pai, o Espírito e Cristo são todos identificados como o mesmo ser. A única distinção se acha na frase: "Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", que distingue entre o Espírito de Deus e Sua manifestação na carne.

Efésios 4:4-6 afirma que há um Espírito um Senhor e um Deus e Pai. Outra vez, isso prova a unicidade de Deus. O único Deus é Espírito e Ele é o Senhor de tudo. A idéia básica expressa nesses versículos é a da unicidade de Deus, não a de uma triplicidade. Por esse pensamento foi reafirmado de três maneiras diferentes? O versículo 4 relaciona o único Espírito com a afirmativa de que há um corpo lembrando-nos que o único Espírito de Deus nos batiza no único corpo (I Coríntios 12:13). O versículo 5 agrupa "um Senhor", "uma fé" e "um batismo", indicando que devemos condicionar nossa fé e nosso batismo à pessoa ao nome e à obra do Senhor Jesus, não apenas a uma crença em Deus como Espírito. O versículo 6 resume tudo, dizendo: "um só Deus e Pai de todos o qual é sobre todos (isto é, Senhor), age por meio de todos e está em todos (isto é, é o Espírito em você)". O único Deus é o único Senhor e o único Espírito.

Uma interpretação trinitarianista de Efésios 4:4-6 não é lógica porque separa Jesus de Deus. Se esses versículos afirmam a existência de três pessoas, elas seriam: Deus e Pai, Senhor, Espírito. Essa afirmação implica que o Pai é Deus num modo em que Jesus não o é. É contra a teoria da trindade pensar em Jesus como separado de Deus. Os trinitarianistas devem ser coerentes com sua teoria e aceitar Jesus como o único Deus da Bíblia ou então abandonar sua teologia de um único Deus.

De acordo com Hebreus 9:14, Cristo se ofereceu a Deus através do Espírito eterno. O assunto do versículo é o sangue de Cristo, portanto, obviamente, o versículo se refere ao papel humano e intercessório de Cristo. Como Cristo efetuou Seu grande sacrifício? Através de Sua natureza divina - o Espírito eterno - que não é outro senão o Pai. No Getsêmane, Jesus orou ao Pai e recebeu dele força para suportar a crucificação. Esse versículo ensina, simplesmente, que Cristo foi capaz de oferecer Seu corpo humano a Deus, através do auxílio do Espírito de Deus.

Do mesmo modo, I Pedro 3:18 diz que Cristo foi condenado à morte na carne, mas reviveu (foi revivido) pelo Espírito para que Ele pudesse nos levar a Deus. Sabemos que Jesus ressuscitou a Si mesmo de entre os mortos por Seu próprio Espírito divino (João 2:19-21; Romanos 8:9-11). Em outras passagens a Bíblia diz que Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos (Atos 2:32). Assim, temos o homem Cristo ressuscitado dos mortos pelo Espírito de Deus - a natureza divina de Cristo - para reconciliar com Deus a humanidade.

I Pedro 1:2 menciona a presciência de Deus Pai a santificação do Espírito e o sangue de Jesus. Esse versículo descreve, simplesmente, diferentes aspectos de Deus em relação à nossa salvação. Primeiro, presciência é parte da onisciência de Deus, e Ele a tinha antes da Encarnação e antes da posterior emanação do Espírito. Assim, é natural que nós a associemos com o papel de Deus como Pai. Em segundo lugar, Deus não tem sangue a não ser pelo homem Jesus, assim é mais natural dizer o sangue de Jesus, que o sangue de Deus ou o sangue do Espírito. Finalmente, somos santificados, colocados separados do pecado, pelo poder da presença de Deus habitando em nós, e, portanto, Pedro, naturalmente falou da santificação pelo Espírito. Quanto a II Coríntios 13:13. A Bíblia usa o modo mais lógico para descrever esses atributos ou ofícios de Deus, isto é, associando-os com os papéis, nomes, ou títulos que Deus possui.

Judas 20-21 é um outro versículo das Escrituras semelhante a esse. Fala de oração no Espírito Santo, do amor de Deus, e da misericórdia de Jesus. Como antes, podemos entender isso facilmente como expressando diferentes operações de Deus pelo uso de papéis mais intimamente associados com essas obras.

Apocalipse 1:4-5 diz: "Graças e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono, e da parte de Jesus Cristo." De

acordo com o versículo 8, Jesus é Aquele "que é, que era e que há de vir". Ele é Aquele que está assentado no trono (Apocalipse 4:2 8). Os sete Espíritos pertencem a Jesus (Apocalipse 3:1; 5:6). Esta passagem, portanto, nos mostra, simplesmente, variados modos de olhar para o único Deus, que é Jesus Cristo. O versículo 5 menciona Jesus Cristo, além da descrição precedente de Deus, a fim de enfatizar Sua humanidade, porque esse versículo chama Jesus de primogênito dos mortos.

Se uma pessoa entender que essa passagem significa a existência de três pessoas, o que impediria de dividir o Espírito em sete pessoas, baseada no versículo 4? Também o versículo 6 fala de "seu (de Jesus Cristo) Deus e Pai", e a mesma lógica acharia aí duas pessoas - Deus e Pai.

Resumindo, diversos versículos das Escrituras usam três títulos ou nomes para Deus. Em cada caso a Bíblia usa uma maneira muito natural e fácil de entender, a fim de descrever uma pluralidade de papéis, atributos, ou ofícios de Deus. Em muitos casos, esses versículos, na realidade, providenciam maior evidência de que há um só Deus, sem distinção de pessoas.

A Plenitude de Deus

Neste livro temos destacado Colossenses 2:9 várias vezes, porque ensina que toda a plenitude da Divindade habita, corporalmente, em Jesus Cristo. Entendemos que isso significa que tudo o que Deus possui - Seus atributos, poder e caráter - está em Jesus. Pai, Filho e Espírito Santo, Jeová, verbo, etc., estão todos em Jesus. Alguns trinitarianistas tentam rebater essa interpretação referindo-se a Efésios 3:19, que diz que, como cristãos, podemos ser tomados de toda a plenitude de Deus. Portanto, argumentam, Colossenses 2:9 não indica a plena divindade de Jesus mais do que Efésios 3:19 indica a plena divindade dos cristãos. Vamos responder a esse argumento, analisando esses dois versículos, um de cada vez.

Colossenses 2:9 não se refere à plenitude da divindade do mesmo modo que Efésios 3:19. Imediatamente após afirmar que toda a plenitude da Divindade habita corporalmente em Jesus, a Bíblia acrescenta: "Também nele estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade" (Colossenses 2:10). Em outras palavras, tudo aquilo que necessitamos está em Jesus, e Jesus é onipresente. Essas afirmativas se baseiam no versículo 9, e, portanto, o versículo 9 deve realmente significar que tudo que Deus possui está em Jesus.

De fato, essa é a única conclusão lógica, em relação a esse ponto, com base no assunto tratado pelo livro. Os capítulos 1 e 2 fazem as seguintes declarações a respeito de Jesus:

A Plenitude Da Divindade de Jesus Afirmada Em Colossenses

Versículo	Descrição
1. 1:15	Ele é a imagem do Deus invisível.
2. 1:16	Tudo foi criado por meio dele
3. 1:17	Ele é antes de todas as coisas (Eterno)
4.1:17	Nele tudo subsiste
5.1:18	Ele é a cabeça da igreja
6. 1:18	Ele tem a primazia
7. 1:19	Nele reside toda a plenitude de Deus
8. 1:20	Ele reconciliou com Deus todas as coisas
9. 2:3	Ele tem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Onisciência)
10. 2:5	Devemos ter fé nEle
11. 2:6	Devemos andar nEle
12. 2:7	Devemos ser radicais e edificados nEle
13.2:9	Toda a plenitude da divindade habita nele corporalmente
14. 2:10	Nele estamos aperfeiçoados
15. 2:10	Ele é o cabeça de todo principado e potestade (Onipotência)

Devemos notar que, em Colossenses 2:2, o assunto é "o mistério de Deus, Cristo," ou como diz a NIV: "o mistério de Deus, a saber, Cristo." O versículo 9 é apenas uma elaboração ou explicação complementar desse mistério. O mistério de Deus (Cristo) é que toda a plenitude da divindade habita em Cristo. Assim, vemos, pelo contexto, que Colossenses 2:9 é uma explicação da completa divindade de Cristo.

A palavra Grega para Divindade, em Colossenses 2:9 é *Theotes*. A palavra corporalmente nos lembra a palavra *encarnação* que significa a corporificação de um espírito em forma terrena. Juntando ambos, Colossenses 2:9 nos diz que Jesus é a encarnação da plenitude de Deus - Ele é a manifestação corpórea de tudo que Deus é. A Bíblia Amplificada traduz Colossenses 2:9 "Porque nele toda a plenitude da Divindade continua habitar em forma corpórea - dando completa expressão à natureza divina." Ela traduz Colossenses 1:19, como: "Porque foi do agrado do Pai que toda a divina plenitude - a soma total da perfeição, dos poderes e dos atributos divinos - habitassem nele permanentemente." A NIV traduz Colossenses 2:9 como: "Porque em Cristo toda a plenitude da Divindade habita em forma corpórea." E traduz Colossenses 1:19 como: "Porque foi do agrado de Deus ter toda a sua plenitude habitando nele."

Buscando outras traduções de Colossenses 2:9 encontramos, no *Novo Testamento do Século Vinte*: "Porque em Cristo a Divindade habita encarnada em toda a sua plenitude"; *O Novo Testamento em Inglês Moderno* (J. B. Phillips) diz: "é nele que Deus se expressa completa e perfeitamente (dentro dos limites físicos que ele mesmo se impôs em Cristo)"; e, *Cartas Vivas: Parafraseando as Epístolas* diz: "Porque em Cristo existe tudo de Deus em um corpo humano."

Fica claro, portanto, que Colossenses 1:19 e 2:9, descrevem a completa divindade de Jesus Cristo. Não podemos, corretamente, aplicar a nós mesmos as afirmativas encontradas em Colossenses 1 e 2. Não somos a encarnação da plenitude de Deus. Nem somos oniscientes, onipotentes, etc. Seja o que for que Efésios 3:19 queira significar, não pode ser a mesma coisa que Colossenses 1:19 e 2:9.

O que Efésios 3:19 quer dizer, então, quando afirma: "para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus"? Quando observamos o contexto, vemos o que a passagem enfatiza: os cristãos podem ter a plenitude de Deus neles porque eles têm a Cristo. Uma vez que Cristo é a plenitude de Deus, quando temos Cristo em nós, temos a plenitude de Deus. O versículo 17 fala de Cristo habitando nosso coração, e o versículo 19 nos diz que podemos ter a plenitude de Deus, quando temos a Cristo. Longe de negar a divindade absoluta de Cristo, Efésios 3:19 estabelece, uma vez mais, que tudo que há em Deus está em Cristo. Colossenses 2:10 reforça essa interpretação da passagem em Efésios, afirmando: "Também nele (Cristo) estais aperfeiçoados." A NIV torna ainda mais claro: "Em Cristo recebereis a plenitude ... " Do mesmo modo a TAB diz: "E estais nele, tornados perfeitos e tendo alcançado a plenitude de vida - em Cristo estais plenos da Divindade. "

Isso traz à tona uma questão: em que um cristão difere do homem Cristo, se ambos têm residente em si, a plenitude da Divindade? A resposta é que Jesus é Deus revelado na carne. Ele tem Sua natureza divina porque Ele foi concebido pelo Espírito de Deus. Sua natureza humana tem a natureza divina habitando-a, mas Sua natureza divina é Deus. Portanto, nada pode, jamais, separar Jesus de Sua divindade. Podemos viver sem o Espírito de Deus em nós e o Espírito pode se afastar de nós, mas isso não pode acontecer com o homem Jesus. Cristo tem todos os atributos e o caráter de Deus como Sua própria natureza, enquanto nós os temos apenas porque Cristo habita em nós. A natureza de Deus não é a nossa, podemos deixar que ela brilhe em nós e nos oriente (caminhando segundo o Espírito), mas, também, podemos sufocá-la e deixar nossa própria natureza humana predominar (caminhando segundo a carne). Jesus Cristo tem toda a plenitude de Deus corporalmente, porque Ele é o próprio Deus encarnado. Podemos ter a plenitude de Deus em nossas vidas apenas quando permitimos que Jesus Cristo viva em nós.

Há, ainda, um outro aspecto que devemos considerar com respeito a Colossenses 2:9. Alguns apontam que o propósito de Paulo ao escrever a passagem não era se opor ao trinitarianismo, mas sim ao Gnosticismo. Paulo, naturalmente, não dirigiu sua argumentação diretamente contra o trinitarianismo, pois essa doutrina não havia surgido ainda! Paulo estava, sem dúvida, se colocando contra a crença Gnóstica que sustentava ser Cristo uma emanção inferior do

supremo Deus. Permanece, no entanto, o fato de que a linguagem de Paulo, inspirada pelo Espírito Santo, exclui o trinitarianismo. Colossenses é, claramente, uma afirmação da crença da Unicidade. Não importa contra qual das crenças falsas Paulo estava se opondo; o que permanece é sua doutrina positiva. A doutrina da Unicidade que ele ensinou permanece, com certeza, em oposição ao Gnosticismo, mas permanece, também, contra o trinitarianismo e contra qualquer outra crença que negue o fato de que a completa divindade habita em Jesus Cristo.

Filipenses 2:6-8

Essa passagem descreve Jesus Cristo da seguinte maneira: "Pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz." A NIV diz: "Aquele que, sendo Deus em sua própria natureza, não considerou a igualdade com Deus como algo a ser alcançado, antes, se anulou, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, sendo achado semelhante ao homem, humilhou-se e se tornou obediente até a morte - e morte na cruz!"

Aparentemente, esse versículo está afirmando que Jesus tinha a natureza de Deus, que Ele era o próprio Deus. Deus não tem nenhum igual (Isaías 40:25; 46:5, 9). O único modo pelo qual Jesus pode ser igual a Deus é sendo Deus. Assim, Jesus era igual (o mesmo que) Deus no sentido de que Ele era Deus. Entretanto, Ele não considerou Suas prerrogativas de Deus como algo a ser seguro ou mantido a qualquer custo, mas Ele desejou por tudo isso de lado e assumir a natureza humana para que pudesse salvar a humanidade perdida. Ele, voluntariamente, se humilhou, servo obediente, e se entregou à morte na cruz.

Os trinitarianistas interpretam esse versículo das Escrituras como descrevendo duas pessoas na Divindade - Deus Pai e Deus Filho. Sob esse ponto de vista, o Filho tinha a mesma natureza do Pai, mas não era o Pai. Eles argumentam que o Filho divino encarnou, não o Pai. Muitos trinitarianistas argumentam ainda que na Encarnação esse Filho divino Se submeteu ou Se esvaziou de muitos de Seus atributos como Deus, inclusive da onipresença. Assim, eles falam do *Kenosis* ou esvaziamento de Cristo que vem da palavra Grega *Kenoo*, na primeira parte do versículo 7. Embora essa palavra contenha em seu significado o conceito de "esvaziar", muitas versões não escolhem esse significado. Aqui estão três traduções para *kenoo*, em Filipenses 2:7: "aniquilou-se a si mesmo" (KJV), "anulou-se" (NIV), e "despojou-se (de todos os privilégios e méritos legítimos)" (TAB).

Do ponto de vista da Unicidade Jesus não é Deus Filho, mas é tudo que Deus é, inclusive Pai e Filho. Assim, em Sua divindade, Ele é verdadeiramente igual ou idêntico a Deus. A palavra *igual*, aqui significa que a natureza divina de Jesus era a própria natureza de Deus Pai. Jesus não se despojou dos atributos da divindade, antes despojou-se de Suas prerrogativas legítimas como Deus,, enquanto habitou, como homem, entre os homens. O Espírito de Jesus que era o próprio Deus, jamais perdeu nada de Sua onisciência, onipresença ou onipotência.

Esse versículo se refere unicamente à limitações que Jesus impôs a Si mesmo com respeito à Sua vida humana. Como as três traduções, antes citadas, indicam, o *Kenosis* de Cristo consistiu numa entrega voluntária da glória e dos méritos, e não numa entrega de Sua natureza de Deus. Cristo, como homem, não recebeu a honra que lhe era devida como Deus. Em vez de agir em Seu legítimo papel de Rei da humanidade, Ele se fez servo da humanidade. Como homem Ele se submeteu à morte na cruz. Ele não morreu como Deus, mas como homem. Portanto, esse versículo expressa um pensamento muito bonito: Embora Jesus fosse Deus, Ele não insistiu em manter todos os Seus direitos de Deus. Em vez disso, Ele, voluntariamente, se despojou de Seus direitos à glória e a honra sobre a terra, assumindo a natureza do homem e morrendo. Ele fez tudo isso para nos providenciar a salvação.

Como resultado da humilhação de Cristo, Deus (o Espírito de Jesus) exaltou enormemente Jesus Cristo (Deus manifestado em carne). Jesus tem um nome que é sobre todos os nomes - um nome que representa tudo o que Deus é. O Espírito de Deus deu esse nome ao Cristo (Messias),

porque Cristo era Deus manifestado em carne. Também, Jesus Cristo tem todo o poder sobre as coisas no céu, na terra, e debaixo da terra. Toda língua confessará que Jesus Cristo é Senhor, dando, dessa maneira, glória a Deus Pai, uma vez que o Pai está em Cristo. Filipenses 2:9-11 afirma: "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai."

Muitos, talvez a maior parte dos trinitarianistas entendem, na verdade, o *Kenosis* de Cristo de um modo coerente com a Unicidade. Por exemplo, um preeminente estudioso diz que Cristo não "esvaziou" a Si mesmo, realmente, dos atributos da divindade, pois isso significaria abdicar da divindade, o que faria de Jesus um mero semideus.³ Ao contrário, ele explica a passagem do seguinte modo: Jesus não renunciou à Sua divindade, mas a Seu ser na forma de Deus. Ele não se desfez de Seus atributos divinos, mas ocultou-os na fraqueza da carne humana. Eles estavam sempre à disposição, mas Ele escolheu não usá-los, ou Ele os usou de um novo modo. Ele impôs limitações a Si mesmo. Sua glória e majestade celestiais não estavam mais aparente. Resumindo, Ele ocultou Sua divindade na humanidade, mas Sua divindade era ainda evidente aos olhos da fé.⁴

Colossenses 1:15-17

Já explicamos esses versículos no V Capítulo, que inclui, ainda, um estudo sobre a preexistência de Jesus, Seu papel de Criador, e Seu título de primogênito de entre os mortos.

Hebreus 1

Estudamos várias partes dessa passagem no V Capítulo, particularmente os versículos 2, 3, 6, e 8-10.

I João 5:7

O VI Capítulo explica esse versículo.

Apocalipse 1:1

"Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu." Aqui encontramos a distinção entre o eterno Espírito de Deus e o homem Cristo. Apenas o Espírito poderia revelar os eventos do final dos tempos. A humanidade de Cristo não poderia saber essas coisas (Marcos 13:32), portanto, Jesus Cristo as conhecia unicamente através do Espírito. Além disso, a divindade de Cristo não era um produto de Sua humanidade, mas a união divino-humana era um produto da divindade. O Livro do Apocalipse não revela apenas as coisas por vir, mas revela também a divindade de Jesus Cristo, e o conhecimento de ambos deve vir do Espírito de Deus. Muito depressa entendemos que o Apocalipse revela verdadeiramente Jesus como Deus, porque já no primeiro Capítulo João tem uma visão de Jesus, em toda a glória e poder de Deus.

Os Sete Espíritos De Deus

Essa frase aparece em Apocalipse 1:4, 3:1, e 5:6. Será que ela descreve sete pessoas na Divindade? Não, mas se algumas pessoas aplicarem a mesma lógica à essa passagem que usaram a respeito de outras passagens das Escrituras, então terão sete pessoas no Espírito. A Bíblia nos faz saber, no entanto, que há apenas um Espírito (I Coríntios 12:13; Efésios 4:4).

Por que, então, Apocalipse fala de sete espíritos? Devemos recordar que Apocalipse é um livro pleno de simbolismos. Além disso, sete é um número muito simbólico na Bíblia, e, freqüentemente, representa perfeição, conclusão, plenitude. Por exemplo, Deus descansou da criação ao sétimo dia (Gênesis 2:2), o Sabbath do Antigo Testamento era ao sétimo dia (Êxodo

20:10), o candelabro no Tabernáculo tinha sete velas (Êxodo 25:37), Noé levou sete pares de animais limpos para a arca (Gênesis 7:2), Jesus disse aos Seus discípulos que perdoassem a um irmão sete vezes por dia (Lucas 17:4), e o Livro do Apocalipse contém cartas às sete igrejas (Apocalipse 1:11). Assim, os sete espíritos de Deus indicam, simplesmente, a plenitude e a perfeição do Espírito de Deus. Esse é apenas um modo de dar ênfase à totalidade do Espírito de Deus. A frase pode, também, aludir aos sete aspectos do Espírito registrados em Isaías 11:2, especialmente porque tanto Isaías quanto Apocalipse descrevem os sete espíritos como pertencentes a Jesus.

Isso nos leva a um outro ponto: A Bíblia não identifica os sete espíritos como sete pessoas separadas ou mesmo como uma pessoa separada. Antes, João nos disse, claramente, que os sete espíritos pertencem a Jesus Cristo (Apocalipse 3:1; 5:6). Mais adiante no livro ele descreve o Espírito, no singular (Apocalipse 22:17). Assim, os sete espíritos representam simbolicamente a plenitude e o poder do único Espírito Santo, que não é outro senão o Espírito de Jesus.

O Cordeiro Em Apocalipse 5

Apocalipse 5:1 descreve Alguém sentado no trono, no céu, com um livro (rolo) em Sua mão direita. Então, nos versículos 6 e 7 descreve um Cordeiro que vem e toma o livro da mão direita daquele que está sentado no trono. Será que isso significa que há duas pessoas em Deus? Não. Uma vez mais queremos lembrar que o Livro do Apocalipse é grandemente simbólico. Primeiro, João não viu o invisível Espírito de Deus, porque o próprio João disse que homem algum jamais o vira (João 1:18; I João 4:12). De fato nenhum homem pode ver a Deus (I Timóteo 6:16). Apocalipse 5:5 diz que um "Leão" abriria o livro, mas, em vez disso, no versículo 6 João viu um "Cordeiro". O versículo 6 diz que o Cordeiro tinha sido morto, mas mesmo assim se movia. Ele tinha sete olhos, que simbolizam os sete espíritos ou o sétuplo Espírito de Deus (versículo 6) e a onisciência de Deus (Provérbios 15:3). O Cordeiro tinha sete chifres, que significam a plenitude do poder de Deus ou a onipotência de Deus, porque os chifres, na Bíblia, usualmente, simbolizam poder. (Veja Zacarias 1:18-19; Apocalipse 17:12-17). Toda a descrição da cena demonstra a natureza simbólica da passagem. Para compreendê-la precisamos descobrir quem é Aquele no trono e quem é o Cordeiro.

Apocalipse 4:2 e 8 descrevem Aquele que está no trono como o "Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir." Ainda, em Apocalipse 1:8, Jesus descreve a Si mesmo como "o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso." (Veja 1:11-18 e 22:12-16 para mais provas de que é Jesus quem fala em 1:8.) Aquele que está no trono é, também, o Juiz (Apocalipse 20:11-12) e, sabemos que Jesus será o Juiz de todos (João 5:22, 27; Romanos 2:16; 14:10-11). Podemos, portanto, concluir que Aquele que está assentado no trono é Jesus, com toda a Sua divindade e poder.

O Cordeiro é o Filho de Deus - Jesus Cristo em Sua humanidade, particularmente em Seu papel sacrificial. O Novo Testamento identifica Jesus como o Cordeiro que derramou Seu sangue pelos nossos pecados (João 1:36; I Pedro 1:19). É por isso que Apocalipse 5:6 descreve o Cordeiro como sacrificado. Deus não poderia morrer, e não morreu; apenas a humanidade de Jesus morreu. Portanto, o Cordeiro representa Jesus somente em Sua humanidade, como sacrifício pelo pecado. O restante do V Capítulo prova isso, também, ao descrever o Cordeiro como nosso Redentor.

Que esse Cordeiro não é apenas um ser humano comum fica evidente uma vez que Ele tem a plenitude do Espírito de Deus, inclusive a onisciência e a onipresença (versículo 6). Ele tem outro papel como o Leão da tribo de Judá e como a Raiz de Davi (versículo 5). O Leão significa o papel real de Cristo e Sua descendência do Rei Davi. Jesus era da tribo de Judá (Mateus 1:1-3; Lucas 3:33), que era a tribo real desde o tempo de Davi. O leão é o símbolo de Judá como soberano (Gênesis 49:9-10). A Raiz de Davi faz alusão ao papel de Cristo como origem (Criador) de Davi e Deus de Davi.

Há, ainda, um outro fato que dá sustento ao nosso ponto de vista de que o Cordeiro representa Jesus em Sua humanidade mais do que uma segunda pessoa na Divindade. O Cordeiro aparece para abrir o livro que está na mão de Deus. Muitos interpretam esse livro como sendo o

documento da redenção. Outros o vêem como símbolo dos mistérios e planos de Deus. De qualquer modo, ele devia ser aberto por um ser humano, porque Deus não nos redimiria nem revelaria a Si mesmo a nós, em Seu papel de Deus transcendental. Ele usou Sua manifestação em carne humana como meio tanto para Se revelar como para ser nosso parente resgatador. (Veja Levítico 25:25; 47-49.) Portanto, o Cordeiro representa a humanidade de Cristo.

Muitos eminentes estudiosos trinitarianistas concordam que Apocalipse 5 é simbólico e não descreve Deus Pai no trono e Deus Filho ao lado do trono. *The Pulpit Commentary* identifica Aquele que está no trono como o Deus Triúno,⁵ e o Cordeiro como o Cristo, em seu ofício humano. Ele afirma: "O Filho, em Seu ofício humano, como indicado por Sua forma sacrificial de Cordeiro, pode tomar e revelar os mistérios da eterna Divindade, na qual ele, como Deus, toma parte."⁶ Assim, mesmo aos olhos de estudiosos trinitarianistas, essa cena não indica a existência de uma trindade na Divindade.

Podemos concluir que a visão, em Apocalipse 5, descreve, simbolicamente, as duas natureza e os dois papéis de Jesus Cristo. Como Pai, Juiz, Criador e Rei, Ele se assenta no trono; porque em Sua divindade Ele é o Senhor Todo-Poderoso. Como Filho, Ele aparece como um cordeiro sacrificado; porque em Sua humanidade Ele é o sacrifício, morto por nosso pecado. João não viu o invisível Espírito de Deus, mas ele teve uma visão retratando, simbolicamente, Jesus no trono em Seu papel de Deus e como um cordeiro em Seu papel de Filho de Deus, sacrificado pelo pecado.

Se uma pessoa insistir em tomar literalmente essa passagem comprovadamente simbólica, então terá que concluir que João não viu duas pessoas de Deus, mas, antes, viu um Deus no trono e um cordeiro perto do trono. Isso não é lógico, mas revela que o esforço dos trinitarianistas de fazer da passagem uma prova da trindade, é vão.

Outros versículos do Apocalipse tornam claro que o Cordeiro não é uma pessoa separada de Deus. Em particular, Apocalipse 22:1 e 3 falam do "trono de Deus e do Cordeiro," referindo-se ao único trono de 4:2 e 5:1. Depois de mencionar "Deus e o Cordeiro," Apocalipse 22:3 fala dos "seus servos", e o versículo 4 se refere a "sua face" e seu "nome". O Cordeiro e a glória de Deus iluminam a Nova Jerusalém (Apocalipse 21:23), embora o Senhor Deus seja a luz. (Apocalipse 22:5). Portanto, "Deus e o Cordeiro" são um único ser. A frase se refere a Jesus Cristo e indica Sua dual natureza.

Concluimos que Apocalipse 5, simbólica por natureza revela a unicidade de Deus. Ela descreve Um no trono, mas descreve, também, um leão, uma raiz e um cordeiro. Será que essa descrição revela quatro seres na Divindade? Claro que não. Há, antes, apenas Um no trono. O leão, a raiz, e o cordeiro representam, todos de forma simbólica, as características e as qualificações do Único digno de abrir os selos do livro. O leão nos diz que Ele é o Rei da tribo de Judá. A raiz nos fala que Ele é o Criador. O cordeiro nos conta que Ele é Deus encarnado e nosso sacrifício. É apenas nesse último papel que Ele pode ser nosso Redentor, e pode abrir o livro. Portanto, Apocalipse 5 ensina que há um Deus e esse único Deus veio na carne como o Cordeiro (o Filho) para Se revelar à humanidade e redimir o homem do pecado.

Por Que Permite Deus Que Existam Versículos Sujeitos À "Confusão"?

Muitas pessoas perguntam: "Se a doutrina da Unicidade é a correta, por que Deus permite alguns versículos que, aparentemente, trazem confusão ao assunto?" Por exemplo, se Deus pretendia que batizássemos no nome de Jesus, por que permitiu que Mateus 28:19 fosse registrado tal como se encontra? Mesmo entendendo que esse versículo significa que devemos batizar no nome de Jesus Cristo, ele não é uma fonte desnecessária de confusão?

Nossa resposta é dupla. Primeiro, esses versículos das Escrituras não trazem confusão, quando lidos no contexto original. Deus não pode ser responsabilizado pelos enganos do homem. O versículo, como está registrado em Mateus, era compreendido perfeitamente, na época apostólica, e não é culpa de Deus que mais tarde os doutrinadores tenham torcido o significado das Escrituras, interpretando-a fora do contexto.

Segundo, Deus, às vezes, tem um propósito ao apresentar a verdade de modo a deixá-la meio oculta. Em Mateus 13:10, os discípulos perguntaram a Jesus por que Ele falava ao povo em parábolas. Ele explicou que os mistérios do reino do céu não eram dados ao povo (versículo 11). Por que? "Porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem bem entendem ... Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados." (Mateus 13:13-15). Em outras palavras, o povo não quer realmente, ouvir, ver e entender mais sobre Deus. Se Ele falasse a eles claramente, talvez entendessem apesar de sua falta de anseio espiritual. Portanto, Jesus falava por parábolas para que apenas aqueles que têm realmente fome e sede de justiça pudessem ser satisfeitos (Mateus 5:6), e que somente aqueles que procurassem diligentemente pudessem encontrar a verdade (Hebreus 11:6). Após dar essa resposta, Jesus continuou a explicar a Seus discípulos a parábola que tinha acabado de contar à multidão.

Poderia Deus permitir que alguns versículos das Escrituras se tornassem pedra de tropeço àqueles que estão satisfeitos com as tradições dos homens e àqueles que não procuram a verdade sincera e honestamente de todo o coração? Poderia ser que esses mesmos versículos se tornassem grandes revelações para os que honestamente buscam a intenção do Espírito? Se assim for, isso coloca uma grande responsabilidade sobre aqueles que foram instruídos conhecendo a verdade. Se não possuem a fome e o amor pela verdade iguais àqueles exigidos dos outros, por Deus, eles próprios, eventualmente, abandonarão a verdade (II Tessalonicenses 2:10-12). Talvez isso explique porque muitos, entre os cristãos, jamais encontrem a verdade; porque alguns que alcançaram vieram a perdê-la, e porque alguns que possuem pelo menos parte dela acabam perdendo o que têm.

Conclusão

Tendo pesquisado por toda a Bíblia nos últimos três capítulos desse livro, concluímos que em nenhum lugar ela ensina a separação de pessoas na Divindade. Além disso, não encontramos nem a palavra *trindade* nem a doutrina da trindade em qualquer lugar da Bíblia. De fato, a única vez em que encontramos o número três ligado explicitamente a Deus, é no versículo dúbio das Escrituras, I João 5:7. Mesmo assim, aquele versículo descreve as manifestações de Deus no céu e conclui que "estes três são um."

O Novo Testamento, na verdade ensina a dualidade da natureza de Jesus Cristo, e essa é a chave para a compreensão da Divindade. Uma vez que obtenhamos a revelação de quem Jesus é, realmente - a saber, o Deus do Antigo Testamento habitando em carne - toda a Escritura se harmoniza.

É interessante notar duas coisas a respeito dos versículos das Escrituras usados pelos trinitarianistas para ensinar a pluralidade de pessoas na Divindade. Primeiro, muitos desses versículos na verdade são fortes provas da Unicidade. Exemplos são Mateus 28:18-19, João 1:1-4, 14:16-18; I João 2:33, 5:7. Segundo, muitos desses versículos, se interpretados do ponto de vista trinitarianista, levam a uma doutrina não trinitarianista, tal como o Arianismo, o binitarianismo ou triteísmo. Por exemplo, muitos usam as orações de Cristo para provar que o Pai é uma pessoa separada do Filho. Se isso significa que o Filho orou em Seu papel de Deus (uma pessoa da Divindade), somos levados a acreditar na subordinação ou inferioridade de "Deus Filho" em relação a Deus Pai. Essa interpretação destrói a doutrina trinitarianista que afirma que o Filho é equivalente ao Pai, e leva a uma forma de Arianismo. Por outro lado, se o Filho orou em Seu papel de homem, então essa explicação sustenta a crença na Unicidade e não serve ao trinitarianismo. Esse mesmo argumento destrói os argumentos trinitarianistas que se baseiam nos versículos das Escrituras que dizem que o Pai é maior que o Filho, que o Filho não tem todo o poder, nem todo o conhecimento.

Do mesmo modo, os argumentos trinitarianistas de que conversas registradas, comunicação de amor e comunicação de conhecimento indicam várias pessoas na Divindade, levarão a doutrinas errôneas. Seus argumentos estabeleceriam três inteligências, três vontades e três personalidades separadas. Caem no erro do triteísmo (crença em três Deuses) - algo em que os trinitarianistas

professam não acreditar. Semelhantemente, se eles argumentam que Estêvão viu, literalmente, dois corpos de Deus no céu, não podem fugir ao conceito de uma pluralidade de Deuses.

Uma vez que a maior parte dos textos de prova usados pelos trinitarianistas falam de dois, e não de três, parece que sua interpretação deveria estabelecer o binitarianismo (crença em duas pessoas apenas), ou, pelo menos, uma subordinação do Espírito Santo ao Pai e ao Filho. De qualquer modo, qualquer uma das doutrinas contradiz o trinitarianismo ortodoxo.

Em resumo, muitos dos assim chamados textos de prova do trinitarianismo devem ser explicados de modo coerente com a Unicidade ou levarão a doutrinas que são negadas pelos próprios trinitarianistas. Por outro lado, o ponto de vista da Unicidade explica claramente e de modo harmônica toda a Escritura. Ele é coerente com o monoteísmo estrito do Antigo Testamento e preserva a crença cristã no Filho de Deus que morreu por nossa redenção e a doutrina do Espírito Santo que toma real a salvação em nossas vidas.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO IX

¹ Bernad Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, 3^ª edição. (Grand Rapids: Baker, 1965) pág. 150.

² Para verificação do Grego nessas passagens, veja Alfred Marshall, *The Interlinear Greek-English New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1958). Para um estudo mais completo sobre o uso de *Kai*, veja Robert Brent Graves, *The God of Two Testaments* (n. p., 1977).

³ Donald Bloesch, *Essentials of Evangelical Theology* (San Francisco: Harper & Row, 1978), I, 139.

⁴ *Ibid*, p. 138.

⁵ H. D. M. Spence e Joseph Exell, eds., *The Pulpit Commentary* (rpt. Grand Rapids: Eerdmans, 1977), XXII (Revelações). 162.

⁶ *Ibid*. XXII (Revelações), 165.

10

CRENTES UNICISTAS NA HISTÓRIA DA IGREJA

Como temos visto nos capítulos precedentes, a Bíblia ensina, de modo coerente, a unicidade de Deus. No entanto, a igreja, hoje, quer nos fazer crer que, através de toda a história, a igreja Cristã tem aceitado a doutrina da trindade. Será verdade? Os líderes da igreja, na era pós-apostólica, eram trinitarianistas? Há, na história da igreja, pessoas que têm acreditado na Unicidade?

Em nossos estudos sobre esse assunto, chegamos a três conclusões que passaremos a discutir neste capítulo. 1. Tanto quanto podemos afirmar, os primeiros líderes cristãos, nos dias que se seguiram imediatamente à era apostólica acreditavam na Unicidade. Não há dúvidas de que jamais ensinaram a doutrina da trindade, como ela se apresentou mais tarde e como existe nos dias de hoje. 2. Mesmos após o aparecimento da doutrina da trindade, na parte final do segundo século, ela não tomou o lugar da Unicidade, como doutrina dominante, até por volta de 300 d.C., e não se estabeleceu universalmente se não mais tarde, no quarto século. 3. Mesmo depois do trinitarianismo se tornar dominante, os crentes da Unicidade continuaram a existir através de toda a história da igreja.

A Era Pós-Apostólica

Os historiadores da Igreja concordam que a doutrina da trindade não existiu, como a conhecemos hoje, imediatamente depois da era pós-apostólica. (Veja o XI Capítulo.) Os líderes cristãos que vieram logo após os apóstolos não se referiam a uma trindade, antes, afirmavam sua crença no monoteísmo do Antigo Testamento e aceitavam sem questionar a divindade e a humanidade de Jesus Cristo.¹ Uma vez que esses líderes deram ênfase a doutrinas associadas à Unicidade, podemos supor que a igreja pós-apostólica aceitava a unicidade de Deus.

Os mais preeminentes patriarcas pós-apostólicos foram Hermas, Clemente de Roma, Policarpo e Inácio. Seu ministério abrangeu o período de mais ou menos 90 a 140 d.C.

Irineu, um preeminente líder Cristão, que morreu por volta de 200 d.C., tinha uma teologia essencialmente Cristocêntrica e a crença firme de que Jesus era Deus manifestado em carne. Ele

acreditava que o Logos, que se encarnou em Jesus Cristo, estava na mente de Deus, e era o próprio Deus.²

Alguns estudantes classificam Irineu como um crente na "trindade econômica". Esse ponto de vista afirma que não há trindade eterna, mas, apenas, uma trindade temporária. É muito provável, portanto, que Irineu acreditasse numa triplicidade de papéis ou atividades de Deus mais do que numa trindade de pessoas, acreditando, assim, na Unicidade. O certo é que ele não acreditava na doutrina da trindade do modo como ela se estabeleceu mais tarde.

Não encontramos referências à trindade como tal nos primeiros escritos pós-apostólicos; eles se referem a apenas um Deus e a Jesus como Deus. Possíveis referências a uma emergente doutrina trinitarianista, entretanto, aparecem em alguns escritos do segundo século, principalmente em algumas referências que parecem apontar a uma fórmula batismal triúna.

Há várias explicações possíveis para essas poucas referências a um conceito trinitariano, existentes nesses escritos. 1. Os leitores e estudiosos trinitarianos podem ter entendido mal essas passagens devido a sua própria tendência, assim como interpretaram mal passagens bíblicas tais como Mateus 28:19. 2. Há uma forte possibilidade de que os copistas trinitarianistas, mais tarde, intercalaram (adicionaram) passagens de sua própria autoria - uma prática muito comum na história da igreja. Isso é muito provável uma vez que as únicas cópias existentes desses primeiros escritos, foram feitas centenas de anos após os originais. Existe, por exemplo, um escrito primitivo chamado *Didache* que afirma que a comunhão deveria ser ministrada apenas àqueles que são batizados no nome do Senhor, mas menciona, também, o batismo em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.³ Entretanto, a cópia mais antiga existente do *Didache* está datada de 1056 d.C.⁴ Sem dúvida falsas doutrinas já tinham começado a surgir dentro da igreja, em alguns casos. De fato, falsas doutrinas existiam mesmo nos dias apostólicos (Apocalipse 2 e 3), até mesmo falsas doutrinas a respeito de Cristo (II João 7; Judas 4). Levando tudo isso em consideração, no entanto, concluímos, a partir da evidência histórica, que os líderes da igreja, nos tempos que se seguiram imediatamente aos dias dos doze apóstolos de Cristo, acreditavam na Unicidade.

Unicidade A Crença Dominante No Segundo e Terceiro Séculos

Temos salientado que a Unicidade era a única crença significativa nos dois primeiros séculos, em relação a Divindade. Mesmo quando formas binitarianismo e trinitarianismo começaram a se desenvolver, não alcançaram projeção senão no final do terceiro século. Durante esse tempo, havia muitos notáveis líderes e mestres da Unicidade que se opunham a essa mudança na doutrina. (Para apoio à nossa afirmativa de que a Unicidade era a crença predominante durante o período que se seguiu aos apóstolos, veja o estudo intitulado "Monarquianismo Modalístico; Unicidade na História da Igreja Primitiva" no final deste capítulo. É um estudo a respeito dos maiores mestres da Unicidade e sua doutrina durante esse período da história da igreja.)

Monarquianismo Modalístico

Monarquianismo Modalístico é o termo usado, muitas vezes, pelos historiadores da igreja para se referir ao ponto de vista da Unicidade. A *Enciclopédia Britânica* o define do seguinte modo:

"O Monarquianismo Modalístico, aceitando que toda a plenitude da Divindade habita em Cristo, se opôs à "subordinação" de alguns escritores da igreja, e sustentou que os nomes Pai e Filho eram somente diferentes designações do mesmo sujeito, o único Deus, que "com referência às relações que tinha previamente mantido com o mundo é chamado o Pai, mas que com referências à sua aparição em humanidade, é chamado o Filho."⁵

Os mais preeminentes modalistas foram Noetus, de Esmirna, Práxeas, e Sabellius. Noetus foi mestre de Práxeas, na Ásia Menor; Práxeas pregou em Roma, por volta de 190, e Sabellius

pregou em Roma por volta de 215.⁶ Por ser Sabellius o mais conhecido dos modalistas, os historiadores, muitas vezes, chamam a doutrina de Sabelionismo. Sabellius se baseou fortemente nas Escrituras, especialmente em algumas passagens, tais como: Êxodo 20:3, Deuteronômio 6:4, Isaías 44:6 e João 10:38.⁷ Ele disse que Deus revelou a Si mesmo, como Pai na criação, Filho na encarnação, e Espírito Santo na regeneração e santificação. Alguns interpretam essa afirmativa como querendo dizer que ele acreditava que essas três manifestações fossem estritamente consecutivas no tempo. Se for assim interpretada, Sabellius não refletiu as crenças do antigo modalismo ou da moderna Unicidade.

A *Enciclopédia Britânica* descreve da seguinte maneira, a crença Sabellius: "Sua proposição central era, com efeito, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a mesma pessoa, três nomes ligados a um mesmo ser. O que mais pesava para Sabellius era o interesse monoteístico."⁸

Encontramos muito de nossa informação sobre os modalistas em Tertuliano (falecido em 225), que escreveu um trabalho contra Práxeas. Nesse tratado ele registrou que durante o seu ministério, "a maior parte dos crentes" aderiu à doutrina da Unicidade.

"Os simples, na verdade (não os chamarei de ignorantes ou iletrado), que sempre constituem a maioria dos crentes, são iniciados na dispensação (de Três em Um), no próprio terreno em que sua Regra de Fé os traz da pluralidade de deuses do mundo para o único Deus verdadeiro; não entendendo que, embora Ele seja o único Deus, tem que ser aceito em Sua própria economia. A ordem numérica e a distribuição da Trindade, eles presumem ser uma divisão da Unicidade."⁹

Os Crentes da Unicidade Desde o Quarto Século Até o Presente

Encontramos evidência da existência de muitos outros crentes da unicidade através de toda a história da igreja, além daqueles descritos no documento apresentado neste capítulo. Achamos que os crentes que descobrimos representam apenas a ponta de um icebergue. Alguns escritores têm encontrado evidências da existência da doutrina da Unicidade entre os Priscilianistas (de 350 a 700), Euchetas (por volta de 550 a 900), e Bogomilos (por volta de 900 a 1400).¹⁰ Parece que a maior parte dos crentes da Unicidade não deixaram registro escrito. Outros tiveram suas obras escritas destruídas pelos seus oponentes vitoriosos. Muitos foram perseguidos e martirizados, e seus movimentos foram destruídos pelo Cristianismo oficial. Não sabemos quantos dos crentes da Unicidade e de seus movimentos a história deixou de registrar, ou quantos dos assim chamados hereges eram, na realidade, crentes da Unicidade. O que encontramos, no entanto, revela que a crença da Unicidade sobreviveu apesar da violenta oposição que enfrentou.

Na Idade Média, o preeminente estudioso e teólogo Abelardo (1079-1142) foi acusado de ensinar a doutrina de Sabellius (Unicidade).¹¹ Seus inimigos o impediram de continuar ensinando. Ele procurou refúgio num mosteiro em Cluny, França, e lá morreu.

Com a Reforma muitos se opuseram à doutrina da trindade, aceitaram a crença da Unicidade. um anti trinitarianista famoso do tempo da Reforma foi Miguel Serveto (1511-1553), físico espanhol. Ele teve apenas alguns seguidores, embora alguns historiadores o considerem como força motriz do desenvolvimento do Unitarianismo. Ele, entretanto, não era, absolutamente, unitarista, pois aceitava Jesus como Deus. O modo como é descrito indica, claramente que ele era um verdadeiro crente da Unicidade: "A negação, por parte de Serveto, da tripersonalidade da Divindade e da eternidade do Filho, junto de seu anabaptismo, tornou seu sistema abominável tanto aos Católicos quanto aos Protestantes, apesar de seu intenso Biblicismo, sua apaixonada devoção à pessoa de Cristo, e seu esquema Cristocêntrico do universo."¹²

Serveto escreveu, "Não há outra pessoa de Deus a não ser Cristo ... a completa divindade do Pai está nEle."¹³ Serveto foi tão longe a ponto de chamar a doutrina da trindade de monstro de três cabeças. Ele acreditava que ela, necessariamente, levava ao politeísmo e era um engano proveniente do diabo. Ele acreditava, também, que porque a igreja aceitara o trinitarianismo, Deus permitira que ela viesse a ser governada pelos papas e assim, perdesse a Cristo. Ele não podia entender porque os

protestantes mesmo se afastando do catolicismo ainda insistiam em manter a doutrina da trindade, não bíblica e criada pelos homens.

Serveto foi queimado numa fogueira, em 1553, por sua crença na Unicidade, com a aprovação de João Calvino (embora Calvino preferisse que fosse decapitado).¹⁴

Emanuel Swedenborg (1688-1772) foi um escritor religioso e filósofo sueco que manifestou um bom entendimento da unicidade de Deus. Ele ensinou várias outras doutrinas que são muito diferentes daquilo que cremos, mas ele compreendeu o que Jesus é, realmente. Ele usou o termo *trindade*, mas observando que significava apenas "três tipos de manifestação" e não uma trindade de pessoas eternas. Ele usou Colossenses 2:9 para provar que toda a "trindade" estava em Jesus Cristo, e se referiu a Isaías 9:6 e João 10:30 para provar que Jesus era o Pai. Ele negava que o Filho tivesse sido gerado desde a eternidade, afirmando que o Filho de Deus era a humanidade pela qual Deus enviara a Si mesmo ao mundo, ele acreditava, também, que Jesus era Jeová Deus, que assumira a humanidade para salvar o homem. Swedenborg escreveu:

"Aquele que não buscar o Deus verdadeiro do céu e da terra, não poderá entrar no céu, porque o céu é céu do único Deus, e esse é Jesus Cristo, que é Jeová, o Senhor, desde a eternidade o Criador, no tempo o Redentor, e para a eternidade o Regenerador: conseqüentemente, Aquele que é, ao mesmo tempo, Pai, Filho e Espírito Santo; e este é o Evangelho que deve ser pregado."¹⁵

Para ele Deus (Jesus se compunha do Pai do Filho, e do Espírito assim como o homem se compõe da alma, do corpo e de espírito - uma analogia inapropriada. No entanto, a explicação de Swedenborg para a Divindade é espantosamente semelhante à aceita pelos crentes da Unicidade, hoje.

O século XIX viu o aparecimento dos escritores da Unicidade. John Miller, ministro presbiteriano, foi um desses crentes da Unicidade, na América. Em seu livro: *É Deus uma Trindade?* escrito em 1876, ele usou uma terminologia ligeiramente diferente daquela dos modernos escritores da Unicidade, mas as crenças que ele expressava são basicamente idênticas às dos crentes da unicidade, hoje. É espantoso ler seu livro e ver quão perto ele se coloca do ensino da moderna Unicidade, inclusive em seu modo de entender Mateus 28:19. Miller acreditava que a doutrina da trindade não era bíblica e que ela impedia enormemente a igreja de alcançar os judeus e os muçulmanos. Ele declarou, enfaticamente, a perfeita divindade de Jesus Cristo.

Os crentes da Unicidade existiram também, na Inglaterra do século XIX. David Campbell relatou ter encontrado um livro, escrito em 1828, que ensinava a Unicidade.¹⁶ O autor era John Clowes pastor da igreja de São João, em Manchester.

No século XX a força mais significativa da Unicidade tem sido os Pentecostais Unicistas, embora alguns estudiosos classifiquem o famoso teólogo neo-ortodoxo, Karl Barth, como modalista (Unicidade).¹⁷ Charles Parham, o primeiro líder do movimento Pentecostal do vigésimo século, começa a ministrar o batismo pela água, em nome de Jesus, embora, aparentemente, não ligasse essa prática a uma negação explícita do trinitarianismo.¹⁸ Depois de 1913, muitos Perttecostais rejeitaram o trinitarianismo e a fórmula batismal trinitarianistas, da do início do movimento da moderna Unicidade Pentecostal.

Hoje existem várias organizações da Unicidade Pentecostal. As maiores, com sede nos Estados Unidos da América, são: a Igreja Pentecostal Unida Internacional (de longe a maior); as Assembléias Pentecostais do Mundo; as Igrejas Mundiais Caminho da Bíblia de Nosso Senhor Jesus Cristo; as Assembléias do Senhor Jesus Cristo; a Igreja do Senhor Jesus Cristo da Fé Apostólica e a Santa Igreja Vencedora Apostólica de Deus. Grupos da Unicidade Pentecostal, com sedes em outros países, incluem a Igreja Pentecostal Unida da Colombia, igreja nacional e a maior igreja não católica do país; a Assembléia Apostólica da Fé em Cristo Jesus, com sede no México; o movimento da Unicidade Pentecostal na Rússia; a Verdadeira Igreja de Jesus, uma igreja-nacional, fundada por crentes chineses no continente, mas cuja sede, agora, é em Taiwan. Há muitas

organizações menores (aproximadamente 130, no mundo todo), igrejas independentes, e comunidades religiosas que professam a doutrina da Unicidade Pentecostal.

Para documentar algumas das afirmativas feitas nesse capítulo, reproduzimos, a seguir, em estudo preparado em 1978 para uma aula de religião na Rice University, em Houston, Texas. Note, particularmente, duas importantes conclusões nos primeiros parágrafos: 1. O trinitarianismo não estava solidamente estabelecido até o final do quarto século; 2. A grande maioria de todos os cristãos da primitiva igreja pós-apostólica abraçou a Unicidade, e foi a doutrina mais poderosa a se opor ao ponto de vista trinitarianista, e ganhou aceitação entre os líderes da igreja.

Essas conclusões e a informação apresentada no estudo não são apenas de nós mesmos, mas foram por nós recolhidas de conhecidos historiadores da igreja e de outras respeitáveis fontes apresentadas nas notas de rodapé e na bibliografia.

MONARQUIANISMO MODALÍSTICO

A UNICIDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA PRIMITIVA

por David Bernard

Qual é a natureza de Deus? Qual o relacionamento de Jesus Cristo com Deus? Essas duas questões são fundamentais para o Cristianismo. A resposta tradicional dos cristãos é dada por sua doutrina da trindade. Entretanto, nos primeiros séculos do Cristianismo, essa formulação não era de modo algum definitiva. De fato, a *Nova Enciclopédia Católica* afirma que no segundo século d.C. "uma solução Trinitarianista estava ainda por vir" e que o dogma Trinitarianista "não estava solidamente estabelecido ... até o final do quarto século"¹⁹

Havia muitas explicações a respeito da natureza de Deus e Cristo, muitas das quais com boa aceitação pelo mundo todo. Uma das mais importantes delas foi o *Monarquianismo Modalístico*, que afirmava tanto a absoluta unicidade da Divindade quanto a divindade de Jesus Cristo.

De acordo com a história da igreja Adolph Harnack, o monarquianismo modalístico era o mais perigoso rival do trinitarianismo, no período de 180 d.C. até 300 d.C. De escritos de Hipólito, Tertuliano e Orígenes, ele conclui que o modalismo era a teoria oficial, em Roma, por quase uma geração, e era "adotado pela grande maioria dos Cristãos."²⁰

Apesar de sua notória importância, é difícil chegar a uma completa descrição do que era, realmente o monarquianismo modalístico. Alguns dos mais preeminentes modalistas foram Noetus, Praxeas, Sabellius, Epigonus, Epigonus, Marcellus, bispo de Ancyra e Commodiano. Pelo menos dois bispos romanos (mais tarde classificados como papas), Callistus e Zeferino, foram acusados de serem modalistas, por seus oponentes. É difícil conseguir informação acurada a respeito desses homens e suas crenças porque as fontes históricas existentes foram todas escritas por oponentes trinitarianistas cujo interesse, era refutar a doutrina de seus antagonistas.

Sem dúvida, a doutrina dos modalistas foi mal interpretada, mal apresentada e distorcida, nesse processo. É impossível, portanto, encontrar uma descrição precisa das crenças de um modalista, em particular. Entretanto, colocando lado a lado as diferentes afirmativas a respeito desses diversos homens, é possível chegarmos a um razoável entendimento do modalismo. Por exemplo, havia, provavelmente, algumas diferenças na teologias de Noetus, Praxeas, Sabellius e Marcellus, mas quais eram essas diferenças fica difícil determinar. É certo, no entanto, que cada um deles afirmava a perfeita divindade de Jesus Cristo não admitindo existência de distinção de pessoas na Divindade.

A doutrina modalista é comumente explicada como sendo, simplesmente, a crença de que Pai, Filho e Espírito Santo são apenas manifestações, ou *modos* de um Deus (*a monarquia*), e não três pessoas distintas (*hipóstase*). Ela deve ser diferenciada do monarquianismo dinâmico que também sustenta a unicidade de Deus, mas afirmando ser Jesus um ser subordinado, inferior. Mais precisamente. O monarquianismo modalístico é a crença que considera "Jesus como a encarnação da Divindade" e o "Pai encarnado."²¹

Esse ponto de vista teria óbvia vantagem de manter a forte tradição monoteísta judaica afirmando, ao mesmo tempo, a crença dos primeiros cristãos em Jesus, como Deus. Simultaneamente, ela evita os paradoxos e mistérios do dogma trinitariano. Entretanto, os trinitarianistas argumentam que ela não explica adequadamente o Logos, o Cristo pré-existente, ou a distinção bíblica entre o Pai e o Filho. Uma análise do modalismo revela suas respostas a essas objeções.

Os monarquianistas modalísticos não apenas tinham um conceito de Deus diferente daquele dos trinitarianistas, como tinham, também, definições diferentes de Logos e do Filho. Sua posição básica era a de que o Logos (o Verbo, em João 1) não é um ser pessoal distinto, mas está unido a Deus do mesmo modo que um homem e sua palavra. Ele é um poder "indivisível e inseparável do Pai", como Justino, o Mártir, descreveu a crença.²² Para Marcellus, o Logos é o próprio Deus, particularmente sob o aspecto de Sua atividade.²³ Assim, o conceito trinitarianista de Logos como um ser separado (baseado na filosofia de Philo) era rejeitado. Os modalistas aceitavam a encarnação do Logos em Cristo, mas para eles isso significava simplesmente a extensão do Pai, em forma humana.

Muito ligada a essa idéia está a definição modalística do Filho. Eles afirmavam que o Filho se refere ao Pai vindo em carne. Praxeas negava a preexistência do Filho, usando o termo Filho aplicado apenas à Encarnação.²⁴ A distinção entre o Pai e o Filho é que *Pai* se refere a Deus em Si mesmo, mas *Filho* se refere ao Pai enquanto manifestado na carne (em Jesus). O Espírito em Jesus era o Pai, mas *Filho* se refere especificamente à humanidade e divindade de Jesus. Claramente, então, os modalistas não queriam dizer que *Pai* e *Filho* fossem recíprocos, em terminologia. Queriam, antes, afirmar que as duas palavras não implicam hipóstases (pessoas) distintas de Deus, mas apenas diferentes modos de um único Deus.

Pondo lado a lado os dois conceitos de Logos e Filho, vemos como os modalistas pensavam a respeito de Jesus. Noetus disse que Jesus era o Filho por causa de Seu nascimento, mas que Ele era também o Pai.²⁵ A doutrina modalística de Logos identifica o Espírito de Cristo como o Pai. A encarnação era como uma teofania final na qual o Pai se revela completamente. No entanto, esse não era o Docetismo (a crença de que Jesus era apenas um ser espiritual), porque tanto Praxeas quanto Noetus enfatizaram a natureza humana de Jesus, especialmente seus sofrimentos e suas fraquezas humanas. Como no trinitarianismo Jesus era "verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus". Para os modalistas, Jesus era a encarnação de toda a Divindade e não apenas a encarnação de uma pessoa separada chamada Filho ou Logos.

A mais comum objeção feita no monarquianismo modalístico foi o Patripassionismo, que significa, implicitamente, que o Pai sofreu e morreu. Tertuliano foi o primeiro a assim acusar os modalistas. Ele entendia que o modalismo significava que o Pai é o mesmo que o Filho. Mas isso significaria que o Pai morreu, uma clara impossibilidade. Desse modo, Tertuliano procurou ridicularizar e negar o modalismo.

Outros historiadores, tomando os argumentos de Tertuliano como verdadeiros rotularam a doutrina modalística de Patripassionismo. Não há, entretanto, nenhum registro de qualquer modalista afirmando, explicitamente, que o Pai sofreu ou que o Pai morreu. Sabellius, evidentemente, negava a acusação de Patripassionismo.²⁶

O assunto todo pode ser facilmente resolvido, dando-nos conta de que o modalismo não ensinava, como Tertuliano supôs, que o Pai é o Filho, sim, que o Pai *está* no Filho. Como afirmou Commodiano: "O Pai entrou no Filho em Deus onde quer que seja."²⁷ Do mesmo modo, Sabellius explicou que o Logos não era o Filho, mas era revestido pelo Filho.²⁸ Outros modalistas, em resposta à acusação, explicavam que o Filho sofreu, enquanto o Pai simpatizava ou "sentia com".²⁹ Com isso queriam dizer que o Filho, o homem Jesus sofreu e morreu. O Pai, o Espírito de Deus, dentro de Jesus não poderia ter morrido ou sofrido em qualquer sentido físico, mas, ainda assim, Ele deve ter sido afetado pelo sofrimento da carne ou ter participado dele. Concordantemente, Zeferino diz: "Conheço apenas um Deus, Cristo Jesus, e além dele nenhum outro que nasceu ou possa ter sofrido... Não foi o Pai que morreu, mas o Filho".³⁰

A partir dessas afirmações, parece claro que os modalistas afirmavam que o Pai não era carne, mas que estava revestido ou manifestado em carne. A carne morreu, mas o espírito não. Portanto, o Patripassionismo é um termo enganador e incorreto para ser usado, em relação a monarquianismo modalístico.

Basicamente então, o monarquianismo modalístico ensinava que Deus não tem distinção de número, mas de nome ou modo apenas. O termo Filho se refere a encarnação. Isso significa que o Filho não é uma natureza eterna, mas um modo de Deus operar, criado especialmente com o propósito de salvar a humanidade. Não há um Filho preexistente, mas podemos falar de um Cristo preexistente, uma vez que o "Espírito de Cristo é o próprio Deus. O Logos visto como se referindo à atividade de Deus. Jesus é, portanto, o Verbo ou a atividade do Pai revestido de carne. O Espírito Santo não é um ser distinto tanto quanto o Logo. O termo *Espírito Santo* descreve o que Deus é, se refere ao poder e ação de Deus no mundo. Assim, ambos os termos *Logos e Espírito Santo* se referem ao próprio Deus, em maneiras específicas de atividade.

O efeito do monarquianismo modalístico é a reafirmação do conceito do Antigo Testamento de um Deus indivisível que pode e realmente se manifesta, e a Seu poder de variadas maneiras. Além disso, Jesus Cristo é identificado como aquele único Deus que Se manifestou através da encarnação em um corpo humano. O modalismo, dessa maneira, reconhece, muito mais que o trinitarianismo, a completa divindade de Jesus que é exatamente aquilo que os modalistas afirmaram.³¹ A perfeição e plenitude de Deus é Jesus.

Em resumo, o monarquianismo modalístico pode ser definido como crença de que Pai, Filho e Espírito Santo são manifestações do único Deus, sem distinção de pessoas. Mais ainda, o único Deus se expressa completamente na pessoa de Jesus Cristo.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO X

- ¹ Heick. I. 46-48
- ² Kenneth Latourette. *A History of Christianity* (Nova Iorque: Harper e Row 1953). pág. 143.
- ³ Baptism (Early Christian). *Encyclopedia of Religion and Ethics* (New York: Charles Scribner's Sons. 1951).
Pag. 385.
- ⁴ Klotsche. E. H. *The History of Christian Doctrine* (Grand Rapids: Baker Book House. 1979). p. 18.
- ⁵ "Monarchianism." *Encyclopedia Britanica*. XIX. 686.
- ⁶ Heick. I. 1 50
- ⁷ "Sabellius" *Encyclopedia Britanica*. XIX, 791
- ⁸ Loc. Cit.
- ⁹ Tertullian. *Against Praxeas*. 3 rpt. in Alexander Roberts and James Donaldson. eds., *The Ante-Nicene Fathers* (rpt. Grand Rapids: Eerdmans. 1977). III. 598-599
- ¹⁰ Thomas Weisser. *After the way Called Heresy* (n.p. 1981), p. 115.
- ¹¹ Heick. I. 268
- ¹² "Servetus, Michael," *Encyclopedia Britânica*. XX. 371-372.
- ¹³ "Unitarianism". *Encyclopedia of Religion and Ethics*. XII. 520.
- ¹⁴ Walter Nigg. *The Heretics* (New York: Alfred A. Knopf. 1962). pp. 324-328.
- ¹⁵ Emmanuel Swedenborg. *The Mystery of God?* (1771: rpt. Portland, Or. Apostolic Book Publishers, n.d.), p. 29, Veja Emmanuel Swedenborg. *The True Christian Religion* (New York: Houghton, Mifflin, 1907). l. 42.
- ¹⁶ David Campbell, *All The Fullness* (Hazelwood, Mo: Word Aflame Press, 1975). pp 167-173.
- ¹⁷ Buswell, I. 123.
- ¹⁸ Fred Foster, *Their Story: 20th Century Pentecostals* (Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1981), pp. 120-122, citing Parham. *A Voice Crying in the Wilderness*. pp.23-24.
- ¹⁹ "Trinity, Holy." *The New Catholic Encyclopedia*, XIV, 295-305,
- ²⁰ Adolph Harnack, *History of Dogma* (London: Williams & Norgate. 1897), III, 51-54.
- ²¹ "Monarchianism", *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, VII, 454-458.
- ²² H. A. Wolfson. *The Philosophy of the Church Fathers* (Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1970), I, 581-584,
- ²³ J.A. Dorner, *Doctrine of The Person of Christ* (Edinburg: T. & T. Clark, 1870). II. 273.
- ²⁴ Ibid. II, 20
- ²⁵ Wolfson. I. 591
- ²⁶ "Monarchianism", *Encyclopedia of Religion and Ethics*. VIII. 780
- ²⁷ Wolfson" I. 583-584,
- ²⁸ Dorner, II. 164
- ²⁹ Harnack, III, 68.
- ³⁰ Jules Lebreton and Jacques Zeiller. *Heresy and Orthodoxy*, Vol. IV Of A History of The Early Church (New York: Collier. 1962). p. 155 .
- ³¹ Harnack. III, 63.

11

TRINITARIANISMO: DEFINIÇÃO E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Temos tentado apresentar o ensinamento positivo das Escrituras apesar de tradições humanas. No entanto, não podemos tratar o assunto da Divindade sem descrever o desenvolvimento histórico do ponto de vista de maior aceitação na Cristandade, a doutrina da trindade. Neste capítulo definiremos trinitarianismo, traçar brevemente o seu desenvolvimento histórico e discutir algumas das suas ambigüidades inerentes e problemas com a doutrina. No Capítulo XII, tiraremos as conclusões sobre o trinitarianismo, comparando esta doutrina com os ensinamentos da Bíblia, indicando alguns dos problemas sérios com ela a luz de passagens Bíblicas, e o contrastando com a fé Unicista.

Definição da Doutrina da Trindade

Trinitarianismo é a crença que há três pessoas em um Deus. Isto tem sido declarado em várias maneiras, tais como "um Deus em três Pessoas?"¹ e "três pessoas em uma substância."² Ela afirma que em Deus são três distinções de essência, não somente de atividade.³ Os nomes dados a estas três pessoas são Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo.

A doutrina trinitariana ortodoxa, como ela tem se desenvolvido através dos séculos, também afirma que estas três pessoas são co-iguais em poder e autoridade, que elas são co-eternas no passado, presente, e futuro, e que em cada um a mesma natureza divina é plenamente contida.⁴ No entanto, cada pessoa é dada uma característica ímpar quando vista em relação aos outros: o Pai não é procriado, o Filho é procriado ou gerado, e o Espírito emanado.⁵ Os trinitarianos as vezes dizem que a imparidade do Pai é demonstrada na criação, a do Filho na redenção, e a do Espírito na santificação, ainda que todos os três compartilham ativamente no trabalho do outro, com uma ênfase variada de funções.⁶ Desde que cada um participa no trabalho dos outros, não há uma distinção clara naquela base.

Os trinitarianos chamam estas três pessoas a trindade ou o Deus triúno. Uma pessoa trinitariana estudada descreve a trindade como segue: "A Trindade não deve ser considerada nem como um Deus em três manifestações nem como uma tríade simétrica de pessoas com funções separadas; em vez disto a Trindade significa um Deus em três modos de existência - Pai, Filho, e

Espírito, e cada uma destas participa na atividade da outra.”⁷ Os trinitarianos freqüentemente usam o diagrama de um triângulo para explicar sua doutrina. As três esquinas representam os três membros da trindade, enquanto o triângulo completo representa Deus como a trindade inteira. Assim, o Pai não é o Filho não é o Espírito Santo. Ainda mais, nem Pai, Filho nem Espírito é completamente Deus sem as outras. (Veja Capítulo XII para uma tabela registrando os dogmas essenciais do trinitarianismo e as comparando com as doutrinas essenciais da Unicidade.)

Problemas Com o Triteísmo

Os trinitarianos ortodoxos negam triteísmo, que é a crença em três deuses. No entanto, quando pedidos para explicar como pode haver três pessoas distintas e ainda somente um Deus, eles finalmente explicam que - a trindade é um mistério que nossas mentes humanas "finitas não podem compreender completamente.”⁸

Desde que os trinitarianos tentam rejeitar o conceito de três deuses, eles normalmente são relutantes para descrever Deus em termos de três seres, personalidades, ou indivíduos. Um trinitariano declarou, "Nenhum teólogo Cristão importante tem argumentado que há três seres auto-conscientes na divindade.”⁹ Um outro escritor trinitariano rejeita a idéia que a trindade é composta de três indivíduos, mas ele denuncia a ênfase demasiado da unicidade, que (ele diz) leva a uma vista Judaica de Deus.¹⁰

Esta relutância para usar termos que dividem Deus precisamente é recomendável; no entanto, *pessoa* é em si mesma tal palavra. O dicionário define *pessoa* como "homem ou mulher, personagem" e "a personalidade individual de ser humano.”¹¹

Isto não é meramente uma pequena briga sobre terminologia; mas através da história do trinitarianismo, muitos trinitarianos tem interpretado o conceito de uma pessoa praticamente e até teologicamente, a significar três seres. Por exemplo, os três Capadocianos do quarto século (Gregório de Nyssa, Gregório Nazianzus, e Basil de Cesaréia) enfatizaram a triplicidade da trindade ao ponto que eles tiveram três personalidades.¹² Boethius (c. 480-c. 524) definiu *pessoa* como uma "substância individual com uma natureza racional.”¹³ Dos tempos medievais ao presente os trinitarianos freqüentemente tem representado a trindade por um quadro de três homens, ou por um quadro de um homem velho, com um homem novo, e uma pomba:

Hoje em círculos Pentecostais trinitarianos há um conceito da Divindade que implica por o triteísmo. Isto é evidente nas declarações seguintes feitas por três Pentecostais trinitarianos - um proeminente anotador Bíblico, um proeminente evangelista, e um autor.

"O que tencionamos por Divina Trindade é que há três pessoas separadas e distintas na Divindade, cada uma tendo Seu próprio corpo espiritual pessoal, alma pessoal, e espírito pessoa no mesmo sentido que cada ser humano, anjo ou outro ser tem seu próprio corpo, alma, e espírito... Assim há três pessoas separadas na individualidade divina e pluralidade divina... A palavra *Deus* é usada ou como uma palavra singular ou plural, como *lâpis*".¹⁴

"Assim há três pessoas separadas na individualidade divina e pluralidade divina ... Individualmente cada um se chama Deus; coletivamente eles podem ser chamados como um Deus por causa da sua perfeita unidade... Tudo o que poderia pertencer a Deus coletivamente poderia também se aplicar igualmente a cada membro da divindade como indivíduos. *No entanto, há algumas particularidades que relacionam-se cada pessoa individual da deidade com respeito a posição, ofício, e obra que não poderiam ser atribuídas a qualquer um dos outros membros da divindade.*"¹⁵

O terceiro Pentecostal trinitariano, um autor cita a definição de *pessoa* do dicionário: "um indivíduo particular." Ele, então, dá sua própria definição: "Uma pessoa é um que tem intelecto, sensibilidade, e vontade," Ele tenta reconciliar o uso trinitariano da palavra *pessoa*.

"Quando *pessoa* é aplicado a qualquer ser criado, ela representa um indivíduo absolutamente separado dos outros; mas quando aplicado ao Pai, Filho, e Espírito Santo, *pessoa* deve ser qualificado para excluir a existência separada, pois enquanto os três são distintos, eles são inseparáveis - um Deus. Todavia, com esta qualificação, *pessoa* permanece o termo que chega mais perto a enunciar o modo permanente da existência dentro da divindade."¹⁶

É aparente que muitos trinitarianos interpretam sua doutrina a significar três personalidades, três seres, três mentes, três vontades, ou três corpos na Divindade. Eles negam que por *pessoa* que indica somente manifestações, papéis, ou relacionamentos com o homem. Em vez disto, eles defendem uma eterna triplicidade de essência enquanto admitem a ser um mistério incompreensível. Eles reduzem o conceito da unicidade de Deus a uma unidade de pessoas plurais. Por sua definição, eles convertem monoteísmo em uma forma de politeísmo, diferenciando-se de politeísmo pagão somente em que há uma perfeita concordância e unidade entre os deuses. Apesar das negações trinitarianas, isto é politeísmo triteísmo a ser exato - e não o monoteísmo ensinado pela Bíblia e sustentado pelo Judaísmo.

Os Problemas Com o Subordinacionismo

Os trinitarianos também negam qualquer forma de subordinação de uma pessoa a outra em poder ou eternidade. No entanto, eles freqüentemente dizem Deus o Pai é o cabeça da trindade, Deus o Filho é o gerado pelo Pai, e o Espírito procede do Pai ou Filho ou ambos. Outra vez, eles insistem que não há nenhuma contradição, porque nossas mentes finitas simplesmente não podem compreender a plenitude do significado descrito por estes relacionamentos.

Achamos, no entanto, que através da história os trinitarianos proeminentes tem interpretado sua própria doutrina de uma maneira que subordina Jesus Cristo ou o faz inferior. Tertuliano, o primeiro proeminente interprete do trinitarianismo, ensinou que o Filho foi subordinado ao Pai e que a trindade não é eterna.¹⁷ Ele ensinou que o Filho não existiu como uma pessoa separada no início, mas foi gerado pelo Pai para efetuar a criação do mundo. Ainda mais, Tertuliano sustentou que a distinção de pessoas cessaria no futuro. Orígenes, que foi o primeiro grande proponente do trinitarianismo no Oriente, também viu o Filho como subordinado ao Pai em existência e até afirmou que a oração deveria ser endereçada somente ao Pai.¹⁸ Ambos estes homens tencionaram a deidade de Cristo quando eles usaram o termo *Filho*. Pode ser dito, portanto, que o trinitarianismo começou, com uma doutrina que subordinou Jesus a Deus.

Em círculos trinitarianos modernos, há uma forma de subordinacionismo quando os trinitarianos usam as limitações humanas de Cristo para provar a distinção entre Deus Pai e "Deus Filho" em vez de uma simples distinção entre a natureza divina de Cristo (Pai) e Sua natureza humana (Filho). Por exemplo, nota seu uso das orações de Cristo, falta de conhecimento, e falta de poder para provar que "Deus Filho" é diferente de Deus Pai. Enquanto afirma a co-igualdade do Filho e Pai, eles a negam de uma maneira prática e confessam que eles não entendem o que isto realmente significa.

Os crentes Unicistas declaram que o Filho foi subordinado ao Pai. No entanto, eles não crêem que Jesus é subordinado ao Pai da maneira que os trinitarianos o fazem. Em vez disto, eles afirmam que Jesus no Seu papel humano como o Filho foi subordinado e limitado, mas Jesus no Seu papel divino como o Pai não foi subordinado ou limitado. Em outras palavras, a natureza humana de Jesus foi subordinada a natureza divina de Jesus. Por separar Pai e Filho em pessoas separadas, os trinitarianos negam que Jesus é o Pai, e assim diminuem a plena deidade de Jesus. Apesar das suas negações, com efeito sua doutrina subordina Jesus ao Pai em deidade.

Terminologia Não Bíblica

Existe severos problemas com a terminologia trinitariana. Primeiro, a Bíblia em nenhum lugar usa a palavra *trindade*. A palavra *três* não aparece em relação a Deus em nenhuma tradução da Bíblia exceto na versão Inglês *King James Version*, e somente uma vez naquela tradução - no versículo duvidoso de I João 5:7. Até nesta passagem se lê, "estes três são um." [Da mesma forma as diversas versões da Bíblia Sagrada na língua Portuguesa não se refere a Deus com a palavra *três*, nem aparece a palavra *trindade*. Os tradutores da Versão Revisada de acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego reconheceram que uma parte do texto duvidoso de I João 5:7 foi acrescentado erroneamente por tradutores da antiguidade, e deixaram fora a parte que normalmente se encontra entre colchetes, que indica que não se encontra nos textos originais.]

A palavra *pessoa* não aparece em relação a Deus também, exceto duas vezes na versão Inglês *King James Version*. Jó 13:8 refere para mostrar parcialidade. Hebreus 1:3 diz que o Filho é a expressa imagem da própria pessoa [A Bíblia na língua Portuguesa não usa a palavra *pessoa* nesta instância, mas a palavra *Ser*.] de Deus (onde significa natureza ou substância), não uma segunda pessoa. A Bíblia nunca usa a palavra plural *pessoas* para descrever a Deus. (A única exceção possível seria em Jó 13:10: "Acerbamente vos repreenderá, se em oculto fordes parciais" - mas este versículo obviamente demoliria o trinitarianismo se ele se aplica a Deus!)

Em breve, muitos estudiosos trinitarianos admitem, que a Bíblia não expressa explicitamente a doutrina da trindade. *The New Catholic Encyclopedia* declara: "Há reconhecimento da parte de exegetas [intérpretes] e teólogos Bíblicos ... que alguém não deveria falar de Trinitarianismo no Novo Testamento sem qualificações sérias... Novo Testamento exegese [interpretação] é aceita agora como tendo mostrado que não somente o idioma verbal, mas até os padrões pensamento características do patrístico [pais da igreja] e o desenvolvimento conciliatório [conselhos das igrejas] teria sido um tanto estranho à mente e cultura dos escritores do Novo Testamento."¹⁹

O teólogo Protestante trinitariano Emil Brunner tem declarado, "A doutrina da Trindade em si mesma, no entanto, não é uma doutrina Bíblica e isto de fato não por acidente, mas de necessidade. Ela é o produto de reflexão teológica sobre o problema ... A doutrina eclesiástica da Trindade não é somente o produto de genuíno pensamento Bíblico, ela é também o produto de especulação filosófica, que é remoto do pensamento da Bíblia."²⁰

Desenvolvimento Histórico do Trinitarianismo

Se o trinitarianismo não veio da Bíblia, de onde então ele originou? Não há uma questão que o trinitarianismo Cristão se desenvolveu num período de diversos séculos de tempo depois que o Novo Testamento foi escrito. De acordo com *The New Catholic Encyclopedia*, historiadores de dogma e teólogos sistemáticos reconhecem "que quando alguém fala de um Trinitarianismo não qualificado, se tem mudado do período de origens Cristãs a, digamos, ao último quadrante do 4º século ... De o que tem sido visto até agora, a impressão poderia se levantar que o dogma Trinitariana é em última análise uma invenção de tarde no 4º século. De um certo sentido, isto é a verdade mas implica uma interpretação extremamente estrita das palavras chaves Trinitariano e dogma ... A formulação "um Deus em três Pessoas" não foi solidamente estabelecida, certamente não plenamente assimilada na vida Cristã e a sua profissão de fé, antes do fim do 4º século. Mas é precisamente esta formulação que tem primeira reivindicação ao título a *dogma Trinitariana*."²¹

Traçaremos brevemente o desenvolvimento histórico desta doutrina em Cristandade, mas primeiro deixe-nos explorar algumas origens pagãs de trinitarianismo.

Origens Pagãs

O estudioso trinitariano Alexander Hislop afirma que os Babilônicos louvavam um Deus em três pessoas e usaram o triângulo equilátero como um símbolo desta trindade. No seu livro, Hislop mostra quadros usados na Síria antiga e na Sibéria para representar divindades triúnas. Ele traça

ainda mais as idéias trinitarianas à seita Babilônica do pai, mãe, e filho, dizendo que a trindade Babilônica foi "o Pai Eterno, o Espírito de Deus encarnado em uma mãe humana, e o Filho Divino, o fruto daquela encarnação."²²

O historiador Will Durant descreve a trindade no Egito Antigo. "Ra, Amon, e um outro deus, Ptah foram combinados como três incorporações de aspectos de uma deidade suprema e triúna."²³ O Egito também tinha uma trindade divina de pai, mãe, e filho em Osiris, Ísis, e Horus.²⁴

Trindades existem em outras importantes religiões pagãs tais como o Hinduísmo, Budismo e Taoísmo. O Hinduísmo tem tido uma trindade suprema desde as épocas antigas: Brahma o Criador, Shiva o Destruidor, e Vishnu o Preservador. Um estudioso descreveu esta crença: "BrahmanAtman, a última realidade impessoal alcança uma manifestação tríplice religiosamente significativa ou trimurti [tríade de deuses] através das três deidades pessoais que representam as funções divinas de criação, destruição, e preservação respectivamente."²⁵ Esta trindade é as vezes representada por uma estátua de um deus com três cabeças.

O Budismo também tem uma espécie de trindade. A Mahayana (do norte) escola de Budismo tem a doutrina de um "corpo triplo" ou Trikaya.²⁶ De acordo com esta crença há três 'corpos' do Buda - realidade. O primeiro é a eterna, realidade cósmica, o segundo é a manifestação celestial do primeiro e o terceiro é a manifestação terrestre do segundo. Ainda mais, muitos Budistas louvam estátuas de Budas com três cabeças.²⁷

Taoísmo, a antiga religião mística da China, tem uma trindade oficial de deuses supremos - o Jade Imperador, Lao Tzu, e Ling Pao - chamada as Três Purezas.²⁸

A trindade filosófica aparece em Platão e se toma muito significativa no Neo-Platonismo.²⁹ Claro, a filosofia Grega, particularmente Platônica e o pensamento Neo-Platonico, teve uma influência maior na teologia da igreja antiga. Por exemplo, a doutrina trinitariana do Logos originou do filósofo Neo-Platonico Philo. (Veja o Capítulo IV.) Assim, podemos ver que a idéia de uma trindade não originou com a Cristandade, mas que ela é uma feição significativa de muitas .antigas religiões pagãs e filosofias antes da era Cristã.

Desenvolvimentos Pós-Apostólicos

As Escrituras não ensinam a doutrina da trindade, mas trinitarianismo tem suas raízes no paganismo. Como, então, veio esta doutrina pagã achar um lugar na Cristandade? Para uma resposta a esta questão, temos confiado primeiramente nos professores seminaristas Luteranos, Otto Heick e E. H. Klotzsche, o professor de história da igreja na Universidade do Yale, Roland Bainton, professor de universidade John Noss, o notável filósofo-historiador Will Durant, e a *Encyclopedia of Religion and Ethics*.

No capítulo X, notamos que os pais pós-apostólicos (90 - 140 d.C.) não abraçaram a idéia de uma trindade. Ao contrário, eles enfatizaram o monoteísmo do Antigo Testamento, a deidade de Cristo, e a humanidade de Cristo. Os apologistas Gregos (130 - 180 d.C.) também enfatizaram a unicidade de Deus. No entanto, alguns deles mudaram em direção ao trinitarianismo.

Esta tendência em direção ao trinitarianismo começou por fazer o Logos (a Palavra de João 1) uma pessoa separada. Seguindo um pensamento na filosofia Grega, particularmente nos ensinamentos de Philo, alguns dos apologistas Gregos começaram a ver o Logos como uma pessoa separada do Pai. Isto não era trinitarianismo, no entanto, mas uma forma de binitarianismo, e uma que subordinou o Logos ao Pai. Para eles somente o Pai era o Deus real e o Logos era um ser divino criado de segunda ordem. Eventualmente, o Logos se tornou igualado com o Filho. Aparentemente, a fórmula batismal triúna se tomou uma prática entre algumas igrejas Cristãs, embora que haja poucas referências primitivas a ele poderia ser ou recitações de Mateus 28:19 ou interpolações acrescentados por copistas posteriores. Ainda mais, durante esta época, um apologista chamado Teófilo usou a palavra *triade* (*triados*) para descrever a Deus. Todavia, ele provavelmente não usou para significar uma trindade de pessoas, mas antes uma triade de atividades de Deus.

Irineu (morreu c. 200) é freqüentemente considerado o primeiro teólogo verdadeiro desta época.³⁰ Ele enfatizou a manifestação de Deus em Cristo por causa da redenção. Alguns estudiosos

tem caracterizado as crenças de Irineu como "trinitarianismo econômico." Por isso eles tencionaram que ele não creu na trindade eterna ou na essência da trindade, mas somente numa trindade que é temporária em natureza - provavelmente a trindade das atividades de Deus ou somente suas operações. Irineu, que não usou a doutrina Grega do Logos, identificou o Logos com o Pai. Sua teologia teve três características chaves: uma ênfase bíblica forte, uma reverência por tradição apostólica, e uma ênfase forte Cristocêntrico. Parece que ele não era um trinitariano, mas um crente Unicista.

Em sumário no primeiro século após os apóstolos, a doutrina da trindade não tinha ainda se desenvolvida. Contudo, em alguns círculos uma forma de binitarianismo subordinacionista emergiu baseado em idéias filosóficas Gregas, a doutrina denunciada no primeiro capítulo do Evangelho Segundo João. (Veja Capítulo IV.) *The New Catholic Encyclopedia* diz de trinitarianismo nesta época na história da igreja: "Entre os Pais Apostólicos, havia sido nada ainda remotamente aproximando-se a tal mentalidade ou perspectiva; entre os Apologistas do segundo século, pouco mais que focalizar o problema como aquele da pluralidade dentro da única Divindade... Na última análise, a realização da teologia do segundo século foi limitada... A solução trinitariana ainda estava no futuro."³¹

Tertuliano - o Pai Do Trinitarianismo Cristão

Tertuliano (c. 150 - c. 225 D. C.) foi a primeira pessoa registrada pela história para usar as palavras *trindade* (Latim: *trinitas*), *substância* (*substantia*), e *pessoa* (*persona*) em relação a Deus.³² Ele foi o primeiro para falar de três pessoas em uma substância (Latim: *una substantia et tres personae*). Tertuliano se aderiu ao conceito econômico da trindade. Isto é, ele creu que a trindade existe somente para o propósito de revelação, e depois que isso tem sido realizado a distinção entre as pessoas cessará. Contudo, ele definitivamente divergiu de Irineu em que ele usou a doutrina do Logos dos apologistas Gregos. Tertuliano igualou o Logos com o Filho. Ele creu que o Pai trouxe o Logos a existência para a criação do mundo e que o Logos era subordinado ao Pai. A doutrina da trindade não apresentou nenhum problema para Tertuliano, pois sua teologia inteira apoiou-se no pensamento que quanto mais impossível é o objeto da fé, o mais certo ela é. Ele tem sido caracterizado pela declaração, "Eu creio porque é absurdo."

Existe alguma questão com respeito o que Tertuliano realmente significou por sua formulação trinitariana especialmente seu uso da palavra Latim *persona*. De acordo com o manual de termos teológicos na lei Romana a palavra significa uma entidade ou pessoa legal.³³ No drama ela significa a máscara usada pelo ator ou, por extensão, o papel feito por um ator. Nenhum uso necessariamente indica o significado moderno de pessoa como ser auto-consciente. Por exemplo, um ator poderia fazer diversos papéis (*personae*) e uma corporação legal (*persona*) poderia consistir de diversos indivíduos. Do outro lado, presumivelmente a palavra poderia também designar seres humanos individuais.

No quarto século a palavra Grega *hipóstases* foi usado na formulação oficial da doutrina trinitariana. De acordo com Noss, *hypostasis* foi uma palavra abstrata significando subsistência ou manifestação individualizada. Ele diz, "Quando esta formulação foi traduzido para o Latim, o Grego um tanto abstrato por *manifestação individualizada* se tornou a palavra um tanto concreta *persona*, e conotações de personalidade distinta e auto-suficiente foram sugeridos de uma maneira não entendida pelo fraseado Grego original."³⁴ Contudo, esta palavra Latim específica foi precisamente aquela que Tertuliano tinha usado anteriormente. Um outro estudioso declara que até a época em que *hypostasis* foi traduzido *persona* as duas palavras foram basicamente equivalentes, ambas significando "ser individual."³⁵

É aparente que muitas pessoas na época de Tertuliano opunham sua nova formulação. Por sua própria admissão dos crentes do seu dia rejeitaram sua doutrina por duas razões: Sua Regra de Fé (credo primitivo ou declaração de crença) proibiu politeísmo, e sua doutrina dividiu a unidade de Deus.³⁶ Nosso conhecimento dos crentes modalistas (Unicistas) primitivos, Noetus e Praxeas vem da sua oposição forte ao Tertuliano e sua oposição forte contra eles. Se Tertuliano quis dizer

somente que Deus teve três papéis, máscaras, ou manifestações, não haveria nenhum conflito com modalismo, especialmente desde que Tertuliano não creu na trindade eterna. Em consequência disso, concluímos que Tertuliano não assinalou três diferenças essenciais em Deus e que *persona* não conotou ou implicou uma personalidade distinta, como sugerido por Noss. Em qualquer caso, é claro que na época de Tertuliano os crentes Unicistas, viram sua doutrina como agudamente oposta a sua própria, que foi a crença majoritária da época.

Aqui é uma anotação final sobre Tertuliano. Ele se tornou um seguidor de Montano, um herege primitivo que reivindicou a ser Paracleto (Consolador) prometido em João 14 e o último profeta antes do fim do mundo. Tertuliano eventualmente começou louvar o celibato e condenar o casamento. No final, ele foi excomungado junto com o resto dos Montanistas.

Outros Trinitarianos Primitivos

Tertuliano introduziu a terminologia do trinitarianismo e se tornou seu primeiro grande proponente no Ocidente, mas Orígene (morreu 254 d.C.) se tornou seu grande proponente no Oriente.³⁷ Orígene tentou punir a filosofia Grega e Cristianismo num sistema de conhecimento elevado que os historiadores frequentemente descrevem como Gnosticismo Cristão. Ele aceitou a doutrina Grega do Logos (especificamente que o Logos foi uma pessoa separada do Pai), mas ele acrescentou um aspecto singular não proposto até sua época. Esta foi a doutrina do Filho eterno. Ele ensinou que o Filho ou Logos foi uma pessoa separada desde a eternidade. Ainda mais, ele disse que o Filho foi gerado desde toda a eternidade e está sendo gerado eternamente. Ele reteve a subordinação do Filho ao Pai em existência ou origem, mas chegou mais perto a última doutrina de co-igualdade.

Orígene teve muitas crenças heréticas devido a sua aceitação de doutrina da filosofia Grega, sua ênfase no conhecimento místico antes que a fé, e sua interpretação extremamente alegórica das Escrituras. Por exemplo, ele creu na pré-existência das almas dos homens, negou a necessidade da obra redentora de Cristo, e creu na salvação final dos maus, incluindo o diabo. Por estas e outras doutrinas heréticas, ele foi excomungado da igreja. Concílios da igreja formalmente anatematizou (amaldiçoou) muitos das suas doutrinas em 543 e 553.

Outros trinitarianos proeminentes da história da igreja primitiva foram Hipólito e Novatian. Hipólito foi um oponente trinitariano de Sabélio. Ele opôs Calisto bispo de Roma, e encabeçou um grupo cismático contra ele. Apesar disto, a Igreja Católica o canonizou mais tarde.

Novatian foi um dos primeiros para enfatizar o Espírito Santo como a terceira pessoa. Ele ensinou subordinação do Filho ao Pai, dizendo que o Filho foi uma pessoa separada, mas teve um início e veio do Pai. Cornélio, bispo de Roma, excomungou Novatian por crer que um número de pecados sérios não podiam ser perdoados se cometidos depois da conversão.

O Concílio de Nicéia

Pelo fim do terceiro século, o trinitarianismo tinha substituído o modalismo (Unicidade) como a crença apoiada pela maioria da Cristandade, embora que opiniões primitivas de trinitarianismo ainda não estavam na forma da doutrina moderna.

Durante a primeira parte do quarto século, a grande controvérsia com respeito a divindade deu ao seu clímax - o choque entre os ensinamentos de Atanásio e Ário. Ário desejou preservar a unicidade de Deus e ainda proclamar personalidade independente do Logos. Como os trinitarianos, ele igualou o Logos com o Filho e com Cristo. Ele ensinou que Cristo é um ser criado - um ser divino, mas não da mesma essência como o Pai e não co-igual com o Pai. Em outras palavras, para ele Cristo é um semideus.

Com efeito, Ário ensinou uma forma nova de politeísmo. Ário definidamente não foi um crente Unicista, e o movimento Unicista moderno rejeita fortemente qualquer forma do Arianismo.

Em oposição a Ário, Atanásio tomou a posição que o Filho é co-igual, co-eterno, e coessência com o Pai. Isto é agora a opinião de trinitarianismo moderno. Portanto, enquanto

Tertuliano introduziu muitos conceitos e termos trinitarianos à Cristandade, Atanásio pode ser considerado como o verdadeiro pai do trinitarianismo moderno.

Quando a controvérsia Ariana-Atanasiana começou a varrer de ponto a ponto do Império Romano, o Imperador Constantino decidiu intervir. Recentemente convertido ao Cristianismo e então o fazendo a religião aceita, ele sentiu a necessidade de proteger a unidade da Cristandade para o bem estar do Império. De acordo com a tradição sua conversão veio com o resultado de uma visão que ele viu pouco antes da batalha crucial. Supostamente, ele viu uma cruz no céu com uma mensagem dizendo, "Neste sinal conquista." Ele seguiu para ganhar a batalha se tornando co-imperador em 312 d. C. e imperador único em 324 d.e. Quando a grande controvérsia Ariana-Atanasiana ameaçou dividir seu império recém ganho e destruir seu plano para usar o Cristianismo para consolidar e manter poder político, ele convocou o primeiro concílio ecumênico da igreja, que aconteceu em Nicéia em 325 d.C.

Constantino não foi nenhum modelo de Cristianismo. Em 326 ele matou seu filho, sobrinho e esposa. Propositadamente ele deferiu o seu batismo até pouco antes da sua morte, sobre a teoria que ele assim seria purificado de todos os pecados da sua vida. Durant diz a respeito dele. "Cristianismo foi para ele um meio, mas não o fim... Enquanto o Cristianismo converteu o mundo, o mundo converteu o Cristianismo e demonstrou o paganismo natural da humanidade."³⁸

Por estabelecer o Cristianismo como a religião preferida do Império Romano (que ultimamente a levou a se tornar a religião oficial do estado), Constantino radicalmente alterou a igreja e acelerou sua aceitação de rituais pagões e doutrina heréticas. Como historiador da igreja, Walter Nigg diz, "Tão cedo que o Imperador Constantino abriu as comportas e as massas do povo fluíram para a Igreja de mero oportunismo, a imponência do caráter Cristão se terminou."³⁹

Quando o Concílio de Nicéia se reuniu, Constantino não teve interesse em qualquer decisão particular, enquanto que os participantes chegaram a um acordo. Uma vez ocorrendo isto, Constantino colocou todo seu poder em apoio do resultado.

"Constantino, que tratou questões religiosas somente de um ponto de vista político, assegurou a unanimidade por banir todos os bispos que não assinariam as novas profissões de fé. Foi desta maneira que a unidade foi conseguida. Foi totalmente desconhecido que um credo universal deveria instituído somente ou puramente sobre autoridade do imperador... Nenhum bispo disse uma só palavra contra esta coisa monstruosa."⁴⁰

Heick divide os participantes em Nicéia em três grupos: a minoria de Arianos, uma minoria de Atanasianos, e a maioria que não entenderam o conflito, mas queriam a paz.⁴¹ O Concílio finalmente adotou um credo que claramente denunciou Arianismo, mas disse pouco em relação de ensinamento trinitariano positivo. A frase chave declarada que Cristo era da mesma essência (Grego: *homoousios*) como o Pai e não somente como uma essência (*homoiousios*). De uma maneira interessante, os modalistas (crentes Unicistas) tinham usado primeiramente a palavra escolhida (*homoousios*) para expressar a identidade de Jesus com o Pai. Muitos que pretearam sem sucesso o uso do último termo (*homoiousios*) não tencionaram realmente que Jesus era diferente do Pai em substância, mas antes queriam evitar as implicações Unicistas do primeiro termo. Então o credo resultante foi uma rejeição clara de Arianismo, mas uma rejeição não tão clara de modalismo (Unicidade).

A versão original do Credo Niceno formulado pelo Concílio de Nicéia em relação a Unicidade é como segue:

"Cremos em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, o único gerado, isto é da natureza do Pai. Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não formado, de uma substância com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas, tanto coisas nos céus e coisas na terra; quem por nós

homens e por nossa salvação veio e foi feito em carne e assumiu a natureza do homem, sofreu e ressuscitou no terceiro dia, ascendeu aos céus, (e) deverá vir outra vez como juiz dos vivos e mortos. E no Espírito Santo. Mas a igreja santa e apostólica anatematiza aqueles que dizem que haviam uma época quando ele não existia, e que ele foi feito de coisas não existente, ou de uma outra pessoa ou ser, dizendo que o Filho de Deus é mutável ou mudável."⁴²

Não há uma declaração clara da trindade neste credo, mas ele afirma que Jesus é de uma substância com o Pai em oposição ao Arianismo. Não há referência ao Espírito Santo como uma pessoa separada na divindade, mas ele meramente expressa a crença no Espírito Santo. Este Credo Niceno original indica uma distinção pessoal entre Pai e Filho e declara que o Filho não é mutável ou mudável. Esta última frase é um afastamento da doutrina bíblica do Filho e suporta trinitarianismo moderno desde que ela ensina um Filho eterno. Basicamente, então, o Concílio de Nicéia tem uma significância tripla: ele é uma rejeição de Arianismo; ele é a primeira declaração oficial incompatível com modalismo (Unicidade); e ele é a primeira declaração suportando trinitarianismo.

Depois de Nicéia

A vitória trinitariana de Nicéia, portanto, não foi completa. Os próximos sessenta anos foram uma batalha entre os Arianos e os Atanasianos. Alguns participantes do concílio tais como Marcelo, bispo de Ancira, saíram em favor de Sabelianismo (Unicidade).⁴³ Ário enviou uma carta conciliatória a Constantino, que o causou para reabrir a questão. O concílio realizado em Tiro em 335 atualmente reverteu a doutrina Nicena em favor de Arianismo. Atanásio foi ao exílio, e Ário teria sido reinstalado como bispo se não tivesse morrido na noite anterior.⁴⁴

Atanásio foi banido cinco ou seis vezes durante este período. Muito do conflito foi devido as circunstâncias políticas. Por exemplo, quando o filho de Constantino, Constantius, chegou ao poder ele apoiou os Arianos, destituindo os bispos Atanasianos e apontando Arianos nos seus lugares. A controvérsia produziu lutas políticas violentas e muito derramamento de sangue.

O professor Heick credita o último sucesso de Atanasianismo à eloquência e perseverança de Atanásio mesmo. "O fator decisivo na vitória... Foi a determinação inabalável de Atanásio durante uma vida inteira de perseguição e opressão."⁴⁵ De qualquer modo não foi até o segundo concílio ecumênico, convocado pelo Imperador Teodósio e realizado em Constantinopla em 381, que o assunto foi resolvido. Este concílio realizado após a morte de Atanásio ratificou o Credo Niceno. Foi resolvido também uma outra grande questão que tinha o estado assolando após Nicéia, especificamente a relação do Espírito Santo a Deus. O Espírito Santo era uma pessoa separada na divindade ou não? Muitos pensaram que o Espírito foi uma energia, uma criatura ou um ser angélico. O concílio acrescentou declarações ao Credo Niceno original para ensinar que o Espírito Santo foi uma pessoa separada como o Pai e o Filho.

Não foi até o Concílio Constantinopla em 381, então, que a doutrina moderna da trindade ganhou vitória permanente. O concílio foi o primeiro para declarar inequivocamente que Pai, Filho, e Espírito Santo foram três pessoas separadas de Deus, co-iguais, co-eternos, e de coessência. O Credo Niceno revisado veio do concílio em 381. A forma presente do Credo Niceno, que provavelmente emergiu cerca do ano 500,⁴⁶ é portanto mais fortemente trinitariano que os Credo Niceno original.

Havia uma grande ameaça a Atanasianismo. O Império Romano tinha começado a desmoronar sob ataques bárbaros, e tribos bárbaras se levantando a ascendência foram Arianas. Concebivelmente, Arianismo podia ter emergido vitorioso através de conquistas bárbaras. Esta ameaça finalmente se terminou, portanto, quando os Francos se converteram ao Atanasianismo em 496.

Durante este período de tempo, um outro credo importante emergiu - o Credo Atanasiano, que *não* veio de Atanásio. Ele provavelmente representa a doutrina trinitariana de Augustino (354-430), pois foi desenvolvido durante ou após seu tempo. Este credo é a mais compreensiva

declaração de trinitarianismo na história antiga da igreja. Somente a parte ocidental da Cristandade o reconheceu oficialmente.

Os pontos principais de diferença entre o Leste e o Oeste com respeito a doutrina da trindade foram como segue. Primeiro, o Leste tendeu para enfatizar a triplicidade de Deus. Por exemplo, para os Capadócios o grande mistério foi como três pessoas poderiam ser uma. No Oeste havia um pouco mais de ênfase sobre a unidade de Deus. Segundo, o Oeste creu que o Espírito procedeu do Pai e do Filho (a doutrina *filioque*), enquanto o Leste sustentou que o Espírito procede somente do Pai. Por final isto se tornou uma questão doutrinária maior atrás do cismo entre Catolicismo Romano e Ortodoxo Oriental em 1054.

O Credo Atanasiano

Para poder dar ao leitor uma vista mais completa da doutrina da trindade, uma parte do Credo Atanasiano é dado abaixo:

"Qualquer que será salvo: antes: de todas as coisas é necessário que ele mantém a Fé Católica. Que Fé exceto todos a mantém integral e imaculada: sem dúvida ele perecerá. E A Fé Católica é esta: que louvamos um Deus em Trindade, e Trindade em Unidade. Nenhum confundindo as Pessoas: nem dividindo a Substância. Pois há uma Pessoa do Pai, uma do Filho, e uma outra do Espírito Santo. Mas a Divindade do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, é todo um: A Glória co-igual, a Majestade co-eterna. Tal como o Pai é, tal é o Filho, e tal é o Espírito Santo: O Pai não criado, o Filho não criado, e o Espírito Santo não criado. O Pai incompreensível, o Filho incompreensível, e o Espírito Santo incompreensível. O Pai eterno, o Filho eterno, e o Espírito Santo eterno. E ainda eles não são três eternos: mas um Eterno. Como também não há três incompreensíveis, nem três não criados: mas um Não Criado e um Incompreensível. A mesma forma o Pai é Todo-Poderoso, o Filho todopoderoso, e o Espírito Santo todopoderoso. E ainda eles não são três todopoderosos: mas um Todo-Poderoso. Então o Pai é Deus o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus. Ainda eles não são três deuses: mas um Deus. Da mesma forma o Pai é Senhor, o Filho Senhor e o Espírito Santo Senhor. E ainda não são três senhores: mas um Senhor. Da mesma forma que somos compelidos pela verdade Cristã para reconhecer cada Pessoa por Si mesma ser Deus e Senhor: Assim somos proibidos pela religião Católica dizer, há três deuses, ou três senhores. O Pai é feito por ninguém: nem criado, nem gerado. O Filho é do Pai somente, não feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo é do Pai e do Filho, nem feito nem criado, nem gerado, mas procedente. Então há um Pai, não três Pais um Filho não três Filhos, e um Espírito Santo, não três Espíritos Santos. E nesta Trindade nenhum é diante, ou depois um outro: nenhum é o maior ou menor do outro. Mas o conjunto de três Pessoas são co-eternos juntos, e co-iguais. Assim que em todas as coisas, como é dito antes, a Unidade em Trindade, e a Trindade em Unidade é para ser louvada. Ele portanto que será salvo deve assim pensar da Trindade ... "47

O Credo Apostólico

Antes de encerrar este capítulo, precisamos responder questões sobre o assim chamado Credo Apostólico. Ele originou com os Apóstolos? Ele ensina trinitarianismo? A resposta a ambas as questões é não. Este credo teve seu início numa mais antiga confissão de fé usada na igreja Romana. Ele foi chamado o Símbolo Romano Antigo (ou Credo). Vários estudiosos tem datado o Símbolo Romano Antigo de até 100 a 200 d.C. Ele diz:

"Creio em Deus Pai Todo-Poderoso; E em Jesus Cristo, Seu único Filho, nosso Senhor; Que foi nascido pelo Espírito Santo da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, e foi sepultado; Ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; Ele subiu aos céus; e está sentado à direita do Pai; Donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo; Na remissão dos pecados; Na ressurreição do corpo (carne)."⁴⁸

Este credo foi revisado para enfrentar o desafio de assuntos doutrinários novos, até que ele finalmente alcançou sua forma presente perto do fim do quinto século. As mudanças mais importante foram a adições afirmando o seguinte: Deus é o criador do céu e a terra; Jesus foi concebido pelo Espírito Santo; Jesus sofreu e morreu; Jesus desceu ao inferno (o sepulcro); crença na santa Igreja católica (geral); crença na comunhão dos santos; e crença na vida eterna.

Há duas coisas importantes acerca das versões originais e posteriores. Primeiro, nenhuma tem uma ligação histórica direta com os doze apóstolos. Portanto as versões não são mais sagradas ou confiáveis que qualquer outra escrita dos primeiros séculos depois da época dos apóstolos. Segundo, elas não ensinam a doutrina trinitariana. Na maior parte elas seguem a linguagem bíblica bem de perto. Elas descrevem o Filho de Deus somente em termos da Encarnação, em nenhuma parte sugerindo que o Filho é uma pessoa separada na Divindade ou que o Filho é eterno. Elas afirmam crença no Espírito Santo, mas não como uma pessoa separada na Divindade. Em vez disto elas colocam esta afirmação junto com outras declarações relacionadas à salvação, levando-nos a crer que elas estão falando acerca do dom ou batismo do Espírito Santo e à obra do Espírito Santo na igreja. Assim, não há nada realmente censurável na linguagem se definimos os termos da mesma maneira que a Bíblia os usa.

No obstante, os trinitarianos tem interpretado o Credo Apostólico, reivindicando que ele sustenta a sua doutrina. Ambos os Católicos Romanos e Protestantes o usa hoje para declarar sua crença trinitariana. Eles tem associado com trinitarianismo a tal grau que os não trinitarianos não o usam por medo de ser mal compreendidos.

Não recomendamos o uso do Credo Apostólico pelas seguintes razões: 1. Ele *não* originou com os apóstolos como o nome implica. Não queremos criar uma impressão falsa entre o povo por usar aquele título. 2. Ele não enfatiza necessariamente todos os temas importantes do Novo Testamento, especialmente alguns aspectos que são importantes para enfatizar hoje à luz de doutrinas falsas desenvolvidas através dos séculos. 3. Em vez de tentar formular um credo que compreensivamente declara doutrina de uma maneira restrita, preferimos usar a Bíblia mesma para declarações sumárias de doutrina. 4. O uso deste credo hoje nos associaria com o trinitarianismo. Apesar dos escritores não terem esta doutrina em mente, a grande maioria do povo comum hoje a consideraria como uma declaração trinitariana. Para evitar identificação com o trinitarianismo e o Catolicismo Romano, não usamos o Credo Apostólico.

Conclusão

Em conclusão, vemos a doutrina da trindade como não bíblico tanto em terminologia e origem histórica. Ela tem suas doutrinas em politeísmo, religião pagã e filosofia pagã. A doutrina em si não existia na história da igreja antes do terceiro século. Ainda naquela época, trinitarianos primitivos não aceitaram muitas doutrinas básicas do trinitarianismo presente de hoje tais como a co-igualdade e coeternidade do Pai e Filho. Trinitarianismo não alcançou domínio sobre a crença Unicista até por volta de 300 d.C. Ele não alcançou vitória sobre Arianismo até tarde no quarto século.

O primeiro reconhecimento oficial de doutrinas trinitarianas veio do Concílio de Nicéia em 325, mas até este foi incompleto. Estabelecimento pleno da doutrina não veio até o Concílio de Constantinopla em 381. Em breve, o trinitarianismo não alcançou sua forma presente até o fim do quarto século, e seus credos definitivos não tomaram forma final até o quinto século.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO XI

- 1 "Trinity. Holy," p. 295.
 - 2 Van Harvey, *A Handbook of Theological Terms* (New York: MacMillan, 1964), p. 244.
 - 3 Ibid; William Stevens, *Doctrines of The Christian Religion* (Nashville: Broadman, 1967), p. 119.
 - 4 Harvey, p. 245.
 - 5 Heick, I, 160; "Trinity," pp. 459-460
 - 6 "Trinity," p. 460.
 - 7 Bloesch, I, 35.
 - 8 Heick, I. 160; Stevens, p. 119; "Trinity, Holy" p. 295
 - 9 Harvey, p. 246. Veja também, "Trinity." p. 460
 - 10 Stevens, p. 119.
 - 11 *Webster's* p. 1686.
 - 12 Heick, I, 161.
 - 13 Harvey, p. 182.
 - 14 Finis Dake. *Dake's Annotated Reference Bible* (Lawrenceville. Ga.: Dake's Bible Sales. 1963), NT, 280.
- Ênfase no original.
- 15 Jimmy Swaggart, "O Erro da Doutrina 'Só Jesus'," O Evangelista, Abril. 1981, p. 6. Ênfase no original.
 - 16 Carl Brumback. *Deus em Três Pessoas* (Cleveland, Tenn.: Pathway Press, 1959). pp. 60-63.
 - 17 Heick, I, 127.
 - 18 Heick, I. 117-118.
 - 19 "Trinity, Holy," pp. 295-305.
 - 20 Emil Brunner, *The Christian Doctrine of God* (Philadelphia: Westminster Press, 1949), pp. 236-239.
 - 21 "Trinity, Holy," pp. 295-305.
 - 22 Alexander Hislop, *The Two Babylons*. 2nd ed (Neptune, N. J.: Loizeaux Bros., 1959), pp. 16-19.
 - 23 Will and Ariel Durant, *The Story of Civilization* (New York: Simon & Schuster, 1935). I. 20 l.
 - 24 "Trinity." p. 458.
 - 25 John Noss, *Man's Religions*. 5th ed. (New York: MacMillan. 1969), p. 202.
 - 26 *Ibid.* p. 163.
 - 27 Hislop, p. 18.
 - 28 Noss, p. 268.
 - 29 "Trinity," p. 458.
 - 30 Heick, I. 107-110.
 - 31 "Trinity, Holy," pp. 295-305.
 - 32 Heick, I, 123-129.
 - 33 Harvey, pp. 181-182.
 - 34 Noss, p. 453.
 - 35 Harvey, p. 123.
 - 36 Tertuliano, *Against Praxeas*.
 - 37 Heick, I, 112-123.
 - 38 Durant, III (1944), 653-664,
 - 39 Nigg, p. 102
 - 40 *Ibid*, pp. 126.127.
 - 41 Heick, I, 156.
 - 42 Reinhold Seeburg. *Textbook of the History of Doctrines*, trans. Charles Hay (Grand Rapids: Baker, 1954), I, 216-217.
 - 43 Klotsche, p. 67.
 - 44 Roland Bainton, *Early Christianity* (Princeton, N.J.: Van Nostrand, 1960), pp. 68-70.
 - 45 Heick, I. 157.
 - 46 *Ibid.* I. 163.
 - 47 *Veja.* Anne Fremantle. ed., *A Treasury of Early Christianity* (New York: Mentor Books. 1953); Seeburg, I, 240-243.
 - 48 Heick, I. 88. *Veja.* Tim Dowley. et, al., eds., *Eerdman's Handbook to the History of the Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977). p, 145.

12

TRINITARIANISMO: UMA AVALIAÇÃO

No último capítulo tentamos dar uma apresentação honesta da doutrina da trindade e relatório fático do seu desenvolvimento histórico. Também discutimos alguns problemas inerentes nesta doutrina. Concluímos que o trinitarianismo usa termos não bíblicos e que ele alcançou sua formulação presente e dominante no quarto século. Apesar disto, alguém poderia perguntar se o trinitarianismo é pelo menos consistente com a Bíblia. Neste capítulo afirmamos que a doutrina da trindade discorda com a doutrina bíblica de um Deus.

Terminologia Não Bíblica

Como discutido no Capítulo XI, a terminologia do trinitarianismo não é bíblica. A Bíblia não menciona a palavra *trindade* nem menciona a palavra *pessoas* em referência a Deus. A Bíblia nem relaciona as palavras *pessoas* e *três* a Deus em qualquer maneira significativa.

Terminologia não bíblica em e de si mesmo não significa que a doutrina descrita por ela é necessariamente falsa, mas ela lança uma dúvida considerável sobre o assunto. Isto é especialmente certo quando a terminologia não bíblica não é meramente uma substituição por terminologia bíblica, mas em vez disto ensina conceitos novos. Em breve, terminologia não bíblica é perigosa se ela leva a maneiras de pensar não bíblica e eventualmente a doutrinas não bíblicas. O trinitarianismo certamente tem este problema.

Pessoa e Pessoas

Falando de Deus como uma pessoa não faz jus a Ele. A palavra *pessoa* conota um ser humano com uma personalidade humana - um indivíduo com corpo, alma, e espírito. Assim, limitamos nossa concepção de Deus se nós O descrevemos como uma pessoa. Por esta razão este livro nunca tem dito que há uma pessoa na Divindade ou que Deus é uma pessoa. O mais que temos dito é que Jesus Cristo é uma pessoa, porque Jesus foi Deus manifesto em carne como uma pessoa humana.

Falando de Deus como uma pluralidade de pessoas viola ainda mais o conceito Bíblico de Deus. Indiferente de que significava *pessoas* a história da igreja primitiva, hoje a palavra

definitivamente conota uma pluralidade de indivíduos, personalidades, mentes, vontades e corpos. Ainda na história da igreja primitiva, temos mostrado que a vasta maioria de crentes a viu como um afastamento de monoteísmo bíblico.

Três

O uso do número três em relação a Deus é também perigoso. Se é usado para designar distinções eternas de Deus, ele leva a triteísmo, que é uma forma de politeísmo. Se é usado para designar as únicas manifestações e papéis que Deus tem, ele limita a atividade de Deus de uma maneira não feita nas Escrituras. Deus tem manifestado a Si mesmo de maneiras numerosas, e não podemos até as limitar a três. (Veja Capítulo VI.) O uso de *três* que ambos os testamentos colocam em associar o número um com Deus.

Triteísmo

Apesar dos protestos dos trinitarianos, sua doutrina inevitavelmente leva a uma forma prática de triteísmo. (Veja Capítulo XI.) Os Judeus e Muçulmanos reconhecem isto, e por esta única razão eles tem rejeitado Cristianismo tradicional tão vigorosamente. Através da história, muitos Cristãos também tem reconhecido este problema. Como resultado, alguns têm rejeitado trinitarianismo em favor da crença Unicista. (Veja Capítulo X.) Outros tem vistos os erros de trinitarianismo, mas, numa tentativa para preservar a unidade de Deus, tem caído em erro maior de negar a deidade de Jesus Cristo (por exemplo, os Unitarianos e os Testemunhas de Jeová). Em breve, o trinitarianismo enfatiza triplicidade em Deus enquanto a Bíblia enfatiza a Unicidade de Deus. (Veja Capítulo 1.)

Mistério

Os trinitarianos universalmente descrevem sua doutrina como um mistério. Como discutido em Capítulo IV, porém, o único mistério relacionado com a divindade é a manifestação de Deus em carne, e até isto tem sido revelado àqueles que crêem. O mistério nas Escrituras é a verdade divina desconhecida previamente mas agora revelada ao homem.

Certamente nossas mentes finitas não podem compreender tudo que há de saber acerca de Deus, mas podemos entender a verdade simples que há um Deus. Deus pode transcender a lógica humana, mas Ele nunca contradiz a lógica verdadeira, nem é Ele ilógico. Ele enfatiza Sua unicidade tão fortemente na Bíblia que Ele tem dispersada qualquer confusão possível ou mistério sobre este assunto.

A Bíblia nunca diz que a Divindade é um mistério não revelado ou que a questão da pluralidade na Divindade é um mistério. Em vez disto, ela afirma nos termos mais fortes que Deus é um. Por que valer-se de uma explicação que a Divindade é um mistério incompreensível para poder proteger uma doutrina feita pelos homens com terminologia não Bíblica quando as Escrituras claramente nos dão uma mensagem simples e não ambígua que Deus é absolutamente um? É errado declarar que a Divindade é um mistério quando a Bíblia claramente declara que Deus tem revelado o mistério a nós. (Veja Capítulo IV.)

A Deidade de Jesus Cristo

O trinitarianismo afirma a deidade de Cristo. Não obstante, ele detrai da plena deidade de Cristo como descrita na Bíblia. Como um assunto prático, o trinitarianismo nega que a plenitude da Divindade está em Jesus porque ele nega que Jesus é o Pai e o Espírito Santo. (Veja Capítulo XI.) Ela não exalta o nome e a pessoa de Jesus suficientemente ou Lhe dá o pleno reconhecimento que a Bíblia O dá.

Contradições

O problema básico é que o trinitarianismo é uma doutrina não bíblica e que contradiz um número de ensinamentos Bíblicos e muitos versículos específicos das Escrituras. Ainda mais, a doutrina contém um número de contradições internas. É claro, a mais óbvia contradição interna é como poderia haver três pessoas de Deus em qualquer sentido significativo e ainda haver somente um Deus.

Abaixo temos compilado um número de outras contradições e problemas associados com o trinitarianismo. Esta lista não é exaustiva mas ela dá uma idéia de o quanto a doutrina desvia-se da Bíblia.

1. Jesus teve dois pais? O Pai é o Pai do Filho (I João 1:3), no entanto o menino que nasceu de Maria foi concebido pelo Espírito Santo (Mateus 1:18, 20; Lucas 1:35). Qual destes é o pai verdadeiro? Alguns trinitarianos dizem que o Espírito Santo foi meramente o agente do Pai na concepção - um processo que eles comparam com inseminação artificial?¹

2. Quantos Espíritos são? Deus o Pai é um Espírito (João 4:24), o Senhor Jesus é um Espírito (II Coríntios 3:17), e o Espírito Santo é um Espírito por definição. Contudo há um Espírito (I Coríntios 12:13; Efésios 4:4).

3. Se o Pai e o Filho são pessoas co-iguais, por que Jesus orou ao Pai? (Mateus 11:25). Pode Deus orar a Deus?

4. Similarmente, como pode o Filho não saber o tanto quanto o Pai? (Mateus 24:36; Marcos 13:32).

5. Similarmente, como pode o Filho não ter qualquer poder a não ser o que o Pai O dá? (João 5:19, 30; 6:38).

6. Similarmente, como explica os outros versículos das Escrituras indicando a igualdade do Filho e o Pai? (João 8:42; 14:28; I Coríntios 11:3).

7. Como foi que "Deus o Filho" morreu? A Bíblia diz que o Filho morreu (Romanos 5:10). Se é assim, pode Deus morrer? Pode uma parte de Deus morrer?

8. Como pode haver um Filho eterno quando a Bíblia fala de um Filho *gerado*, claramente indicando que o Filho teve um início? (João 3:16; Hebreus 1:5-6).

9. Se o Filho é eterno e existia na criação, quem foi Sua mãe naquela época? Sabemos que o Filho foi feito de mulher (Gálatas 4:4).

10. Será que "Deus o Filho" entregou Sua onipresença enquanto estava na terra? Se é assim, como pode Ele ainda ser Deus?

11. Se o Filho é eterno e imutável (inalterável), como pode o reinado do Filho ter um fim? (I Coríntios 15:24-28).

12. Se em resposta às questões 3 a 11 dizemos que o Filho de Deus humano foi limitado em conhecimento, foi limitado em poder e morreu, então como podemos falar de "Deus o Filho"? Há dois Filhos?

13. Quem é que louvamos e a quem é que oramos? Jesus disse para louvar o Pai (João 4:21-24), no obstante Estêvão orou a Jesus (Atos 7:59-60).

14. Pode haver mais de três pessoas na Divindade? Certamente o Antigo Testamento não ensina três, mas enfatiza Unicidade. Se o Novo Testamento acrescenta à mensagem do Antigo Testamento e ensina três pessoas, então o que há de prevenir subseqüentes revelações de pessoas adicionais? Se aplicamos a lógica trinitariana para interpretar alguns versículos das Escrituras, poderíamos ensinar uma quarta pessoa (Isaías 48:16; Colossenses 1:3; 2:2; I Tessalonicenses 3:11; Tiago 1:27). Da mesma forma poderíamos interpretar alguns versículos das Escrituras para significar seis ou mais pessoas (Apocalipse 3:1; 5:6).

15. Há três Espíritos no coração Cristão? Pai, Jesus, e o Espírito habitam dentro do Cristão (João 14:17, 23; Romanos 8:9; Efésios 3:14-17). Todavia há um Espírito (I Coríntios 12:13; Efésios 4:4).

16. Há somente um trono no céu (Apocalipse 4:2). Quem senta sobre ele? Sabemos que Jesus senta (Apocalipse 1:8, 18, 4:8). Onde é que o Pai e o Espírito Santo sentam?

17. Se Jesus está no trono, como Ele pode sentar a destra de Deus? (Marcos 16:19). Ele senta ou fica em pé a destra de Deus? (Atos 7:55). Ou Ele está no seio do Pai? (João 1:18).

18. Está Jesus na Divindade ou Está a Divindade em Jesus? Colossenses 2:9 diz que é o último.

19. Tendo Mateus 28:19, por que os apóstolos consistentemente batizaram tanto Judeus como Gentios usando o nome de Jesus, até a extensão do rebatismo? (Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5; 22:16; I Coríntios 1:13).

20. Quem ressuscitou Jesus dos mortos? O Pai o fez (Efésios 1:20), ou Jesus (João 2:19-21). ou o Espírito? (Romanos 8:11).

21. Se o Filho e o Espírito Santo são pessoas co-iguais na Divindade por que a blasfêmia contra o Espírito Santo é imperdoável, mas a blasfêmia contra o Filho não é? (Lucas 12:10).

22. Se o Espírito Santo é um membro co-igual da trindade, por que a Bíblia sempre fala dEle como sendo enviado do Pai e de Jesus? (João 14:26; 15:26).

23. O Pai sabe alguma coisa que o Espírito Santo não sabe? Se é assim, como eles podem ser co-iguais? Somente o Pai sabe o dia e a hora da Segunda Vinda de Cristo (Marcos 13:32).

24. A trindade fez as Velhas e Novas alianças? Sabemos que o SENHOR (Jeová) fez (Jeremias 31:31-34; Hebreus 8:7-13). Se Jeová é a trindade então Pai, Filho, e Espírito tinha que morrer para fazer a aliança nova efetiva (Hebreus 9:16-17).

25. Se o Espírito procede do Pai, o Espírito também é Filho do Pai? Se não, por quê?

26. Se o Espírito procede do Filho, o Espírito não é neto do Pai? Se não, por quê?

Avaliação do Trinitarianismo

Cremos que o trinitarianismo não é uma doutrina Bíblica e que ele contradiz a Bíblia em muitas maneiras. As Escrituras não ensinam uma trindade de pessoas. A doutrina da trindade usa a terminologia não usado nas Escrituras. Ela ensina e enfatiza pluralidade na Divindade enquanto a Bíblia enfatiza a Unicidade de Deus. Ela detrai da Deidade plena de Jesus Cristo. Ela contradiz muitos versículos específicos das Escrituras. Ela não é lógica. Ninguém pode a entender ou explicar racionalmente, nem aqueles que o propõem. Em breve, o trinitarianismo é uma doutrina que não pertence ao Cristianismo.

A Doutrina da Trindade Contrastada com a Unicidade

Para poder entender claramente como o trinitarianismo difere os ensinamentos da Bíblia sobre a Divindade, temos preparado uma tabela contrastante. O lado esquerdo registra os ensinamentos essenciais do trinitarianismo. O lado direito registra os ensinamentos da Unicidade ou monoteísmo Cristão. Cremos que o lado direito reflete os ensinamentos bíblicos, e isto é o sistema de crença que temos tentado apresentar através deste livro.

Trinitarianismo e Unicidade Comparados

Trinitarianismo

1. Há três pessoas em um Deus. Isto é, há três distinções essenciais na natureza de Deus, Deus é uma Trindade Santa.
2. Pai, Filho, e Espírito Santo são as três pessoas na Divindade. Eles são pessoas distintas, e elas são co-iguais, co-eternos, e de

Unicidade

1. Há um Deus com nenhuma divisão essencial na sua natureza. Ele não é uma pluralidade de pessoas, mas Ele tem uma pluralidade de manifestações, papéis, títulos, atributos, ou relacionamentos com o homem. Ainda mais, estas não são limitadas a três.
2. Pai, Filho e Espírito Santo são designações diferentes para o único Deus. Deus é o Pai, Deus é o Espírito Santo. O Filho é Deus

coessência. Contudo, Deus o Pai é o cabeça da Trindade em algum sentido, e o Filho e o Espírito procedem dEle em algum sentido.

manifesto na carne. O termo *Filho* sempre se refere a Encarnação, e nunca a uma deidade a parte da humanidade.

3. Jesus Cristo é a encarnação do *Deus* ou *Filho*. Jesus não é o Pai ou o Espírito Santo.

3. Jesus Cristo é o *Filho* de Deus. Ele é encarnação da plenitude de Deus. Em sua deidade, Jesus é o Pai e o Espírito Santo.

4. O Filho é eterno. Deus o Filho tem existido desde toda a eternidade. O Filho é eternamente gerado pelo Pai.

4. O Filho é gerado, não eterno. O Filho de Deus existiu desde toda a eternidade somente como um plano na mente de Deus. O Filho de Deus veio à existência atual (substancial) na Encarnação, em qual época O Filho foi concebido (gerado) pelo Espírito de Deus.

5. A *palavra* de João 1 (o Logos) é a segunda pessoa da Divindade, a saber Deus o Filho.

5. A *palavra* de João 1 (o logos) não é uma pessoa separada, mas é o pensamento, plano, atividade, ou expressão de Deus. A Palavra foi expressada em carne como o Filho de Deus.

6. Jesus é o nome humano dado a Deus o Filho como manifesto na carne.

6. Jesus (significando Jeová-Salvador) é o nome revelado de Deus no Novo Testamento. Jesus é o nome do Pai. Filho e Espírito Santo.

7. O batismo nas águas é corretamente administrado por dizer "em o nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo."

7. O batismo nas águas é corretamente administrado por dizer "No nome de Jesus." O nome de Jesus é normalmente acompanhado pelos títulos de Senhor, Cristo, ou ambos.

8. Veremos a Trindade ou o Deus Triúno no céu. (Muitos trinitarianos dizem que veremos três corpos que é triteísmo-declarado. Muitos deixam aberta a possibilidade que veremos somente um ser Espírito com um corpo. Muitos trinitarianos não sabem o que crêem acerca disto, e alguns francamente admitem que não sabe.²

8. Veremos Jesus Cristo no céu. Ele é o único no trono e o único Deus que jamais veremos.

9. A Divindade é um mistério. Devemos aceitar pela fé o mistério da Trindade apesar das suas contradições aparentes.

9. A Divindade não é um mistério especialmente para a igreja. Não podemos entender tudo que há de saber acerca de Deus, mas a Bíblia ensina claramente que Deus é um em número e que Jesus Cristo é o único Deus manifesto na carne.

O Que o Membro Comum da Igreja Crê?

Em ver os contrastes entre o trinitarianismo e a Unicidade, poderíamos perguntar o que a pessoa comum que se chama de Cristã realmente crê? É claro, a maioria das denominações Cristãs

oficialmente aceita trinitarianismo. Contudo, a maioria de estudiosos trinitariano cuidadosamente se distanciam do triteísmo e muitos usam terminologia que soa quase como a Unicidade.

Muitos membros de igreja não entendem realmente a doutrina de trinitarianismo e, como um assunto prático, estão mais perto da crença, Unicista. Algumas questões se respondida na afirmativa indicam uma tendência em direção a Unicidade ou uma aceitação funcional são:

- Você normalmente ora diretamente a Jesus? Quando você ora ao Pai, você muda para uma linguagem que indica que você realmente está pensando acerca de Jesus (por exemplo usando "Senhor," "em seu nome," ou "Jesus")?
- Você espera ver somente um Deus no céu, a saber Jesus Cristo?
- É correto dizer que você infreqüentemente ou nunca ora diretamente ao Espírito Santo como uma pessoa separada?
- A doutrina da trindade é desconcertante para você ou um mistério para você?

Baseada nas respostas a estas questões e outras Semelhantes a elas, sentimos que a maioria de crentes bíblicos instintivamente pensam em termos da Unicidade e não em termos trinitarianos. Ainda, parece que quando uma pessoa recebe o batismo do Espírito Santo ela instintivamente pensa em termos da crença Unicista.

A maioria dos Católicos e Protestantes não tem um conceito bem desenvolvido da trindade, não sabem em detalhes o que o trinitarianismo ensina, e não pode explicar passagens Bíblicas em termos trinitarianos. Hoje, achamos uma ênfase forte no trinitarianismo e formas extremamente triteística de trinitarianismo primeiramente em alguns grupos Pentecostais trinitarianos. A razão aparente por isso é que eles tem enfrentado o assunto da Unicidade, tem rejeitado conscientemente a Unicidade, e portanto tem ido ao trinitarianismo radical.

Uma pergunta simples ajudará o membro da igreja trinitariana esclarecer suas próprias crenças. A pergunta: "Quando vemos Deus no céu, o que veremos?" Se ele responde que veremos três pessoas com três corpos, então ele é um trinitariano forte e radical. Sua resposta indica triteísmo pagão, não o monoteísmo forte da Bíblia. (Veja Capítulo I.) Se ele responde que veremos um Deus com um corpo, então ele está perto da Unicidade. Dada esta resposta, é fácil demonstrar de Apocalipse que o Único que veremos é atualmente Jesus Cristo, pois Ele habita toda a plenitude da Divindade corporalmente.

Conclusão

A Bíblia não ensina a doutrina da trindade, e trinitarianismo atual contradiz a Bíblia. O trinitarianismo não acrescenta qualquer benefício positivo à mensagem Cristã. Sem a doutrina da trindade feita pelos homens podemos ainda afirmar a deidade de Jesus, a humanidade de Jesus, o nascimento virginal, a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo, a expiação, justificação pela fé, autoridade única das Escrituras, e qualquer outra doutrina que é essencial ao Cristianismo verdadeiro. De fato, realçamos estas doutrinas quando aderimos estritamente a mensagem bíblica que Jesus é o Único Deus manifesto em carne. A aderência à Unicidade não significa a rejeição que Deus veio em carne como o Filho ou uma rejeição que Deus cumpre os papéis de Pai e Espírito Santo. Ao contrário, a doutrina da trindade detrai dos temas importantes bíblicos da Unicidade de Deus e deidade absoluta de Jesus Cristo. Portanto, o Cristianismo deveria cessar de usar a terminologia trinitariana e deveria voltar para trás para enfatizar a mensagem básica Bíblica. A maior parte de crentes Bíblicos não pensam em fortes termos trinitarianos, portanto é uma transição a parte dele não seria muito difícil, pelo menos não no nível individual.

No outro lado, aderência estrita à crença Unicista traz muitas bênçãos. Ela coloca uma ênfase onde deveria ser - na importância de terminologia, pensamento, e temas Bíblicos. Ela estabelece o Cristianismo como o herdeiro verdadeiro de Judaísmo e como uma crença monoteística verdadeira. Ela nos faz lembrar que Deus nosso Pai e Criador nos amou tanto que Ele Se vestiu em carne para vir como nosso Redentor. Ela nos lembra que podemos receber este Criador e Redentor em nossos corações através do Seu próprio Espírito.

A Unicidade magnifica Jesus Cristo, exalta Seu nome, reconhece quem Ele realmente é, e admite Sua plena deidade. Exaltar Jesus e Seu nome na pregação e no louvor traz um grande movimento do Seu poder em bênçãos, libertação, oração respondida, milagres, cura e salvação. Coisas maravilhosas acontece quando alguém prega a mensagem da deidade de Jesus, o nome de Jesus, e a Unicidade de Deus, mas raramente alguém se inspira sobre uma mensagem da trindade.

Uma crença forte na Unicidade de Deus e a deidade absoluta de Jesus Cristo é um elemento crucial na restauração da igreja às crenças verdadeiramente bíblicas e o poder apostólico.

NOTA DE RODAPÉ

CAPÍTULO XII

¹ Brumback, p. 79.

² Ramm, p. 171

13

CONCLUSÃO

Em sumário, o que podemos dizer acerca de Deus? Sabemos que há um Deus indivisível (Deuteronômio 6:4). Deus é Espírito (João 4:24) e portanto invisível ao homem (João 1:18; I Timóteo 6:16). Ele é onisciente, onipresente e onipotente (Salmo 139; Apocalipse 19:6). No Antigo Testamento, Deus manifestou a Si mesmo muitas vezes em maneiras visíveis (Gênesis 18:1; Êxodo 33:22-23). Estas manifestações temporárias e visíveis são chamadas de Teofanias. No Novo Testamento, Deus Se manifestou em carne humana como Jesus Cristo, o Filho de Deus (João 1:1, 14; I Timóteo 3:16).

No Antigo Testamento Deus revelou a Si mesmo pelo nome de Jeová ou Yahweh, que significa o Auto-Suficiente ou Único Eterno.

O Novo Testamento freqüentemente descreve o único Deus como o Pai. Este título enfatiza Seu papel como Criador e Pai de todos (Malaquias 2:10), como Pai do crente nascido de novo (Romanos 8:14-16), e como Pai o único Filho unigênito (João 3:16).

Ainda mais, a Bíblia usa o termo *Espírito Santo* para se referir ao único Deus. Este descreve o que Deus é e enfatiza Deus em atividade (Gênesis 1:2) particularmente na atividade relacionado ao homem tais como a regeneração batismo, enchimento, e unção (Atos 1:4-8; 2:1-4).

A Bíblia também usa o termo *Palavra* para se referir ao único Deus, particularmente ao pensamento, plano, ou expressão de Deus (João 1:1, 14).

No Novo Testamento, Deus manifestou a Si mesmo na carne na pessoa de Jesus Cristo. Esta manifestação de Deus é chamada o Filho de Deus (não Deus o Filho) porque Ele foi literalmente concebido no ventre de uma mulher por uma operação miraculosa do Espírito de Deus (Mateus 1:18-20; Lucas 1:35). Assim a palavra *Filho* nunca denota deidade sozinho, mas sempre descreve Deus como manifesto na carne, em Cristo (Mateus 25:31), e as vezes descreve somente a humanidade de Cristo (Romanos 5:10). Não dizemos que o Pai é o Filho, mas que o Pai está *no* Filho. Não podemos separar o Filho da Encarnação (Gálatas 4:4). Portanto, o Filho não pré-existiu a Encarnação a não ser como um plano na mente de Deus, a saber como a Palavra.

Jesus Cristo é o Filho de Deus - Deus na carne (Mateus 1:21-23). Ele tem uma natureza dupla - humana e divina, ou carne e Espírito. Em outras palavras, duas naturezas completas são unidas inseparavelmente na pessoa de Jesus Cristo. Em Sua natureza humana Jesus é o filho de Maria. Em Sua natureza divina Jesus é o único Deus em Si mesmo (II Coríntios 5:19; Colossenses

2:9; I Timóteo 3:16). Jesus é o Pai (Isaías 9:6; João 10:30; 14:6-11). Jeová (Jeremias 23:6), a Palavra (João 1:14), e o Espírito Santo (II Coríntios 3:17; Gálatas 4:6; Efésios 3:16-17).

A Bíblia claramente ensina a doutrina da Unicidade de Deus deidade absoluta de Jesus Cristo. Os Cristãos primitivos creram nesta grande verdade, e muitas pessoas tem aderido a ela através da história. Embora que no curso da história o trinitarianismo se tornou a doutrina predominante na Cristandade, as Escrituras não o ensinam. De fato, a Bíblia não menciona ou se alude em lugar nenhum a palavra *trindade*, a frase "três pessoas em uma substância." ou a frase "três pessoas em um Deus." Podemos explicar todas as Escrituras em ambos os testamentos adequadamente sem qualquer necessidade de recorrer à doutrina da trindade.

O trinitarianismo contradiz e detrai dos importantes ensinamentos Bíblicos. Ele detrai a ênfase Bíblica na absoluta unicidade de Deus, e ele detrai da plena deidade de Jesus Cristo. A doutrina trinitariana como ela existe hoje não se desenvolveu completamente e a maioria da Cristandade não a aceitou até o quarto século depois de Cristo.

Aqui estão cinco maneiras específicas nas quais a doutrina bíblica de monoteísmo Cristão difere da presente doutrina existente de trinitarianismo. 1. A Bíblia não fala de um eterno existente "Deus o Filho;" pois o Filho refere somente a Encarnação. 2. A frase "três pessoas em um Deus" é incorreta porque não há distinção de pessoas em Deus. Se "pessoas" indica uma pluralidade de personalidades, vontades, mentes, seres, ou corpos visíveis, então é incorreto porque Deus é um ser com uma personalidade, vontade, mente. Ele tem um corpo visível - o corpo humano glorificado de Jesus Cristo. 3. O termo "três pessoas" é incorreto porque não há nenhuma triplicidade essencial acerca de Deus. O único número relevante a Deus é um. Ele tem muitos diferentes papéis, títulos, manifestações, ou atributos, e não podemos as limitar a três. 4. Jeuss é o nome do Pai, Filho, e Espírito Santo, pois Jesus é o nome revelado de Deus no Novo estamento (João 5:43; Mateus 1:21; João 14:26). Portanto, podemos administrar corretamente o batismo nas águas usando o nome de Jesus (Atos 2:38). 5. Jesus é encarnação da plenitude de Deus. Ele é a encarnação do Pai (a Palavra, o Espírito, Jeová) não somente a encarnação de uma pessoa chamada "Deus o Filho."

O que é a essência da doutrina de Deus como ensinado pela Bíblia - a doutrina que temos rotulada Unicidade? Primeiro, há um Deus indivisível sem nenhuma distinção de pessoas. Segundo, Jesus Cristo é a plenitude da Divindade encarnada. Ele é Deus o Pai - o Jeová do Antigo Testamento - vestido em carne. Tudo de Deus está em Jesus Cristo, e achamos tudo que precisamos nEle. O único Deus que jamais veremos no céu é Jesus Cristo.

Tendo dito tudo isto, por que um entendimento correto de e crença em esta doutrina são importantes? Aqui estão quatro razões. 1. É importante porque a Bíblia toda a ensina e enfatiza. 2. Jesus enfatizou como é importante para nos entender quem Ele realmente é - o Jeová do Antigo Testamento: "Porque se não crerdes que eu sou morrereis nos vossos pecados" (João 8:24). A palavra *ele* está em itálico na versão King James, que indica não está no Grego, mas adicionada pelos tradutores. Portanto Jesus chamou a Si mesmo o "EU SOU," o nome que Jeová usou em Êxodo 3:14-15. Jesus estava dizendo. "Se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados." Não é obrigatório que uma pessoa tenha uma compreensão total de toda a questões relacionadas com a Divindade para ser salva, mas ela deve crer que há um Deus e que Jesus é Deus. 3. A mensagem Unicista determina a fórmula para o batismo nas águas - em o nome de Jesus (Atos 2:38). 4. A Unicidade ensina-nos como é realmente importante o batismo do Espírito Santo. Desde que há somente um Espírito de Deus, e desde que o Espírito Santo é o Espírito de Crissto, a Unicidade nos mostra que recebemos Cristo em nossas vidas quando somos enchidos ou batizados com o Espírito Santo (Romanos 8:9).

Desde que a Bíblia ensina tão claramente a Unicidade de Deus e a plena deidade de Jesus Cristo, por que ela é obscura há muitas pessoas, especialmente àquelas em Cristandade? A resposta que ela vem não meramente através de estudos intelectual, mas através da iluminação divina das Escrituras. Ela vem através de estudo com oração, procura diligente, e um desejo intenso pela verdade. Quando Pedro fez sua grande confissão da deidade de Jesus, Jesus disse. "Porque não foi carne e sangue quem tu revelou, mas meu Pai que está no céu" (Mateus 16:16-17). Portanto, se quisermos entender o grande Deus em Cristo devemos colocar de lado as doutrinas humanas,

tradições, filosofias, e teorias. No seu lugar devemos colocar a pura Palavra de Deus. Devemos pedir para Deus nos revelar esta grande verdade através da Sua Palavra, devemos buscar Seu Espírito para iluminar Sua Palavra e nos guiar em toda a verdade (João 14:26: 16:13). Não é suficiente confiar em dogmas da igreja, pois em dogmas da igreja são válidas somente se elas estão ensinadas nas Escrituras. Devemos voltar à Bíblia mesma, estuda-a, e pede para Deus a iluminar pelo Seu Espírito.

É apropriado que encerramos este livro com Colossenses 2:8-10, uma grande passagem de advertência, instrução, e inspiração com respeito as verdades preciosas da Unicidade de Deus e a deidade de Jesus.

"Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo; porquanto, nEle, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade."

Amém!

BIBLIOGRAFIA

- Amplified Bible, The*. Grand Rapids; Zondervan, 1965.
- Anderson, Sir Normam (ed.). *The World's Religions*, 4th ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.
- "Baptism (Early Christian)," *Encyclopedia of Religion and Ethics*. James Hastings, et al. (eds.). New York: Charles Scribner's Sons, 1951.
- Bainton, Roland. *Early Christianity*. Princeton, N. J.: Van Nostrand, 1960.
- Bethune-Baker, J.F. *An Introduction to the Early History of Christian Doctrine*. London: Methuen and Company Limited, 1933.
- Bloesch, Donald, *Essentials of Evangelical Theology*, San Francisco: Harper and Row, 1978.
- Brumback, Carl. *God in Three Persons*. Cleveland, Tenn.: Pathway Press, 1959.
- Brunner, Emil. *The Christian Doctrine of God*. Philadelphia: Westminster Press, 1949.
- Buswell, James, Jr. *A Systematic Theology of the Christian Religion*. Grand Rapids: Zondervan, 1980.
- Campbell, David. *All the Fullness*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1975.
- Campbell, David, *The Eternal Sonship (A refutation according to Adam Clarke)*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1978.
- Chalfant, William, *Ancient Champions of Oneness*. 1979; rpt. Hazelwood, Missouri: Word Aflame Press, 1982.
- Dake, Finis. *Dake's Annotated Reference Bible*, King James Version. Lawrenceville, Georgia: Dake's Bible Sales, 1963.
- Derk, Francis. *The Names of Christ*, 2nd ed. Minneapolis: Bethany Fellowship, 1969.
- Dorner, J. A. *Doctrine of the Person of Christ*, Edinburgh: T. and T. Clark, 1870.
- Dowley, Tim, et al. (eds.). *Eerdmans' Handbook to the History of the Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- Durant, Will and Ariel. *The Story of Civilization*, New York: Simon and Schuster, 1935-1967.
- Dyrness, William. *Themes in Old Testament Theology*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1979.
- Ferguson Paul. *God in Christ Jesus*. Stockton, Calif.: Apostolic Press, n.d.
- Flanders, Henry Jr. and Cresson, Bruce. *Introduction to the Bible*. New York: John Wiley and Sons, 1973.
- Foster Fred. *Their Story: 20th Century Pentecostals*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1981.
- Frernantle, Anne (ed.). *A Treasury of Early Christianity*. New York: Mentor Books, 1953.
- Geisler, Norman and Nix, William. *A General Introduction to the Bible*. Chicago: Moody Press, 1968.
- Graves Robert Brent. *The God of Two Testaments*. 1977; n.p., 1982.
- Harnack, Adolph. *History of Dogma*. London: Williams and Norgate, 1897. .
- Harvey, Van. *A Handbook of Theological Terms*. New York: MacMillan, 1964.
- Heick, Otto. *A History of Christian Thought*. Philadelphia: Fortress Press, 1965.
- Hippolytus. *Against the Heresy of One Noetus*, and *The Refutation of All Heresies*, rpt. in *The Ante-Nicene Fathers*, Vol. V. Alexander Roberts and James Donaldson (eds.). Rpt. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- Hislop, Alexander. *The Two Babylons*. 2nd ed. Neptune N.J.: Loizeaux Bros., 1959.
- Holy Bible New International Version*. Grand Rapids: Zondervan, 1978.
- Klotsche, E. H. *The History of Christian Doctrine*, rev. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.
- Latourette, Kenneth. *A History of Christianity*. New York: Harper and Row, 1953.
- Lebreton Jules and Zeiller, Jacques. *Heresy and Orthodoxy*, Vol. IV of *A History of the Early Church*. New York: Collier. 1962.
- Magee Gordon. *Está Jesus na Divindade ou Está a Divindade em Jesus?* N.P., n.d. (Impresso em Português pela Casa Publicadora Pentecostal).
- Marshall, Alfred. *The Interlinear Greek-English New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1958.

- Miller John. *Is God a Trinity?* 1922; rp. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1975.
- "Monarchianism," *Encyclopedia Britannica*. Chicago: William Benton, 1964.
- "Monarchianism," *Encyclopedia of Religion and Ethics*, 1962.
- "Monarchianism," *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Samuel Jackson (ed.). Grand rapids: Baker, 1963.
- Nigg, Walter. *The Heretics*. New York: Alfred A. Knopf, 1962.
- Noss, John. *Man's Religions*, 5th ed. New York: MacMillan, 1969.
- Paterson, John. *God in Christ Jesus*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1966.
- Paterson, John. *A Verdade Bíblica Sobre o Batismo em Nome de Jesus*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1953. (Impresso em Português pela Casa Publicadora Pentecostal).
- Ramm, Bernard. *Protestant Biblical Interpretation*. Grand Rapids: Baker, 1965.
- Reeves, Kenneth. *The Godhead*. Granite City, III.: By the author, 1971.
- "Sabellius," *Encyclopedia Britannica*. 1964.
- Seeburg, Reinhold. *Textbook of the History of Doctrines*, Charles Hay, trans. Grand Rapids: Baker 1954.
- "Servetus, Michael," *Encyclopedia Britannica* 1964.
- Servetus, Michael. *On the Errors of the Trinity* (1531) and *Dialogues on the Trinity* (1532), rpt. In James Ropes and Kirsopp Lake (eds.), *The Two Treatises of Servetus on the Trinity*, Earl Morse Wilburn trans, 1932; rpt. New York: Kraus Reprint, 1969.
- Spence, H.D.M. and Exell, Joseph (ed.s). *The Pulpit Commentary*. Rpt. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- Stevens, William. *Doctrines of the Christian Religion*. Nashville: Broadman, 1967.
- Strong, James. *Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville: Abingdon, 1890.
- Swaggart, Jimmy. "The Error of the 'Jesus Only' Doctrine," *The Evangelist*, April, 1981.
- Swedenborg, Emmanuel. *The Mistery of God?* 1771; rpt. Portland, Or.: Apostolic Book Publishers, n.d.
- Swedenborg, Emmanuel. *The True Christian Religion*. New York: Houghton, Mifflin, 1907.
- Tertullian. *Against Praxeas*, rpt. un *The Ante-Nicene Father*, Alexander Roberts and James Donaldson (eds.). Rpt. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- "Trinity." *Encyclopedia of Religion and Ethics*, 1951.
- "Trinity, Holy." *The New Catholic Encyclopedia*. New York: McGraw Hill, 1967.
- "Trinity, Holy (In the Bible)." *The New Catholic Encyclopedia*, 1967.
- "Unitarianism," *Encyclopedia of Religion and Ethics*. 1962.
- Urshan, Andrew. *The Almighty God in the Lord Jesus Christ*. Portland, Or.: Apostolic Book Corner 1919.
- Vaughn, Curtis (ed.). *The New Testament from 26 Translations*. Grand Rapids: Zondervan, 1967.
- Vincent, Marvin. *Word Studies in the New Testament*. 1887: rpt. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.
- Vine, W. E. *An Expository Dictionary of New Testament Words*. Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell, 1940.
- Webster's Third New International Dictionary of the English Language*, unabridged, Philip Gove, et al. (eds.). Springfield, MA: G. and C. Merriam, 1976.
- Weisser, Thomas. *After the Way Called Heresy*. N.p., 1981.
- Wolfson H.A. *The Philosophy of the Church Fathers*. Carnbridge, MA: Harvard University Press, 1970.

Glossário

Adocionismo. Uma doutrina do Século VIII que começou entre teólogos espanhóis, os quais ensinavam que o homem Jesus foi adotado à posição de Filho, por um ato de Deus. Em geral, é qualquer crença que ensina que Jesus foi um homem elevado à divindade, em algum ponto de sua vida.

Agnosticismo. Negar qualquer conhecimento concernente a existência de Deus. Geralmente, o agnóstico também nega a possibilidade de saber se Deus existe ou não.

Antropomorfismo. O uso de características humanas para descrever Deus; por exemplo, atribuir à Deus emoções humanas e partes do corpo humano. Isto é geralmente considerado como linguagem simbólica ou figurativa, para ajudar o homem entender a natureza de Deus.

Apolinarianismo. É a posição Cristológica de Apolinário, Bispo de Laodicéia (morreu em 390?). Em geral, ele cria que Cristo tinha uma natureza humana incompleta - mais especificamente, que Cristo tinha corpo humano e alma, mas não tinha espírito humano. Em vez de um espírito humano, ele tinha o Espírito divino ou o Logos. O Concílio de Constantinopla, em 381, condenou o Apolinarismo.

Apologista. Alguém que defende o Cristianismo das objeções intelectuais. Na história da igreja primitiva, os apologistas Gregos foram líderes cristãos de 130-180 d.C., que escreveram tratados em Grego, defendendo o cristianismo dos ataques de filósofos pagãos.

Arianismo. O ponto de vista Cristológico de Ário (280? - 336), um padre em Alexandria. Ário dizia que há um só Deus, e que o Filho ou Logos é um ser divino como Deus, mas criado por Deus. Assim, Jesus seria um semideus. Esse ponto de vista quase varreu a Cristandade no século IV, mas foi condenado no Concílio de Nicéia em 325, e novamente no Concílio de Constantinopla em 381.

Ateísmo. Dizer ou crer que não existe Deus.

Atanasianismo. A doutrina trinitária de Atanásio (293 - 373), Bispo de Alexandria. O Concílio de Nicéia em 325, deu a primeira aprovação oficial a essa doutrina, e o Concílio de Constantinopla em 381, a estabeleceu de maneira mais completa. É o ponto de vista ortodoxo dos Católicos Romanos, e também dos Protestantes. Basicamente, ele ensina que há três pessoas eternas na Divindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Essas três pessoas são coiguais, coeternas e da mesma essência.

Credo Atanasiano. Um antigo credo trinitário, que *não* foi formulado por Atanásio. Ele surgiu no século V e provavelmente reflete a teologia de Agostinho. A parte ocidental da Cristandade (a Igreja Católica Romana) o adotou oficialmente, e os Protestantes geralmente o têm preservado, mas a Ortodoxia Oriental nunca o aceitou, porque declara que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e não apenas do Pai. É a declaração mais completa na história da igreja primitiva da doutrina da trindade. Veja o Capítulo XI, para ver parte do texto deste credo.

Binitarianismo. A crença em duas pessoas na Divindade: Deus Pai e Deus Filho. Uma forma dessa doutrina era comum entre os apologistas Gregos. Ela existe ainda hoje.

Cristologia. A doutrina de Jesus Cristo e da Encarnação. O Concílio de Chalcedon em 451, expressou a forma tradicional Cristã desse assunto, quando afirma que Jesus Cristo era uma pessoa com duas naturezas - humana e divina.

Cristocêntrico. Um sistema de teologia no qual a pessoa e a obra de Cristo é o alicerce e o ponto central de tudo, é chamado de Cristocêntrico.

Cerintianismo. Uma doutrina gnóstica do primeiro século, assim chamada, porque um dos primeiros proponentes foi Cerintio, o qual sustentava que Jesus e Cristo eram seres separados. De acordo com esse ponto de vista, Jesus foi um homem nascido de maneira natural (não de uma virgem), enquanto Cristo foi um espírito que veio sobre Jesus no seu batismo, e o deixou antes da crucificação.

Diteísmo. A crença em dois deuses, separados e distintos.

Docetismo. Uma crença gnóstica do primeiro século, que dizia que Cristo foi um ser espiritual apenas. De acordo com esse ponto de vista, Cristo parecia ter um corpo humano real, mas na verdade não tinha.

Monarquianismo Dinâmico. Veja Monarquianismo.

Ebionitismo. Uma heresia do primeiro século que começou entre os Judeus Cristãos. Os ebionitas rejeitavam os ensinamentos de Paulo, e davam ênfase a importância da lei de Moisés. Em geral, eles viam Jesus como um profeta divinamente inspirado, mas não como Deus.

Gnosticismo. Um termo que cobre uma ampla área de pensamento religioso, nos primeiros séculos após Cristo. Começou entre o paganismo, mas adotou muitas características cristãs, e se tornou uma grande ameaça ao Cristianismo. Em geral, o gnosticismo ensinava que o espírito é bom, a matéria é má, e que a salvação consiste em libertar o espírito da matéria, e a salvação se alcança por meio de um segredo ou conhecimento superior (em grego, gnosis). O gnosticismo quando é aplicado à Divindade e à Cristologia, dizia o seguinte: O Deus supremo é transcendente e não se pode aproximar-se dele, mas dele vem uma série de emanções progressivamente inferiores (chamados aeons). O mais inferior desses aeons era Jeová. Cristo é um dos aeons mais altos. Já que toda a matéria é má, Cristo era apenas um ser espiritual, e apenas tinha uma aparência de corpo (a doutrina do Docetismo). Ou, alguns ensinavam que Cristo foi um ser espiritual temporariamente associado ao homem Jesus que morreu (a doutrina do Cerintianismo). João atacou essas idéias gnósticas acerca da Divindade, em seus escritos também Paulo na carta aos Colossenses.

Divindade. Sinônimo da palavra *deidade*. Refere-se a condição de ser Deus, e à soma total da natureza de Deus.

Apologistas Gregos. Veja Apologista.

Homoiousios. Uma palavra grega que traduzida é "da mesma natureza" ou "parecido em natureza." Os arianos usavam esse termo para descrever a relação de Jesus com Deus. Muitos daqueles que defenderam o seu uso no Concílio de Nicéia, aparentemente não eram arianos, mas eram contrários ao uso da palavra alternativa, homoousios, com suas conotações do sabelianismo. O Concílio de Nicéia rejeitou o arianismo e o uso da palavra homoiousios.

Homoousios. Uma palavra grega que traduzida quer dizer "igual em natureza." Atanásio defendeu o seu uso, e o Concílio de Nicéia adotou essa palavra para descrever o relacionamento de Jesus com Deus, apesar que alguns se colocaram em oposição porque essa palavra foi usada antes pelos Sabelianos. Assim, começou como uma palavra Unicista, mas foi adotada pelos trinitários.

Hipostase. (Plural: hipóstases) palavra grega que significa subsistência ou manifestação individualizada, e geralmente se traduz "pessoa." De acordo com a doutrina da trindade, Deus existe como três hipóstases. De acordo com a Cristologia tradicional, Jesus Cristo tem duas naturezas, mas tem um só hypostasis, Hebreus 1:3 diz que o Filho é a expressão exata do hypostasis de Deus, e não uma segunda hypostasis.

Imutável. Eternamente igual. Uma qualidade que só Deus tem.

Encarnação. Em geral, é o corporalizar de um espírito em uma forma humana. Especificamente, é o ato de Deus em se fazer carne; isto é, a união entre divindade e a humanidade em Jesus Cristo.

Islamismo. Uma religião monoteísta fundada na Arábia por Maomé, no século VII. Seus seguidores são chamados de muçulmanos ou islamitas. A confissão de fé islâmica é: "Não há Deus senão Alá, e Maomé é o profeta de Deus". O Islamismo identifica Alá como O Deus de Abraão, e aceita a Bíblia como a Palavra de Deus. No entanto, ela ensina que Jesus é meramente um bom profeta, alegando que Maomé é o maior dos profetas. Ele também ensina que o livro de Maomé, chamado de Alcorão ou Qur'an, é a revelação final da Palavra de Deus para a humanidade de hoje. O Islamismo é a religião dominante do Oriente Médio, do norte da África, e em vários dos países da Ásia.

Judaísmo. Uma religião monoteísta, baseada no Torah (a lei de Moisés), ou o Antigo Testamento dos Cristãos. O Judaísmo ensina que Deus é absolutamente um, em valor numérico, e ele aceita a lei de Moisés como a Palavra de Deus para o dia de hoje, e rejeita totalmente a divindade ou o papel Messiânico de Jesus de Nazaré.

Kenosis. Derivada da palavra grega *kenoo*, ela aparece em Filipenses 2:7, e significa "fazer nada, esvaziar ou despojar." Descreve o que Deus fez ao despojar-se de Suas prerrogativas e de Sua dignidade como Deus, para se manifestar em carne como um homem. Alguns trinitários defendem uma teoria "kenotica" dizendo que "Deus Filho" se esvaziou ou colocou de lado os seus atributos divinos, quando ele se encarnou.

Logos. Uma palavra grega que se traduz "palavra" (verbo). É traduzido como "Verbo" em João 1:1. Nessa passagem significa pensamento, plano, atividade, proferir, ou expressão de Deus. Isto é, pode referir-se ao pensamento na mente de Deus, ou ao pensamento de Deus que é expresso, particularmente quando se expressou em carne através de Jesus Cristo. O Filho de Deus. Na antiga filosofia grega, significava razão, como o princípio controlador do universo. A filosofia neoplatônica, particularmente a do filósofo grego-judaico Filo de Alexandria, personificava o Verbo e o descrevia como uma divindade secundária, criada por Deus ou emanado de Deus no tempo. Alguns dos apologistas gregos adotaram esse conceito e igualaram o Logos ao Filho. O trinitarianismo abraçou essa crença e igualou o Logos ao "Filho de Deus," mas eventualmente disse que o Logos era coigual e coeterno com Deus Pai. João escreveu particularmente, para refutar esses falsos conceitos acerca do Logos e do Filho. .

Manifestação. Manifestar significa "mostrar, revelar, dispor, tornar evidente ou tornar claro." Uma manifestação é um ato ou instância de manifestação. I Timóteo 3:16 diz: "aquele que foi manifestado na carne." Este livro usa a palavra *manifestação* para descrever qualquer método, modo, papel ou relacionamento pelo qual Deus revela a Si mesmo ao homem. Assim, Pai, Filho e Espírito Santo são manifestações de Deus e não pessoas, porque esta palavra tem conotações anti-bíblicas de personalidades individualizadas que a outra palavra não tem.

Modalismo. Um termo que é usado para descrever a crença na história da igreja primitiva, de que Pai, Filho e Espírito, não são distinções eternas na natureza de Deus, mas, simplesmente *modos* (métodos ou manifestações) da atividade de Deus. Em outras palavras, Deus é um ser individual, e vários termos usados para descrevê-lo (assim como Pai, Filho e Espírito Santo) são palavras que se aplicam a diferentes formas de Sua atividade ou a diferentes relacionamentos que Ele tem com o homem. Veja o Capítulo X para maiores esclarecimentos. Também chamado de Monarquianismo Modalístico, Patripassianismo, e Sabelianismo. Basicamente, o Modalismo é igual a doutrina atual da Unicidade.

Monarquianismo Modalístico. Veja Monarquianismo.

Modo. Uma forma ou maneira de expressão; a manifestação; não é uma distinção essencial ou eterna na natureza de Deus.

Monarquianismo. O termo é usado para descrever a crença na história da igreja primitiva, que dava ênfase a união indivisível e a soberania (*monarquia*) de Deus. Ela rejeitava qualquer distinção essencial na natureza de Deus, negando assim a doutrina da trindade. Os historiadores usam este termo para descrever duas crenças bem diferentes - monarquianismo dinâmico e monarquianismo modalístico - mas isso não implica qualquer associação histórica entre os dois grupos ou doutrinas. O monarquianismo dinâmico ensinava que Jesus era um ser humano, tornando-se Filho de Deus através da sabedoria divina ou do Logos que habitou nele. Aparentemente, os monarquistas dinâmicos se recusavam a considerar Jesus como Deus, e não o adoravam como Deus. Porém, o monarquianismo modalístico (modalismo) teve maior influência na história do que o monarquianismo dinâmico. O monarquianismo modalístico, ensinava que Deus é um ser individual, e que Pai, Filho e Espírito Santo são termos que se aplicam a diferentes modos e ação do único Deus. Diferente do monarquianismo dinâmico, o monarquianismo modalístico identifica Jesus Cristo como o próprio Deus (o Pai) manifestado em carne.

Monofisismo. Uma doutrina Cristológica, que apareceu após o Concílio de Calcedônia em 451, e era contra a declaração desse Concílio, de que Cristo tinha duas naturezas. O Monofisismo ensinava que Cristo tem apenas uma natureza dominante, e é a natureza divina.

Monoteísmo. A crença em um só Deus, pois vem de duas palavras gregas que significam "um Deus." A Bíblia ensina o monoteísmo estrito. Somente três religiões principais do mundo, são monoteístas: O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Judeus e muçulmanos, encaram a doutrina

da trindade como uma rejeição do verdadeiro monoteísmo. Crentes da Unicidade também rejeitam o trinitarianismo, porque o encaram como uma doutrina fora do monoteísmo bíblico

Monotelitismo. Uma doutrina Cristológica do século VII, que ensinava que Cristo tinha somente uma vontade. A maioria da Cristandade cria que Cristo tinha duas vontades em coperação – humana e divina - porém os monoletistas criam que Cristo tinha uma natureza divino-humana.

Natureza. "O caráter inerente ou a constituição básica de uma pessoa ou de um ser" (Dicionário Webster) este livro usa esta palavra para descrever a humanidade e a divindade de Cristo. Nós expressamos isso ao dizer que Cristo tinha uma natureza dupla, ou ao dizer que Cristo tinha duas naturezas. Cristo tinha uma natureza humana completa (veja o Capítulo V), e também uma natureza divina completa (veja o Capítulo IV). Tanto a humanidade quanto a divindade são componentes essenciais da natureza de Jesus Cristo.

Nestorianismo. É a Cristologia de Nestório (Patriarca de Constantinopla, 428-431). Nestória ensinava que Cristo tinha duas naturezas completas - humana e divina. Ele ensinava que não se deve chamar Maria de "Mãe de Deus," porque ela foi mãe apenas da natureza humana. O Concílio de Éfeso e, 431, condenou Nestório por dividir Cristo em duas pessoas, mas Nestório negou a acusação. Possivelmente, ele ensinou que as duas naturezas de Cristo eram unidas moralmente ou em propósito, e não em essência ou fisicamente. No entanto, muitos historiadores concluem que Nestório realmente ensinou que havia duas naturezas em uma pessoa, mas ele se tornou vítima de um mal entendido, e a oposição a ele foi devido o fato de ele dar ênfase às distinções entre as duas naturezas, e porque se recusou a chamar Maria de mãe de Deus.

Credo de Nicéia. Foi o resultado do Concílio de Nicéia em 325. A versão atual inclui adições feitas no Concílio de Constantinopla em 381, e no século V. O Credo, na sua forma original, condenava o Arianismo ao dizer que o Filho era da mesma natureza (homousios) que o Pai. Também declarava que o Filho é eterno e implicava que o Pai e o Filho existem eternamente como pessoas distintas na Divindade. Assim, o Credo de Nicéia é importante por três razões: rejeitou o Arianismo, foi o primeiro pronunciamento oficial a expressar uma visão trinitária de Deus, e foi o primeiro pronunciamento oficial a rejeitar (mesmo que por insinuação) o modalismo.

Onipotência. É um atributo que apenas Deus possui, e significa que Ele tem todo poder.

Onipresença. É um atributo que apenas Deus possui, e significa que Ele está presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Devemos notar que isso é mais do que a capacidade de aparecer em qualquer lugar a qualquer tempo ou a capacidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo.

Onisciência. É um atributo que apenas Deus possui, e significa que Ele sabe todas as coisas, e que é presciente.

Unicidade. Quando é usado referindo-se a Deus, Unicidade significa ser absolutamente e indivisivelmente um, ou um em valor numérico. Ainda mais, pode haver uma unicidade entre Deus e o homem e entre dois homens, no sentido de união de mente, vontade e propósito. Este livro usa o termo Unicidade (com letra maiúscula) para indicar a doutrina que ensina que Deus é absolutamente um, em valor numérico, que Jesus é o único Deus, e que Deus não é uma pluralidade de pessoa. Portanto, Unicidade é um termo atual, que é basicamente equivalente ao modalismo, ou ao monarquianismo modalístico.

Ousia. Uma palavra grega que significa substância, natureza ou ser. É traduzido como "substância" na fórmula trinitária, "três pessoas em uma substância."

Patipassianismo. Nome que foi dado ao modalismo, ao monarquianismo modalístico ou Sabelianismo. Veio de palavras latinas que significam "o Pai sofreu." Alguns historiadores o usam para descreverem o modalismo, porque Tertuliano acusou os modalistas de crerem que o Pai sofreu e morreu. No entanto, os modalistas aparentemente negaram as acusações de Tertuliano. A palavra portanto representa uma interpretação errônea do modalismo por trinitários, pois o modalismo não ensina que o Pai é o Filho, mas que o Pai está no Filho. A carne não é o Pai, mas o Pai estava na carne. Portanto, o modalismo não ensinava que o Pai sofreu ou morreu fisicamente.

Panteísmo. Uma crença que equipara Deus com a natureza ou a substância e as forças do universo. Assim, nega a existência de um Deus inteligente e racional. Em vez disso afirma que Deus é tudo e tudo é Deus.

Pessoa. O significado principal da palavra é um ser humano, um indivíduo, ou a personalidade individual de um ser humano. Segundo a Cristologia, essa palavra descreve a união da duas naturezas de Cristo; a saber, que havia duas naturezas na pessoa de Cristo. Os trinitários usam essa palavra para denotar as três distinções eternas essenciais em Deus (Pai, Filho e Espírito anta). Portanto, temos a fórmula trinitária: "Três pessoas em uma substância" ou "um Deus em três pessoas". Apesar de os trinitários geralmente dizerem que Deus não tem três personalidades ou mentes separadas, a palavra *pessoa* tem fortes conotações de individualidade de personalidade, mente e vontade. Para conhecer as palavras gregas e latinas que traduzem "pessoa", veja *Hipóstases* e *Persona* respectivamente.

Persona. (Plural: *personae*) é uma palavra latina que traduz "pessoa". Tertuliano usou essa palavra em sua fórmula trinitária. "una substantia et tres personae" ("três pessoas em uma substância"). No antigo Latim, o uso dessa palavra não estava restrito ao seu sentido atual de ser auto consciente. Naquele tempo, podia significar uma máscara usada por um ator, um papel em um drama, ou pessoa jurídica em um contrato. No entanto, aparentemente podia ser usado também referindo-se a uma pessoa. Tinha também conotações de personalidade individual, algo que a palavra grega *hipostasis* não tinha originalmente. (Veja o Capítulo XI). Apesar do Credo de Nicéia ter usado *hipostasis*, palavra que mais tarde foi traduzida como "persona," Tertuliano já havia usado a palavra *persona* muito antes para descrever os membros da trindade.

Politeísmo. A crença em mais de um Deus, vem de palavras gregas que significam "muitos deuses". O ditheísmo e o tritheísmo são formas de politeísmo. A Bíblia rejeita fortemente o politeísmo. Muitas das religiões antigas eram politeístas, inclusive as da Mesopotâmia, Egito, Canaã, Grécia e Roma.

Pais pós-apostólicos. Os líderes da igreja Cristã nos dias após a morte dos doze apóstolos. Neste livro, o termo se refere especificamente aos líderes entre os anos 90 a 140 d.C., e os mais preeminentes desses foram: Policarpo, Hermas, Clemente de Roma, e Inácio.

Sabelianismo. Outro nome dado ao modalismo ou monarquianismo modalístico. Vem de Sabélion, o mais preeminente expoente da doutrina na história da igreja primitiva. Sabélion pregou em Roma, por volta do ano 215 d.C. A doutrina dele é basicamente a Unicidade dos tempos atuais.

Subordinatismo. É a crença que ensina que uma pessoa na Divindade está subordinada a, ou que foi criada por outra pessoa na Divindade. É claro, isto presume a crença em uma pluralidade de pessoas na Divindade. Entre os antigos trinitários, surgiu como a crença de que o Logos é o divino Filho, que está subordinado ao Pai. Esse era o ponto de vista de alguns apologistas gregos, entre eles Tertuliano e Orígenes. O Arianismo, é o ponto extremo do desenvolvimento dessa doutrina. O termo se aplica também à crença de que o Espírito Santo é subordinado ao Pai ou ao Filho. O trinitarianismo ortodoxo, conforme é apresentado no Credo de Nicéia e no Credo de Atanásio, teoricamente rejeita qualquer forma de subordinatismo, mas a mesma tendência continua. (Veja o Capítulo XI).

Substantia. É uma palavra latina que significa substância, e foi usada por Tertuliano em sua fórmula trinitária: "três pessoas em uma substância".

Teofania. Uma manifestação visível de Deus geralmente de natureza temporária. Quando Deus aparecia no Antigo Testamento em forma humana ou anjélica, chamamos isto de teofania. Jesus Cristo é mais do que uma teofania; porque Ele não é meramente Deus aparecendo em forma humana, mas é Deus se revestindo de uma pessoa real (corpo, alma e espírito).

Trinitarianismo. A crença que ensina que há três pessoas no único Deus. Segundo a história, Tertuliano (morto em 225?) foi o pai do trinitarianismo cristão, porque foi a primeira pessoa a usar a palavra *trinitas* (trindade) em relação a Deus. Ele também foi o primeiro a usar a fórmula "una substantia et tres personas" ("três pessoas em uma substância"). O trinitarianismo atual, afirma que há três pessoas no único Deus - Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo - e que estas três pessoas são co iguais, coeternas e da mesma essência. Assim, o trinitarianismo ensina três - distinções eternas na natureza de Deus, mas nega que sejam três deuses separados. O Concílio de Nicéia em 325 d.C., marcou a aceitação oficial do trinitarianismo pelo Cristianismo. O Concílio de

Constantinopla em 381 d.C., reafirmou e deu mais clareza à doutrina. A declaração mais completa do trinitarianismo na história da igreja primitiva, é O Credo de Atanásio, que data do século V.

Trindade. A Divindade segundo o credo trinitário; a saber, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Triteísmo. A crença em três deuses. Assim, é uma forma de politeísmo. Defensores do trinitarianismo negam que sejam triteístas; no entanto, o trinitarianismo certamente tem tendências triteístas, e algumas formas extrema do trinitarianismo são triteístas. (Veja o Capítulo XI) Por exemplo, qualquer crença que ensina que há três mentes conscientes na Divindade, ou que há três corpos na Divindade, pode ser chamada de triteísta.

Unitarianismo. De um modo geral, é a crença que ensina que há apenas uma pessoa na Divindade. Particularmente, esse termo geralmente descreve um movimento que dá ênfase a união da Divindade, mas que o faz negando a divindade de Jesus Cristo. Ele surgiu como um movimento antitrinitário, entre o protestantismo, e foi organizado como uma denominação que agora é chamada a Associação Unitariana - Universalista. Além de negarem a divindade de Jesus Cristo, o unitarianismo nega várias das crenças evangélicas ou fundamentais, inclusive o nascimento virginal de Jesus e a expiação substitutiva. Não se deve equiparar o unitarianismo com a Unicidade, por duas razões. Primeiro, a Unicidade não ensina que Deus é uma “pessoa”, mas antes, que há um Deus. Segundo, crentes da Unicidade afirmam a plena divindade de Jesus Cristo, ao contrario da atual denominação Unitariana - Universalista.

ÍNDICE DAS ESCRITURAS

Gênesis		Êxodo		11:44	62
1:1	24	3	19	25:25	54, 105
1:2	14, 62,63,68, 137	3:14	24, 35, 38	25:47-49	54, 105
1:26	56, 68, 72,	3:14- 15	138	Números	
1:27	17. 72	3:14-16	37	6:24-26	76
2:2	103	6:3	23,25	12:4-9	19
2:4	24,25	6:3-8	23,25, 26	13:16	26
2:7	72	9:16	24	22:22-35	19
2:24	91	13:8-10	11	23:3-10	19
3:15	53	13:14-16	11	23:16-24	19
3:22	72	13:21	19	Deuteronômio	
6:6	16,17,	14:19	19	4:25	17
7:2	104	14:21	16	5:4-5	19
8:21	16	15:6	95, 96	5:7	11
11:7	72	15:8	16	5:22-27	19
12:1-8	12	15:26	26	6:4	9, 10, 11, 12, 72, 73, 76, 111, 137
12:7	19	17:9	26	6:4-5	10
14:18	20,24	17:15	25,26	6:4-9	11
15:1	18	19:11-19	19	11:8-21	11
15:2	24,25	20:1-5	41	17:6	88
15:17	18	20:3	11, 111	19:15	88
16:7-13	19	20:5	11, 17	28:58-59	24
16:13	24	20:7	24, 25	32:39	11
17:1	16,19,24, 37	20:10	104	33:27	17
18	34	23:21	24	Josué	
18:1	73,137	24:9-11	19	3:11	24
18:1-2	73	24:12-18	19	5:13-15	19
18:1-33	18	25:37	104	10:24	53
18:22	18,73	28:41	83	12:9-24	72
19:1	18, 73	29:4	83	Juízes	
19:24	73, 76	29:7	83	2:1-5	19
21:33	24	31:13	26	6: 11-24	19
22:8	32	32:1	70	6:24	25,26
22:11-18	19	32:4-5	70	8:33	25, 70
22:14	23,25,26	32:8	70	11:24	70
22:18	65	32: 19-20	70	13:2-23	19
24:18	74	32:23:24	70	13:18	26
26:2	19	32:31	70	16:23	70
26:24	19	32:35	70	I Samuel	
28:12-16	18	33:9-11	19	1:3	26
32:24-32	18	33:18-23	19	3:21	19
32:29	26	33:20	15, 15	28:13	25
32:30	70	33:22-23	137		
35:9-15	19	34:5	19		
35:11	16	34:14	41		
49:9-10	104	Levítico			
		9:23-24	19		
		10:1-2	19		

II Samuel		8:4	51,78	15:3	16, 104
7:16	55	8:4-5	75	30:4	26, 75
7:22	11	16:8	95	Eclesiastes	
24:16	19, 20	18:2	37	12:7	41
24:16-17	74	18:19	17	Isaías	
I Reis		18:35	17	1:4	11
8:27	15,23	22:22	27, 36, 62	1:18	17
8:29	24	23:1	26, 37	4:2	75
8:43	23,24	24:7-10	37	5:19	11
19:16	83	27:1	37	5:24	11
22:8	72	28:1	37	6	19
22:19-22	16,71	40:6-8	90	6:3	76
II Reis		44:3	96	6:8	72
1:2-3	70	44:20-21	24	7:14	30, 33,34,
19:37	71	45:6	71		52, 75
I Crônicas		45:6-7	58, 75	9:2	88
17:20	11	45:7	83	9:6	17, 30, 34,
21:15-30	19, 74	68:4	24, 25		52, 61, 75,
II Crônicas		68:18	37		112, 138
2:6	15	71:22	11	11:1	30
3:1	74	77:10	95	11 :2	104
68:18	15	78:41	11	11:10	30
Esdras		80:17	51,78	12:2	25,37
2:2	26	82	25	12:6	37
4:18	71	83:18	25	26:4	25
7:13	71	86:10	11	33:22	37
7:24	71	91:14-16	24	35:4-6	27, 30
Neemias		95:6	26	37:16	11
9:17	24	98:1	95, 96	40:3	30, 36,82
Jó		103:1	17	40:5	36,55,96
1:6	16	103:8	17, 18	40:10	36
13:8, 10	120	103:13	17	40:10-11	37
38:1	19	107:20	76	40:13	63
38:4-7	71	109:31	95	40:25	102
38:7	20, 50	110	53	41:4	37
42:2	16	110:1	30, 52,75,	42:1-7	75
42:5	19		94,	42:8	11,25,36
Salmos			95	43:7	56, 72
2:2	75, 83	129:4	17	43:10-11	11
2:2-7	75	136:3	37	43:11	37
2:7	52, 75	136:5	76	43:25	39,41
2:12	52	139	137	44:3	37
7: 17	26	139:1-6	16	44:6	11, 17, 37,
		139:7-13	15		38, 111
		146:3	51, 78	44:8	11
		Provérbios		44:24	11, 38, 56,
		1:20-33	76		71
		3:19	76	45:6	11
		6:16	17	45:8	38
		8:1-36	76		
		9:1-6	76		

45:21	18,37,38	48:35	26	12:8-10	71
45:21-22	11			12:10	36
45:23	36	Daniel		13:7	78
46:5	102	2:18	24	14:3-5	36
46:9	11, 102	2:36	71	14:5	71
48:11	11, 36	3:24-25	20	14:9	11, 26, 27, 65
48:12	37	3:25	20, 52, 75	14:16·17	55
48:13	16,38,95	3:28	20		
48:16	77, 131	7	39, 77, 78	Malaquias	
48:17	77	7:2	19	2:10	11,34, 56, 61, 71, 137
49:6	88	7:9-28	77	3:1	36
51:12	51,78	7:9	16, 19	3:6	17
52:6	27, 36, 65	7:13	51, 77	3:16	24
53:1-2	36	8:17	51		
53:5-6	54	9:17	76	Mateus	
54:5	38	9:25	78	1	55
55:1	38	10: 13	72	1:1-3	104
55:8-9	18			1:8-20	52,63, 131, 137
55:11	75	Oséias		1:20	19, 21
59:16	36,58, 96	1:7	76	1:21	24, 62, 65, 138
59:21	77	12:4	18	1:21-23	50, 137
60:16	37, 38			1:22-23	30
60:19	37	Joel		1:23	33
61:1	83	2:27-29	63	2:11	33
62:8	95			2:13	21,30
63:7-11	77	Amós		3:3	25, 30.36
63:14	77	9:1	19	3:15	82
66:1	15, 16			3:16·17	82
		Jonas		3:17	83
Jeremias		3:10	17	4:1	49
10:12	76			4:1-11	48
22:29	76	Miquéias		4:2	45
23:4-8	75	5:1	37	4:7	25
23:5-6	36	5:1-5	75		
23:6	26, 34, 138	5:2	31,33,34, 45	5:6	106
23:25-27	24			5:16	61
31:31-34	132	Zacarias		5:17-18	85
33:14-26	75	1:7-17	74	5:45	61
33:15-16	36			5:48	18, 61
49:18	51			6:9	61
		1:8-19	19	8:16-17	45
Ezequiel		1:18-19	104	9:6	50
1:26-28	19	1:18-21	74	10:20	63
2:1	51, 78	1:21	74	10:22	27
2:3	51	2:1-13	74	11:19	50
2:6	51	3:1-10	74	11:25	131
2:8	51	3:2	75	11:27	85
8:1-4	19	3:4	75		
33:24	72	6:12-13	75		
48:31-34	72	11:4	36		
		12:8	36		

11:28	45	14:34	47	1: 1	31, 32, 51,
12:28	45	14:62	95		54,72, 86,
13:10-11	106	15:37	45		88, 137
13:13-15	106	16:17	66	1:1-2	32, 45,88
16:15-17	8	16:17-18	27, 66	1:1-14	36
16:16-17	138	16:19	96, 132	1:3	38, 39
16:16	50			1:3-9	41
16:17	14, 85	Lucas		1:4-9	37
16:27	36	1:32	38	1:6	86
17:1-9	83	1:35	33, 41, 46,	1:10-11	32
17:5	83		49,50,	1:14	31, 32,36,51
18:20	27,41, 82		52,63,		56,86, 137,
19:16	42		131, 137		138
22:41-46	30	1:69	37	1:16-17	42
24:30	51	1:76	38	1:18	15,,21,32,
24:36	131	1:78	38		36, 50, 55,
25:31	50,51, 137	2:7	45		56,
25:31-32	77	2:26	33		104,132,138
26:14-16	36	2:38	33	1:26-27	82
26:38	47	2:40	47	1:29-31	35
26:41	84	2:52	45	1:29-34	82
26:64-65	94, 95	3	55	1:31	82
27:40-54	50	3:21	83	1:32-34	82
27:46	84	3 :22	82	1:36	104
28:2	19, 21	3:33	104	1:47-50	41
28:18	41, 45,66,	3:38	50	1:49	38, 55
	87, 106	4:1	49	2:19-21	35, 45, 64,
28:19	65, 66, 86,	4:2	45		99, 132
	105,	5:20-26	39	2:21	36
	106,110,	7:19-22	28	3:5	62
	112,	7:22	30	3:13	41, 50, 82
	121,132	10:21	41, 47	3:14	50
28:20	38, 64, 91	11:20	16, 95	3:16	33, 50, 51,
		12:10	50, 132		53, 57, 61,
Marcos		12:19	77		63,86, 131
2:5	41	16:22-31	16	3:17	86, 87
2:5-7	45	17:4	104	3:35	87
2:6-12	41	21:15	64	4:6	45
				4:10-14	38
4:38	45	22:39-44	48	4:14	45
4:39-41	45	22:41	45	4:21-24	131
5:10	15	22:42	47	4:24	14, 62, 131,
6:34	41	22:69	95		137
6:38-44	45	23:46	47	5:17-18	38, 63
6:52	45	24:39	14	5:18	34, 45, 50
8:12	47	24:47	66	5:19	50, 87, 131
8:38	36, 77	24:52	41	5:20	87
12:29-30	12			5:22	39, 55, 77,
13:11	63, 64	João			104
13:32	45, 50, 87,	1	32, 56, 86,	5:23	27
	103,		114, 121,	5:27	39, 55, 77,
	131,132		135		104

5:30	45, 85, 87, 131	14:7-9	27	1:9-12	36
5:43	61, 65, 138	14:9	91	2:1-4	63, 137
6:35	45	14:9-11	35	2:4	64
6:38	47,87,131	14:10	62	2:14-38	66
6:40	35, 64	14:10-11	27	2:16-18	63
6:44	35	14:13-14	27	2:23	16
6:62	50, 86	14:14	35, 45	2:24	35, 63
7:16-17	88	14:16	64, 90	2:27	37, 48
7:28	88	14:16-17	61	2:31	48
7:38-39	38	14:16-18	106	2:32	99
8:12	37, 88	14:17	63,64, 90, 131,	2:33-34	95
8:13	88	14:18	35,64.91	2:34	94
8:16-18	88	14:20	89	2:34-35	52
8:19	27, 35, 89	14:23	63, 89, 90, 132,138-	2:38	27, 64, 65, 66, 132, 138
8:19-27	38, 89		139	3	66
8:24	35, 138	14:26	8, 35, 62-64	3:6	66
8:25	35	14:27	38	3:14	42
8:27	35	14:28	45,87, 131	3:16	27
8:28	87	14:31	87	3:20-23	54, 83
8:29	85	15:9	87	4:10	27,66
8:42	88, 131	15:10	88	4:10-12	37
8:50	88	15:23-24	89	4:12	23, 27,66
8:56-59	38	15:26	132	4:17-18	27
8:58	37, 86	16:7	35, 64, 91	4:30	27
10:11	37,38	16:13	8, 139	4:31	63
10:30	33, 61, 62, 84, 91,112, 138	16:23	27, 35	4:32	91
10:30-33	39, 91	16:28	86, 88	5:3-4	62
10:33	34, 50	16:32	85, 89	5:9	62
10:38	35, 111	17:4	58, 88	5:28	27
10:38-39	39	17:5	36, 56, 57, 86	5:31	95, 96
11:33	47	17:6	36, 58, 61	5:41	27
11:35	41	17: 17	18	7:30-38	19
12:20-33	83	17:21-22	89, 90, 91	7:43	12
12:27	47	17:22	91	7:45	26
12:28	90	17:24	87	7:49	15
12:28-30	83	17:26	27, 36, 58, 61	7:52	38
12:30	83, 90	19:1-3	45	7:55	94, 132
12:30-34	50	19:28	45	7:55-56	95
12:32	35	19:34	36	7:59	41, 96
12:44-45	27	20:9	45	7:59-60	91, 131
12:45	35	20:28	31	8:16	65, 132
12:49-50	88	20:31	40	8:26	19, 21
13:20	27	21:17	41, 45	9:5	37
13:21	47			9:21	27
14:3	41	Atos		10:42	37
14:6	42, 89	1:4-8	137	10:48	65, 132
14:6-11	33, 138	1:8	54	13:33	52
14:7-8	35			15:26	27
				16:6-7	64

17:27-28	15
17:28	85
19:5	65, 132
19:13-17	27
20:23	62
20:28	31, 62
21:11	62
22:16	66, 132
Romanos	
1:7	96
2:4	18
2:16	39, 55, 77, 104
3:21-5:21	18
3:23	53, 84
3:24	54
3:25	53
3:30	12
4:13-17	12
4:17	35, 56, 63, 72
5:6-9	84
5:10	50, 54, 131, 137
5:12-21	47, 54
5:14	56, 72
6:23	53, 83
8:3	54
8:4	54
8:9	41, 91, 1131, 138
8:9-11	64, 99
8:11	63, 64, 132
8:14-16	61, 132
8:14-17	57, 61
8:14-19	50
8:15-16	63
8:17	78
8:26	64
8:26-27	85
8:29	57
8:29-32	56
8:34	85, 96
9:19	17
9:29	25
11:22	18
11:33-34	17, 18
13:1	16
14:10-11	36, 39, 104
16:25-26	34

I Coríntios

1:3	96
1:13	65, 132
1:24	76
1:30	38
2:7-10	34
2:8	36, 37
2:10-11	85
3:8	91
3:16	62
3:16-17	31, 63
6:14	35
6:19	62, 63
8:4	12
8:6	12
10:4	37
10:13	18
11:3	87, 131
12:3	85
12:4-6	98
12:11	62
12:13	90, 98, 131
15:20	57
15:23-28	52
15:24-28	131
15:24	54, 97
15:28	88
15:45-49	47, 54
15:50-54	53
15:55-57	54
15:57	38

II Coríntios

1:2-3	97
1:3-4	63
3:6	8
3:17	63, 131, 138
3:17-18	91
3:18	64
4:3-4	34
4:44	32
4:6	55
5:10	77
5:18-19	54
5:19	31, 58, 84, 86, 90, 137
10:1	42
13:13	98, 99

Gálatas

1:1-4	61
1:4	97
3:13	38
3:16	65
3:20	9, 12
4:4	44, 50, 5255, 71, 86, 131, 137, 138
4:6	63, 138

Efésios

1:11	71
1:17-20	63
1:20	132
1:20-22	95
2:14	91
3:4-5	34
3:9	56
3:14-16	63
3:14-17	65, 99, 131
3:16.17	64, 91, 138
3:17	31, 101
3:19	100, 101
4:4	62, 89, 103, 131
4:4-6	99
4:6	12, 34, 61
4:7-10	37
4:13	42
5:5	97
5:25	41
5:26	35, 38, 64
5:27	52

Filipenses

1:19	63
2:6-8	96, 102
2:7	45
2:8	45, 84
2:9-10	27
2:9-11	103
2:10	36, 41

Colossenses

1:3	131
1:13-15	50
1:13-17	56
1:15	15, 21, 32, 56, 57, 100
1-15-17	103

1.15-20	100	Tito	8:1	96
1:16	38, 39	1:2	8:7-13	132
1:16-18	57	1:4	9:11-12	54
1:18	57	2:13	9:14	85, 99
1:19	31, 100, 101	3:5	9:14-17	37
1:25-27	34	3:6	9:16-17	132
1:27	64		9:22	53
2:2	34, 97, 100, 101, 131	Hebreus		
2:3	34, 41, 76, 100	1	10:4	53
2:5-7	100	1:1-2	10:5	32, 53
2:8-10	132	1:1-3	10:5-9	90
2:9	16, 28, 30, 31, 33, 34, 46, 68, 100, 101, 112, 132, 133	1:2	10:10-12	38, 85
2:9-10	8, 42	1:2-3	10:10-20	53
2:10	31, 41, 45, 100, 101	1:3	10:11-13	96
3:17	27, 97	1:4	10:12	96
		1:5	10:20	32, 53
I Tessalonicenses		1:5-6	11:3	56
1:3	96	1:6	11:6	106
3:11	97, 131	1:8-9	11:10	41
3:13	97	1:8-12	11:26	37
		1:10	11:27	15
II Tessalonicenses		2	12:2	57
1:9	85	2:6-7	12:9	14, 61
1:12	97	2:9	12:23	57
2:10-12	106	2:10	13:8	37, 41, 48
		2:11-12	13:20	37
I Timóteo		2:12		
1:17	15, 16, 17, 94	2:14-15	Tiago	
2:5	12, 54, 78, 89	2:16-18	1:13	48
3:15	31	2:17	1:17	85
3:16	16, 31, 33, 46, 86, 132, 137, 144	3:1	1:27	97, 131
5:21	97	3:3-6	2:7	66
6:13	63	4:8	2:19	12
6:14-16	36	4:14-16	3:9	97
6:15	16	4:15	5:4	25
6:16	15, 94, 104, 137	4:16	5:4-7	38
		5:1	5:14	27
II Timóteo		5:7	5:14-15	38
3:16	63	5:7-8		
4:8	42	6:18	I Pedro	
		6:19	1:2	63, 64, 99
		6:20	1:10-11	64
		7:1-17	1:16	17, 62
		7:3	1:19	104
		7:4	1:19-20	32, 71
		7:21	2:21	51, 82
		7:25	2:22	47, 82
		7:28	2:24	45, 54, 85
			3:18	99
			3:22	95
			5:4	37

II. Pedro					131
1:1	31, 98	Apocalipse		5:6-7	104
1:21	62, 63, 64	1	96	5:9	38, 40, 54
3:8	72	1:1	40, 103	5:12	39
I João		1:4	103	13:8	32, 56, 72
1:2	88	1:4-6	99	14:1	66
1:3	131	1:5	40, 57, 83	17:12-17	104
1:5	17	1:5-18	39, 40	19:6	17, 137
1:9	18	1:8	37, 39, 41,	19:9-10	19
2:1	54, 64		95, 104, 132	19:11	40, 42
2:20	12	1:11	39,104	19:11-16	36
2:23	27, 89	1:11-18	39, 104	19:11-21	77
2:33	106	1:12-18	77	19:13	40
3:1	35	1:13	40	19: 16	37, 38,
31-2	78	1:17	39, 40		40,45
3:2	53	1:18	39, 40, 41,	20	53
3:5	35, 47		48, 95, 131	20:1-3	15
3:9	48	2-3	110	20:4	55
4:2-3	46, 89	3:1	40,100, 103,	20:11-12	39, 104
4:8	17		104, 131	20:14	85
4:12	15,94, 104	4	39	21:6	40
4:16	17	4:2	12, 39, 40,	21:6-7	35
5:7	65, 67, 103,		95, 100,	21:7	40
	106, 120		104, 105,	21:23	37, 40, 105
5:7-8	67		131	22:1	105
II João		4:8	39, 40,76,	22:3	105
7	33, 110		95, 100,	22:3-4	39, 40, 53,
9	33, 89, 90		104, 131		66
Judas		4:11	39, 40, 56,	22:5	105
1	35, 63		72	22:6	37, 41
4	98, 110	5	39, 78,	22:8-10	19
6	15		104,105	22:12-16	104
20-21	99	5:1	104, 105	22:13	37, 41
		5:5	40, 104	22: 16	30 40, 41
		5:6	40,100,	22:17	14, 104
			103,104,		

ÍNDICE DE ASSUNTO

Abraão, 12, 18-19, 23, 26, 32, 34, 38, 55, 72-73, 86, 143
Abelardo, 111
Adão, 47-48, 53-56, 72, 111
Adon, Adonai, 24-25, 74, 150
Adocionismo, 46, 142
Advogado, 53, 64
Agnóstico, 9, 142
Agur, 26
Alfa e Ôrneg, 37 40
Alma, 10, 14, 47, 77, 112, 118, 123, 129, 142, 146
Amor de Deus 17-18, 98-99
Ana, 33
Ancião de dias, 19, 39, 77-78
Anjo do SENHOR, 19-21, 26, 73-75
Anjos, 15-16, 18-20, 31, 33, 50, 52, 57, 71-75, 85, 95
Antropomorfismo, 16, 34, 142
Apocalipse, Livro de, 39-40, 77-78, 81, 92, 94-98, 103-105, 134
Apolinarianismo, 47, 142
Apologistas, Grego, 121-122, 142-143, 146
Apóstolo, 25, 34, 54-55, 57, 64, 66, 68, 86, 89, 110, 122
Apóstolo Paulo, 27, 42
Arão, 19
Arianismo, 46, 84-86, 106, 123-125, 127, 142-143, 145-146
Artaxerxes, 71
A Santa Igreja Vencedora Apostólica de Deus, 112
Assembléia do Senhor Jesus Cristo, 112
Assembléias Pentecostais do Mundo, 112
Atanásio, 123-125, 142, 146-147
Ateísmo, 9, 142
Atributos de Deus, 14, 68-76, 98
Augustino, 125

Babilônia, 121
Balaão, 18-19
Barth, Karl, 112
Basil de Cesaréia, 118
Batismo de Jesus, 33, 82-83
Belém, 31, 33, 51, 71
"Bênção Apostólica, 98
Binitarianismo, 10, 97, 107, 110, 122, 142
Boethius, 118
Bogomilos, 111
Brunner, Emil, 120
Budismo, 121
Buswell, Jarnes, 65, 69, 116

Callistus, 112, 123
Calvin, John, 112

Capadocianos, 118, 126
 Catolicismo Romano, 120-121, 123, 126-127, 134, 142,
 Cerintianismo, 46, 142
 Clarke, Adam, 52
 Clemente de Roma, 109, 146
 Cleomenses, 233
 Clowes, John, 112
 Colossenses, Livro de, 31, 46, 100
 Commodian, 113-114
 Companheiro de Jeová, 78
 Comunicação na Divindade?, 71-72, 83
 Concepção virginal, 33, 51-52, 55
 Concílio de Chalcedon (451), 142, 144
 Concílio de Constantinopla de (381), 127, 142, 144-146
 Concílio de Éfeso (431), 46, 145
 Consolador, 35, 61-64, 90-91, 123
 Constantino, 124-125
 Constantino, 125
 Cordeiro, 26, 32, 39-41, 053, 056, 066-68, 78, 0104-105
 Cornélio de Roma, 123
 Corpo de Deus, 15-16, 53
 Credo dos Apóstolos, 126-127
 Credo Atanasiano, 125-126, 142
 Criação, 32, 41, 50, 57, 61, 68, 71, 103, 111, 117, 121-122, 131
 Criador, 11, 30-32, 38-40, 52, 56-58, 64, 71, 97, 103-105, 112, 121-127, 134, 137
 Cristo (veja também Jesus), 44-47
 'Cristologia (veja também Jesus, Filho), 46-47, 142-143, 146
 Crucificação de Jesus, 49, 99, 142

 Dake, Finis, 52
 Daniel, 18-19, 24, 39-40, 71, 76-78
 Davi, 19, 030, 36, 40, 52, 55, 74-75, 95, 104
 Deus, 24, 76; Jesus é, 30-43; nomes e títulos de, 23-29, 65-69; Natureza e atributos de, 9-13; unicidade de 9-13
 Divindade, 100, 143
 Didache, 110
 Diteísmo, 9, 142, 146
 Docetismo, 46, 114, 143
 Doutrina de Filioque, 126

 Ebionitismo, 46, 143
 Echad, 72-73
 El, Elohim, 24-25, 70-72
 Emanuel, 30, 33
 Emoções de Deus, 16-17, 41
 Encarnação, 30-34, 51, 56-58, 68, 72, 85-86, 99-102, 111-115, 121, 127, 133, 137-138.
 Epigonos, 113
 Erasmus, 67
 Espírito Santo, 9-10, 33-34, 47, 52, 57, 61-68, 75, 82, 87, 90-91, 94, 97-98, 102, 104, 107, 110-113, 144, 146-147; Batismo de, 138; definição, 61-63; 64-65; O Pai é, 61-64; Jesus é, 63-65
 Espírito (veja também Espírito Santo), 14-16, 41, 47-48, 85
 Estevão, 41, 95-96, 131 Eternidade de Deus, 30, 33, 4-41, 55

Euchetas, 111
 Eu Sou, 11, 24-25, 38-50, 86-89, 138
 Expição, 18, 89, 134, 147-148
 Ezequiel, 19

Face de Deus (veja também Corpo de Deus), 19
 Filho de Deus, 44-61, 67-68, 71, 72, 114-115; O começo de, 52; definição, 33, 49-53, 58-59 62, 64-65, 132-133, 137-138; fim, 52-53; e Pai, 52, 49-53, 58-59, ; No Antigo Testamento, 21, 52, 58-59, 75; propósito e função, 53-56; enviado de, 53-56.
 Filho do Homem, 51, 77-79
 Filho Eterno, 75, 123.
 Flanders e Cresson, 25, 32, 70
 Fórmula Batismal, 65-67, 131-134, 138-139

Getsemani, 84
 Gideão, 19
 Gnosticismo³², 46, 101-102, 123, 143
 Gregório Nazianzus, 118
 Gregório de Nyssa, 118

Hades, 47, 48
 Hagar, 19
 Harnack, Adolph, 113
 Heick, Otto, 66, 121, 124-125, 140
 Herrnas, 109, 146
 Hipólito, 113, 123
 Hipóstase, 55, 113-114, 122, 143, 146
 Homoiousios, 124, 143
 Homoousios, 124, 143
 Humanidade de Jesus, 44-60, 81, 83-85, 87-93, 102-106, 137, 143,

Ignácio, 109, 146
 Igreja Caminho da Bíblia, 112
 Igreja do Senhor Jesus Cristo da Fé Apostólica, 112
 Igreja do Senhor Jesus Cristo Fé Apostólica, 112
 Igreja Pentecostal Unida Internacional, 112
 Igreja Pentecostal Unida de Colombia, 112
 Imortalidade de Deus, 17, 41
 Imutabilidade de Deus, 17, 41, 143
 Induísmo, 121
 Intercessão, 85-86
 Invisibilidade de Deus, 14-15, 62
 Ireneus, 109-110, 121-122
 Isaque, 19, 23, 55
 Islâmico, 9, 296, 299
 Israel, 10-12, 19, 23-26, 31-38, 55, 64, 76-77, 82-83, 95

Já, 24, 25
 Jacó, 18-19, 23, 26, 55, 70, 77
 Jeová (JHVH) 24-26, 36-38, 63-68, 71-78, 82, 100, 112, 132-133, 138, 143; Nomes compostos de, 24, 38;
 Jesus é, 36-39

Jessé, 30
 Jesus Cristo: divindade de, 20, 30-43, 45, 63-64, 100, 102, 130, 132-133; Humanidade de, 44-60, 81, 83-85, 87-92, 102-106, 137; Nome de, 26-28, 44-45, 65-67, 132, 138
 João Batista, 33, 86
 José, 33, 55
 Josué, 19, 26
 Judaísmo, 9, 12, 119, 134, 143-144
 Judeus, 10-11, 25, 32-39, 50, 65, 70-83, 91-97, 111, 130-144
 Juiz, 37, 39, 55, 77, 96, 105, 125
 Justino Martim, 114

 Kai, 197-199
 Kenosis, 102-103, 144
 Kurios, 25

 Leão de Judá, 40, 104-106
 Logos, 47-51, 110-115, 121-123, 133, 142, 144, 146
 Louvor, 33, 41
 Lutero, Martim, 46

 Manifestação de Deus, 19, 26, 58-59, 62, 70, 73-74, 85, 121, 130, 137
 Manoá, 19, 26
 Mão direita de Deus, 53, 75, 94-96
 Marcellus de Ancyra, 113-114, 125
 Maria, 33, 46, 49-50, 55, 58, 75, 127, 130-131, 137, 145
 Mediador, 53
 Melquisedeque, 20
 Messias, 27, 30-31, 33-34, 36, 44, 51, 62, 75, 78, 82-83, 88-90, 96-97, 102
 Mezuzzah, 10
 Miller, John, 32, 56, 72, 112
 Miriam, 19
 Mistério, 33-34, 130, 133
 Modalismo, 10, 110-115, 123-125, 144
 Moisés, 18-19, 37
 Monarquianismo, 10, 110, 112, 113-115, 123-125, 143-146
 Monofisismo, 47, 144
 Monoteísmo, 9-13, 68, 70, 75, 79, 82, 91, 107, 109, 130-134, 138, 144-145
 Monotelitismo, 47, 145
 Montano, 19

 Nabucodonosor, 20, 71
 Natureza Moral de Deus, 17-18, 41-42
 Natureza de Cristo, 33, 40, 44-49, 142; de Deus, 14, 22
 Neo-Platonismo, 121
 Nestorianismo, 46, 145
 Nicéia, Concílio de (325), 123-127, 142, 144-146
 Niceno, Credo, 124-125, 142-146
 Nínive, 317
 Noé, 104
 Noetus, 10, 110, 113-114, 122
 Nome de Deus, 23-28, 44-45, 65-68, 133, 138
 Novatian, 123

Onipotente, 16, 41, 101, 137
 Onipresente, 15-16, 24, 34, 41, 63, 73, 82-83, 90 100, 137
 Onisciente, 16, 41, 101, 137
 Oração de Jesus. 83-85, 90, 106
 Orígenes, 113, 119, 146
 Ortodoxo Oriental, 126-142

Pai, 61,62; Definição, 49, 61-62,64, 137; Espírito Santo. 61-64; Jesus é. 32-36, 63-64 E Filho, 52-53, 58-59, 83-92,98, 114
 Palavra (veja também Logos), 31, 32-33, 51-52, 67, 71, 75-76, 132-133, 137
 Panteísmo, 9,15, 145
 Parábolas, 106
 Parakletos, 63-64
 Parham, Charles, 112
 Patricianismo. 114-114, 144-145
 Paul de Samosata, 10
 Patriarcas Pós-Apostólicos,109, 146
 Pecado, 47-49, 84
 Pedro (Simão),23, 98
 Pentecostais, 112-113
 Personalidade de Deus, 17-18
 Pessoas, 118-119, 122-123, 129, 143, 146; Na Divindade? 68, 81, 85, 87-88, 90-91, 96-97,132;
 Termo não bíblico, 120, 129, 138
 Philo, 32, 114, 121
 Phylacteries, 10
 Platão, 121
 Plenitude de Deus, 10, 33, 100-102
 Pneuma, 14, 62
 Policarpo. 109, 146
 Politeísmo. 9, 90, 111, 119, 122-123, 127, 130, 146-147
 Pomba, 82-83
 Práxeas, 10,110-111, 113-114, 122
 Pré-existência de Jesus. 86-88
 Primogênito. 40, 52, 57-58, 100, 103
 Priscilianistas, 111
 Profeta. 83, 123, 143
 Protestantismo, 111-112, 127, 134, 142, 147

Raiz de Davi, 40, 104-105
 Ramm, Bernard, 95
 Redentor. 23, 25, 33, 38, 40, 48, 54-55, 57, 104-105, 112, 134
 Referências Plurais. 64-68, 70-72, 82, 87-90, 96-100, 105-107
 Reforma, A.111
 Rei, 37, 40, 45, 55, 83, 104-105
 Ruwach, 14

Sabedoria de Deus, 75-76
 Sabelianismo, 10, 110-114, 123, 143-146
 Sacerdote, 48, 54, 83
 Sacrifício, 48, 53, 84, 104
 Sadraque, Mesaque e Acede-Nego. 23

Salomão. 15, 23-24
 Salvação. 37, 53-54, 138
 Samuel, 19
 Sangue, 53
 Santidade de Deus, 17-18, 37, 41-42, 62, 76
 Saudações nas epístolas. 96-98
 Satanás, 48-49, 53
 Senhor. 24, 37, 40
 SENHOR, 24-25, 76-77
 Servetos, Miguel, 111-112
 Sete, 103-104
 Shema, 10
 Símbolo do Romano Antigo, 126
 Simeão. 33
 Sodoma e Gomorra, 73
 Subordinacionismo, 46, 84, 87-88, 106, 119-122, 146
 Sumo Sacerdote, 48, 53-55, 57, 68, 74, 95-96,
 Swedenborg. Emmanuel, 112

Taoísmo, 121
 Teffilin, 10
 Tertuliano. 52, 111, 113-114, 119, 122-124, 145-146
 Tetragrama, 25
 Teodósio, 125
 Teofania, 15, 18-21, 24, 52, 55, 67, 73, 114, 137, 146
 Teófilo, 121
 Testemunhos, 88-89
 Todo-Poderoso, 16-17, 23, 25-26, 30, 37, 39-41, 46, 64, 95, 104-105, 124, 126-127
 Transcedência de Deus, 15, 17, 18
 Transfiguração, 83-84
 Três, 67-68, 130, 138
 Trípticos Referências, 64-68, 76-77, 98-100
 Trinitarianismo, 81, 102, 109-111; Contradições, 131-132; definições, 9, 10, 117-118, 132-133, 146-147; Avaliações, 105-107, 118-119, 129-135, 137-138; desenvolvimento histórico, 120-128, 145: pagão, 120-121
 Triteísmo. 9, 85, 106, 118-119, 130, 134-135, 147

Um no Trono, 39, 40, 104-105, 133
 Ungido, 83
 Unicista; seguidores. 109-116 doutrina. 10, 134-135, 145, 147; Deus, 9-13; resumo, 132-133, 137-139
 Unigênito, 50, 51-52
 Unitarianismo, 45-46, 111, 147

Verdadeira Igreja de Jesus, 112
 Voz dos céus, 82-84
 Vontade, 47, 145

Yahweh (YHWH, YH) (Veja também Jeová), 24-26
 Zacarias, 19, 74-75
 Zeferino, 113-114

Este bestseller é uma exposição completa e bíblica da Unicidade de Deus e da deidade de Jesus Cristo, com respostas às objeções e explicações de passagens difíceis das Escrituras. O autor tem transmitido compreensivo, mas as verdades são profundas, sábias, e de grande valor.



DAVID K. BERNARD

é o fundador e pastor da New Life United Pentecoste Church of Austin, Texas, o editor assistente do

Departamento Editorial da Igreja Pentecostal Unida Internacional, e membro da Diretoria Distrital do Distrito de Texas, EUA. Ex-professor universitário e membro da State Bar of Texas, (Associação de Advogados), ele tem um doutorado em jurisprudência com honras da Universidade de Texas e um Bacharel magna cum laude em ciências matemáticas e estudos gerenciais de Rice Universidade. E também estudou Grego no Seminário Bíblico Wesley. Seus livros tem sido publicado em vinte línguas, e ele tem ministrado em muitos países nos seis continentes. Ele tem seu nome no livro Quem é Quem em Religião e Quem é Quem em Escritórios, Editores e Poetas Americanos. Ele e sua esposa, Connie, tem três filhos: Jonathan, Daniel, e Lindsey.

Livros por David K. Bernard

- Essenciais Doutrinas da Bíblia
- Essenciais de Santidade
- Essenciais do Novo Nascimento
- Essenciais da Teologia Unicista
- Um Manual de Doutrinas Básicas
- Em Busca da Santidade
- A Unicidade de Deus
- A Mensagem aos Romanos (dezembro de 1999)
- O Novo Nascimento

